

Hans-Jörg Ronsdorf

MUDANÇA DE LADO

DO **VELHO** HOMEM AO **NOVO** HOMEM



Mudança de lado

Do velho homem ao novo homem

Hans-Jörg Ronsdorf

Christliche Literatur-Verbreitung e. V.

Postfach 11 01 35 · 33661 Bielefeld

1ª edição 2011

© 2011 by CLV · Christliche Literatur-Verbreitung

Postfach 11 01 35 · 33661 Bielefeld

Internet: www.clv.de

Projeto gráfico da capa: Andreas Fett, typtop, Meinerzhagen

Diagramação: CLV

Impressão e acabamento: GGP Media GmbH, Pößneck

ISBN 978-3-86699-310-5

Sumário

Prefácio	12
1. O voo panorâmico	14
2. Aterrissamos – e agora, como continuar?	25
2.1 Liberdade ou escravidão – mas não as duas coisas	25
2.2 Mandamentos da liberdade	26
2.3 Fugir e resistir	27
2.4 Sentimentos	27
2.5 O navio com o velho e o novo capitão	28
2.6 A todo vapor!	29
2.7 Nosso Pai	30
2.8 O que Deus quer	30
2.9 Convém que ELE cresça e que eu diminua!	31
2.10 A nova vida em uma representação gráfica	32
2.11 Tudo junto num relance	34
2.12 Caminhadas na montanha	36
2.13 De Adão a Cristo	37
2.14 O que precisou acontecer primeiro para a nossa salvação?	37
3. Romanos 5:12-21: De Adão a Cristo	39
3.1 Versículo 12: Como tudo começou	40
3.1.1 Pecado e pecados	40
3.1.2 Pecado e morte	41
3.1.3 A Queda e o pecado original	41
3.1.4 Um mandamento simples	42
3.2 Versículo 13: O pecado antes da promulgação da Lei	44
3.3 Versículo 14: Adão, figura daquele que havia de vir	44
3.3.1 Adão e Cristo	45
3.4 Versículo 15: Por meio de Cristo o dano é mais do que reparado	45
3.5 Versículo 16: O efeito da ofensa e o efeito do dom da graça	46
3.6 Versículo 17: O reinado da morte é abolido por meio de Cristo	47
3.7 Versículo 18: Condenação e justificação de vida	48

3.8 Versículo 19: A posição jurídica dos pecadores e a posição de salvação dos justos	49
3.9 Versículo 20: A Lei revela todos os pecados	49
3.10 Versículo 21: Da morte à vida eterna	50
3.11 Panorama de Romanos 5:12-21	51
4. Romanos 6: Livres do poder do pecado	52
4.1 Mudança de lado: De Adão a Cristo	52
4.2 Versículos 1-2: A graça é uma licença para pecar?	53
4.2.1 Morremos para o pecado e para o seu poder!	53
4.3 Versículos 3-4: Batizados em Cristo e em sua morte	54
4.3.1 O batismo na morte	55
4.4 Versículo 4: Ressuscitados para a novidade de vida	57
4.5 Versículo 5: Unidos a ele em sua morte e em sua ressurreição	58
4.6 Versículo 6: O velho homem crucificado com ele	59
4.6.1 O velho homem	60
4.6.2 A crucificação do velho homem	61
4.6.3 O corpo do pecado	61
4.7 Versículo 7: Absolvido do pecado	63
4.8 Versículos 8-9: Compartilhar com Cristo a morte e a vida	64
4.9 Versículo 10: Cristo, que morreu para o pecado	65
4.10 Versículo 11: Considerar-se morto para o pecado, mas vivo para Deus	66
4.11 Versículo 12: O domínio do pecado sobre o corpo é quebrado	67
4.12 Versículo 13: Oferecer-se agora a Deus	67
4.13 Versículo 14: Não debaixo da Lei, mas debaixo da graça	68
4.14 Resumo	69
4.15 A cruz do Gólgota e o pecado	69
4.16 Romanos 6:15-23: Libertos que vivem debaixo da graça	70
4.17 Indicativo da salvação e imperativo da salvação	70
4.18 Versículo 15: O objetivo da graça	73
4.19 Versículo 16: Escravos do pecado ou da justiça	73
4.20 Versículo 17: Obedientes de coração – não mais escravos do pecado	74
4.21 Versículo 18: Escravos da justiça	75
4.22 Versículo 19: Colocar-se à disposição da justiça e da santidade de Deus	76

4.23 Versículos 20-22: Da esterilidade à vida eterna	76
4.24 Versículo 23: Vida eterna em vez de condenação eterna	77
5. A Lei na Epístola aos Romanos	79
6. Romanos 7: Livres da Lei	81
6.1 Significado e lugar de Romanos 7	82
6.2 Luta do Espírito contra a carne?	82
6.3 Justos e pecadores ao mesmo tempo?	83
6.4 Nascido de novo ou não?	83
6.5 Romanos 7: Uma experiência necessária?	84
6.6 Quem é o homem de Romanos 7?	86
6.7 Romanos 7:1-6: Mortos para a Lei	86
6.7.1 Versículo 1: A Lei vale somente para os que vivem	86
6.7.2 Versículos 2-3: O único caminho para escapar da Lei	87
6.7.3 Versículo 4: Aquele a quem agora pertencemos – Cristo	87
6.7.4 Versículo 5: A Lei não promove a justiça, mas os pecados	88
6.7.5 Versículo 6: Um novo serviço a Deus para além da Lei	89
6.8 Romanos 7:7-14: A Lei perfeita	89
6.8.1 Versículo 7: O conhecimento do pecado vem pela Lei	90
6.8.2 Versículo 8: A Lei promove o pecado	91
6.8.3 Versículos 9-11: O encontro com a Lei leva à morte	92
6.8.4 Versículo 12: Mesmo assim, a Lei é boa	94
6.8.5 Versículo 13: Mais uma vez – a função da Lei	94
6.9 Romanos 7:14-25: Experiências de um cristão debaixo da Lei	94
6.9.1 Versículos 14-15: A boa vontade e a carne fraca	95
6.9.2 Versículo 16: Concordância com a Lei	95
6.9.3 Versículos 17-21: O pecado que habita em mim	95
6.9.4 Versículos 22-23: Duas leis e o seu efeito	96
6.9.5 Versículo 24: Desespero	97
6.9.6 Versículo 25: A lição de Romanos 7	98
7. Romanos 8:1-11: Livres, enfim!	100
7.1 Já agora – ainda não	101
7.2 A grande virada	102
7.3 Versículo 1: Absolição – nenhuma sentença de condenação mais	103

7.4 Versículo 2: Libertos pela lei do Espírito da vida	105
7.5 Versículo 3: Deus resolve o problema do pecado no Gólgota	105
7.5.1 Deus se torna homem	106
7.5.2 Gólgota	107
7.6 Versículo 4: Afinal, a Lei de Deus é cumprida	108
7.6.1 A Lei mosaica e a sua validade	109
7.7 Versículo 5: Ser segundo a carne ou segundo o Espírito	110
7.8 Versículos 6-7: Morte e vida, inimizade e paz	111
7.9 Versículos 8-9: Estar na carne e estar no Espírito	112
7.10 Versículos 10-11: O Espírito de Deus e a salvação do nosso corpo	113
7.10.1 A nossa posição de salvação – o indicativo da salvação – o “já agora”	113
7.10.2 Viver e morrer	113
7.10.3 O Espírito de Deus e o corpo	114
7.10.4 Por que ainda não somos imortais já agora?	115
8. Romanos 8:12-17: O imperativo da salvação – vida em vitória	116
8.1 Versículo 12: Não mais devedores à carne	116
8.2 Versículo 13: Vida ou morte	117
8.2.1 Promessas e advertências, e a salvação eterna	117
8.2.2 Fazer morrer pelo Espírito os feitos do corpo	120
8.2.3 “Considerar-se morto” ou “fazer morrer”?	121
8.2.4 Fazer morrer – como se faz isso?	122
8.3 Versículo 14: Filhos de Deus guiados pelo Espírito	124
8.4 Versículo 15: O Espírito de adoção clama em nós: “Querido Pai!”	126
8.5 Versículo 16: Somos filhos de Deus!	127
8.6 Versículo 17: Somos herdeiros da glória de Cristo	127
9. Romanos 12: O pensamento é renovado!	129
9.1 O objetivo de Deus para nós	130
9.2 Romanos 12:1-2: O culto – uma coisa lógica!	130
9.2.1 Os seus corpos!	131
9.2.2 O mundo: amigo ou inimigo?	132
9.2.3 Transformação por meio de um novo pensar	134
9.2.4 Metamorfose	135
9.2.5 Por que renovação?	136

9.2.6 Como acontece a renovação?	136
9.2.7 Campo de batalha: o mundo dos pensamentos	137
9.2.8 Como podemos vencer a batalha?	138
9.2.9 Devaneios e fantasias	139
9.2.10 A vontade de Deus – experimentada e aprovada!	140
9.3 Romanos 13:13-14: Revestir-se de Cristo – nada de prover para a carne	141
9.4 Conclusão	142
10. O velho e o novo – um panorama	143
11. O que é a carne?	145
11.1 Pecado e carne	146
11.2 A carne e o ser humano descrente	147
11.3 A carne e o cristão	148
12. A carne contra o Espírito	150
12.1 Qual era o problema?	150
12.2 A atuação da carne	151
12.3 O cristão na Epístola aos Gálatas	152
12.4 Lei e carne – duas engrenagens de um mesmo mecanismo	153
12.5 O antiquíssimo conflito cósmico e o atual conflito pessoal	154
12.6 Vivam e andem pelo Espírito!	154
12.7 A ação de Deus e a nossa ação – uma contradição?	155
12.8 Chamados à liberdade – mas que liberdade é essa?	156
12.9 O Espírito luta por nós	157
12.10 No meio da luta	157
12.11 Os vírus e a vacina	158
12.12 O que são as obras da carne?	159
12.13 O fruto do Espírito de Deus	160
12.14 A carne pertence à cruz	162
12.15 Quem somos depois de termos sido crucificados com Cristo?	163
12.16 Tomar a cruz a cada dia	165
12.17 Viver e andar pelo Espírito: ser e não ser	165
12.18 Andar pelo Espírito – como isso funciona?	166
12.19 Tropeçar e levantar-se	167
12.20 Ser restaurado	168

12.21 O nosso Ajudador no céu	169
12.22 E se tivermos pecado?	169
12.23 Confessar	171
12.24 O cristão espiritual e o cristão carnal – isso existe?	172
12.25 O essencial do conflito entre o Espírito e a carne	173
13. O novo e o velho homem: As coisas antigas já passaram, o novo chegou	175
13.1 O novo homem na Epístola aos Efésios	176
13.2 O novo homem na Epístola aos Colossenses	176
13.3 O velho homem nas Epístolas aos Efésios e aos Colossenses	177
13.4 A história da criação do novo homem	178
13.5 Muitos são um só novo homem	180
13.6 A personalidade individual torna-se um novo homem	181
13.7 O que é o novo homem?	183
13.8 A nova criação	184
13.9 O que foi criado de novo?	185
13.10 O novo homem precisa de renovação?	186
13.11 O novo homem: vestido como uma roupa	188
13.12 Resumo – uma imagem	189
13.12.1 A árvore velha	189
13.12.2 Uma árvore nova	190
13.12.3 A raiz velha que ainda vive	192
13.13 Somente pela fé	193
13.13.1 O jardineiro preguiçoso	193
13.14 O futuro do novo homem	194
13.14.1 Viver já agora a vida do futuro	195
13.15 Apelo	196
14. Nascidos de novo para uma nova vida	197
14.1 Afinal, o que é a natureza?	198
14.2 Participantes da natureza de Deus	199
14.3 A vida eterna é a vida de Cristo	200
14.4 Como nos tornamos participantes da vida divina?	200
14.5 O novo nascimento – nascidos de Deus	201

14.5.2 Nascidos do Espírito	203
14.5.3 A profecia de Ezequiel: Corações novos e espírito novo	203
14.6 Salvos da morte para a vida: Vivificados	204
14.7 O mistério do vir a ser e do crescer	205
14.8 Crescimento – a vida cresce	206
14.9 Cultivar	208
14.10 Passatempo ou dever?	209
14.11 O indicativo da salvação em João	210
14.12 O imperativo da salvação em João	211
14.13 Vida eterna – qualidade e quantidade	212
14.14 Sinais de vida	212
14.15 Aquele que é nascido de Deus não peca	213
14.15.1 Quatro etapas da história da salvação: o ser humano e o pecado	215
14.15.2 Não pecar mais: possível ou impossível?	216
14.16 Perfeição – o que é isso?	217
14.16.1 A perfeição da nossa posição de salvação	218
14.16.2 A perfeição (maturidade) em nossa vida: tornar-se adulto	218
14.16.3 A perfeição integral na consumação futura	219
14.17 Responsabilidade por aquilo que fazemos, não por aquilo que somos	219
14.18 A nova e a velha natureza estão em nós ao mesmo tempo	220
14.19 Conclusão	220
15. Temperamento e caráter	222
15.1 A Bíblia e a teoria dos temperamentos	222
15.2 O caráter e a sua transformação	225
16. Palavras finais	227
17. Bibliografia	

Aos nossos filhos, Felix, Laura, Alex, Peter e Annemarie – com o desejo do coração de que eles conquistem a Cristo e sejam conquistados por ele.

Prefácio

O tema deste livro me ocupa desde a minha juventude. Ele constitui o coração da vida cristã. Somente a partir de uma salvação plenamente apreendida e compreendida é possível uma vida liberta. A maturidade do cristão depende inteiramente daquilo que entendemos da cruz.

Estar liberto do pecado não é uma teoria, mas uma realidade prática. Há quase 30 anos, o livro “Das normale Christenleben”, de Watchman Nee, me ajudou a dar um passo decisivo. Embora fosse crente, eu estava frustrado, porque não tinha nada a opor ao poder do pecado. Esse livro abriu os meus olhos, como os de muitos outros, para a libertação que eu já tinha havia muito tempo em Cristo, mas que ainda não conhecia de verdade. Não se trata de um nível superior de piedade ou de uma vida cristã de especialistas, mas de entender como Deus nos vê e o que ele colocou em nossas mãos.

O tema é delicado, especialmente para quem escreve sobre ele. Posso fazer isso porque cheguei aos 100 %? Jamais. Tenho claro que não devemos ser muitos mestres, pois eles receberão um juízo mais severo, porque todos tropeçamos muitas vezes. Mas sem o ensino bíblico e a sua constante repetição, não temos nenhuma chance de motivar outros ou de nós mesmos enfrentarmos o assunto da maneira certa. Além disso, cada geração precisa encarar esses temas por si mesma. Neste livro não haverá nada, ou quase nada, de novo que outros já não tenham escrito. Mas ele quer estimular a dar nova vida a esse tema central e colocá-lo em discussão.

Recorri com gratidão à ajuda de outros. Agradeço acima de tudo a Thomas Jettel pela revisão e pelas sugestões, graças às quais várias coisas ficaram mais compreensíveis. Agradeço a Josua e Brigitte Keller, missionários perto de Nice, pela troca construtiva. Agradeço também a Herbert Briem, Peter Streitenberger e Harry Graf por uma leitura crítica. A menção desses irmãos não significa que concordemos em todas as questões; por isso, eu mesmo sou responsável pelo conteúdo.

Com poucas exceções, usei a tradução Elberfelder da Bíblia de 2003 (tradução alemã da Bíblia; Edition CSV Hückeswagen). Em regra, as exceções estão indicadas.

Hans-Jörg Ronsdorf, Sulzberg, novembro de 2010

Só ele é a minha rocha e a minha salvação, o meu alto refúgio.

Sl 62:6

Então vocês viverão em segurança e terão abundância de salvação, de sabedoria e de conhecimento.

Is 33:6 (NeÜ, tradução alemã da Bíblia)

1. O voo panorâmico

Embarque e aperte o cinto! Vamos fazer um voo panorâmico fantástico. O nosso destino é uma grande cordilheira. Queremos contemplar do alto, com olhos de pássaro, um maciço montanhoso impressionante. Moro bem ao pé dos Alpes e, do meu escritório, consigo ver as montanhas. Mais de uma vez desejei decolar e observar com calma, lá de cima, essa criação maravilhosa. Até agora ficou num breve voo panorâmico, mas ele me deixou com vontade de mais.

Hoje quero convidar você para um voo assim. É um voo que não custa nada. Ele acontece na nossa imaginação. O que você acha: de que montanha se trata? Imagine que essa montanha é a grande salvação, o grande resgate do Deus eterno e todo-poderoso. Imagine que essa montanha representa aquilo que Deus realizou em Jesus Cristo por meio da sua morte na cruz, da sua ressurreição e da sua ascensão ao céu. Não se trata de uma coisa qualquer; trata-se da *plenitude da salvação*! Num só voo não dá para ver tudo de uma vez, mas já é possível avistar muita coisa. E a cada novo voo daria para observar de novo algo novo.

Prometo a você que este voo não será monótono – e não porque o avião é pequeno, um simples avião de dois lugares. Um avião leve assim pode ser bem sacudido, mas aquilo que veremos será tão grandioso que esqueceremos todo o resto.

O nosso piloto é quem melhor conhece o caminho. Ele conhece as melhores rotas, os melhores destinos, o panorama mais bonito, as altitudes certas, os altos e baixos; ele conhece o tempo e pode nos levar de volta para casa em segurança. Por isso podemos deixar tranquilamente o medo de voar no chão.

A montanha que queremos alcançar é o Elbrus, a mais alta da cordilheira do Cáucaso, com os seus 5.642 m. É uma altitude considerável, e o avião precisa lutar de verdade para chegar lá em cima.

O que há de especial nessa montanha? Naturalmente, o que a distingue é ser a mais alta do Cáucaso, mas ela também é um vulcão extinto. Tem uma grande cratera, da qual, há muito tempo, foi lançada lava incandescente. Os vulcões, como sabemos também pelos dias de hoje, são forças da natureza imensas e impossíveis de dominar. Forças da natureza assim também irromperam quando

Deus, nos dias de Noé, inundou o mundo. Segundo a Bíblia, romperam-se as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas dos céus (Gn 7:11), para espalhar sobre a terra quantidades inimagináveis de água. Talvez as enormes mudanças geológicas ligadas a esse dilúvio mundial tenham feito com que vulcões entrassem em atividade. Em todo caso, naquela época a água subiu acima dos picos das montanhas: todos os montes foram cobertos (Gn 7:20); só se via água.

As pessoas daquele tempo eram muito más. Tinham ultrapassado o *ponto a partir do qual não há mais volta* e se afastado de Deus e daquilo que ele havia imaginado para a criação. Afastaram-se tanto que Deus pôs um ponto final. Não sei em que consistia toda a extensão da maldade, mas Deus a viu (Gn 6:5). E Jesus diz que dias exatamente assim voltarão (Lc 17:26). O dilúvio haveria de matar todas as pessoas, com exceção de Noé e da sua família. Nesse juízo se pode perceber bem o que o pecado significa para Deus. Muitas vezes não temos problema algum com o pecado, embora sejamos constantemente confrontados com as suas consequências negativas e terríveis. Mas o que Deus pensa disso? Deus odeia o pecado, porque ele destrói os seres humanos, as suas criaturas, como uma doença mortal e incurável, e os separa dele. O pecado transforma o ser humano de tal maneira que ele se torna inimigo de Deus. Deus odeia o pecado porque nos ama. Ele abomina o pecado, porque este é contrário a todo o seu ser, ao seu amor e à sua santidade. Aos membros do povo de Israel o SENHOR diz que, em secreto, derrama lágrimas pelo estado pecaminoso deles (Jr 13:17; 14:17). O pecado toca o coração *dele*; ele não lhe é indiferente. *Ele* conhece cada pecado e o sente até o fundo do coração. O pecado separa as pessoas de Deus e as pessoas umas das outras. Ele é aquilo que ataca Deus e despreza os seus mandamentos. Ele corta a artéria vital que vai de Deus ao ser humano e, por isso, não pode levar a outra coisa senão à morte. O pecado pode ter um rosto simpático, mas isso é apenas uma máscara: ele é feio e destrói onde quer que apareça. Está amplamente espalhado. Onde há pessoas, ali ele se encontra. Todos são atingidos. Ele se agarra a todos como um carrapato, queiram admitir isso ou não. Como uma semente, está em cada ser humano desde o nascimento, embora em um tenha se desenvolvido mais e em outro, menos.

Deus odeia o pecado, mas ama o pecador! Essa é a nossa salvação! Mas o pecado e o ser humano estão entrelaçados; formam uma unidade que não pode

ser separada de nenhuma maneira humanamente possível. Se Deus destruísse o pecado, a sua sentença de destruição acabaria atingindo a nós! Ele encontrou um caminho e resolveu o problema! Não foram os seres humanos que enfrentaram o problema, pois eles negam a sua própria *doença do pecado*. Para eles, o pecado não abrange aquilo que ele é para Deus.

Quando o Eterno criou o universo, bastaram as suas palavras todo-poderosas: “Haja!” Mas, para resolver o problema do pecado, palavras não eram suficientes. Isso lhe custou, antes, todo o seu amor. Deus é imutável, ele é como luz pura, ele é amor, ele é santo e justo, ele é puro e absolutamente sem pecado. Quando se trata do pecado, devemos pensar nessas características de Deus – e em dimensão divina! Não se trata da nossa ideia tolerante e muitas vezes tão adaptável. No Gólgota, o lugar da execução de Jesus, você pode ver quão unimaginavelmente a sério Deus leva o pecado. Não existe nenhum outro lugar onde fique mais gritantemente visível que Deus ama o pecador, mas odeia o pecado sem limites. Deus sacrifica o seu próprio Filho em lugar de nós, seres humanos. Por que era necessário um sacrifício de sangue? Porque o pecado não é apenas uma falta leve, mas algo que ofende o nosso Criador e com que ele não pode conviver. Por isso ele exige, com razão, expiação e reparação do dano que causamos a Deus. Sempre continuará sendo assim: Deus punirá o pecador pelo seu pecado. Que ao erro siga o castigo é, na opinião de muitos, apenas uma invenção religiosa. Nada mais longe da verdade! Esse fato é, por exemplo, a base do nosso sistema jurídico. Em Deus só precisamos imaginar isso de modo muito mais puro e justo. Ele é onisciente e lê todos os pensamentos. Ele é onipresente e, portanto, ele mesmo é testemunha de tudo o que as pessoas pensam, falam e fazem. Nada lhe escapa. Se você estivesse sozinho no mundo e tivesse cometido um único pecado, mesmo assim o sacrifício de Jesus seria necessário. Nem mesmo um único pecado é aceitável para Deus. Ele é santo e glorioso demais para poder fazer vista grossa a um único pecado sequer.

Deus não trata os seres humanos como uma experiência fracassada da criação. Ele não desiste do ser humano. Ele quer poupar e salvar o pecador. Mas, para isso, precisa de alguém que *possa* pagar a dívida. Existe um ser humano que possa saldar a conta? Sim! Esse único se torna o sacrifício substitutivo. Ele paga a nossa dívida. Jesus, o “Cordeiro de Deus”, torna-se o nosso substituto. Um ser humano se torna – em sentido figurado – esse cordeiro sacrificial substitutivo. No Gólgota, o Filho de Deus se colocou

voluntariamente, com o nosso pecado, na presença imediata de Deus, para assumir a nossa condenação e o nosso castigo. Deus aceita a disposição do seu Filho para o sacrifício e não o poupa nesse juízo punitivo. Entregaríamos o nosso filho para resgatar os nossos inimigos de um problema que eles mesmos causaram? Em vez de castigar o nosso filho ou a nossa filha, não faríamos de tudo para poupá-los? Deus não fez isso. Sim, para nos redimir foi preciso acontecer muito mais do que apenas uma ordem ou uma palavra criadora.

Voltemos a Noé: naquela época, a água do juízo cobriu os picos mais altos. Deus levou o pecado a sério, muito a sério! – E com mais razão ainda no Gólgota: temos ideia do juízo que foi executado *ali*, do fardo que Jesus carregou? Talvez você esteja pensando agora em como o maltrataram, como lhe cravaram uma coroa de espinhos na cabeça e o pregaram na cruz. Mas esperemos um momento. *Esses* não foram os sofrimentos com os quais ele pagou os nossos pecados. Foram pessoas que lhe fizeram isso. Elas não contribuíram em nada para a salvação. O que fizeram provou mais uma vez quão corrompidos são os seres humanos. O juízo de Deus e a execução da respectiva sentença sobre o pecado só começaram naquela Sexta-feira Santa na hora sexta, por volta do meio-dia. Então, quando o sol estava a pino, ficou tudo escuro como breu. Havia chegado a hora do acerto de contas pela nossa culpa. O juízo da ira de Deus caiu com toda a força sobre o Cordeiro sacrificial inocente. Durante três horas o nosso Senhor Jesus se entregou à ira de Deus sobre o pecado (também sobre o meu pecado) e tomou sobre si aquilo que leva todos os seres humanos para sempre ao inferno. Isso é trevas no sentido mais verdadeiro e profundo da palavra. Ninguém foi testemunha do que aconteceu entre o Pai e o Filho para resolver o problema do pecado para sempre.

Olhamos pela janela do avião para essa montanha que um dia foi um vulcão cuspidor de fogo. A lava em brasa me lembra o lago que arde com fogo e enxofre, o inferno eterno. Sim, o nosso Salvador suportou ele mesmo, em nosso lugar, tudo o que Deus sente diante do pecado, concentrado em três horas! Corrie ten Boom usou a esse respeito o seguinte exemplo: num incêndio florestal há sempre um lugar onde o fogo não encontra mais alimento – ali onde o fogo já devastou tudo. O Gólgota é agora o lugar onde o pecador encontra segurança, pois o fogo do juízo divino sobre o pecado já passou por ali.

cf. 88:7). O estrondo das forças da natureza nos dias de Noé (as massas de água, as tempestades, os terremotos, os vulcões etc.) é apenas uma figura fraca daquilo que o Senhor Jesus Cristo suportou na cruz e, mais ainda, nas três horas de trevas – crucificado em fraqueza, num corpo torturado e sob grandes dores. Foi o abandono total por parte de Deus! Deus julgou o seu Filho. O Filho de Deus entre o céu e a terra – rejeitado pelos homens e repellido pelo céu! Ele foi por nós às trevas mais extremas. Que sacrifício! Tire tempo para refletir sobre o que ele fez por você. Acredite: se você quer experimentar alguma mudança na sua vida, ela começa quando você se deixa impressionar pelo amor de Jesus. Esse amor é tão grande que excede o nosso entendimento. É isso também que Paulo diz (Ef 3:19). Ele fala da largura, do comprimento, da altura e da profundidade desse amor. Soldados franceses descobriram na Espanha uma masmorra abandonada da época da Inquisição. Encontraram um esqueleto ainda preso com correntes à parede da masmorra. Na parede havia uma cruz riscada. Nas quatro pontas da cruz, por sua vez, estavam riscadas as palavras de Efésios 3: em cima a *altura*, embaixo a *profundidade*, à esquerda a *largura* e à direita o *comprimento*. O mártir de quem vem esse desenho riscado estava cheio do amor de Jesus, sobretudo nos dias mais difíceis, no fim da sua vida de sofrimento. Ele havia entendido o significado da cruz – o amor de Cristo, que excede todo entendimento! E esse mártir da Inquisição estava disposto, por causa desse amor, a seguir o caminho correspondente e, assim, imitar o seu Mestre.

Até aqui falamos de culpa, de pecado e de perdão. A pessoa é condenada por aquilo que faz. Mas e o problema da nossa natureza má? Pode o perdão ser aplicado a nós diante do fato de que nós *somos* pecadores?

Por que o acontecimento da cruz foi tão abismalmente terrível? Porque o Senhor Jesus não morreu apenas por aquilo que eu fiz, mas também por aquilo que eu sou. Imagine que você assume a responsabilidade pela grande culpa de uma pessoa. Isso seria admirável. Agora imagine, além disso, que você não apenas fosse confundido com essa pessoa má, mas equiparado a ela de propósito! Isso é apenas uma comparação fraca daquilo de que se tratava no Gólgota. A Bíblia descreve todo o nosso ser como pecaminoso. O pecado habita em nós; está presente em tudo o que fazemos. Não importa se as pessoas são pecadores “grandes” ou “pequenos”; isso não vem ao caso. Acredite ou

1. Essas ondas e vagas simbolizam a ira divina.

não: percebe-se isso sobretudo em si mesmo, quando já se é crente há mais tempo. Não se trata de ter de viver depois ainda com pecado não perdoado. Mas a gente vai conhecendo cada vez mais o pecado que habita em nós. Quanto mais tempo se vive na fé, mais se reconhece quão vil e repugnante é o pecado. E também não faz diferença se você vivia no meio do mundo ou numa família cristã quando chegou à fé.

Quando o Senhor Jesus Cristo morreu, ele resolveu também o problema do pecado *em* nós. Devemos entender bem que por isso ele foi feito pecado. Deus o condenou como se ele fosse culpado do pecado – não só dos atos, mas também do pecado que está ligado a nós. Não eram só os frutos que eram ruins; a árvore inteira estava podre e imprestável. Foi assim que o Senhor Jesus Cristo esteve em juízo por nós. Depois das três horas de trevas, ele clamou: “Está consumado!” Essas são as palavras mais importantes que o universo já ouviu! Para assumir inteiramente a sentença do juízo, o Senhor Jesus morre. O salário do pecado, do nosso pecado, é a morte – a morte dele!

Imagine que Deus põe essa morte de Jesus inteiramente na sua conta e a credita a você. Ou, em linguagem bíblica: o nosso velho homem foi crucificado com ele! A nossa velha vida (tudo o que fizemos e tudo o que somos) foi entregue à morte com ele na cruz, há 2.000 anos. Ele morreu por isso. Por tudo! Não há mais nada pelo qual ainda precisemos pagar alguma coisa. A sentença de condenação de Deus não nos atingirá mais! Olhe pela janela do avião e observe bem essa montanha imponente! O vulcão está extinto. Assim também o fogo do juízo devorador de Deus está extinto, porque Jesus o tomou sobre si. O que você vê agora? Uma montanha branca! Tudo está coberto de neve. Se o vulcão ainda estivesse ativo, não poderia haver neve no cume. Mas o que a neve quer nos dizer é claro. Quase nada fala de modo tão claro da pureza e da irrepreensibilidade que agora, em Cristo, se tornaram realidade para nós.

Purifica-me com hissopo², e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve.

Sl 51:7

Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã.

Is 1:18

2. O hissopo é uma planta folhosa que era usada para aspergir água e sangue.

Deus nos lavou e nos purificou. Poderíamos enumerar aqui tantas outras coisas que a obra gigantesca de Jesus realizou. Neste ponto, apenas mais esta palavra bíblica:

Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.

1Co 1:30

Tudo o que não tínhamos na nossa velha vida, temos agora por meio de Cristo, porque Deus nos transpôs para dentro dele. Isso soa estranho, mas não significa outra coisa senão que Deus nos identificou e uniu a Cristo de tal maneira que tudo o que Cristo fez, e tudo o que ele é agora como Filho do Homem exaltado no céu, vale para nós. Deus nos vê naquilo que o seu Filho fez e naquilo que ele é agora! Isso é realmente o cume da graça e da salvação, ou não é? A alma e o silêncio sobre essa montanha, envolta num manto branco como a neve, nos mostram que agora temos paz com Deus e que, em Cristo, já fomos transportados para o céu. Sim, estamos em Cristo! Por isso não existe mais nenhuma sentença de condenação contra nós – nem pelo que fizemos, nem pelo que somos de nascença. Deus não quis nos melhorar; ele fez um novo começo. Mas, para recomendar, o velho precisa primeiro ser tirado do caminho. E, como não se trata de uma coisa, mas de pessoas, surge a pergunta: como isso pode acontecer? Como já foi dito: só por meio da morte a nossa vida podia ser encerrada. Cristo morreu por nós (e nós com ele). Não morremos literalmente; antes, a morte de outro foi creditada a nós. Com base na sua própria justiça e em total concordância com as suas justas exigências para conosco, Deus transferiu inteiramente para nós (do ponto de vista puramente jurídico) a morte substitutiva do seu Filho. Isso vale como se nós tivéssemos realmente morrido. Na cruz, a nossa velha natureza foi condenada à morte, e a sentença foi executada em Cristo.

A montanha imponente nos mostra a grandeza da justiça de Deus e, ao mesmo tempo, quão pequenos nós somos: ele fez tudo para nos libertar do nosso pecado, sem abrir mão de um mínimo sequer da sua justiça:

A tua justiça é como as montanhas de Deus; os teus juízos, como o grande abismo.

Sl 36:6

Às vezes podemos voltar a sentir um pouco de medo e nos perguntar se tudo isso vale mesmo para nós, bem pessoalmente. Será que não estamos nos permitindo demais? O avião pode, sim, ser jogado de um lado para o outro; pode-se, sim, levar um susto. Mas, ainda que a tempestade dos sentimentos nos sacuda, essa montanha continua sendo a mesma. Nenhuma tempestade pode remover essa montanha da salvação. Essa montanha da salvação é uma montanha da graça e se parece com o monte Sião:

Seu santo monte se eleva formoso, alegria de toda a terra; o monte Sião, no extremo norte, a cidade do grande Rei.

Sl 48:1-2 (ER, tradução alemã da Bíblia; cf. Hb 12:18-20)

Já que estamos falando de montanhas, me ocorre mais uma coisa – por assim dizer, uma montanha em sentido negativo. O Grand Canyon é um desfiladeiro enorme, um vale imenso. É realmente impressionante estar diante desse abismo e olhar para as profundezas. Também isso é uma imagem de nós: não éramos nada. Somos pó e ao pó voltaremos, porque o pecado entrou na nossa vida. O nosso coração se parece com um abismo de maldade. Mas agora olhamos para cima, para a “montanha da salvação”, sobre a qual esteve uma cruz. A cruz é um fim, mas também um começo:

Portanto, se alguém está em Cristo, há uma nova criação; as coisas antigas passaram; eis que o novo chegou.

2Co 5:17

O piloto vai reduzindo lentamente a altitude, de modo que agora conseguimos distinguir regiões mais baixas desse maciço imponente. Por causa do tamanho da cordilheira, nunca é possível ver tudo de uma vez. Enquanto perdemos altitude, o piloto se aproxima da montanha. Distinguimos uma cachoeira imponente e depois ainda outras cachoeiras menores. Que espetáculo grandioso se oferece a nós! Com que majestade as massas de água despencam no vale! Mais abaixo, essas cachoeiras se unem num rio. As massas de neve e gelo armazenam milhões de metros cúbicos de água. Nas encostas do Elbrus há mais de 70 geleiras, das quais a água escorre. Ela desce para o vale e alimenta prados, campos e florestas. Toda a agricultura depende dela. Sem essa água quase não haveria crescimento nas regiões correspondentes. É claro que lá

também chove, mas é justamente durante o degelo que desce para o vale a água necessária para o crescimento das plantas na primavera.

As poderosas correntes de água que descem a montanha e depois se juntam nos rios simbolizam o Espírito Santo. O próprio Senhor Jesus usou essa comparação. Ele tinha em vista a sede profunda do ser humano – a pergunta e a busca por sentido, segurança e amor – quando disse que todo aquele que tem sede deve vir a ele e beber. Quem vem *a ele* sacia a sede da sua vida – e para sempre! O coração sedento pode encontrar descanso nele.

O Senhor Jesus fala de água viva (isto é, de água corrente), de uma fonte que é ele mesmo. Podemos levar a sério a Palavra de Deus; ela é certa: o Espírito eterno, santo e poderoso de Deus nos foi concedido abundantemente. Ele vive em nós. Ele é uma fonte permanente e inesgotável de vida, de força, de direção e de consolo. Só o próprio Deus pode ser em nós uma fonte que jorra sempre.

Preciso pensar ainda em outra montanha, onde Jesus esteve com três dos seus discípulos. Eles tinham subido bem alto, talvez até o limite da neve daquela montanha.³ De repente, Jesus foi transfigurado diante dos olhos deles e resplandeceu como o sol. As suas vestes ficaram mais brancas que a neve que os rodeava. Foi-lhes concedida uma prévia de como o Senhor Jesus será quando voltar à terra. Mas isso é, ao mesmo tempo, também uma expressão de como podemos imaginar o Senhor Jesus agora, à direita do Poder. Aliás, como diz João, o Espírito Santo só podia vir quando Jesus fosse glorificado, isto é, quando tivesse ocupado esse lugar de honra à direita de Deus. O Espírito de Deus haveria de ser enviado justamente pelo Filho de Deus glorificado e coroado, para que pudesse testemunhar a sua vitória e a sua glória e ancorá-las em nosso coração.

O Espírito não quer ser um subinquilino na nossa vida. Não, o propósito de Deus é que esse Espírito nos encha, engrandeça Jesus em nós, nos guie e nos dê a vitória de uma vida vencedora. Esses são os fatos! Com certeza ainda vamos investigar a pergunta por que muitas vezes não parece ser assim.

Alegremo-nos com esse panorama! Uma montanha imponente, o cume num branco radiante e ofuscante, e os riachos de água borbulhante que despencam lá de cima para o vale. A dinâmica do crescimento começa onde há terra boa.

3. Alguns intérpretes supõem que o monte da transfiguração tenha sido o Hermom, que acima de 1.800 metros de altitude fica coberto de neve durante vários meses do ano.

O voo vai chegando lentamente ao fim. Na verdade, ainda nem queremos pousar, mas a gasolina está acabando. Ainda dá para algumas voltas sobre o verde, que vai ficando cada vez mais denso e viçoso à medida que se desce para o vale. Primeiro são só arbustos e algumas manchas verdes, depois algumas árvores e, antes que percebamos, estamos sobrevoando uma floresta densa. Logo em seguida já vemos no vale os campos, as lavouras e as plantações.

Você sabia que também no seu coração a água do Espírito de Deus pôs em movimento um crescimento espiritual, mas real? A salvação é, em si, algo perfeito, mas em você ela é ao mesmo tempo também um começo. No seu coração germinou uma nova semente. Você nasceu de novo. Você não é mais o mesmo de antes. Isso não se pode ver com os olhos. Externamente (peso, tom de voz etc.) tudo em você está exatamente como antes. Mesmo assim, aconteceu algo grandioso. Você nasceu de novo, e do próprio Deus. Você pode começar mais uma vez do começo.

Essa semente é a Palavra eterna de Deus. Ele plantou em nós a vida eterna, e essa vida cresce. Vamos aprofundar esse tema no próximo capítulo. Quando vemos todo o verde dos campos, das árvores e das plantações, constatamos: isso testemunha quão forte é a força que Deus colocou na vida vegetal. Quando o sol brilha, a terra é boa e a água vem das montanhas, o crescimento não pode ser freado. Será que acreditamos que o crescimento espiritual nas pessoas é menos vigoroso, quando não se trata de plantas, mas do ser humano, a “coroa da criação”?

Depois desse voo emocionante, pousamos. Estamos sob a impressão da grandeza e da beleza dessa montanha e dos seus arredores. Lembramo-nos do que somos: filhos de Deus. A culpa do pecado foi tirada para sempre. O que éramos como velhos homens é história. Isso foi removido pela cruz e lançado para trás das costas de Deus. No lugar do velho homem, Deus colocou um novo homem, que ele criou à imagem de Jesus Cristo. Esse novo homem tem a vida eterna. O próprio Cristo é a sua vida – aquele que tem em si a água viva que o faz crescer, para que se torne maduro e forte na fé.

O piloto faz um pouso brusco; estamos de novo no chão. Será que apenas sonhamos, ou é verdade tudo o que vimos? Sim, é verdade. A Palavra de Deus diz assim.

Talvez esse voo panorâmico tenha despertado a sua curiosidade. Nas próximas páginas você encontrará mais sobre aquilo que, no sentido mais literal

da palavra, apenas sobrevoamos. Se até agora apenas voamos, agora você é convidado para caminhadas na montanha que o levarão a lugares bonitos.

2. Aterrissamos – e agora, como continuar?

Depois de um pouso aos solavancos, voltamos ao chão dos fatos. Se a salvação de Deus é tão abrangente e não apenas a minha passagem para o céu, surge a pergunta: como ela pode transformar a minha vida? O próprio Deus quer que vivamos em liberdade. Ele não apenas nos protege do juízo; ele também quer nos redimir da escravidão do pecado e da ditadura da nossa velha vida centrada no eu. A salvação não é um assunto teórico. A salvação de Deus é a palavra da cruz – o evangelho, que é poder para a salvação e, com isso, para a vida, de todo aquele que crê!

2.1 Liberdade ou escravidão – mas não as duas coisas

Os israelitas estiveram outrora numa escravidão impiedosa. Sem saída e sem esperança de liberdade. Mas Deus viu a miséria, teve compaixão e interveio. O cordeiro pascal, que os protegia do juízo, ainda não era a libertação. Esta eles só experimentaram quando deixaram o Egito para trás. O que isso quer nos dizer? Bem concretamente: também nós estamos sob a proteção do sangue de Jesus, mas, além disso, fomos redimidos e libertos para uma nova vida.

O seguinte fato da história recente deixa claro, em sentido figurado, o que importa. A 13ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos⁴ foi apresentada aos estados para ratificação em 31 de janeiro de 1865 e entrou em vigor em 18 de dezembro de 1865. Ela aboliu definitivamente a escravidão em todo o território dos Estados Unidos.

Quando essa emenda foi assinada em todos os estados, essa lei passou a valer imediatamente, sem “se” nem “mas”. Imagine agora os muitos escravos nos estados do Sul, cumprindo o seu trabalho naquele dia. Embora agora fossem livres por lei e tivessem o direito de deixar os seus senhores, muitos não o fizeram. Primeiro precisavam conhecer essa lei. Depois precisavam crer que era verdade e, por fim, precisavam também reivindicar a liberdade e viver como livres.

Assim é conosco. Essa “lei da libertação” foi assinada há 2.000 anos no Gólgota. Essa lei (como aquela da abolição da escravidão) continua válida até

4. *The Thirteenth Amendment to the Constitution of the United States of America.*

hoje. A Bíblia diz que fomos libertos do poder do pecado, pois o nosso velho homem, como já vimos no nosso voo panorâmico, foi crucificado com Cristo. Isso aconteceu por mim, sem qualquer participação minha, no Gólgota, e precisamente por meio da morte de Jesus, historicamente atestada. Essa é a mensagem do evangelho: liberdade! Alguns escravos durante muito tempo nada souberam dessa nova lei e viviam como se ela não tivesse entrado em vigor. Trabalho escravo ilegítimo nos parece totalmente inaceitável, não é? Mas quantos cristãos vivem, consciente ou inconscientemente, como se não existisse a libertação por meio de Cristo! Quantos se contentam em um dia estar no céu. Mas essa “lei da libertação” do Gólgota vale para aqui e agora, não só para o céu! Deus quebrou o poder do pecado. Isso significa que podemos reivindicar essa libertação inteiramente para nós pela fé. Devemos aceitar como fato que morremos para o pecado, isto é, que o nosso velho homem morreu com Cristo. Considerem-se mortos – o velho passou! É o que Paulo diz, e ele usa para isso um termo da contabilidade financeira. Trata-se aqui da lógica dos fatos, não da lógica dos sentimentos inconstantes.

2.2 Mandamentos da liberdade

É preciso deixar claros para si os princípios da liberdade em Cristo para também experimentá-los. Em primeiro lugar, trata-se de fatos da salvação, nos quais nos apoiamos pela fé como realidades válidas para nós, e não de um sentimento positivo de liberdade.

O segundo decorre do primeiro: quando sou tentado, quando o pecado está à espreita à porta, quando preciso decidir entre o pecado e Deus, vale isto: você não precisa pecar; você é livre! Traga esse fato à memória. Peça a Deus que o lembre disso. Não precisamos ficar paralisados de medo diante do pecado; ao contrário, o NT nos convoca a agir ativamente contra os pecados na nossa vida. Devemos eliminar com determinação essas coisas pecaminosas. Foi o mesmo que Deus fez no Gólgota, quando julgou o pecado em seu Filho.

O maior problema do nosso tempo talvez seja o individualismo. Nós mesmos estamos no centro e giramos em torno de nós mesmos. Isso não nos ajuda a avançar na vida com Deus. Desviemos o olhar de nós mesmos para olhar para Cristo. Essa é a nossa vitória!

- Confie na salvação de Deus para a libertação como um fato histórico!

- Sempre que o pecado quiser reinar, lembre-se de novo de que o poder dele foi quebrado!
- Não fique paralisado na tentação, mas rejeite ativamente o pecado!
- Não se concentre no pecado e no confronto com ele, mas em Cristo e no poder do Espírito Santo!

2.3 Fugir e resistir

Nesses confrontos, porém, não devemos nos superestimar. Há situações em que devemos agir e outras em que devemos partir para a ofensiva. Coisas pecaminosas precisamos condenar, remover ou eliminar. Mas da tentação ao pecado e do seu ambiente imediato devemos fugir. Sobre tudo quando se trata de sedução sexual, mas também de ganância e idolatria. José é o exemplo de uma fuga no momento certo. Nada além da fuga podia impedi-lo de ir para a cama com a mulher de Potifar, que havia preparado tudo para consumir a imoralidade.

2.4 Sentimentos

A Bíblia diz, em resumo: contem com isso, partam do princípio, reivindicuem para vocês que vocês morreram para a escravidão do pecado! O direito de viver como libertos foi concedido a vocês! O escravo nos estados do Sul olharia para você com espanto se você dissesse: “Eu não sinto essa libertação.” Ele diria que você nem precisa senti-la, porque a lei assinada tem validade jurídica. Essa lei não se importa com o que você sente. Ela é sempre válida – independentemente do que eu sinto. Watchman Nee dá um exemplo certo: “Sobre um muro estreito caminhavam certa vez, um atrás do outro, o Fato, a Fé e a Experiência. O Fato não se voltava nem para a direita, nem para a esquerda, nem para trás, mas avançava com firmeza. Enquanto a Fé, atrás dele, mantinha o olhar fixo no Fato, tudo ia bem. Mas, quando começou a se preocupar com a Experiência e olhou para trás à procura dela, perdeu o equilíbrio, caiu do muro, e a boa e velha Experiência despencou atrás dela.”⁵

Naturalmente, o sentimento desempenha um papel importante na vida cristã. O sentimento é uma parte necessária e maravilhosa do nosso ser humano. A alegria é vivida como sentimento (emoção), e Deus quer que nos alegremos; ele até o ordena. A alegria dada por ele é uma consequência da salvação. Ela pode

5. Watchman Nee, *Das normale Christenleben*, p. 47.

ser experimentada, é perceptível e verdadeira. Mas a fé e a confiança não contêm sentimento, porque os sentimentos estão sujeitos a oscilações. Para a fé, é verdadeiro e real aquilo que a Bíblia lhe promete. A fé reivindica para si com sobriedade – com ou sem sentimento – aquilo que Deus lhe promete. O alpinista precisa confiar 100 % nas especificações do fabricante das suas cordas de escalada quando está pendurado sobre o abismo. O que ele sente não tem importância.

2.5 O navio com o velho e o novo capitão

Comparemos a nossa vida com um navio. Antes do nosso novo nascimento, nós mesmos determinávamos o rumo e o destino. Mas aconteceu uma grande mudança. O navio foi comprado; ele não nos pertence mais. A consequência é que há um novo capitão. Quem é ele? Continuo sendo eu, mas Deus me deu uma nova vida e o seu Espírito. Em Cristo me tornei um novo homem.

O velho capitão tem muita experiência e rotina. Antigamente, tudo obedecia a ele. Havia muitos hábitos que eram expressão de como o velho capitão conduzia o navio. Mas agora a compra do navio foi lavrada em cartório, e a mudança de proprietário foi regulamentada por contrato. Não importa quão jovem e inexperiente seja o novo capitão: ele se tornou legitimamente o novo capitão. O velho capitão – comparemo-lo ao pecado, à nossa carne ou à velha natureza pecaminosa – permanecerá no navio até chegar o dia da nossa redenção completa. É uma situação difícil de entender. Mas essa é a realidade da nossa vida cristã. O velho capitão ainda está no navio, mas precisa se recolher a uma cabine. Ele não pode mais interferir no comando do navio. O novo capitão, porém, precisa cuidar para que o velho fique onde é o seu lugar e, ao mesmo tempo, concentrar-se no rumo do navio: agora é ele quem está ao leme. Ele está na ponte de comando, onde as decisões são tomadas. O novo armador é Cristo em mim, que age por meio do Espírito de Deus. O NT diz que esses dois, isto é, a carne e o Espírito, se opõem um ao outro e reivindicam igualmente o domínio sobre a vida. Enquanto a carne levanta essa reivindicação injustamente, a reivindicação do Espírito de Deus é legítima, porque fomos comprados por Deus.

Por hábito, o velho capitão quer se intrometer repetidamente nos assuntos do novo capitão. Ele gostaria de assumir de novo o navio e banir o novo capitão para a cabine, onde é o lugar dele mesmo. Assim, permanece uma tensão no

navio. Ela é muito menor quando o novo capitão simplesmente se apoia no contrato – não importa como se sintam. Ele deve mandar o velho de volta para a cabine sempre de novo. Se não fizer isso e deixar o velho capitão passear pelo navio, a coisa pode acabar mal. Quanto mais atenção, consideração e deferência o velho capitão receber, tanto mais vezes ele voltará a estar ao leme.

2.6 A todo vapor!

O lema do novo capitão é: a todo vapor! No navio da nossa vida assumimos o comando. Em Cristo devemos e podemos reinar em vida. Ser finalmente senhor de si significa viver determinado por Deus e cheio de Cristo. E nisso investimos a nossa energia, a nossa concentração, o nosso interesse e os nossos objetivos. Eles agora pertencem ao novo proprietário. O navio segue um novo rumo, tem um novo sentido e propósito, navega contra a corrente. Haverá tempestades, contratempos, entradas de água, mas isso não vai nos deter.

Todas as epístolas do NT falam do movimento constante e da dinâmica de transformação que fazem parte de uma vida cristã:

- Corram
- Façam morrer
- Cresçam
- Busquem com empenho
- Purifiquem-se
- Sejam cheios
- Sejam renovados
- Progridam cada vez mais
- Despojem-se e revistam-se

Essas e ainda outras exortações deixam claro que nada acontece por si só. Deus não faz aparecer “num passe de mágica” na nossa vida aquilo que nós mesmos devemos fazer (embora tudo esteja à disposição dele). O poder de Deus está à nossa disposição, e a confiança nele é o canal pelo qual esse poder flui até nós. Nada acontece a não ser que alguém o faça! Uma palavra verdadeira, também em relação à nossa santificação. Deus quer o nosso empenho total. A nossa salvação está cercada por esses apelos; eles e a obediência a eles fazem parte dela como a respiração faz parte da vida. Esses apelos são simplesmente “lógicos do ponto de vista da salvação”.

2.7 Nosso Pai

Uma vida de empenho total não dá certo todos os dias. Somos realistas o bastante para saber que todos os dias lidamos com fracassos pequenos ou grandes. Mas a nossa vida está nas mãos do nosso Pai celestial. Ele não é um déspota à espera dos nossos erros. Somos os seus filhos e filhas, que ele comprou pelo preço infinitamente alto da vida do seu próprio Filho. Vivemos a partir dessa relação de graça. Não estamos debaixo de uma lei que exige sem misericórdia, mas debaixo da graça do nosso Pai celestial. Ele encoraja e ajuda, motiva e nos estimula sempre de novo. Ele dá aquilo de que precisamos para uma vida para a sua glória. Na oração lhe dizemos “Aba” (querido Pai). Ele não nos censura quando algo dá errado ou quando aparecem fraquezas na nossa vida. A ele confessamos os nossos pecados, que infelizmente ainda acontecem. Todo pecado que cometemos e não confessamos prejudica a comunhão com o nosso Pai celestial e com o seu Filho Jesus Cristo. Por isso devemos tirá-lo do caminho. Se lhe falta coragem e você se sente indigno, se acha que é um fracassado, deixe-se animar por estas palavras de Deus: “Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja” (Is 42:3).

O passo de volta para os braços do Pai é sempre possível. Nele há perdão, graça e restauração, bem como um novo começo. Nele se pode ficar são outra vez, mesmo quando a fé está fraca e a entrega quase apagada. Sansão chegou ao fundo do poço, mas foi restaurado. O seu cabelo começou a crescer de novo, embora, infelizmente, ele não tenha recuperado a visão. Levou tempo até chegar a esse ponto, mas o dia da sua maior vitória chegou, ainda que antes ele tivesse sofrido uma grande derrota por causa do pecado.

2.8 O que Deus quer

Deus não exige de nós nada que não possamos alcançar! Ele quer o nosso coração; ele quer alegria e comoção interior quando pensamos nele. Deus deseja nos fazer felizes. Ele não quer nos explorar nem nos tirar a alegria de viver. Às vezes os cristãos dão essa impressão. Como nos tornamos felizes como cristãos? Isso encontramos numa vida entregue a ele, e em nenhum outro lugar. Cito Jay Adams: “Em muitos cristãos se constata uma falta sensível: falta-lhes perseverança, persistência. A perseverança é provavelmente a chave para uma vida ordenada e agradável a Deus. Ninguém aprende a patinar no gelo, a

esquiar, a tocar flauta, a amarrar os sapatos, a ler, a escrever, a dirigir um carro, se não tentar por tempo suficiente. Aprende-se continuando com persistência, apesar da falta de jeito e dos fracassos, até adquirir a habilidade almejada. Aprende-se fazendo sempre de novo aquilo que se quer aprender. A Bíblia nos diz que acontece exatamente o mesmo com um modo de vida santificado.

Não devemos entender mal a ênfase que a Escritura coloca no esforço pessoal; esse esforço está enraizado na graça e não é ‘uma obra da carne’. Só por meio do Espírito Santo podemos adquirir perseverança. Mas a atuação do Espírito não é ‘mística’. O Espírito Santo nos diz de que maneira trabalha: a Escritura testemunha que ele age por meio da Escritura.

Quando obedecemos às exortações da Bíblia de boa vontade, em oração e com persistência, os modos de vida bíblicos se tornam parte de nós mesmos. Lemos a Bíblia e, ao fazê-lo, pedimos a Deus que nos ajude a pôr em prática o que lemos. Para isso ele nos deu o Espírito Santo. A palavra ‘graça’ tem um significado de várias camadas. Um dos aspectos é ‘ajuda’. O Espírito Santo ajuda aqueles que leem a sua Palavra e depois, pela fé, ousam fazer o que ela diz. Ele não nos promete a força adiantada. Muitas vezes ela vem (só) enquanto fazemos aquilo que se exige de nós.”⁶

2.9 Convém que ELE cresça e que eu diminua!

Esse foi o objetivo de vida de João Batista, o precursor do Senhor Jesus. É um processo que queremos assumir de João, sabendo que ele vai durar a nossa vida inteira! O gráfico ilustra o que diz essa frase simples, e também difícil, de João: o sinal de menos se refere à nossa velha vida e aos nossos próprios objetivos e interesses, enquanto o sinal de mais se refere claramente ao nosso Senhor!

(Gráfico: duas curvas em sentidos opostos sobre um eixo do tempo; a curva descendente está marcada com um sinal de menos, a ascendente com um sinal de mais.)

- Despojar-se do velho homem –
- Revestir-se do novo homem +
- Semelhança com Cristo crescente e logo perfeita
- A pista de corrida da fé
- O processo de crescimento ao longo de toda a vida
- Novo nascimento

6. Jay E. Adams, *Grundlagen biblischer Seelsorge*, p. 255.

- Vinda de Jesus e ressurreição

2.10 A nova vida em uma representação gráfica

Os gráficos a seguir (quadrado, círculo, triângulo) representam pessoas diferentes. A primeira linha mostra como a pessoa nasce; a segunda, o desenvolvimento da vida pessoal; e a terceira, o novo nascimento. A quarta e a quinta linhas mostram como ela cresce na fé ou vive de modo carnal, enquanto a sexta linha representa o objetivo, a perfeição junto de Cristo.

As três formas servem para distinguir quaisquer pessoas, tal como nascem. A diferença pode estar na origem e no ambiente social, no jeito particular da pessoa, em diferentes temperamentos e talentos naturais. Em suma, trata-se da pessoa individual, naquilo em que ela se distingue das outras pessoas. Nisso consistia a sua identidade no nascimento, sem que ela mesma tivesse contribuído para isso. É aquilo que a própria pessoa, salvo poucas exceções, não pode mudar: a sua estrutura. Isso é representado pelas formas vazias na primeira linha.

As formas não ficam vazias. O ser humano nasce pecador e peca. A estrutura da sua personalidade é moldada pelo pecado na direção errada. Surgem hábitos pecaminosos, que por sua vez formam um caráter ruim. Isso é simbolizado por aquilo que agora preenche as formas. Ainda que haja coisas moralmente boas na pessoa, ela é marcada pelo pecado que habita nela. As formas preenchidas mostram o ser humano antes do novo nascimento.

Deus não reforma o ser humano, mas cria algo novo. O novo é feito inteiramente sob medida para a personalidade individual. Assim como em Adão já estavam presentes todas as variantes de personalidades humanas, assim também acontece com o último Adão, o nosso Senhor Jesus Cristo. Ele se tornou homem e por isso pode viver em cada ser humano individual. A Bíblia compara esse fato com uma semente que é plantada em nós: ela deve crescer desde o primeiro dia, para que o nosso ser seja transformado no ser de Cristo. A semente divina corresponde inteiramente à forma da personalidade. Assim, as características do ser humano dadas na criação (isto é, as herdadas) não são alteradas pelo novo nascimento. “Temos de supor que Deus é capaz, de algum modo, de inserir em cada ser humano algo completamente novo, que se ajusta perfeitamente à sua personalidade, cuja destruição ele jamais teve em vista.”⁷ Na

7. Custance, Arthur C., *Man in Adam and in Christ*, p. 171.

personalidade individual de cada ser humano entra agora o ser de Cristo, que assim se torna uma expressão singular do ser de Jesus. Isso é expressão da variedade e da riqueza da nova criação, tal como já existem na primeira criação.

(Gráfico em seis linhas, cada uma com um quadrado, um círculo e um triângulo)

(Linha 1: as três formas cinzentas e vazias)

Pessoas diferentes, tal como nascem com a sua personalidade individual

(Linha 2: as formas estão preenchidas com muitas pequenas formas pretas)

Antes do novo nascimento, a personalidade individual vai sendo preenchida com as experiências da vida diária. O caráter se forma. Ao lado de bons traços de caráter, muitas vezes são comportamentos que vêm do coração mau e às vezes são marcados predominantemente pelo pecado. O conteúdo do quadrado, do círculo e do triângulo corresponde àquilo que a pessoa se tornou sem Deus.

(Linha 3: no centro de cada forma aparece uma pequena forma branca do mesmo feitio)

No dia do novo nascimento, a semente divina da Palavra de Deus é plantada na pessoa. O próprio Cristo é agora a nova vida espiritual do crente. Essa nova vida está ajustada à personalidade da pessoa. Isso fica claro pela correspondência entre a forma pequena e a grande (por exemplo, quadrado pequeno e quadrado grande). O novo nascimento não muda a personalidade individual dada por Deus na criação, mas a enche com a nova vida de Cristo. O objetivo de Deus é a renovação e a transformação da personalidade nascida em pecado à semelhança de Cristo.

(Linha 4: a forma branca cresceu, as formas pretas diminuíram)

A partir do dia do novo nascimento, a semente da vida divina começa a crescer. Cristo vai tomando cada vez mais forma na pessoa, num processo contínuo de crescimento. O velho conteúdo, o velho modo de vida e os velhos padrões de comportamento diminuem e desaparecem cada vez mais. A semente cresce sempre mais; isto é, o ser de Cristo penetra, enche e molda cada vez mais aquele que nasceu de novo.

(Linha 5: no quadrado, a forma branca voltou a ficar menor e o preto aumentou; no círculo e no triângulo, a forma branca preenche quase tudo)

A vida deste cristão não continuou a se desenvolver. A velha vida voltou ao primeiro plano.

Estes dois cristãos cresceram na fé. Eles cuidaram de fazer morrer as obras da carne, de confiar em Cristo como conteúdo e objetivo da sua vida e de servir a ELE.

(Linha 6: quadrado, círculo e triângulo inteiramente brancos)

Na eternidade, cada crente tem um corpo de ressurreição, ou de glória. Nele, é igual a Cristo. Ao mesmo tempo, será para sempre a pessoa individual que Deus deixou que ele se tornasse por meio dos seus pais, ou seja, que Deus criou. O pecado e a carne pecaminosa serão, na consumação, definitivamente passado e história.

A semente plantada deve crescer, para que Cristo e o seu ser penetrem cada vez mais a personalidade. Esse é o objetivo de Deus. Ele mesmo dá o crescimento. Mas a medida e a velocidade do crescimento são influenciadas por nós. Somos exortados a nos despojar do velho modo de vida, para que o estilo de vida do novo homem se torne cada vez mais visível para quem está ao nosso redor. As formas no gráfico permanecem sempre as mesmas; só o conteúdo muda. Somos exortados a remover com determinação todas as outras sementes e plantas que não vêm de Deus e do seu Espírito e que provêm da velha vida, para que a semente de Deus possa crescer.

A quinta linha deixa claro que, infelizmente, também é possível andar para trás, e a semente, Cristo, deixar de desempenhar o papel mais importante no centro da nossa vida. A semente fica menor; a velha vida centrada no eu volta a aumentar.

Ou então o crescimento é constante, como representado no círculo e no triângulo, onde a personalidade é realmente tomada e cheia por Cristo.

Por fim, só Cristo será visto, na perfeição da glória celestial. Seremos para sempre nós mesmos, assim como Deus nos criou, mas então sem pecado algum, e ainda assim semelhantes ao Senhor.

Quão grande é a semente de Deus na minha vida? Até que ponto ela cresceu?

2.11 Tudo junto num relance

Este gráfico⁸ é um resumo simples dos fatores-chave da nossa vida cristã, que estão em interação e dependência imediata uns com os outros. Decidimos não reservar a salvação apenas como passagem para uma eternidade bem-aventurada. Queremos experimentar já agora a vida que vem de Deus, o seu amor, a sua alegria e a sua paz. Assim como o Senhor Jesus Cristo entregou

8. Ideia segundo Dallas Willard, *The Divine Conspiracy*, p. 347.

tudo para nos possuir, queremos, por gratidão, colocar a nossa vida à disposição dele.

Essa não é uma tarefa impossível. Deus quer a nossa alegria e satisfação totais, e estas só as experimentamos numa vida para Deus. Uma vida assim tem Cristo como centro, como conteúdo da vida, objetivo da vida e futuro. Um dia ele encherá cada canto do universo, e ele já nos enche agora. Essa plenitude penetra todo o nosso ser e nos transforma, dia após dia, cada vez mais na sua imagem. Somos nós mesmos os que menos percebemos essa transformação positiva, mas Deus trabalha em nós.

No início está o Espírito Santo. Ele é a força e a base de toda ação. A isso se soma a experiência diária, que nos forma e nos desafia para o bem, mas também nos tenta para o mal. Essa é a arena da fé, na qual se desenrolam os dramas da nossa vida, enquanto obedecemos ao Senhor da nossa vida, a quem não vemos, confiamos nele e o amamos.

Em tudo isso são necessárias a nossa entrega total, o nosso empenho e a vontade de levar as coisas a sério. Precisamos seguir a Jesus com um coração indiviso e cheio, e trazer a disposição e a disciplina de colocar em segundo plano a nossa própria vida, os nossos desejos e vantagens, para ganhar a verdadeira vida.

(Gráfico: triângulo com três setas que, do alto e dos dois cantos inferiores, apontam para um círculo no centro; texto em cima, no círculo, embaixo à esquerda e embaixo à direita)

A ação de Deus em graça, poder e ajuda por meio do Espírito Santo, que habita em nós e está constantemente ao nosso lado. A sua Palavra, a Bíblia, é a sabedoria para a nossa vida. Ele quer nos levar em segurança ao destino final, mas também alcançar conosco o seu objetivo individual para a nossa vida terrena.

O ser e a vida de Jesus Cristo são o centro e o coração da vida cristã. Jesus deve tomar forma em nós. Deus nos tornará conformes à imagem do seu Filho. Esse processo será consumado na vinda de Cristo, mas, no aspecto moral, ele já começa aqui na terra!

A realidade da vida, a pista de corrida da fé: o dia a dia com todas as suas seduções e tentações pecaminosas, mas também lutas interiores e ataques do inimigo e diversas provas na educação do nosso Pai celestial

A nossa fé e a nossa vontade, a nossa decisão e o nosso empenho, o nosso esforço, disciplina e perseverança para continuar e seguir correndo na pista da

fé, apesar da nossa falta de jeito, apesar de erros, contratempos e fracassos, a fim de alcançar o destino final celestial

2.12 Caminhadas na montanha

Agora que o voo panorâmico deixou uma forte impressão, convido você para algumas trilhas de montanha “espirituais”. Os meus filhos não são muito chegados a caminhadas, e eu também preciso me esforçar para me animar. Mas uma coisa eu constatei: quando vejo do meu escritório os muitos picos dos Alpes de Allgäu, sei que é uma experiência impagável ter subido a pé até um desses cumes e ter desfrutado da vista. Esse momento depois de uma subida cansativa não se pode comprar; é preciso agir pessoalmente. Olhar de um avião é uma coisa; ir pessoalmente às montanhas é outra.

As trilhas de montanha não são passeios inofensivos em terreno plano. O que proponho são trilhas emocionantes, nas quais subimos a montanha com paciência e temos pela frente trechos fáceis e difíceis, mas sempre mantemos o objetivo claramente diante dos olhos: são os fatos da salvação que já “*sobrevoamos*”. Agora vamos tratar de detalhes importantes, que fazem parte do ensino bíblico sobre a nossa posição em Cristo e sobre o que significa “Cristo em nós”. As trilhas valem a pena. Eu mesmo já as fiz quando escrevi estas linhas, e foram descobertas impressionantes, comoventes, esclarecedoras, libertadoras e muito motivadoras.

O nosso guia de montanha será o Espírito Santo, que se comprometeu a nos introduzir em toda a verdade de Deus, a verdade da Bíblia. Ele se concentra em testemunhar daquele que é o Libertador, Jesus Cristo, e em engrandecê-lo na nossa vida.

A primeira trilha é a mais longa e cansativa, mas ao mesmo tempo a mais importante. Depois que se conquista esse cume, o próximo já não será tão difícil. A carta que Paulo escreveu aos romanos ilustra a justiça, mas também a graça de Deus no evangelho. É dessa carta que vamos nos ocupar primeiro. Em nenhum outro lugar essas questões fundamentais da salvação são tratadas de forma tão detalhada em relação a nós. Essa também é a razão por que aqui queremos nos dar ao trabalho de subir versículo por versículo até o cume.

2.13 De Adão a Cristo

Não entramos na Epístola aos Romanos pela frente, mas pelo quinto “vagão” desse “trem da graça”. Mesmo assim, queremos indicar brevemente o que se encontra nos primeiros capítulos: depois da introdução em 1:1-17, Paulo fala em 1:18 – 5:11 dos *pecados* de toda a humanidade, pelos quais ela está diante de Deus como culpada (1:18 – 3:20). Da parte de Deus, dois fatos da salvação são contrapostos a essa situação sem saída:

- a redenção que Deus nos oferece, sem contrapartida, por meio do sangue de Jesus Cristo derramado na cruz (3:21-31)
- o poder de Deus que ressuscita, que chamou Cristo de volta à vida (4:1-25).

A segunda parte da carta vai de 5:12 a 8:39. Aqui Paulo trata da pergunta sobre o que Deus faz diante da nossa pecaminosidade incorrigível. Trata-se do pecado como princípio, como um poder forte que está no ser humano. A pergunta é: como pode o justo *viver* pela fé (1:17)?

2.14 O que precisou acontecer primeiro para a nossa salvação?

Se o ser humano é tão corrompido, não precisa acontecer alguma coisa no ser humano? “Essa não seria a perspectiva correta. O apóstolo Paulo tem uma resposta bem diferente na Epístola aos Romanos: em primeira instância não precisava acontecer algo *em* nós; precisava acontecer algo *fora* de nós, em Cristo. Ao lado da obra de Cristo pelos nossos *pecados*, precisamos pensar primeiro na obra de Cristo pelo nosso *pecado*, pois também isso é um fato da salvação. Depois disso, só então e não antes, chega a vez da obra do Espírito Santo *em* nós. A obra de Cristo *por* nós precisa ser claramente distinguida da obra do Espírito Santo *em* nós. A primeira obra aconteceu inteiramente fora de nós, e está consumada; não é preciso acrescentar mais nada. A segunda acontece em nós, e está longe de estar pronta; ainda há muito a acrescentar. Mas precisa ficar bem claro que tanto a solução do problema do pecado (o poder do pecado, a raiz do mal) quanto a solução do problema dos pecados pertencem aos fatos da salvação. Dito ainda de outra forma:

- A libertação do pecado acontece antes de tudo fora de nós, e ela é, nisso, uma parte da justificação (cf. a expressão ‘justificado’⁹ em 6:7); essa é a obra de Cristo, consumada de uma vez por todas.
- Depois disso, a libertação toma forma em nós, e isso é uma parte da santificação, que desembocará na nossa glorificação (8:30); essa é a obra do Espírito Santo, que é realizada passo a passo no decorrer da nossa vida terrena.”¹⁰

9. Veja a nota na ER (tradução alemã da Bíblia).

10. H. P. Medema, *Romeinen 7 enzorgoorts*, p. 44.

3. Romanos 5:12-21: De Adão a Cristo

Quando os romanos tinham escutado atentamente o leitor até 5:11, puderam – embora já tivessem chegado à fé e, com isso, à salvação – respirar aliviados mais uma vez. Parece que tinha acabado de acontecer: tinham paz com Deus e, nesse processo judicial divino, não tinham sido declarados culpados, mas justos pelo Juiz de toda a terra. O tema das ofensas e o fato de que agora não são mais pecadores, mas justos, parece estar na verdade encerrado com o versículo 11. Estão, então, todas as questões sobre o pecado e a justiça de Deus definitivamente esclarecidas? Evidentemente não. A coisa recomeça para valer. De novo o apóstolo cria uma tensão, como já se sentia nos primeiros capítulos desta carta.

De onde veio o pecado? De onde veio a morte? Por que todos os seres humanos são atingidos? Que papel desempenha a Lei de Deus? E, naturalmente, a pergunta: existe uma saída do círculo vicioso de pecado, morte e condenação? Talvez alguns tenham se entreolhado perplexos, pois Paulo não tinha acabado de fazer ouvir o grito de júbilo da salvação? Por que ele agora haveria de começar de novo com o pecado e a morte? A resposta: o tema ainda não foi tratado por completo. Quem continua ouvindo logo entende do que se trata agora. Já não se trata do que as pessoas fizeram, pelo que se mostraram injustas e pecadoras. Agora se trata, antes, da pergunta: por que é assim? O tema agora é *o que o ser humano é*, por que ele peca, qual é a causa dos pecados. Paulo agora cava até a raiz, depois de ter tratado antes dos frutos ruins. O pecador não precisa apenas ser justificado, ou absolvido, dos seus pecados, mas também ser redimido do poder do pecado. Ele ficou debaixo do domínio desse poder por meio da sua ligação com Adão – pela árvore genealógica da vida, por assim dizer. Esse é o problema dele, e ele está preso nessa ligação; não pode se libertar dela por si mesmo. Até Cristo vir, não havia nenhuma chance de escapar dessa ligação.

Este texto mostra a catástrofe da Queda e das suas consequências. Ao mesmo tempo, porém, por meio do contraste e da comparação entre os dois personagens principais (a saber, Adão e Cristo), ele deixa claro também como Deus abriu amplamente o caminho para a vida.

Neste texto Paulo lança o fundamento para os capítulos 6, 7 e 8. Este texto serve de fato como introdução e preparação. Quem ler com atenção aqui não terá tanta dificuldade nos capítulos seguintes.

3.1 Versículo 12: Como tudo começou

Portanto, assim como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram ...

Um único ser humano abriu a porta ao pecado. Não só para dentro da vida *dele*, mas para dentro do mundo. Isso significa que tudo o que vive neste mundo também é atingido: todos os seres humanos morrem, porque todos pecaram. Com isso, esse ser humano deixou entrar também a morte e toda a miséria ligada a ela. Como uma faísca, um primeiro ato, aparentemente banal, desencadeou um incêndio que até hoje se alastra mais do que nunca.

Essa figura trágica é o Adão histórico, o primeiro ser humano, como se vê imediatamente. Paulo sabia, sim, que o primeiro passo para a desobediência não veio de Adão, mas de Eva (1Tm 2:14); mas Adão se calou e participou. Ele seguiu a sua mulher, embora *ele* tivesse recebido o mandamento antes de Eva existir. Com isso, ele era responsável por tudo o que aconteceu.

O tema de Paulo é o contraste entre dois personagens principais, a saber, Adão e Cristo, aos quais estão ligados todos os seus “*descendentes*”.

3.1.1 Pecado e pecados

O pecado já existia antes de Adão, pois Satanás peca desde o princípio (1Jo 3:8). Ele se aproximou do primeiro ser humano para seduzi-lo. O tentador, a antiga serpente, não é mencionado aqui. O ser humano agiu com plena responsabilidade própria.

O termo “pecado” aqui não é simplesmente o singular de pecados. Trata-se aqui de muito mais. Como se pode deduzir desta passagem e dos textos seguintes, trata-se aqui do pecado como um princípio hostil a Deus, de um poder que se coloca contra Deus e os seus mandamentos. Trata-se do pecado como uma doença que ameaça a vida e tem desfecho fatal, que atingiu todos os seres humanos. O apóstolo João diz: “O pecado é a iniquidade” (1Jo 3:4). Com isso, o pecado abrange a rejeição da autoridade de Deus (anarquia), seja qual for a forma, visível ou invisível.

Watchman Nee compara pecados e pecado de modo muito ilustrativo com a seguinte situação: quem quer resolver definitivamente o problema do álcool não pode se contentar em rastrear e destruir todo o álcool. As fontes de abastecimento, isto é, os locais de produção do álcool, precisam ser fechados e destruídos. Assim, o próprio álcool representa os pecados, enquanto as fábricas simbolizam o pecado.

3.1.2 Pecado e morte

Adão e Eva sabiam que o pecado traria consigo a morte (Gn 2:17). O próprio Deus havia anunciado a morte como consequência caso comessem o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. A morte começou no mesmo instante em que transgrediram esse mandamento. Essa morte interrompeu imediatamente a relação sem perturbação e cheia de confiança que o Criador mantinha com as suas criaturas.

A morte não significa a extinção ou a anulação da existência. Significa separação e uma mudança, ou piora, do estado anterior. O NT fala de uma morte espiritual. Esta não implica a extinção do coração ou do espírito humano, mas a sua incapacidade de entrar em contato com Deus. Aqui Paulo fala da morte física como consequência do pecado.

A morte é a consequência (tardia) inevitável e incontornável do pecado. A morte passou a todos os seres humanos; não pôde ser detida. Isso poderia ter acontecido se um ser humano não tivesse pecado e assim provado não ter a natureza de Adão. Isso jamais aconteceu entre os seres humanos; em nenhum deles foi possível diagnosticar, até hoje, a ausência de pecado. Todos são atingidos e, mais cedo ou mais tarde, sofrem a morte.

3.1.3 A Queda e o pecado original

Isso não significa que a Queda de Adão se repita em cada ser humano, sendo ele colocado, como inocente, à semelhança de Adão, diante da escolha de obedecer ou de cometer uma ofensa. Se assim fosse, haveria a possibilidade de que talvez algum ser humano conseguisse não pecar e, por consequência, também não precisasse morrer. Paulo quer dizer que todo ser humano herdou a natureza pecaminosa de Adão e que, com isso, a sua vida é marcada pelo

pecado. A linha da descendência nunca foi interrompida. Há duas provas disso: primeiro a morte, mas também o fato de que todo ser humano pecou. Isso se distingue da situação de Adão na medida em que o ser humano hoje já está moralmente enfraquecido (sim, corrompido) pela natureza pecaminosa herdada de Adão e, por consequência, peca. É deste texto que vem o termo teológico “*pecado original*”¹¹.

Por meio da ofensa de Adão, o pecado se tornou um companheiro constante de todo ser humano, pois, como princípio hostil a Deus, infectou o ser humano em toda a sua existência como uma doença incurável. Ele tomou conta do ser humano inteiro – o seu espírito, a sua alma, o seu coração, a sua mente, a sua vontade e o seu corpo. A morte, como consequência do pecado, tomou conta tanto da parte imaterial do ser humano – o seu homem interior – e produziu uma morte espiritual “nos ... delitos e pecados” (Ef 2:1), quanto afetou a parte material (o corpo). Também esta é dominada pela morte: o corpo está morto por causa do pecado (8:10).

A história de cada ser humano não pode ser desligada do seu ancestral. A sua história não é reescrita, como se ele recebesse a possibilidade de provar que não precisa pecar. Ele é um filho de Adão, com todas as consequências trágicas. Nenhuma criança que nasce precisa aprender o pecado. O pecado já lhe vem do berço, e só a educação é capaz de conter a irrupção total do pecado.

Alguns entendem este versículo como se nós tivéssemos pecado (junto) em Adão, isto é, na ofensa dele. Nesse caso, seríamos responsabilizados por um ato que nem sequer cometemos. O ponto é que Adão, por meio desse ato, deixou o pecado entrar na sua vida, e nós, como seus descendentes, herdamos necessariamente essa natureza. Nós mesmos não podemos mudar nada nisso.

3.1.4 Um mandamento simples

A ofensa que teve consequências tão devastadoras não foi um ato pecaminoso terrível, nem assassinato, nem roubo – não, foi a ofensa contra um mandamento bem simples. Um ato não se torna pecado só quando é particularmente terrível. Todo ato é pecado (da sua origem no pensamento até a execução) a partir do momento em que rejeita, ou mesmo só esquece, a autoridade de Deus, que aqui se expressa num mandamento simples.

11. Em inglês, *original sin*.

Nestes capítulos, o pecado quase não é mencionado a partir de atos pecaminosos, mas quase sempre como o princípio que está por trás de todos os atos pecaminosos – isto é, por trás dos pecados.

O pecado é um princípio que leva o ser humano a tomar a sua vida nas próprias mãos e a não levar em conta a vontade de Deus, ou mesmo a existência dele. Isso não tem necessariamente como consequência pecados “horrendos”. A vida de uma pessoa moralmente elevada que não pergunta pela vontade de Deus está tão impregnada de pecado quanto a de um assassino ou de um adúltero. É desse pecado que tratam os capítulos seguintes. A semente do pecado brotou em todo ser humano, ainda que não tenha crescido do mesmo modo em todos.

A grande pergunta para a qual Paulo vai encaminhando é o que Deus fez em relação a esse problema do pecado. Para isso não bastam perdão ou reconciliação. Deus não perdoa aquilo que eu *sou*, mas aquilo que eu *fiz*. Já na primeira metade deste capítulo 5 o apóstolo diz expressamente que nós “*éramos* pecadores” e, portanto, agora já não somos. O que exatamente aconteceu para tornar isso possível? E como Deus garantirá que o pecado já não reine na vida de um crente, como ainda acontece com todos os que continuam na “*família de Adão*”?

O versículo 12 é interrompido por uma intercalação mais longa; aparentemente ele para no meio. Como conhecemos o texto inteiro, vamos completá-lo aqui com as nossas próprias palavras, para entendê-lo melhor, de modo semelhante ao versículo 18, onde esse versículo 12 é retomado depois da frase intercalada:

Portanto,

assim como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo

e pelo pecado a morte,

e assim a morte passou a todos os homens,

porque todos pecaram ...

... assim também por meio de um só homem e do seu ato de justiça (o Gólgota)

a justiça entrou no mundo

e pela justiça a vida (eterna),

e assim a vida passou a todos os homens.

3.2 Versículo 13: O pecado antes da promulgação da Lei

*... pois até a Lei havia pecado no mundo;
mas o pecado não é levado em conta
quando não há lei.*

Aqui começa uma frase intercalada que só termina com o versículo 17. Paulo sublinha que não há saída da ligação com Adão – não importa em que época da história da humanidade, com ou sem Lei.

A história da humanidade começou com Adão; a história do pecado e da morte no mundo humano também. Até a Torá, a Lei de Moisés, passaram-se provavelmente cerca de 2.500 anos. A Lei torna o pecado palpável e manifesto, mas ele já existia também na época em que essa Lei ainda não existia. Com isso Paulo reforça a sua afirmação principal: foi por meio de Adão que o pecado entrou no mundo e também permaneceu nele. Todos os seus descendentes se tornaram o que ele era: mostraram-se pecadores. Desde Adão o pecado reinava, ainda que não pudesse ser chamado pelo nome e denunciado pela Lei. Isso é confirmado não só pela morte de todos os seres humanos daquela época, mas também pelos acontecimentos daquele tempo. O grande dilúvio na época de Noé é provavelmente o exemplo mais claro disso. E não por último, Paulo descreveu nos primeiros capítulos da sua carta o estado irremediavelmente corrompido dos descendentes de Adão antes do tempo da Lei. E, se o padrão da Lei fosse aplicado retroativamente à época em que não havia Lei, ao lado do testemunho da consciência ficaria manifesto o fato de que também naquela época as pessoas pecavam, porque eram pecadoras.

3.3 Versículo 14: Adão, figura daquele que havia de vir

*Mas a morte reinou desde Adão até Moisés,
mesmo sobre aqueles que não tinham pecado
à semelhança da ofensa de Adão,
o qual é figura daquele que havia de vir.
(cf. Os 6:7)*

O reinado da morte, ao qual nenhum ser humano pode escapar, é um fato e prova o reinado igualmente impiedoso do pecado. Isso é mais uma indicação de que o pecado está presente mesmo sem um mandamento concreto. Mais ainda:

essas palavras deixam claro, sem margem para mal-entendidos, que as pessoas daquela época não eram pecadoras porque pecavam (embora isso também seja verdade), mas porque eram descendentes de Adão. Mesmo sem uma ofensa concreta, as pessoas morriam, e com isso fica dada a prova de que o problema é a ligação com Adão.

Bebês, que não pecam conscientemente, morrem porque são descendentes de Adão.

O ponto, com toda a ênfase, é que a ligação com o nosso ancestral Adão não pode ser cortada para nenhum ser humano (com ou sem Lei). Todos nascem pecadores, porque o nosso primeiro pai caiu no pecado. Por isso a frase seguinte é muito importante: não somos pecadores porque pecamos. Ao contrário, pecamos porque somos pecadores e nascemos como tais.

O pecado não apenas entrou no mundo; ele chegou até o nosso coração. Jesus diz que é do coração, de dentro, do mais íntimo do ser, que procedem as más ações (Mc 7:21-23). Elas brotam do fato de que nós “*nos tornamos pecadores*” (cf. Rm 5:19; Luther 1912, tradução alemã da Bíblia).

3.3.1 Adão e Cristo

Agora Paulo desenvolve uma comparação fascinante entre Adão e “aquele que havia de vir”. Aquele que havia de vir é evidentemente Cristo – a ele pertence o futuro. Adão é, portanto, uma “*figura*” que aponta para Cristo. Poderíamos chamá-lo de contrafigura, porque a correspondência está no alcance e no efeito dos atos de cada um, mas esses atos são totalmente opostos. O primeiro Adão representa pecado e morte; o *último* Adão (1Co 15:45), vida e justiça. A correspondência entre as duas pessoas consiste em que cada uma delas pode ser chamada de cabeça, origem ou pai de uma família humana. Ambos são representantes dos seus descendentes ou da sua linhagem.

3.4 Versículo 15: Por meio de Cristo o dano é mais do que reparado

Mas não é assim com o dom da graça como com a ofensa?

Pois, se pela ofensa de um só

os muitos morreram,

muito mais

*a graça de Deus
e o dom na graça,
que há por meio de um só homem, Jesus Cristo,
transbordou para os muitos.*

Paulo explica a figura de Adão por meio dos contrastes com Cristo. A ofensa de Adão traz a morte aos muitos, dos quais ele é o primeiro pai. Mas o Deus da graça não deixou as coisas assim. É de fato a mais pura graça que se ocupa dessa família de Adão. Ela não diz respeito apenas àqueles que, sem culpa própria, chegaram pela ofensa de Adão à sua situação perdida, marcada pela morte e pelo pecado, mas também àqueles que vivem eles mesmos segundo o lema do pecado.

A graça de Deus produz um dom, a saber, um ser humano que é contraposto a Adão. O dom na graça é uma pessoa por meio da qual a graça de Deus jorra de tal maneira que todas as barragens se rompem e cada ser humano (não importa onde esteja neste planeta) pode ser alcançado. A graça na pessoa do Filho de Deus, o último Adão, é mais forte do que tudo o que entrou no mundo por meio do primeiro Adão. Muitos foram os que morreram, e muitos podem ser os que viverão. Deus não abandonou a sua humanidade à morte!

3.5 Versículo 16: O efeito da ofensa e o efeito do dom da graça

*E não é como por meio de (aquele) um só
que pecou,
assim também o dom?
Pois o julgamento veio de uma só (falta) para condenação,
mas o dom da graça veio de muitas ofensas para justiça (para justificação ou para a
sentença de justificação).*

A decisão de Adão, carregada de consequências, traz condenação sobre todos – essa é a herança que ele deixou. A partir do versículo 15 fala-se de Deus e, por isso, também de condenação. Deus executa o seu justo juízo e a sua sentença sobre o pecador, e isso só pode significar condenação. O dom da graça no homem Jesus Cristo, porém, leva à justificação do pecador, o oposto da condenação. Esta atingiu o substituto em nosso lugar. Agora não está em acusação apenas a ofensa de Adão; trata-se igualmente das muitas ofensas dos seus numerosos descendentes. Também a época da Lei está agora incluída.

3.6 Versículo 17: O reinado da morte é abolido por meio de Cristo

*Pois, se pela ofensa de um só
a morte reinou por meio desse um só,
muito mais aqueles
que recebem a abundância (o excesso) da graça
e do dom da justiça
reinarão em vida (isto é, no poder da vida)
por meio de um só, Jesus Cristo.*

A graça de Deus é transbordante; ela se mostra numa abundância que não se pode medir. Por meio dela, os descendentes de Adão recebem como dom a justiça de Deus. Por meio de Jesus Cristo, o último Adão, eles são arrancados do reinado da morte. Agora a morte já não reina sobre eles; não, eles mesmos reinam no poder da vida do seu Senhor ressuscitado, como o próximo capítulo mostrará. Por meio de Jesus Cristo, eles se tornam vencedores – já agora e, em breve, sem restrição alguma, no novo corpo, quando forem semelhantes a Jesus.

Aqui termina a intercalação iniciada no versículo 13, na qual Paulo tratou da questão específica da presença do pecado apesar da ausência de uma lei. Ele refutou todos os argumentos de que poderia haver exceções sobre as quais aquilo que Adão fez não teria tido efeito. Todos os seres humanos estão necessariamente ligados a Adão e sujeitos às consequências da sua ofensa.

É um fato para todo ser humano que a ligação com Adão existe. Isso vale também para o chamado “bom sujeito”, que se destaca por boas obras – tanto o judeu como o gentio. Ele não consegue se desligar disso por si mesmo. Ele precisa reconhecer esse fato. Mas, como mostram as palavras seguintes, ele não precisa ficar sem esperança: Deus abriu uma saída. Pela graça de Deus, ele não apenas recupera o estado de inocência de Adão; por meio de uma nova ligação com Cristo, o seu novo “pai de família”, ele recebe muito mais do que Adão jamais teve.

A tarefa de Adão era dominar sobre a criação. Mas agora ele e todos os seus descendentes passaram a ser dominados pelo pecado e pela morte. Contudo, os que recebem o dom da justiça reinarão em vida. Esse reinado significa que eles podem viver como Deus quer – em liberdade e para a glória de Deus. “Reinar em vida” é a quintessência da plenitude da vida que agora temos em Cristo.

Com essa nova situação, podemos ser as pessoas que fazem jus ao seu destino, a saber, pessoas de Deus, que vivem com ele e a partir dele. Elas já não são dominadas pela morte e pelo pecado, com todos os seus efeitos sobre o ser humano; foram libertas da servidão para ser agora aquilo para que Deus as destinou. Paulo ainda vai desenvolver isso em detalhe.

3.7 Versículo 18: Condenação e justificação de vida

*Assim, pois,
como por meio de uma só ofensa
veio sobre todos os homens
a condenação,
assim também por meio de um só ato de justiça
veio sobre todos os homens
a justificação de vida.*

Mais uma vez, o ato trágico de Adão, com o seu alcance e o seu efeito sobre todos os seres humanos, está em contraste com o único ato do único Justo. A condenação é a justa sentença de Deus sobre todos os seres humanos que existiram e que existirão. Mas com a mesma eficácia está aí o *único* ato de justiça, o *único* ato justo. Ele abrange a morte sacrificial voluntária e obediente de Cristo. Esse único ato, incomparável e irrepetível, agirá igualmente sobre todos os seres humanos, sem exceção. Ele traz consigo a justificação do pecador. Isso já foi apresentado na primeira parte da carta. Agora se vai ainda mais longe. Agora entra no campo de visão a *justificação de vida*. A vida, que é mais forte do que a morte, entra agora em jogo. Aqui não se trata apenas de um processo judicial em que se deve esclarecer a questão da culpa, isto é, aquilo que eu fiz. Trata-se, antes, de que eu, como ser humano, como pecador justificado, tenho uma nova vida, na qual algo em mim foi transformado. Como ser humano, recebi a justiça de Deus, porque possuo a vida que vem de Deus, a vida do Ressuscitado. Dos meus pecados estou absolvido, ou justificado. Mas também a minha existência, o meu novo ser em Cristo, traz o selo da justiça de Deus. A condenação, ou sentença, de Deus me atinge com razão não só por aquilo que fiz, mas também por aquilo que sou. Agora, porém, estou em Cristo e possuo uma nova vida. Este texto serve de base para aquilo que Paulo explicará ainda mais detalhadamente em seguida.

A justificação traz consigo o dom da vida. A justificação conduz à vida eterna. Na minha ligação com o Cristo ressuscitado, encontro-me numa posição totalmente nova, que agora é determinada de modo absoluto por um novo doador de vida, por uma nova cabeça: por Cristo. Nesse estado, todo o meu ser está incluído na justificação por Deus.

3.8 Versículo 19: A posição jurídica dos pecadores e a posição de salvação dos justos

*Pois, assim como pela desobediência de um só homem
os muitos foram colocados na posição de pecadores,
assim também pela obediência de um só
os muitos serão colocados na posição de justos.*

A posição do pecador é uma posição lamentável, na qual ele foi colocado pela sentença de Deus: pequei porque sou descendente de Adão; em toda a minha existência sou um pecador e preciso ser considerado como tal.

O homem Jesus Cristo, que, ao contrário de Adão, foi obediente até a morte na cruz, pode nos abrir o caminho da vida. O fruto da sua obediência me dá a possibilidade de ocupar a posição firme e segura de um justo.

É uma comparação abstrata entre dois personagens principais: Adão e Cristo. Não se trata aqui de como eu vivo como cristão. Sei que ocupo a posição de um justo. No início do capítulo 5 saio, por assim dizer, absolvido da sala do tribunal. Agora a vida continua. O que sou agora? Antes se tratava daquilo que eu fiz; agora se trata daquilo que eu sou.

Deus me colocou na posição de um justo e leva a sério essa posição criada por ele mesmo. Ele se atém à sua própria jurisprudência; ele é fiel.

Na posição de pecadores todos os seres humanos nascem “automaticamente”. A posição de justos está aberta a todos. Mas só é concedida aos que creem (“muitos”, infelizmente não todos).

3.9 Versículo 20: A Lei revela todos os pecados

*Mas a Lei entrou ao lado,
para que a ofensa transbordasse.
Mas onde o pecado transbordou,
a graça superabundou ainda mais ...*

A Lei não conseguiu mudar nada de modo positivo. Ela não melhorou a situação do ser humano; antes, a piorou, pois por meio da Lei o pecado transbordou ainda mais. Em vez de reprimir e conter o pecado, ela fez com que ele viesse ainda mais à tona.

A Lei mosaica (em essência, os Dez Mandamentos) deixou claro quão forte era o reinado do pecado. Mas Deus não revelou a sua vontade por meio da Lei para com isso dizer a última palavra e deixar o ser humano perecer na enchente dos seus pecados transbordantes. Ele respondeu com a sua graça, que é ilimitada. Com isso, a comparação entre os dois personagens principais não é apenas um confronto, mas uma prova de que Deus é maior, não só em poder, mas também em graça.

A Lei pôs a descoberto aquilo que já existia antes. As pessoas pecavam já desde Adão. Com a Lei, os pecados passam a ser chamados pelo nome. A Lei mostrou claramente quantos pecados o ser humano comete. Com essa Lei existe um padrão divino, imutável e incorruptível para aquilo que é bom e mau.

3.10 Versículo 21: Da morte à vida eterna

*... para que, assim como o pecado reinou na morte
(no poder da morte),
assim também a graça reine
por meio da justiça para a vida eterna
por meio de Jesus Cristo,
nosso Senhor.*

Para os que estão em Cristo, o reinado do pecado até a morte agora é passado. Para eles reina a graça. Mas a graça tem como fundamento a justiça de Deus. Não é uma graça barata, que simplesmente faz vista grossa a tudo. Não, tudo acontece de forma justa e correta. A justiça de Deus é o melhor fundamento; existe absoluta segurança jurídica.

Esta palavra é tão compacta e tão rica em conteúdo na descrição daquilo que agora foi realizado no “último Adão” (Cristo) que mal se consegue apreendê-la.

Poderíamos dizer: também a graça reina agora, como antes a morte – vencendo todos os obstáculos e de modo irresistível. Não podemos escapar às suas consequências, assim como o pecador não pode escapar à morte. Mas esse regime da graça nós o aceitamos de bom grado!

Pela primeira vez neste contexto se fala da vida eterna, e aqui se tem em vista a sua posse futura na ressurreição da vida. A vida eterna promete um futuro em Cristo que não tem fim. A Epístola aos Romanos é uma prova de como Deus luta por nós, para que não nos percamos, mas tenhamos a vida eterna.

3.11 Panorama de Romanos 5:12-21

	Representante da velha criação; <i>primeiro</i>	e cabeça o novo homem	Representante e cabeça da nova criação; homem e <i>segundo</i> <i>último</i>	Adão
Figura que aponta para Cristo	Adão		Jesus	Cristo
Ato	Ofensa		(Ato de) A obra perfeita de redenção de Jesus	justiça
Resultado	Pecado	e	morte	Justiça e vida
Efeito sobre todos os descendentes	Sentença	e	condenação	Graça e justificação de vida
Posição diante de Deus	Pecadores		Justos	
Velha e nova reivindicação do trono	Reinado do pecado para a morte	para a	Reinado da graça por meio da justiça para a vida eterna	

4. Romanos 6: Livres do poder do pecado

Todos os seres humanos que nascem pertencem “por natureza” (Ef 2:3; Rm 11:24), queiram admitir isso ou não, à linhagem de Adão, o seu primeiro pai. Como tais, estão necessariamente infectados pelo pecado. A prova disso é inequívoca: eles morrem, mesmo sem ter transgredido um mandamento concreto. Mas a graça de Deus é incontível. Ele enviou ao mundo um “novo” Adão, e este é a resposta de Deus ao fracasso do primeiro Adão e da humanidade como um todo. O “último Adão” é Jesus Cristo, o próprio Filho de Deus, que, ao contrário de Adão, foi obediente durante toda a sua vida sob as condições mais difíceis, até o ponto culminante da entrega voluntária de si mesmo como sacrifício pelo pecado. Esse ato de justiça (5:18) abre a porta para a árvore da vida, que tinha sido fechada pelo pecado de Adão. Essa árvore da vida agora é o próprio Cristo, como aquele que morreu e ressuscitou. Nele surge agora uma geração de novos seres humanos, que, pela intervenção de Deus (1Co 1:30), são transpostos de Adão para dentro de Cristo. Acontece uma virada da salvação, uma mudança de lado, que corta a ligação com Adão e cria uma nova ligação com Cristo. Eles são, por assim dizer, cortados da árvore de Adão e agora estão unidos a Cristo, crescidos juntos com ele (6:5); estão agora “em Cristo Jesus” (6:11). Recebem a vida do último Adão (1Co 15:45) e pertencem a uma nova família, cuja cabeça, princípio e origem é o homem Jesus Cristo. Ele não é o segundo Adão, mas o “*último*” Adão: não haverá nenhuma nova tragédia, nenhuma nova queda que pudesse jamais introduzir o pecado nessa nova criação.

4.1 Mudança de lado: De Adão a Cristo

Como Paulo dá continuidade a esse tema agora? A segunda seção de Romanos 5 é uma espécie de trabalho preparatório para os três capítulos seguintes. Agora se trata de como acontece essa passagem de uma linhagem para a outra. Como se realiza essa mudança da morte para a vida? O que acontece com essas pessoas? Que consequências isso tem para a vida delas? O que acontece com o pecado? Os crentes se tornam agora sem pecado por meio da conversão e do

novo nascimento? Essas e outras perguntas semelhantes estão por trás das explicações de Paulo no capítulo 6.

4.2 Versículos 1-2: A graça é uma licença para pecar?

Que diremos, pois?

Permaneceremos no pecado,

para que a graça transborde?

De modo nenhum!

Nós, que morremos para o (em relação ao) pecado,

como viveremos ainda nele?

Evidentemente os crentes (é a eles que Paulo fala aqui) ainda podem permanecer no pecado; com isso, já está respondida a pergunta se um crente não tem mais pecado. A abundância da graça, que, com base na obra de Cristo, sempre superará o pecado e as suas consequências, poderia ser mal-entendida, de propósito ou sem querer. A pessoa continua vivendo como sempre, como se ainda pertencesse à família de Adão, embora já esteja em Cristo. Isso é naturalmente, sem qualquer dúvida, uma conclusão errada e uma contradição à qual Paulo se opõe com firmeza. Mesmo assim, parece ter havido pensamentos desse tipo (provavelmente eram argumentos judaizantes contra o evangelho de Paulo), e infelizmente alguns cristãos também hoje vivem segundo esse lema. Paulo diz que não temos nada a ver com essa conclusão. Para isso há uma razão incontornável:

4.2.1 Morremos para o pecado e para o seu poder!

O crente não deve levar uma vida dominada pelo pecado. Qual é a razão? Ele morreu em relação ao pecado, o que logicamente tem de ter como consequência que o pecado não pode mais dominar a sua vida. Um morto não reage a nada.

É preciso ler com atenção: não foi o pecado que morreu; *nós* é que morremos. Mas agora constato que ainda estou bem vivo. Como se explica essa morte?

A explicação ainda não podemos tirar deste versículo; ela vem nos versículos seguintes. Aqui, a título de introdução, trata-se primeiro desse fato como tal: no que diz respeito ao pecado, nós morremos.

Naturalmente já sabemos que essa morte é a morte de Jesus Cristo, mas sigamos Paulo enquanto ele desenvolve esse pensamento passo a passo. Importante aqui já é esta indicação: a morte que morremos não põe fim à nossa existência – nem à do espírito ou da alma, nem à do corpo. É uma morte “especial”; refere-se apenas ao pecado. Em relação ao pecado, em ligação ou em relação com o pecado, nós morremos. Trata-se da morte de Jesus, que tomou sobre si a sentença de morte de Deus sobre o pecado. Ele morreu para o pecado (versículo 10), porque se ofereceu como sacrifício e por nós foi feito pecado.

4.3 Versículos 3-4: Batizados em Cristo e em sua morte

*Ou vocês não sabem
que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus
fomos batizados na sua morte?
Fomos, pois, sepultados com ele
pelo batismo na morte,
para que,
assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos
pela glória do Pai,
assim também nós andemos em novidade de vida.*

Os romanos talvez se perguntassem como entender isso de “ter morrido”. Por isso Paulo os lembra do seu batismo. Eles tinham sido batizados em Cristo Jesus. Com esse ato (para seguir o fio condutor de Rm 5:12-21), haviam realizado, como confissão pública, a mudança de lado de Adão para Cristo. Com o batismo num rio ou num lago, faziam saber a todos os que viam que tinham um novo Senhor. Embora aqui não se fale de água, trata-se aqui do batismo nas águas. O batismo em si nada tem a ver com a realidade interior de “ter morrido”. O batismo, como ato exterior, não produz a minha morte, nem produz o meu novo nascimento. Ele é, por assim dizer, o lado exterior de uma

realidade que se tornou efetiva por meio da fé e do novo nascimento.¹² O batismo é uma imagem daquilo que aconteceu comigo espiritualmente, e portanto na realidade, quando fui unido a Cristo.

4.3.1 O batismo na morte

Não fomos batizados apenas no nome de Cristo Jesus, mas também na sua morte. O batismo é uma confissão da morte de Cristo, ou em vista dela. A conversão do batizando a Cristo aconteceu justamente por causa do fato de que Cristo morreu em seu lugar. Embora admiremos a vida perfeita de Jesus, com a qual nada se compara, é a sua morte que nos salva, não a sua vida santa.

No batismo nas águas, portanto, confessamos Jesus Cristo e a sua morte. As duas coisas, aliás, são loucura para o mundo.

A “referência do batismo” é a pessoa de Jesus Cristo e a sua morte. A referência do batismo indica com que pessoa a gente se compromete por meio do batismo (por exemplo, batizados em Moisés; 1Co 10:2). A partir do batismo, a pessoa segue aquele em quem foi batizada.

O simbolismo do batismo é claro: o que é representado em imagem no ato do batismo não é o processo de matar. O batismo não é um “afogamento”. O batismo é simplesmente um sepultamento simbólico – por assim dizer, numa sepultura de água. Isso significa que quem é batizado (imerso) é um morto. O nosso velho homem foi crucificado com ele (isto é, morto). Quando, portanto, no batismo eu confesso a morte de Cristo como o meu salvamento pessoal da sentença de morte de Deus, isso implica o meu reconhecimento público de que mereci a sentença de morte de Deus. Por meio do batismo confesso que, na morte substitutiva de Jesus, a sentença de morte foi executada em mim. O velho homem que eu era até a minha conversão e o meu novo nascimento é simbolicamente levado à sepultura e enterrado no batismo. Com isso confesso que a minha vida sem Cristo só mereceu a morte e, ao mesmo tempo, está

12. Não se trata do batismo com o Espírito Santo. Este acontece por meio de Cristo. Ele é quem batiza, aquele que dá o Espírito Santo aos que creem e, por meio dele, os acrescenta ao único corpo, a igreja, ou seja, os incorpora a ele (1Co 12:13). O batismo nas águas é realizado por seres humanos: cristãos, que são chamados discípulos, realizam o batismo e cumprem com isso a grande comissão de Jesus. O batismo com o Espírito também não acontece em vista da morte; é antes um sinal de vida. O batismo nas águas é um testemunho público, um ato exterior; o batismo com o Espírito é um processo invisível e interior, que se realiza uma única vez com o recebimento do Espírito Santo e, no sentido do NT, refere-se apenas à pertença à igreja.

encerrada para sempre. Essa vida na linhagem e na árvore genealógica de Adão está agora encerrada.

A imagem de um incêndio na pradaria ilustra o pensamento: para me proteger de um incêndio desses, só posso fugir para onde o fogo já devastou tudo. Assim, como alguém que confessa, eu me coloco pelo batismo no lugar onde o juízo já aconteceu, isto é, na morte.

Mais uma vez se diz que esse sepultamento aconteceu na morte. O que isso implica, Paulo explica logo em seguida, ao descrever a realidade da fé. Já antes do batismo surge, pela fé, uma nova situação para a pessoa – justamente também quando ela ainda não foi batizada. O batismo deve testemunhar aquilo que já é realidade interior e aquilo que já aconteceu há 2.000 anos.

Mas o batismo não simboliza apenas uma realidade espiritual. Como confissão, ele realiza exteriormente a minha ruptura com a linhagem de Adão (e, com isso, a minha separação do mundo). Um batizando se separa, por assim dizer, do mundo pelo ato do batismo. Isso não produz uma realidade interior, pois é apenas um ato formal exterior. O batismo não salva para o céu, mas “salva” do mundo. Por meio do batismo realiza-se uma separação exterior radical do mundo, que corresponde à realidade interior da fé do batizando que crê. É isso que Pedro quer dizer quando afirma que somos salvos por meio do batismo (At 2:40; 1Pe 3:21).

A ênfase de que o batismo abrange a confissão de uma realidade espiritual é necessária diante de uma compreensão eclesial errada do batismo, que faz dele um “sacramento” e, com isso, dá a impressão de que ele seja necessário para a salvação. Paulo, porém, não conhecia esse problema que se criou em torno do batismo na cristandade. Tem-se a impressão de que, para ele, os dois lados (o lado exterior da confissão e o lado interior da fé genuína) estavam entrelaçados, representando algo que se apoia mutuamente e até se condiciona. Paulo dificilmente teria entendido essa separação entre aspectos interiores e exteriores que nós, com razão, enfatizamos. Para ele não havia cristãos não batizados (isto é, filhos de Deus não batizados, aos quais foi concedido o novo nascimento), nem não cristãos batizados.

Ninguém se deixaria batizar se a confissão em vista da morte fosse tudo e a morte tivesse a última palavra. Embora o batismo seja um “sepultamento”, ele é ao mesmo tempo um sinal de esperança, uma prova da nova vida. Por um lado, ele é o reconhecimento da sentença de morte de Deus sobre mim como

pecador; mas ele documenta também o passo para a nova vida por meio do Ressuscitado:

4.4 Versículo 4: Ressuscitados para a novidade de vida

*... assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos
pela glória do Pai,
assim também nós andemos em novidade de vida.*

O batismo fala primeiro da morte, mas depois também da vida. Ao nosso “ter morrido” com Cristo segue-se a nossa união também na sua ressurreição. A nossa ligação com Cristo se expressa no fato de que estamos unidos a ele (“crescidos juntos” em Rm 6:5 [cf. ER, tradução alemã da Bíblia]) em toda a sua obra – na sua crucificação, no seu sepultamento e na sua ressurreição, e até na sua ascensão e entronização (Ef 2:1-10) –, ainda que este último ponto não seja tratado aqui (veja Ef 2).

A glória do Pai (uma formulação que só aparece aqui) tinha de responder a essa entrega obediente à morte, que Cristo morreu pelos outros e não por si mesmo. Naturalmente foram também a gloriosa grandeza do Pai e o seu poder que o ressuscitaram. Mas esta tradução é mais exata. Tratava-se da glória do Pai. Diante dessa entrega total e única, ela estava, por assim dizer, “obrigada a agir”, ressuscitando o seu Filho amado. Na história da salvação e, sobretudo, na própria salvação, trata-se sempre da glória de Deus. Ela precisa ser preservada e permanecer intocada. Só assim pode haver uma salvação eterna e segura.

Nós não alcançamos a glória de Deus (Rm 3:23); como seres humanos naturais, não podemos de modo algum corresponder a essa glória divina ou jamais estar de acordo com ela. Mas Cristo o fez. Ele glorificou o Pai, fazendo a sua vontade, buscando a sua honra e, por fim, realizando a obra que o Pai lhe havia confiado. Foi a glória do Pai que o ressuscitou, porque ela não podia se calar quando a morte dominava sobre ele (6:9) e o Único, o Filho do seu amor, estava no sepulcro.

Se agora estamos unidos a ele desse modo, temos parte também na sua ressurreição. É isso que se diz aqui (se não literalmente, ao menos indiretamente). A velha vida do velho homem é encerrada. Agora, no poder da sua ressurreição, podemos possuir uma nova vida e agir de acordo no dia a dia. “Novidade de vida” significa uma vida completamente diferente da anterior.

Podemos levar uma vida diferente da de antes, porque nos foi concedida uma nova vida. Ela se distingue daquela que tínhamos quando pertencíamos à família de Adão. É isso que Paulo disse antes (“reinar em vida”; 5:17). A nova vida do último Adão nos elevou acima da morte e acima do pecado; ela nos libertou para servir. O serviço a Deus, como aqueles que “se oferecem a ele” (cf. 6:13), significa reinar em vida.

4.5 Versículo 5: Unidos a ele em sua morte e em sua ressurreição

Pois, se fomos unidos a ele (crescidos juntos) na semelhança da sua morte, também o seremos na (semelhança da) sua ressurreição ...

O caminho para uma vida nova e agradável a Deus passa unicamente pela morte, que põe fim à velha vida. Só o próprio Deus pode realizar isso. Não somos nós que pomos fim a ela. Ao contrário, isso é ação de Deus e obra exclusivamente dele. Só quem morreu e foi sepultado pode ressuscitar para a novidade de vida. Também isso é obra de Deus, que me é creditada pela fé em Cristo.

Paulo confirma que a nossa ligação com Cristo não significa só a nossa morte, mas também a nossa ressurreição. Por um lado, a história do velho homem é levada ao fim de acordo com a vontade de Deus e com o seu ser santo e justo; isto é, as justas exigências da sua santidade são atendidas no juízo. Só isso, e nada mais, é a base conforme a Deus para um novo começo. A ligação com Cristo é muito estreita – sim, tal como se tivéssemos crescido juntos. Aqui não se tem em vista um processo que nos une a Cristo passo a passo de forma mais íntima, mas um acontecimento único e concluído. Não se trata do crescimento espiritual, sobre o qual tenho influência, mas de um “ato final” que Deus garante. Ele aconteceu fora de mim e *por mim* (não em mim), há 2.000 anos, na morte histórica¹³ de Jesus no Gólgota.

A ressurreição dele é a nossa ressurreição. Paulo não entende essa ressurreição como a nossa ressurreição futura.¹⁴ Morremos espiritualmente – não no sentido literal ou físico. O significado da ressurreição se refere, então,

13. “Histórica” significa aqui a morte de Jesus na cruz, real e atestada pela história.

14. Alguns intérpretes acham que neste capítulo a ressurreição sempre diz respeito ao corpo. Com razão, enfatizam que o velho homem é sepultado e não ressuscita mais. Mas o batismo me põe em ligação com um Cristo que morreu, mas também ressuscitou. É de propósito que esse batismo é realizado na água. Que o batizando, depois da imersão, saia de novo da água deixa claro, como testemunho: ele entra numa nova vida sob a direção do Ressuscitado.

também à nossa nova vida espiritual, que recebemos no Ressuscitado. Paulo diz: “Então também o seremos (com certeza, ou sem dúvida alguma) na sua ressurreição.”¹⁵ Isso coincide inteiramente com o que Paulo diz aos colossenses: “... sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitados com ele pela fé no poder eficaz de Deus” (Cl 2:12; ER, tradução alemã da Bíblia).

Novidade de vida (versículo 4) não é outra coisa senão ter sido ressuscitado com Cristo. Somos vivos dentre os mortos (cf. a formulação que vem logo depois, no versículo 13).

4.6 Versículo 6: O velho homem crucificado com ele

... sabendo isto:

*que o nosso velho homem foi crucificado com ele,
para que o corpo do pecado fosse destruído (tornado ineficaz),
e não sirvamos mais ao pecado (como escravos).*

Nesta frase Paulo chega agora ao cerne da questão. Essa é a explicação daquilo que ele disse no início do capítulo: “Morremos para o pecado.”

O nosso velho homem foi julgado por Deus em Cristo na cruz; a justa sentença de morte de Deus foi executada. Ele, o nosso Senhor, assumiu esse juízo de Deus em nosso lugar. Deus moveu um processo contra o velho homem na cruz. O velho homem não morreu simplesmente de velhice; trata-se de um processo jurídico contra aquilo que o velho homem é e fez. O resultado desse processo foi a execução, sem concessões, da sentença de morte.

O ponto crucial para a nossa vida cristã é que aqui se trata de algo que nós “sabemos” ou “reconhecemos”. Aqui aconteceu algo fora de mim, em meu lugar. Eu tinha o meu representante nesse juízo, Cristo, que se colocou diante de mim, para que o juízo não me atingisse a mim, mas a ele. O que aconteceu ali é algo que não posso sentir nem perceber. Essa obra de Jesus por mim é 100 % válida – independentemente dos meus sentimentos e das minhas sensações.

O objetivo do que aconteceu no Gólgota é quebrar o poder do pecado que domina o ser humano – e isso na vida de cada crente.

15. Afinal, nem todos os crentes precisarão passar pela morte física, porque alguns, antes de morrer, serão transformados e arrebatados. Também esses já terão parte na ressurreição descrita aqui (na ressurreição no sentido espiritual, que transforma a vida).

4.6.1 O velho homem

Entre os cristãos, esse termo é usado em diferentes variantes, por exemplo como a *velha natureza* ainda viva no cristão. No contexto de Romanos 6, isso só pode significar o ser humano, ou o tipo de ser humano, que pertence a Adão. O velho homem (gr. *palaios anthropos*) é o ser humano antes da sua conversão, antes do seu novo nascimento. O velho homem não pode ser equiparado à “carne”, nem à velha natureza ou ao pecado. É o ser humano que está na linhagem de Adão, que portanto pertence à família de Adão e é determinado pelo pecado. Como tal, ele está perdido. E esse ser humano pecador encontrou o seu fim na cruz. Por isso o seguinte é importante: nós não carregamos mais o velho homem conosco. Mas a carne, a nossa velha natureza, ainda está em nós enquanto vivermos na existência terrena do nosso corpo.

A expressão “o *nosso* velho homem” torna a questão muito pessoal para cada um a quem ela diz respeito. É a *minha* velha vida, que me marcou como ser humano responsável antes da minha conversão e que eu levei de acordo.

O “velho homem” é mencionado em mais duas passagens, e somente por Paulo. É um termo que provavelmente ele mesmo cunhou. Ele não existia – nem no AT, nem no mundo do pensamento grego. Aparece assim, e com esse significado, exclusivamente no NT. Nessas passagens (Ef 4:20-24; Cl 3:9-10) diz-se que nos despojamos do velho homem (como de uma peça de roupa). As três passagens descrevem uma ação concluída, que aconteceu uma vez.

Mesmo assim, esses versículos sublinham igualmente que devemos deixar de lado também na prática o velho modo de vida do velho homem. Ao despojar-se, uma única vez, do velho homem segue-se a renovação constante do “novo homem”, que, por assim dizer, vai desalojando cada vez mais o “velho homem”.

A existência desse velho homem descreve o ser humano governado pelo pecado. Ele deixou que a sua mente, a sua vontade e a sua alma (simplesmente tudo o que constitui esse ser humano) fossem marcadas pelo pecado. Isso não precisa ter se manifestado em pecados evidentes; apareceu simplesmente numa vida autodeterminada, separada de Deus, que podia até ter uma fachada religiosa.

Em Romanos 6, diferentemente das epístolas aos Efésios e aos Colossenses, Paulo não fala explicitamente do “novo homem”, que tomou o lugar do velho.

Mas ele quer dizer o mesmo quando fala da “novidade de vida”, que agora nos marca.

Com outras palavras, Paulo formula a mesma coisa assim: “Estou crucificado com Cristo; e já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:19-20). Aqui o velho homem é equiparado ao “eu”, que representa a pessoa de Paulo. É o seu “velho eu”, a sua velha vida antes da conversão, o seu velho homem, que agora foi substituído por um novo eu, a saber, pelo próprio Cristo.

4.6.2 A crucificação do velho homem

A nossa velha vida abrangia aquilo que fazíamos e aquilo que éramos (e aquilo que todo ser humano sem Deus é). Ela só podia ser encerrada pela morte. Isso aconteceu em nosso lugar e fora de nós, há 2.000 anos, no Gólgota, na morte de Jesus, historicamente atestada. Jesus Cristo se colocou voluntariamente à disposição para isso. O juízo o atingiu. William Kelly descreve com precisão o que aconteceu: “Ele, que havia cumprido a Lei e era o herdeiro da promessa, escolheu a maldição em vez da coroa; em vez do reino de Deus, tomou sobre si o juízo de Deus. Então foi realizado o mais maravilhoso de todos os atos: o derramamento de tudo o que Deus sentia contra o pecado e podia expressar, sobre a cabeça daquele que não conheceu pecado. Tudo o que Deus, em santa indignação, podia fazer contra o mal veio sobre aquele que nunca tinha feito mal algum e em cuja boca não se achou engano. Ele, que era o seu próprio Filho, o objeto do seu perfeito deleite, do seu favor absoluto e eterno, foi entregue a um juízo sem misericórdia. O próprio Deus tratou com ele como jamais havia tratado com alguém antes, nem jamais tratará com qualquer outro.”¹⁶

4.6.3 O corpo do pecado

O resultado da crucificação do meu velho homem é que o corpo do pecado foi destruído (ou melhor: tornou-se *ineficaz*). O que se quer dizer com “corpo do pecado”? Trata-se apenas de outro termo ou aspecto da expressão “velho homem”, ou está se falando da “carne” pecaminosa?

16. William Kelly, *Die Lehre des NT über den Heiligen Geist*, p. 191.

O corpo do pecado é o nosso corpo físico, tal como ele, com os seus membros, se deixou usar como instrumento da injustiça. O velho homem se expressou e se manifestou por meio do corpo. O corpo, por meio dos seus impulsos e desejos, colocou-se a si mesmo no centro da velha vida. O corpo desenvolveu hábitos pecaminosos, impôs-os e elevou-os a lei da vida. Os “elementos do ser humano” são mencionados por Paulo em outro lugar, colocando o espírito em primeiro lugar e o corpo por último. Essa ordem foi invertida. O corpo passou a ocupar o primeiro lugar como elemento determinante, seguido só depois pela alma e, por último, pelo espírito, que deveria caracterizar e determinar o ser humano em si (1Ts 5:23).

Naturalmente o corpo em si não é pecaminoso, mas ele estava submetido ao pecado e era uma plataforma de boa vontade para o pecado. O corpo desenvolveu uma vida própria pecaminosa. Ele é tudo, menos neutro. Quando Paulo diz que esmurra o seu corpo e o reduz à escravidão (1Co 9:27), no velho homem acontece o contrário. O corpo, por meio dos seus desejos, leva o ser humano à escravidão. Com isso, o corpo pertence ao pecado; tornou-se o *corpo do pecado*. É exatamente essa a razão por que agora devemos oferecer os nossos membros a Deus (Rm 6:13, 19). Sim, somos até exortados a consagrar o corpo como sacrifício vivo (Rm 12:1).

O corpo não foi crucificado. Antes, o velho homem foi crucificado, para que a partir de agora o corpo não seja mais o instrumento do pecado. Esse corpo agora é ineficaz (no que diz respeito ao fato de que ele tenha de pecar) – como um paralisado que não consegue mais se mover livremente. Assim, no Gólgota, Deus pôs um ponto final ao livre desenvolvimento do pecado; o pecado não deve mais reinar no nosso corpo mortal (o corpo do pecado e da morte; 7:24; 8:10) (6:12). Nesse sentido, o corpo físico não é mais um instrumento para o pecado, porque daqui em diante está à disposição de Deus e da justiça. Isso é explicado concretamente na segunda parte de Romanos 6, como consequência da libertação do pecado. O corpo deixou de servir ao pecado. Como isso acontece, Paulo descreve a seguir. Nós – como vivos dentre os mortos – devemos agora colocar cada um dos membros do corpo à disposição de Deus (6:11-13, 19). E, no que diz respeito ao pecado, devemos nos considerar mortos para ele e, com base nisso, fazer morrer os feitos do corpo (8:13), o que mais tarde ainda será o nosso tema.

4.7 Versículo 7: Absolvido do pecado

*Pois quem morreu
está absolvido (justificado ou libertado)
do pecado.*

Não existe mais – do ponto de vista legal ou jurídico – nenhuma ligação entre mim e o pecado. Ele não pode mais ser posto na minha conta como culpa; não posso mais ser acusado por causa do pecado. Ainda que ele ainda esteja em mim, é um “corpo estranho isolado”, que nada tem a ver comigo e com a minha nova existência, na qual estou unido para sempre a Cristo. Tão radical é o efeito da morte dele por nós e da nossa morte com ele. Isso é proclamado simbolicamente pelo batismo: agora estamos do outro lado da “sepultura de água”.

Essa afirmação precisa ser considerada primeiro, se não exclusivamente, do ponto de vista jurídico. Não se trata nessa afirmação da nossa santificação, pois nela nós mesmos muitas vezes temos experiências contraditórias, ou vemos cristãos que levam uma vida carnal ou pecaminosa. Trata-se da justificação (absolvição) do pecado. Essa absolvição não passa a valer só com a morte física; ela descreve, de fato, a nova situação jurídica do crente. “O pecado não tem mais o direito legal de impor o seu domínio e de controlar o crente, pois ele morreu com Cristo.”¹⁷

É absolutamente importante não procurar ainda, neste ponto, explicações definitivas sobre como podemos levar uma vida cristã vitoriosa. Ainda que este versículo seja a justificativa de que não servimos mais ao pecado como escravos (versículo 6), Paulo ainda não chegou ao fim do seu ensino sobre o que o ser humano era em Adão e sobre o que precisava acontecer para nos transpor de lá para dentro de Cristo. Sobre uma vida cristã vitoriosa ele fala no capítulo 8, depois de ter desenvolvido o tema de forma abrangente. Mais tarde ele fala do poder para a vida por meio do Espírito Santo e daquilo que acontece em nós. Em outras palavras: ao chegarmos aqui, precisamos sem falta continuar a nossa caminhada na montanha. Se aqui já estivesse tudo esclarecido em relação a uma vida vitoriosa, não seriam necessários os capítulos 7 e 8.

17. John A. Witmer, *The Bible Knowledge Bible Commentary*, Walvoord & Zuck (org), p. 463, Victor Books, 1988.

Que aqui se trata de uma situação jurídica criada fora de mim há 2.000 anos fica claro pelo fato de que na minha vida prática ainda acontece pecado. *Jurídico* significa que não posso mais ser acusado por causa do pecado e que ele não tem mais nenhum direito de me dominar. E, se essa é a minha situação jurídica, então essa é a posição de justos (5:19), na qual Deus me colocou e que, para ele, é a única posição válida que ocupo. Não há outra posição – não sou justo numa ocasião e pecador em outra, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Isso contradiz a si mesmo e, sobretudo, a grande salvação de Deus.

Para esclarecer, ajuda a comparação já usada. Em 18 de dezembro de 1865 entrou em vigor nos EUA a lei que aboliu a escravidão. Ela dizia respeito a cada escravo. Juridicamente, todos os escravos estavam livres a partir daquele dia, ainda que não estivessem presentes quando essa lei foi assinada. Isso aconteceu sem a participação deles e em outro lugar, e mesmo assim tinha plena validade. Agora só precisavam ouvi-lo, reivindicá-lo para si e deixar os seus senhores.

4.8 Versículos 8-9: Compartilhar com Cristo a morte e a vida

*Mas, se morremos com Cristo,
cremos
que também com ele viveremos,
sabendo
que Cristo, ressuscitado dentre os mortos,
já não morre;
a morte já não tem domínio sobre ele.*

Pela segunda vez Paulo tira a conclusão do fato de estarmos unidos a Cristo. No versículo 4, a consequência da ressurreição de Jesus era que nós, como “ressuscitados com ele”, andamos em novidade de vida. No versículo 5, Paulo confirma o significado da ressurreição de Jesus para nós, não apenas com vistas ao futuro, mas com vistas à nossa vida aqui e agora. No versículo 8, trata-se outra vez da ressurreição, mas agora da ressurreição futura e corporal. Como alguém ressuscitado dentre os mortos, o homem Jesus Cristo não pode mais morrer; a sua vida de ressurreição é indissolúvel. Unidos a ele, temos a mesma vida. Em Adão herdamos a morte, em Cristo, a vida. A esfera, ou seja, o reino da morte (aquela esfera em que as pessoas ainda estão “em Adão”), pudemos deixá-la por meio da morte e da ressurreição de Jesus.

A morte dominou sobre Jesus quando ele estava no sepulcro. Uma afirmação verdadeiramente extraordinária. Jesus humilhou-se até a morte na cruz, sofreu voluntariamente a morte; ele precisou até entregar a própria vida à morte. Então, por um curto tempo, a morte foi vencedora sobre ele. Mas a glória do Pai não podia fazer outra coisa senão ressuscitar o Único e Perfeito para uma nova vida.

O que vale para Cristo vale também para nós. O domínio da morte está quebrado, ainda que tenhamos, como se diz alguns versículos adiante, corpos mortais. Por isso, na vitória sobre a morte está incluída também a nossa ressurreição, quando os corpos que morreram e se decompueram forem arrancados do domínio da morte.

4.9 Versículo 10: Cristo, que morreu para o pecado

*Pois, quanto a ter morrido,
de uma vez por todas morreu para o pecado;
mas, quanto a viver,
vive para Deus.*

Se quisermos entender o que significa para nós ter morrido para o pecado, precisamos entender o que significou para Cristo morrer para o pecado. Ele morreu como sacrifício pelo pecado, suportando a sentença de condenação sobre o nosso velho homem.

Assim, por meio da morte, ele resolveu o problema do pecado: por um lado, pagou a culpa do pecado, mas ao mesmo tempo também quebrou o poder do pecado e o deixou para trás. A nova vida de ressurreição já não se encontra sob o poder do pecado e da morte, mas é, antes, uma vida conduzida por Deus e para Deus e consagrada somente a ele.

Uma segunda solução para o problema do pecado não é mais necessária. Um segundo sacrifício pelo pecado já não é necessário, como a Epístola aos Hebreus confirma claramente.

“Se o salário do pecado é a morte, que ganho é para nós a morte daquele que pessoalmente era sem pecado, que foi feito pecado por Deus em nosso favor, para que nos tornássemos justiça de Deus nele.

Não que ele não fosse tão santo na cruz como em tudo o que veio antes; mas ele se entregou para ser legitimamente condenado por tudo o que lhe foi

imputado, pelo qual ele, em graça, assumiu a responsabilidade. Em nada ele se poupou; em nada Deus o poupou, ele que abandonou aquele que se havia identificado com o nosso pecado e com todas as suas consequências sob o juízo divino, para que nós pudéssemos sair livres.”¹⁸

Essa singularidade do sacrifício e a posição inequívoca que dela resulta, a mudança de lado realizada, valem também para nós. E essa é uma verdade da qual podemos e devemos estar seguros para sempre. O conhecimento e a aceitação dessa verdade decidem sobre a nossa liberdade, na qual podemos servir a Deus.

4.10 Versículo 11: Considerar-se morto para o pecado, mas vivo para Deus

*Assim também vocês,
considerem-se
mortos para o pecado,
mas vivos para Deus em Cristo Jesus.*

Como nos posicionamos diante da verdade que Paulo acabou de desenvolver? Devemos aceitá-la como um fato confiável e válido para nós. O “considerar” significa também “contar-se” como tal. Esse é um termo da contabilidade: o balanço está fechado e concluído. O resultado é um lançamento de cem por cento da obra de Cristo na minha conta pessoal. A morte dele é a minha morte, a vida dele é a minha vida.

Este versículo *não* é, como muitas vezes se diz, a chave para a luta contra o pecado. Quando a tentação do pecado se aproxima de mim, não posso ficar o tempo todo convencendo a mim mesmo de que estou morto. Eu percebo, afinal, que não estou nada morto; do contrário, nem sequer reagiria à tentação. O que se deve fazer na tentação, Paulo descreve no capítulo 8.

Aqui se trata, portanto, em primeiro lugar, da aceitação confiante da obra salvadora de Deus por mim, e não da aplicação diária desse fato. Não preciso aplicá-lo, porque ele já aconteceu. Paulo não diz que devemos morrer diariamente para o pecado ou nos fingir de mortos quando a tentação vem. Antes, ele expõe que nós *estamos* mortos. Isso tem efeitos sobre a minha vida, porque com isso o poder do pecado sobre a minha vida está quebrado.

18. William Kelly, *Notes on the Epistle to the Romans*, página 88.

Quem se considera morto para o pecado aceita pela fé que a sua velha vida foi encerrada na cruz e que, com isso, o domínio do pecado na sua vida está quebrado. Sobre essa base de salvação, reivindico com a mesma fé o fato da salvação de que agora tenho uma vida nova, com a qual posso viver liberto para Deus. Watchman Nee diz com acerto: “Conhecer – considerar-se – entregar-se: essa é a sequência segundo a ordem divina.”¹⁹

4.11 Versículo 12: O domínio do pecado sobre o corpo é quebrado

*Portanto, não reine o pecado
em seu corpo mortal,
para obedecer aos seus desejos.*

Essa é a consequência daquilo que aconteceu na cruz. Este é o objetivo do Gólgota: a ditadura do pecado, seja na sua manipulação quase imperceptível, seja no mais brutal exercício de poder, está quebrada. A obra de Jesus tem a força de quebrar o poder efetivo do pecado na minha vida. É a essa obra que recorreremos. Isso significa considerar-se morto para o pecado!

O nosso corpo mortal (assim como a parte imaterial do ser humano, isto é, o homem interior) está sujeito às consequências do pecado. O corpo é o instrumento pelo qual o pecado ganha mãos e pés. O próprio pecado ainda está em mim (a saber, na minha carne; cf. 7:18), mas ele já não tem o direito de dominar sobre mim (6:6b, 14). O corpo é de tal maneira afetado pelo pecado que é seduzido pelos pecados, pelos desejos e paixões que sempre exigem satisfação.

Paulo enfatiza o aspecto jurídico da salvação, que é sempre válido para todo crente. Mas isso não permanece uma questão teórica ou abstrata. O aspecto jurídico da salvação serve de base sobre a qual a minha vida diária já não é governada pelo pecado.

4.12 Versículo 13: Oferecer-se agora a Deus

*Nem ofereçam os seus membros ao pecado
como instrumentos de injustiça,
mas ofereçam-se a si mesmos a Deus
como vivos dentre os mortos,*

19. Watchman Nee, *Das normale Christenleben*, página 58.

e os seus membros a Deus como instrumentos de justiça.

Agora somos chamados a fazer alguma coisa. Até aqui não houve nenhum chamado, a não ser o de aceitar a obra de Deus e recorrer a ela (6:11). Daí segue agora a aplicação. Oferecer os membros do corpo significa colocar-se à disposição. As minhas mãos e os meus pés, os meus olhos e os meus ouvidos, assim como a minha boca (simplesmente toda a minha existência humana, com todos os sentidos e capacidades), devem agora fazer jus à sua finalidade. “Tornar-se o que somos”²⁰ não é uma contradição, mas o segredo e também a tensão de uma vida vitoriosa. Somos vivos dentre os mortos, porque em Cristo Jesus temos a vida do Ressuscitado. Essa vida do Vencedor está consagrada a Deus, e não mais à injustiça.

4.13 Versículo 14: Não debaixo da Lei, mas debaixo da graça

*Porque o pecado não terá domínio sobre vocês,
pois vocês não estão debaixo da Lei,
mas debaixo da graça.*

É um fato que o pecado já não domina sobre nós. Esse estado é passado. Olhamos para a frente, entramos na vida. Ela não é determinada pela Lei de Deus, por mais estranho que isso soe. A Lei, como Paulo havia explicado, foi um meio pelo qual o pecado se tornou transbordante. Mas agora a nossa vida é determinada pela graça de Deus. A Lei exige com razão, mas não dá força para a obediência. A graça, na qual estamos firmes, nos dá aquilo de que precisamos para viver para Deus. É uma atmosfera de vida totalmente diferente. A graça de Deus dá em abundância; a Lei exige. Um cristão que faz amizade com a Lei experimentará o que está descrito em Romanos 7: incapacidade e frustração. Precisávamos da graça de Deus para a salvação, e do mesmo modo precisamos da graça de Deus para viver. Vivemos sob a proteção, na aceitação e na força da graça de Deus. Estar debaixo da graça equivale ao fato de estar “em Cristo”, tal como ele é abordado no capítulo 8.

“Se eu não estou mais debaixo da Lei, mas debaixo da graça, posso finalmente fazer e deixar de fazer – o que Cristo quer!”²¹

20. F. Godet.

21. Hans-Joachim Eckstein.

Paulo menciona aqui a Lei apenas brevemente, mas nesta única frase diz o que é absolutamente decisivo a respeito dela e desenvolve isso mais a fundo no capítulo 7. Talvez ouvintes ou leitores deste capítulo pensassem logo na Lei como uma medida adequada para quebrar o domínio do pecado.

4.14 Resumo

A mudança de lado de Adão para Cristo é realizada por meio da cruz. O meu passado, isto é, o meu velho homem, é condenado e julgado tal como Deus quer. Jesus Cristo assumiu isso em meu lugar. Nele começa agora a minha nova vida. A reivindicação que o pecado fazia sobre a minha vida extinguiu-se na cruz; o seu poder sobre mim foi quebrado ali.

Até este ponto, o texto não trata em primeiro lugar de saber até que ponto levamos agora uma vida santa ou sem pecado. O crente ainda tem o pecado, que permanece nele enquanto ele estiver no corpo. A vida de um cristão pode, infelizmente, ser marcada pela carne pecaminosa, em total contradição com o que Paulo escreve aqui. Mas não é disso que se trata aqui (em Rm 6:1-14)! Paulo explica a mudança radical e fundamental de Adão para Cristo, do pecado para a justiça, da morte para a vida.

Cristãos que se esqueceram disso, ou que tentam eles mesmos considerar-se mortos para o pecado ou ir morrendo para ele, devem reivindicar para si este texto literalmente, em seu caráter absoluto.

A cristãos que amam o pecado, a descrição da sua posição real e conforme a sua condição em Cristo quer deixar claro que vivem em uma grande contradição. É paradoxal viver no pecado, embora se tenha morrido para o pecado.

A morte que morremos – com Cristo – não significa a nossa aniquilação. No sentido bíblico, a morte (tanto a espiritual como a física) significa a separação de realidades que pertencem uma à outra. Por meio da morte do velho homem, o pecado está separado de mim e a ligação foi cortada, de modo que o poder do pecado está quebrado.

4.15 A cruz do Gólgota e o pecado

Aconteceu por nós!

Romanos 1 – 5:11: Expição Romanos 5:12 – 8:13: Libertação

O problema dos pecados O problema do pecado

Os atos pecaminosos e a questão da culpa

O pecado como fonte dos pecados

Temos, por meio do sangue de Jesus Cristo derramado na cruz, o perdão dos pecados.

Estamos crucificados com Cristo. O nosso velho homem foi entregue à morte.

Cristo morreu pelos nossos pecados.

Cristo morreu pelo pecado e pelo nosso ser pecaminoso, que por natureza marcava o nosso velho homem.

4.16 Romanos 6:15-23: Libertos que vivem debaixo da graça

Na segunda parte deste capítulo, Paulo sublinha (concluindo a partir daquilo que descreveu na primeira parte sobre a ação salvadora de Deus) que só se pode servir a um senhor, e não a dois senhores ao mesmo tempo.

4.17 Indicativo da salvação e imperativo da salvação

O que parece complicado à primeira leitura é, na realidade, uma formulação útil. Trata-se dos dois lados de uma mesma moeda. “Indicativo” e “imperativo” são dois termos que vêm da gramática. Teólogos os usam em ligação com a expressão “salvação” para resumir quais são “os dois lados ou aspectos da salvação”. O indicativo da salvação mostra o que Cristo realizou por nós, ou seja, a realidade objetiva da salvação. Esse aspecto abrange a salvação inviolável, efetivamente concedida por Deus e válida para todo crente.

Da salvação procede uma vida transformada e nova. A salvação obriga a uma vida e a um comportamento em novidade. Este é o imperativo da salvação, o chamado divino a uma vida santa. A graça recebida na salvação nos ensina a renegar a impiedade e as paixões mundanas e a viver de forma justa e piedosa (cf. Tt 2:12). Não se recebe a salvação sem receber também a obrigação moral da salvação divina. Quem não leva a sério o imperativo da salvação precisa examinar a si mesmo para ver se pode reivindicar a salvação para si.

O indicativo representa um acontecimento real e descreve, assim, a realidade da salvação. O imperativo da salvação é a ordem e o encorajamento para uma vida santa. Ambos são parte integrante da salvação. Também em Romanos 6 os dois aspectos são bem reconhecíveis. Assim, os versículos 1 a 10 descrevem o

indicativo da salvação, enquanto a partir do versículo 11 é tratado o imperativo da salvação.

O imperativo da salvação não nos convoca a merecer a salvação, mas a viver a partir da salvação recebida. O seu campo de prova está sob o domínio da graça, onde há perdão e generosa restauração. A salvação não foi dada para separar os fortes e filtrar aqueles que não vão conseguir. Todos os imperativos da salvação visam a que sejamos de fato obedientes a Deus pela fé, e não significam que a fé possa fracassar. Embora a nossa salvação seja segura e não possa ser perdida, as exortações e advertências para viver de acordo com ela não contradizem esse fato. Antes, elas devem nos “manter no trilho” – no caminho estreito da fé, que conduz à vida.

Panorama²²

Fato da salvação – indicativo da salvação	Apropriação da salvação – imperativo da salvação
--	---

Dom: dado por Cristo

Tarefa: para Cristo

O que já *somos* em Cristo ... só podemos *nos tornar* em Cristo.

Morremos para o pecado. Rm 6:2	Não se entreguem ao pecado! Rm 6:13
--------------------------------	-------------------------------------

Morremos com Cristo. Cl 3:3	Façam morrer os seus membros! Cl 3:5; Rm 8:13
-----------------------------	---

Estamos justificados ... Rm 5:1	... e devemos viver de modo justo. 1Tm 6:11
---------------------------------	---

Não estamos mais na carne. Rm 8:9	Não vivam mais segundo a carne! Rm 8:12
-----------------------------------	---

Estamos santificados de uma vez por Busquem a santificação, sem a qual todas pelo sacrifício de Cristo! Hb 10:10 ninguém verá o Senhor! Hb 12:14

Somos chamados. Ef 4:1; Rm 8:28	Andem de modo digno da sua vocação! Ef 4:1
---------------------------------	--

Tudo nos foi dado ...	... por isso devemos nos apropriar de tudo.
------------------------------	--

Nós nos revestimos do novo homem, Revistam-se do Senhor Jesus Cristo! que é Cristo. Cl 3:10, 11; Ef 4:24 Rm 13:14

22. Segundo Peter H. Uhlmann, Heimenhausen, Suíça, com sua gentil permissão.

Temos o perdão completo. Ef 1:7 Temos a obrigação de perdoar uns
 aos outros! Ef 4:32
 Deus nos deu o seu amor. Rm 5:5 Andem em amor! Ef 5:1, 2
 Temos paz com Deus e a paz de Deus. Busquem a paz! 1Pe 3:11
 Rm 5:1; Fp 4:7
 Temos a liberdade em Cristo. Rm 8:2; Gl 5:1 Por isso permaneçam na liberdade,
 para servir uns aos outros em amor!
 Gl 5:13
 Deus nos dá a vitória. 1Co 15:57 Nós nos apropriamos da vitória
 quando lutamos. 2Tm 2:5 e outros
 Andem como filhos da luz, ou:
 Somos luz no Senhor. Ef 5:8a Deixem a sua luz brilhar! Ef 5:8b;
 Mt 5:16

Experimentamos a nova ordem da salvação

... e aguardamos a nova criação.

Cristo é a nossa vida. Cl 3:4; Gl 2:20 Aguardamos a manifestação de
 Cristo. Cl 3:4
 Em Cristo somos redimidos ... Ef 1:7 ... e aguardamos a redenção do
 nosso corpo. Rm 8:23
 Fomos adotados por Deus como seus ... e esperamos que isso se torne
 filhos ... Rm 8:15; 1Jo 3:2 visível. Rm 8:23; 1Jo 3:2
 O novo homem foi criado segundo a Somos transformados (em nossa
 imagem daquele que o criou: Cristo. Ef vida) na imagem do Senhor. 2Co
 4:24 3:18
 Temos a vida eterna ... Jo 3:36 ... e, contudo: Tome posse da vida
 eterna! 1Tm 6:12
 Como igreja, somos um só corpo. Ef Por isso preservem a unidade do
 4:4 Espírito. Ef 4:3
 Já somos perfeitos em Cristo ... Cl 2:10 ... mas ainda não consumados. Fp
 3:12

Deus opera tudo – 100 %! Aproprie-se de tudo – 100 %!

“Desenvolvam a sua própria salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.” Fp 2:12

Já **agora Ainda** **não**

Ser – posição da fé *Tornar-se* – prática da fé

Soberania e graça de Deus Responsabilidade e ação do cristão

Já estamos completamente salvos – mas ainda não consumados!

Os dois lados desembocam nesta missão: *Torne-se o que você é!*

“Toda bateria tem um polo negativo e um polo positivo. Essa oposição é a condição para que haja tensão. Só então a corrente pode fluir para que a luz acenda. Do mesmo modo, só somos cristãos vivos (e em crescimento) quando temos consciência dos dois ‘polos’, o fato da salvação e a apropriação da salvação, e colocamos a salvação em prática em nossa vida. Essa tensão nos dá a dinâmica da nova vida.”²³

4.18 Versículo 15: O objetivo da graça

*E então? Havemos de pecar
porque não estamos debaixo da Lei,
mas debaixo da graça?
De modo nenhum!*

Mais uma vez alguém poderia tirar a conclusão errada daquilo que Paulo ensinava. A vida de um cristão está agora, portanto, debaixo da graça, e não mais debaixo da Lei. Isso significa, então, que se pode aproveitar essa liberdade e viver sem freios? De modo algum; seria, mais uma vez, uma conclusão absurda. Pois se deixaria de ver o seguinte:

4.19 Versículo 16: Escravos do pecado ou da justiça

*Não sabem que,
àquele a quem vocês se oferecem como escravos para obedecer,
desse vocês são escravos, daquele a quem obedecem:
seja do pecado para a morte,
seja da obediência para a justiça?*

23. Citação de Peter Uhlmann, Heimenhausen, Suíça, com sua gentil permissão.

Aquele que toma a graça e a liberdade da Lei como permissão para pecar esquece que, com isso, se entrega ao pecado e o torna de novo o seu senhor. Não existe um meio-termo dourado em que se possa honrar os dois senhores sem conflito. Existem apenas duas dependências – ou uma vida determinada pelo pecado, ou uma conduta em obediência a Deus.

4.20 Versículo 17: Obedientes de coração – não mais escravos do pecado

*Mas graças a Deus
porque vocês eram escravos do pecado,
mas se tornaram obedientes de coração
à forma de doutrina
à qual foram entregues!*

Paulo não coloca os romanos à prova nem duvida da salvação deles. Ele não lhes pergunta de quem eles são escravos agora, mas constata, sem nenhuma dúvida, que a escravidão deles, marcada pelo pecado, é passado. Ele se alegra e dá graças a Deus. Em Romanos 5:8 ele já tinha dito que nós *éramos* pecadores outrora, e portanto agora não somos mais. Isso ele confirma aqui mais uma vez. Mesmo que, infelizmente, ainda pequemos agora, já não nos encontramos na servidão do pecado.

Essa “transferência” foi obra de Deus. Ele nos transferiu da esfera da morte e nos concedeu a vida. A esfera da vida nos é descrita de forma marcante pela “forma de doutrina” nestes capítulos. É extraordinariamente importante conhecer esse ensino de Deus sobre a salvação em Cristo. O ensino constitui a base sobre a qual é preciso, antes de tudo, entender as leis da novidade de vida, para então também poder viver de acordo com elas. O ensino não nasce da nossa experiência; ao contrário, ele indica o caminho. É por ele que medimos e examinamos a nossa experiência. O ensino da Sagrada Escritura nos corrige, e não o contrário.

A “forma de doutrina” é uma indicação de que esse ensino não é uma espécie de código de leis cheio de parágrafos abstratos. Ele é “sabedoria de vida” e quer, com isso, transformar a nossa vida. Por isso o apóstolo o formula assim: fomos “entregues ... à forma de doutrina” – a saber, com o propósito de que ela produza algo em nós.

Existem muitas doutrinas e teorias científicas de especialistas para especialistas. O ensino de Deus vale para todo filho de Deus – não importa de que contexto o amor de Deus o tenha tirado. Esse ensino é próximo da vida e vital. Estes capítulos, que certamente nem sempre são fáceis de entender, não constituem um território reservado aos teólogos, mas contêm questões existenciais do nosso ser cristão. Muita coisa depende de termos ou não os compreendido. Pode-se perder anos quando não se respondeu a elas pessoalmente.

Deus nos entregou à forma de doutrina; mas, ao mesmo tempo, a nossa obediência ao evangelho foi a condição para a ação de Deus. A obediência aconteceu “de coração”. Foi um passo de obediência que brotou do mais íntimo. Não foi uma obediência superficial, mas uma decisão de vida verdadeira e duradoura. Deus quer o nosso coração; ele quer que a obediência aconteça com plena convicção e alegria. Todo o resto não tem valor para Deus e contém apenas forma exterior e hipocrisia.

4.21 Versículo 18: Escravos da justiça

*E, libertos do pecado,
você se tornaram escravos da justiça.*

Essa “transferência divina” de Adão para Cristo nos libertou do pecado. Isso Paulo explicou na primeira parte do capítulo 6.

Libertação não significa a “remoção” do pecado, como, por exemplo, a remoção de um tumor maligno. Usando essa imagem, pode-se explicar a afirmação de Paulo assim: o tumor foi tratado com um laser, pois o pecado foi julgado na cruz; ele foi condenado na carne (8:3). Mas, ao mesmo tempo, também o corpo do pecado foi tornado ineficaz, isto é, esse tumor já não tem corpo (nenhum campo de ação) em que possa se espalhar. Já não sou chamado de doente, embora o tumor ainda esteja ali. O seu crescimento está contido. Em outras palavras: o pecado ainda está em mim (na minha carne, na minha natureza carnal) enquanto eu estiver no meu corpo mortal. Mesmo assim, por causa disso eu não sou mais, em minha essência, um pecador, mas um santo em Cristo.

Fomos libertos do *domínio* do pecado; não somos mais escravos do pecado. Pelo contrário: agora nos tornamos escravos da justiça de Deus.

4.22 Versículo 19: Colocar-se à disposição da justiça e da santidade de Deus

*Falo de modo humano,
por causa da fraqueza da sua carne.
Pois, assim como vocês ofereceram os seus membros
como escravos da impureza
e da iniquidade
para a iniquidade,
assim ofereçam agora os seus membros como escravos
da justiça
para a santidade.*

O ensino de Paulo é tão “humano” que dificilmente se pode entendê-lo mal. Ele leva em consideração a fraqueza da carne deles. Esse termo designa um estado espiritual fraco. Os destinatários da carta não eram capazes de entender o modo de expressão que Paulo normalmente teria escolhido para esse ensino. O estado espiritual deles era insuficiente e precisava de crescimento e renovação, como Paulo escreve mais adiante. Isso não nos beneficia também?

Segue-se um apelo, um imperativo da salvação, a colocar-se à disposição da justiça como escravos, para que “a novidade de vida” realmente se manifeste.

O objetivo da “santidade”, ou seja, da “santificação”, refere-se à nossa mudança fundamental de posição, que nos tornou santos, isto é, separados para Deus. Por outro lado, para aqueles que estão justificados e santificados, existe uma obrigação da salvação: viver em coerente orientação pela justiça e pela santidade de Deus.

4.23 Versículos 20-22: Da esterilidade à vida eterna

*Pois, quando vocês eram escravos do pecado,
estavam livres em relação à justiça.
Que fruto vocês tinham então
das coisas das quais agora se envergonham?
Pois o fim delas é a morte.
Mas agora, libertos do pecado
e feitos escravos de Deus,*

*vocês têm o seu fruto para a santidade,
e, por fim, a vida eterna.*

É, de fato, uma imagem em preto e branco que Paulo desenha aqui. Pois, antes do seu novo nascimento, da sua mudança de posição, os destinatários nada tinham a ver com a justiça divina, mas eram escravos do pecado. Não era assim que antes houvesse uma mistura das duas coisas – tampouco como agora, para eles como cristãos, existe uma mistura das duas coisas. O Senhor Jesus disse a esse respeito que não se pode servir a dois senhores, mas apenas a um senhor.

Agora os destinatários da carta deveriam olhar para trás. O pecado não tinha sido apenas um acompanhante abstrato na vida deles; ele havia cobrado o seu tributo e levado a atos e coisas das quais eles agora se envergonham. Uma vida assim leva à morte. Não há outra opção a não ser aquela que é descrita no versículo seguinte.

A libertação do pecado e do seu poder, assim como a verdadeira liberdade de agora servir a Deus como escravos, abrangem uma nova identidade, uma nova posição. Ela produz agora coisas das quais já não é preciso se envergonhar, mas que, na vida das pessoas em questão, produzem fruto para a santidade. A novidade de vida produz fruto para Deus e tem como meta a vida eterna. Essa vida não é merecida por meio da produção de fruto para Deus. Antes, ela pertence como parte integrante à salvação de Deus, como mostra o versículo seguinte.

A vida eterna aqui significa a vida dos ressuscitados em Cristo, que alcançaremos no futuro. No final de uma vida para Deus não há um ponto final, mas dois-pontos: espera-nos uma vida inconcebivelmente gloriosa, em comunhão imperturbada com Deus. A vida eterna significa incorruptibilidade. Pelo NT, e especialmente pelo apóstolo João, ficamos sabendo também que essa vida não abrange apenas a “duração” ou a “quantidade”, mas sobretudo a “qualidade” dessa vida divina.

O objetivo de uma vida para Deus é a vida eterna. É para ela que miramos, e nos gloriamos na esperança da glória vindoura de Deus.

4.24 Versículo 23: Vida eterna em vez de condenação eterna

*Porque o salário do pecado é a morte,
mas o dom da graça de Deus é a vida eterna*

*em Cristo Jesus,
nosso Senhor.*

Esta palavra condensa numa só frase não apenas o conteúdo de Romanos 6, mas o evangelho inteiro. O primeiro ser humano “se permitiu” o pecado. Por isso ele precisa pagar. Ou, ao contrário: ele recebe o pagamento por um desempenho que não foi bom, mas mau. Esse “negócio”, no entanto, é irreversível. A morte não pode ser devolvida nem trocada de volta.

Um salário ou soldo é algo que se mereceu. A resposta de Deus, ao contrário, é diferente. Dele vem o dom da graça, um presente imerecido. A sua resposta à morte é a vida. Mas não é simplesmente a anulação da morte, como no caso de Lázaro, a quem Jesus ressuscitou. Pois Lázaro, algum tempo depois da sua ressurreição, morreu de novo. O dom de Deus, ao contrário, é uma vida totalmente nova, porque é obtida em Cristo Jesus. A vida de Cristo é a vida de um ressuscitado; é uma vida de ressurreição para além da esfera de influência da morte, e inalcançavelmente distante dela.

Essa vida é eterna porque é a própria vida de Deus. Ela pôde se tornar a nossa vida porque essa vida está “no Filho”, que se tornou homem (1Jo 5:11-13).

Cristo Jesus, o Ungido de Deus, não está longe de nós. Ele é o nosso Senhor pessoal, que está numa relação próxima conosco. Ele é agora o nosso Soberano, ele é o nosso Deus.

5. A Lei na Epístola aos Romanos

A palavra lei aparece 72 vezes na Epístola aos Romanos. Ao todo, Paulo usa a palavra 119 vezes no NT. Nem sempre se trata da Lei mosaica, como se pode reconhecer pelo respectivo contexto. A Lei mosaica é um dos grandes temas da Epístola aos Romanos. Este panorama pode ajudar a entender melhor os diferentes significados.

Termo	Significado	Índice de passagens
		2:12, 13, 14, 17, 18, 20, 23, 25
		3:19, 20, 21, 31
Lei (com e sem artigo), Moisés. Na Epístola aos	Em geral, é sempre a Lei de	4:13, 14, 15, 16
debaixo da Lei, a vontade de Romanos, refere-se à parte moral		5:13, 20
Deus, a encarnação da Lei, pouco ou nada às		6:14, 15
verdade, preceitos da Lei, prescrições sobre os sacrifícios,		7:1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 22, 25
mandamento, lei de Deus, a ou seja, às leis rituais. Essa parte		9:4, 31; 8:3, 4, 7
Lei de Deus, lei da justiça da Lei foi dada apenas aos		10:4, 5; 13:8, 10
judeus.		
“O escrito” (outros		
traduzem: na velhice da	A Lei escrita, as duas tábuas,	2:27, 29
letra , a saber, na [Lei]	também os cinco livros de	7:6
escrita”)	Moisés	
Lei da fé	O princípio da fé e da confiança, em contraste com as obras e a	

	justiça	pelas	obras	3:27, 28	
Lei para si mesmos;	obra da	A parte moral da Lei, que corresponde ao ser eterno e às exigências de Deus (o amor; 13:10). Essa lei era conhecida por alguns gentios sem conhecimento dos			2:14,
Lei escrita no coração;	Lei escrita no	mandamentos mosaicos. Sempre que um gentio, por			15
consciência	consciência	natureza, obedece à lei do amor, ele a cumpre, mas também peca repetidamente contra ela.			
Lei do marido		A lei que diz respeito ao marido (isto é, a Lei mosaica que liga a mulher ao marido)			7:2, 3
Lei da minha mente		Efeito e princípio da nova vida, que quer servir a Deus. É uma lei natural da nova vida servir a Deus, porque a Lei de Deus está ancorada na nova vida.			7:23
Lei do pecado e da morte		Princípio indissolúvel segundo o qual o pecado domina o ser humano como uma lei e o pecado conduz, sem saída, à morte			7:23 8:2
Lei do Espírito da vida		Em Cristo, o vencedor da morte, ou seja, o Ressuscitado, atua a lei (princípio, lei de força) do Espírito Santo da vida; ela é mais forte do que a do pecado e da morte.			8:2
		Comparação: a lei natural da gravidade só pode ser vencida por outra lei, a da aerodinâmica.			

6. Romanos 7: Livres da Lei

No desenvolvimento temático dos capítulos 5 e 6 percebe-se uma intensificação que continua até o capítulo 7, versículo 6. Mas então, na segunda parte do capítulo 7, deparamos com uma situação sombria, que parece não se encaixar de jeito nenhum na linha de pensamento.

O capítulo 7 é uma inserção²⁴ na qual Paulo trata da nossa relação com a Lei, do seu efeito e do seu objetivo. A Lei mosaica, a Torá, ele já a tinha mencionado duas vezes em Romanos 6:14-15, mas com consequências surpreendentes: ela já não é determinante para a vida do cristão (seja ele judeu ou gentio). O cristão está debaixo da graça, não mais debaixo da Lei. Numa única frase, ele constata um fato fundamental de grande alcance. Para o gentio isso talvez fosse compreensível, mas para um judeu? Para ele isso era uma provocação, se não até uma blasfêmia. Na expectativa de tais reações, Paulo não quer deixar pontos de interrogação aqui e por isso aborda esse tema em um capítulo inteiro – um longo parêntese.²⁵

Se Romanos 6:23 fosse seguido diretamente por 8:1, ou seja, se não houvesse o capítulo 7, então nós (como cristãos dentre as nações) provavelmente não teríamos sentido falta de nada. E, no entanto, o ensino de Romanos 7 é indispensável no contexto geral desse tema. A grande linha mestra de Romanos 5 a 8 pode ser resumida assim:

De Adão a Cristo, de uma vida estéril a uma vida que produz fruto para Deus e já não está sujeita ao pecado. Como Deus fez isso, e como estou hoje em condições de

também andar de fato em “novidade de vida”? Agora se impõe a pergunta se para isso a Lei realmente não é necessária, como já foi dito no capítulo 6. Afinal, ela foi dada pelo próprio Deus para mostrar como se deve viver.

24. Considero todo o capítulo 7 um parêntese até 8:1. Os versículos 1-6, de fato, não pertencem tematicamente ao capítulo 6, mas formam a introdução ao parêntese.

25. Aliás, Paulo faz o mesmo, em consideração aos judeus, também nos capítulos 9 – 11. Ele explica por que, por um lado, o evangelho não vale só para os judeus, mas para todas as pessoas. Ao mesmo tempo, porém, ele enfatiza que todas as promessas ao povo da aliança se cumprirão no futuro.

6.1 Significado e lugar de Romanos 7

Este capítulo da Epístola aos Romanos tem sido entendido de maneiras controversas. A pergunta candente é qual estado de um ser humano este capítulo descreve. As explicações mais conhecidas são estas:

- o estado normal de um cristão
- um estado de exceção anormal e indesejado
- o estado de um ser humano não nascido de novo
- o estado de um ser humano nascido de novo que não tem o Espírito Santo.

De fato, a interpretação toca num tema existencial para a nossa vida cristã. Pois há muita coisa em jogo: o evangelho pode realmente transformar pessoas de maneira duradoura? Ou estamos apenas nos iludindo? Do capítulo 7 também se poderia tirar a conclusão de que, na maioria das vezes, tudo ficará apenas numa tentativa de fazer o bem. Tem razão o realista que afirma que a vitória sobre o pecado só existe no céu? Como, então, se deve entender Romanos 7?

6.2 Luta do Espírito contra a carne?

No capítulo 7 *não* é descrito o conflito permanente de um cristão, em que a carne e o Espírito se levantam um contra o outro e lutam entre si, como é descrito em Gálatas 5:16-25. Lá, de fato, trata-se de vitória no poder do Espírito Santo, algo que em Romanos 7 não se reconhece em parte alguma. Na experiência descrita aqui vê-se apenas frustração. O ser humano geme sob o poder do pecado. Ele olha apenas para si mesmo e procura a força exclusivamente em si mesmo. A vitória, na verdade, já foi descrita em Romanos 6. Mas que vitória é essa, se ela se parece com aquilo que o capítulo 7 descreve? Romanos 7 não descreve a vida cristã normal, mas o estado lamentável de um cristão que fez da Lei a sua regra de vida e tenta cumpri-la com as próprias forças. Ele não crê no que 6:14-15 diz: não estamos mais debaixo da Lei. Por isso ele faz a amarga experiência de que não consegue. Isso o leva à beira do desespero (“Miserável homem que sou”, versículo 24).

6.3 Justos e pecadores ao mesmo tempo?

Martinho Lutero disse que somos “justos e pecadores ao mesmo tempo”²⁶. Justamente em Romanos 7, segundo Lutero, se manifestaria o ser pecador. Mas já vimos no capítulo 5 que nós não somos mais “pecadores”, mas éramos (5:8; 5:19). É isso que a Palavra de Deus diz. Romanos 7 não diz que, segundo a nossa posição, ainda somos pecadores. Antes, este capítulo expressa que a Lei de Deus não é o padrão para uma vida para a glória de Deus. Se ainda pecamos, isso não significa que ainda sejamos pecadores. Quando pecamos, fazemos isso como santos – como pessoas que, apesar disso, continuam sendo santas.

A novidade de vida em Cristo e por meio do Espírito não é determinada pela Lei mosaica nem por qualquer outra lei. A Lei tem a ver com o velho homem, não com o novo. Mas quem adota a Lei como padrão de vida, cedo ou tarde entrará numa situação como a que é descrita aqui. Isso vale, aliás, também para aqueles que, em sua experiência, um dia deixaram Romanos 7 e passaram para Romanos 8. Pode haver uma “recaída” sempre que alguém se torna legalista e faz da Lei a norma do cristão. Nesse sentido, este capítulo descreve também a experiência de um cristão que conhece a verdadeira libertação da Lei e, mesmo assim, tenta cumprir a Lei com as próprias forças.

A vida cristã normal é descrita em Romanos 8. Romanos 7 não descreve o cotidiano do cristão desejado por Deus. Seria uma amarga decepção se esse fosse o resultado da grande salvação de Deus, que lhe custou a morte do seu próprio Filho.

6.4 Nascido de novo ou não?

O tempo presente a partir de 7:14 (em contraste com o tempo passado em 7:7-11) deixa claro que o ser humano em questão e a sua experiência são de um cristão.

Enquanto do capítulo 5:12 até o fim do capítulo 6 (ou até o capítulo 7:6) são descritas duas grandes linhas, Paulo as interrompe para retomá-las no capítulo

26. A tese de Lutero: justos e pecadores ao mesmo tempo (*simul justus et peccator*). “Veja agora, é como eu disse acima: ‘Os santos, ao mesmo tempo em que são justos, são pecadores; são justos porque creem em Cristo, cuja justiça os cobre e lhes é imputada. Mas são pecadores porque não cumprem a Lei (e) não estão sem a concupiscência pecaminosa, mas são como doentes que estão sob os cuidados do médico’, doentes que estão real e verdadeiramente doentes, mas são em princípio e em esperança, ou melhor: tornados sãos, isto é, a caminho de ficar sãos”, *Römerbriefvorlesung 1515/16*.

8. Entre elas (portanto, no capítulo 7) encontra-se uma situação de exceção que vale apenas para quem conhece a Lei. A pessoa em questão quer servir a Deus, algo que não se pode dizer necessariamente de um ser humano descrente. Um descrente pode ser religioso e buscar a Deus, mas, no fim, fará a sua própria vontade. Além disso, uma pessoa religiosa não reconhecerá necessariamente que é inteiramente má. Mas é a esse autoconhecimento que chega a pessoa de Romanos 7. O conhecimento de que somos completamente corrompidos, mas Deus e a sua Lei são absolutamente perfeitos, só pode vir pela iluminação do Espírito de Deus. Pode-se, portanto, supor que aqui (7:14ss) se trata de um ser humano nascido de novo.

A sua incapacidade é também atribuída ao fato de ele (ainda) não ter o Espírito Santo, embora Paulo, depois de uma única menção no versículo 6 (“na novidade do Espírito”), só trate detalhadamente do Espírito Santo no capítulo 8. Mas o fato de o Espírito não ser mencionado em 7:7-25 deve-se a que Paulo (preparando o capítulo 8) quer antes apresentar a relação com a Lei e a falta de força da carne. A presença do Espírito nesse ser humano não é ajuda, justamente porque o Espírito não veio para nos ajudar a cumprir a Lei.

Se Romanos 7 tratasse de alguém ainda não nascido de novo, a lição deste capítulo seria, no fim, uma repetição do ensino já exposto; pois que um injusto – religioso ou não – não pode de modo algum agradar a Deus já se encontra amplamente nos primeiros capítulos da carta. Paulo quer mais. O que ele descreve aqui é a natureza da carne e a sua incapacidade (também no nascido de novo) de agradar a Deus. Deve-se mostrar que justamente o ser humano redimido, que daí em diante ainda quer agradar a Deus pelo caminho da Lei, vive esse dilema de 7:14-25 – e isso enquanto quiser cumprir a Lei com as próprias forças.

6.5 Romanos 7: Uma experiência necessária?

Há também a visão de que Romanos 7 seria, para todo cristão, a experiência normal e também necessária da santificação prática. Depois de uma pessoa se converter e ser grata por ter paz com Deus, viria para ela, depois de algum tempo, a experiência de Romanos 7. Ela sentiria o poder do pecado e não conseguiria fazer frente a ele. Esse desespero só terminaria no momento em que ela entendesse o que Romanos 8 significa: Cristo realizou tudo. Só então ela

reconheceria que a força para a vitória não está nela mesma, mas naquilo que Deus fez e faz por meio do Espírito Santo.

Esse percurso, porém, não pode ser considerado uma espécie de padrão obrigatório para a vida de fé. Este capítulo vale em primeiro lugar para quem conhece a Lei, e esses eram, em regra, os judeus. Aqui são interpelados em primeiro lugar os judeus (isto é, os judeus cristãos). Os gentios não estavam debaixo da Lei mosaica.

Além disso, não há nenhuma necessidade de que um cristão que aceita e põe em prática plenamente o ensino de Romanos 6 (não debaixo da Lei, mas debaixo da graça) e de 7:1-6 (“mortos para a Lei”) chegue à miséria de Romanos 7. Ressalto mais uma vez que uma vida cristã vitoriosa só é descrita no capítulo 8. Se, portanto, alguém para quem a Lei é desconhecida também não estivesse familiarizado com o capítulo 7, provavelmente também não conheceria o problema ali descrito. Não há, portanto, nenhuma necessidade de deduzir dos capítulos 5 a 8 um processo ou progresso normal numa vida cristã.

Mas não se pode passar tão facilmente por este capítulo 7, porque a experiência de muitos cristãos corresponde, muitas vezes, exatamente à situação ali descrita. Se ele vale para aqueles que conhecem a Lei, então hoje precisamos dizer que não são só os judeus que a conhecem, mas também todos os cristãos, sendo que muitos a fizeram a sua regra de vida. Em princípio, judeus e gentios não se distinguem quanto à sua velha natureza adâmica e à sua posição de salvação em Cristo. Portanto, a experiência descrita, quando a vivemos hoje, pode ser tanto a de judeus cristãos como a de cristãos gentios. Muitos cristãos passaram pela “experiência de Romanos 7”. Muitos ainda se encontram nela, porque a consideram a vida cristã normal. Mas há também muitos que passaram pela “experiência de Romanos 8”. O apóstolo considera Romanos 8 a vida cristã normal. Deveria ser o normal que cristãos vivam pelo Espírito e não andem segundo a carne (cf. Gl 5:16-26; 1Co 3:1-3). Essa é a vida que Deus quer e para a qual ele providenciou tudo.

Mas por que muitos de nós passamos pela dolorosa “experiência de Romanos 7”? Porque, depois da nossa conversão, percebemos que poder forte é o pecado. Então tentamos lutar contra ele, porém com a arma errada e olhando na direção errada. Era a nossa própria força que empregávamos. Não percebíamos que Cristo realizou tudo por nós e, ao mesmo tempo, nos dá pelo seu Espírito toda a força para sermos vencedores. Nesse sentido, podemos ser

muito gratos por ter este capítulo, porque com ele podemos também explicar e situar com a Palavra de Deus essa fase difícil do nosso ser cristão (se é que ela existiu). Então podemos mostrar a saída a outros que vivem nessa aflição.

6.6 Quem é o homem de Romanos 7?

Muito já se especulou sobre quem seria a pessoa descrita aqui. É realmente a experiência pessoal do apóstolo Paulo, que, afinal, fala na “primeira pessoa”? Algumas coisas podem falar a favor disso, outras contra. Não vamos investigar mais essa questão aqui, por mais interessante que seja.

Creio que Paulo fala de forma exemplar sobre aquilo que muitos cristãos conhecem e experimentaram. Isso é de tão grande importância que Paulo, por isso, assume ele mesmo o “papel do eu”, o que também não é totalmente incomum (veja também Gl 2:18; 1Co 10:30).²⁷

6.7 Romanos 7:1-6: Mortos para a Lei

Os primeiros seis versículos explicam, de modo fundamental, a relação do cristão com a Lei. Assim como no capítulo 6 em relação ao pecado, aqui é descrito primeiro o lado *jurídico*. Nós não morremos de fato, mas Cristo morreu em nosso lugar. Essa morte nos é imputada como se nós de fato tivéssemos morrido, aqui com a consequência de que morremos para a Lei.

6.7.1 Versículo 1: A Lei vale somente para os que vivem

Ou vocês não sabem, irmãos (pois falo aos que conhecem a Lei), que a Lei tem domínio sobre o ser humano enquanto ele vive?

Tem-se de fato a impressão de que Paulo fala aqui de modo humano e apresenta uma lógica bem simples, que serve para explicar uma importante verdade espiritual. A Lei, ou melhor, toda lei, dirige-se apenas a pessoas vivas, que podem reagir à lei com obediência ou desobediência. Um morto simplesmente não tem mais nada a ver com nenhuma lei.

27. Sobre isso, uma citação de M. Arhelger, que se refere a uma gramática grega: “Para apresentar de modo vívido algo de validade geral no exemplo de um indivíduo, como algo imaginado como presente, a linguagem coloquial escolhe a 1ª e a 2ª pessoa do singular” (F. Blass, A. Debrunner, F. Rehkopf: *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, Göttingen 1979, página 231 sobre o § 281).

6.7.2 Versículos 2-3: O único caminho para escapar da Lei

Pois a mulher casada está ligada pela lei ao marido enquanto ele vive; mas, se o marido morrer, ela fica desobrigada da lei do marido. Assim, enquanto o marido vive, ela será chamada adúltera se pertencer a outro homem; mas, se o marido morrer, ela está livre da lei, de modo que não é adúltera se pertencer a outro homem.

Um exemplo deve aprofundar essa situação jurídica e acrescentar mais um aspecto. Se alguém tentasse se subtrair à Lei (o que, afinal, só pode acontecer pela morte), cometeria adultério em sentido figurado. A não ser pela morte, não há nenhuma possibilidade de se subtrair ao alcance da Lei. Assim mostra o exemplo da lei do casamento. Essa lei do casamento uniu legitimamente marido e mulher de forma inseparável por toda a vida, como era a intenção de Deus desde o princípio. A lei do casamento deixa de valer para o casal quando um dos cônjuges morre, neste caso o marido. Mas, se a mulher se unir a outro homem enquanto o marido legítimo ainda vive, ela comete adultério. Exatamente assim se apresenta a situação daquele que está debaixo da Lei: não há desligamento ou libertação a não ser pela morte. Só então pode haver uma nova relação matrimonial. Quem quiser escapar da Lei por outro caminho que não a morte será, mais ainda, um transgressor e cometerá adultério em sentido figurado.

Nessa imagem, o marido representa a Lei, enquanto a mulher representa os cristãos aos quais Paulo se dirige aqui. Como, então, podemos ser libertos da Lei?

6.7.3 Versículo 4: Aquele a quem agora pertencemos – Cristo

Assim, meus irmãos, também vocês foram mortos para a Lei por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que déssemos fruto para Deus.

Como só há libertação da Lei por meio da morte, o mesmo vale também para nós. Agora Paulo aplica a morte de Jesus Cristo, que ele já descreveu no capítulo

6 com respeito ao pecado, à relação com a Lei.²⁸

As figuras dessa imagem mudam, e ela se apresenta assim: o crente é comparado à esposa. O marido representa a Lei. Assim que o marido morre, a Lei deixa de valer.

Mas não foi a Lei que morreu (nem o pecado; cf. capítulo 6); fomos nós que morremos. Contudo, essa morte foi assumida por outro. O novo marido é Cristo, para permanecer nessa imagem. Ele morreu em nosso lugar.

O termo “mortos” (no sentido de “executados”) nos faz pensar na sua execução. É isso que Paulo quer dizer quando afirma que, pela Lei, morreu para a Lei (Gl 2:19-20). O transgressor da Lei tem de morrer. Paulo outrora transgrediu a Lei, mas Paulo morreu – em Cristo, que tomou sobre si essa consequência jurídica da transgressão da Lei. Mas nesse ter morrido com ele estava também, ao mesmo tempo, a saída para escapar da esfera de ação da Lei.

A morte de Jesus Cristo foi a morte daquele que foi feito pecado em nosso lugar. A referência ao seu corpo nos faz pensar em todo o horror da sua execução e do juízo de Deus na cruz. Foi uma morte terrível, na qual o nosso velho homem foi crucificado com ele.

Também aqui se fala de uma mudança. A ligação com a Lei é dissolvida, e é criada uma nova ligação, que aqui é comparada até mesmo a uma aliança matrimonial. Estamos unidos ao Ressuscitado; pertencemos agora a um homem que morreu e ressuscitou. A mulher que se casa assume o nome e a posição do marido; assim também nós, pois por meio dessa união estamos agora “em Cristo”.

6.7.4 Versículo 5: A Lei não promove a justiça, mas os pecados

Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que existem por meio da Lei, operavam em nossos membros, para darmos fruto para a morte.

No que diz respeito ao nosso passado antes da conversão, Paulo introduz um novo termo. Estávamos “na carne” (veja 8:8-9). Com isso não se quer dizer o nosso corpo físico, mas um estado: estávamos na linhagem de Adão. A carne, portanto, tem necessariamente a ver com o pecado: “na carne” “operavam as paixões dos pecados”. Essa carne descreve o ser humano permeado pelo

28. Em Gálatas 6:14 encontra-se a terceira consequência do nosso ter morrido com ele: morremos para o mundo.

pecado e pelas suas paixões. Não se trata aqui da carne em nós, mas do *estar na carne*. Esse estado de descendente de Adão tem a sua esfera de vida apenas na carne pecaminosa e não pode produzir outra coisa senão pecado. Assim diz o Senhor Jesus, quando fala da necessidade de um novo nascimento: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6). Embora nesta passagem o tema não seja o novo nascimento, trata-se em princípio da mesma coisa: fruto para Deus não pode vir da carne. Por isso é necessário um novo nascimento.

A Lei tornou o pecado “transbordante” (5:20). Ela não apenas indicava o pecado, mas provocava o pecado. Isso esclarece inequivocamente o que acontece quando um cristão se coloca debaixo da Lei. Isso se verá no decorrer deste capítulo, onde é descrita exatamente essa experiência.

6.7.5 Versículo 6: Um novo serviço a Deus para além da Lei

Mas agora fomos desobrigados da Lei (retirados dela), tendo morrido para aquilo em que estávamos presos, de modo que servimos na novidade do Espírito, e não na velhice da letra.

A Lei não deixou ninguém ir livre nem absolveu ninguém; ela sempre pronunciou a sua (justa) sentença de culpa. Mas, porque nós (isto é, o nosso velho homem) morremos, o caminho está livre para, por assim dizer, entrar numa “nova relação matrimonial”, que jamais será encerrada pela morte.

A “letra” (literalmente: *o escrito*) é a Lei, que exige obediência, sem, no entanto, dar a força necessária para cumpri-la. Mas agora fomos “retirados” da Lei, fomos transferidos. Estamos agora em Cristo Jesus, temos vida nele e o Espírito Santo em nós. Sobre o efeito, a força e o falar desse Espírito, Paulo escreverá mais adiante. No versículo 6, o Espírito é mencionado pela única vez neste capítulo, de modo bem diferente do capítulo 8.

Assim como no capítulo 6 se trata da *novidade de vida*, aqui se trata da *novidade do Espírito* (outra tradução: “o novo, [a saber,] o Espírito”). O velho passou, o novo veio. Temos uma vida nova e temos o Espírito de Deus.

6.8 Romanos 7:7-14: A Lei perfeita

Depois que a relação do cristão com a Lei ficou inequivocamente esclarecida (mortos para a Lei, para pertencer a outro, a saber, a Cristo), poderíamos, na

verdade, passar diretamente ao capítulo 8:1. Mas o que vem agora? Segue-se uma justificação da Lei. Ela se dirige ao judeu cristão, mas também a todo aquele que ou não entendeu a relação do crente com a Lei (veja 7:1-6), ou acha que, afinal, pode tentar chegar ao objetivo com a ajuda dela. Ele se envolve com a Lei – com consequências fatais. A sua experiência é descrita agora.

Se transferíssemos para esse cristão o exemplo que Paulo acabou de usar a respeito do casamento, poderíamos dizer: ele comete, de certa forma, adultério; ele está, por assim dizer, unido a um novo marido, a saber, a Cristo, enquanto se envolve numa união com a Lei (Gl 2:18).

A Lei não é, para o cristão, a regra de vida (ou: o elemento vital, assim como para o peixe esse elemento não é a terra). Isso vale também quando ele – e não pode ser de outro modo – como cristão, naturalmente cumpre os mandamentos morais da Lei de Deus (8:4). Mas cumprir a Lei de Moisés não é a tarefa da sua vida. O cristão não está sob o domínio de Moisés. Trata-se agora de ter o próprio Cristo como conteúdo e regra de vida, de estar unido a Cristo e de possuir a força do seu Espírito. A novidade de vida e “a novidade do Espírito” não consistem em proibições, que eram a marca da Lei. O próprio Cristo toma forma em nosso coração e se torna visível pelo fruto do Espírito. Ser cristão não consiste em guardar mandamentos, mas na transformação de dentro para fora – rumo à semelhança com Cristo. Não se trata de mandamentos, mas de uma pessoa. Ela é o objetivo.

Mas agora de modo algum nos tornamos pessoas sem lei: servimos a Jesus Cristo. Servimos a ele como escravos, ou seja, como servos que lhe pertencem – a ele, que é o nosso Senhor e Soberano e de quem somos legítima propriedade. Os seus mandamentos nós os seguimos; eles contêm a “lei de Cristo” (Gl 6:2; cf. 1Co 9:21). Estamos submetidos a Cristo segundo uma lei.

Neste capítulo fica claro que a Lei (justamente porque consiste em muitas proibições) não se dirige àqueles que são justificados em Cristo. Assim diz Paulo que a Lei não é destinada a um justo, mas aos sem lei (1Tm 1:9), para revelar o pecado deles e conduzi-los a Cristo.

6.8.1 Versículo 7: O conhecimento do pecado vem pela Lei

Que diremos, então? A Lei é pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado senão por meio da lei. Pois eu também não teria sabido nada da cobiça, se a

Lei não tivesse dito: “Não cobiçarás.”²⁹

Essa pergunta se impõe por si mesma! Se a Lei é uma realidade da qual só se é libertado por nada menos do que a morte do Senhor Jesus na cruz, então algo deve estar errado com a Lei. Mais uma vez vem um não decidido de Paulo. Se algo está errado, a causa está no ser humano.

Se já aprendemos que não estamos mais debaixo da Lei, e se ao mesmo tempo está tudo em ordem com essa Lei, então Paulo vai explicar agora o que há com essa Lei.

A Lei tornou manifesto o que é pecado. Com base na Lei, podia-se dizer exatamente em que consistia um pecado, ou seja, uma transgressão. O ser humano devia, assim, saber o que é pecado. Neste caso trata-se de um judeu, mas, no fim, refere-se a todo aquele que entrou em contato com essa Lei.

Paulo toma como exemplo o último dos Dez Mandamentos para levar adiante o seu pensamento. Talvez a transgressão da proibição de cobiçar seja o pecado mais difundido – um pecado oculto que todo ouvinte ou leitor conhece da própria vida. Não devemos cobiçar nada que pertença ao outro. É um pecado que acontece primeiro apenas no meu coração e não se realiza necessariamente num ato correspondente. Neste capítulo, afinal, não se trata de pecados grosseiros praticados. O poder do pecado é sentido primeiro fortemente no interior, e não é reconhecido apenas pelos atos.

Sigamos este versículo também no sentido de pregar a Lei, o padrão de Deus, para produzir nos perdidos o conhecimento do pecado. Sem esse conhecimento, eles não entenderão a necessidade de um Salvador.

6.8.2 Versículo 8: A Lei promove o pecado

Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, produziu em mim toda espécie de cobiça; pois sem lei o pecado está morto.

Quando o mandamento encontra o ser humano, não se segue de imediato a obediência, que seria a reação pretendida. Não, o pecado se revela como um poder rebelde. O pecado toma o mandamento divino como ocasião para fazer exatamente aquilo que a Lei proíbe. Não é apenas que o pecado seja acordado

29. Êxodo 20:17; cf. Deuteronômio 5:21.

como um cão adormecido. A característica *mais importante* do pecado consiste em rebelar-se contra o mandamento de Deus.

A cobiça não se dirige apenas a uma única coisa. Ela visa tudo o que é desejável; nisso ela é multifacetada e como um ímã forte que tenta atrair tudo para si.

No capítulo 5 já ficou claramente destacado que havia pecado também sem a Lei (e independentemente da Lei). Só que ele não era manifesto como tal, como princípio inimigo de Deus.

O pecado, sem lei, está “morto”; sem lei não se pode acusar ninguém por causa do pecado.

Por que, então, Deus deu uma lei, se o pecado sem lei estava morto? Sem lei ele não teria permanecido morto para sempre? A Lei sobreveio *ao lado*, para tornar o pecado transbordante (cf. 5:20). A doença do pecado, que desde Adão atingiu todo ser humano, não pôde, por assim dizer, ser curada com a Lei; ela foi apenas identificada como tal. Aos gálatas Paulo diz que a Lei foi um “aio para Cristo” (Gl 3:24; ER, tradução alemã da Bíblia); a Lei mostrou, portanto, a necessidade do sacrifício de Jesus (Gl 3:23-26). Nesse sentido, precisamos usá-la também na nossa evangelização.

6.8.3 Versículos 9-11: O encontro com a Lei leva à morte

Eu, porém, vivia outrora sem lei; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri. E o mandamento que fora dado para a vida, esse mesmo se mostrou para mim para a morte. Pois o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou e por meio dele me matou.

Paulo reconstitui de forma exemplar (isto é, não necessariamente como algo que ele mesmo viveu, pois “sem lei” ele, como fariseu, provavelmente nunca viveu) a promulgação da Lei: “... mas, quando veio o mandamento”.

Um ser humano sem lei não tem consciência do pecado, porque não consegue identificá-lo. Se lhe é dada uma lei, os pecados se tornam cada vez mais manifestos para ele: nesse sentido, “o pecado reviveu”. Além disso, no conjunto, ainda mais pecados são cometidos, porque o pecado é provocado pela Lei e age, por sua própria natureza, contra a Lei.

Há, portanto, situações em que o pecado revive, mas o crente não quer isso de modo algum (pois ele quer, afinal, obedecer à Lei). Então ele se sente como

se estivesse morrendo. Ele conhece a palavra que diz, em essência: “Façam isto, e vocês viverão!” Mas, sem nenhuma chance, ele aceita para si a sentença da Lei e “morre”. Esse morrer não é a morte de Jesus Cristo, que liberta do pecado e da Lei (nem é o morrer com Cristo); é a morte que resume toda a incapacidade e fraqueza diante da Lei.

Além da incapacidade, pode estar em vista também a morte por meio da Lei, como Paulo diz: ele morreu pela Lei (para a Lei). O pecado mata. O mandamento de Deus não mostra apenas quão rebelde é a minha reação, mas também que a consequência da minha rebelião é a morte – inevitavelmente. Nesse sentido, o pecado mata.

O pecado é um inimigo que se aproveitou da Lei. Como o pecado enganou? Ele enganou o cristão e o induziu a se concentrar na Lei como a regra de vida que ele, agora como cristão, afinal poderia cumprir? Algumas palavras deste capítulo nos fazem pensar na situação no paraíso, onde também se encontrava aquele que enganou, o mentiroso desde o princípio.

Não foi a Lei que matou; foi o pecado que matou. Este parágrafo trata de justificar a Lei de Deus. Ela foi dada para a vida, mas o ser humano precisa admitir a sua derrota: ele não consegue guardar a Lei na medida necessária para, por meio dela, ser justo diante de Deus.

Na Bíblia, a Lei não aparece apenas sob essa luz “negativa”. A Lei constituía, como se pode ver muitas vezes no AT (basta pensar nos Salmos 19 e 119), um dom especial dado a Israel. A Lei era uma grande bênção. Em Romanos 7 é destacada a função especial da Lei para o conhecimento do pecado, que evidencia o fracasso e a incapacidade do ser humano. É isso que se quer dizer com luz “negativa”: a Lei é boa, mas não ajuda, porque o ser humano não é bom.

As perguntas levantadas aqui quase não se encontram no AT. Impor a Lei aos cristãos foi a sedução dos judaizantes, que viajavam atrás de Paulo para confundir as igrejas fundadas por ele.

Só quando o evangelho da graça se espalhou é que começou esse conflito entre o velho e o novo, entre a Lei mosaica e a graça do evangelho. Isso levou especialmente Paulo, o reconhecido conhecedor da Lei, a se posicionar de forma tão clara, nas suas cartas aos romanos, aos coríntios, aos gálatas e aos colossenses, “contra” a Lei mosaica como caminho de salvação e regra de vida do cristão.

6.8.4 Versículo 12: Mesmo assim, a Lei é boa

Assim, a Lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom.

O problema não é a Lei, mas o pecado no ser humano. A Lei tem todos os atributos que o próprio Deus, como legislador, tem.

Este resumo deixa claro em que consiste a causa de termos morrido para a Lei e de estarmos, daí em diante, debaixo da graça: não é a qualidade da Lei, mas a incapacidade do ser humano de guardá-la.

6.8.5 Versículo 13: Mais uma vez – a função da Lei

Então o que é bom se tornou morte para mim? De modo nenhum! Mas o pecado,³⁰ para que se mostrasse como pecado, produzindo em mim a morte por meio do que é bom, a fim de que o pecado se tornasse excessivamente pecaminoso por meio do mandamento.

E, contudo, coloca-se a pergunta: como a Lei de Deus, ou seja, a vontade de Deus, pode significar a minha morte? – Resposta: não é a Lei que produz a morte; não, é o pecado que a produz. O pecado não é reprimido e encoberto pelo bom mandamento, mas descoberto.

O pecado pode se tornar ainda mais pecaminoso? – Não se pode tornar o pecado pior do que ele já é, mas aqui se trata da questão de como percebemos e avaliamos o pecado. Pode-se banalizar o pecado, pode-se anestesiar a consciência. Mas a santa Lei de Deus me devolve a percepção e a avaliação corretas do pecado. O propósito da Lei é ver o pecado como Deus o vê, para me levar ao Salvador.

6.9 Romanos 7:14-25: Experiências de um cristão debaixo da Lei

30. A redação do presente versículo, que neste ponto, em várias traduções alemãs da Bíblia (entre elas também a Elb e a ER), não forma uma frase completa, deve ser entendida assim: “Então o que é bom se tornou morte para mim? De modo nenhum! Antes, foi o pecado ...” (cf., por exemplo, Schlachter, Schl 2000 e Menge).

6.9.1 Versículos 14-15: A boa vontade e a carne fraca

Pois sabemos que a Lei é espiritual; eu, porém, sou carnal, vendido ao pecado; pois o que realizo não reconheço (não aprovo); pois não faço o que quero, mas o que odeio, isso pratico.

Agora o holofote se volta da Lei para o ser humano. A Lei é espiritual: ela vem de Deus. Mas o ser humano é carnal: o ser, ou seja, a natureza do ser humano, é pecaminoso. Ele se sabe vendido ao pecado, abandonado como José num poço escuro. O ser humano está preso numa contradição para a qual não tem explicação. Ele não entende por que tudo corre de modo diferente do que ele gostaria. Afinal, ele tinha se decidido por Deus e pela sua Lei. Mas por que agora isto: incapaz de fazer o que quer (como alguém que deseja servir a Deus), ele é forçado a fazer o contrário. É exatamente isso que mostra o poder e a ditadura do pecado, ao qual ele está “vendido”.

6.9.2 Versículo 16: Concordância com a Lei

Mas, se pratico o que não quero, concordo com a Lei, que ela é boa (excelente).

Nessa situação, o ser humano precisa até concordar que a Lei é excelente, espiritual e boa. O conhecimento que o ser humano tem de si mesmo cresce passo a passo. O ser humano justifica a Lei e, com isso, aquele que a deu. Agora ele está em condições de localizar a raiz do mal. Ele não a encontrará em algum lugar qualquer, mas em si mesmo:

6.9.3 Versículos 17-21: O pecado que habita em mim

Mas agora já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim. Pois sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum; pois o querer está presente em mim, mas o realizar o que é reto não encontro (não aprovo). Pois não pratico o bem que quero, mas o mal que não quero, esse eu faço. Mas, se pratico o que não quero, já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim. Assim, encontro para mim, que quero praticar o que é reto, esta lei: que o mal está presente em mim.

A raiz do mal está localizada: o pecado que habita no ser humano. Em 5:12 Paulo descreve como, por meio de Adão, o pecado entrou no mundo. Aqui ele é descrito como o princípio que desde aquele dia mora no ser humano. O pecado não é um princípio abstrato no mundo à minha volta, do qual se possa escapar (por exemplo, num mosteiro). O pecado conseguiu para si um direito de moradia no ser humano, no seu coração. O próprio pecado realiza o mal. O ser humano descrito aqui em Romanos 7 localizou a fonte. Mas ele não se exime da responsabilidade pelo seu pecado, como se nada tivesse a ver com isso. O pecado não é responsável; o próprio ser humano é responsável pelo que faz e deixa de fazer. Nele habita o pecado, e por isso na sua carne não se encontra “bem” nenhum (ER). Esse autoconhecimento veio por meio da Lei.

O bem é a obediência à Lei. Aqui se fala, em princípio, da Lei de Deus, ou seja, da Lei mosaica. O mesmo efeito de uma lei (veja a formulação “lei” sem artigo em 7:8-9) tem toda regra que eu imponho a mim mesmo como uma lei. Este capítulo trata de um ser humano nascido de novo que se impõe regras boas e corretas para agradar a Deus. Mas o erro é que ele tenta cumprir essas regras (a Lei de Deus) com as próprias forças e, ao fazê-lo, desafia o pecado que está nele, sem entender a relação. Quem se coloca debaixo de um princípio do “ter de”³¹ olha para si mesmo e para as suas regras, sem olhar para Cristo e para a força do Espírito.

6.9.4 Versículos 22-23: Duas leis e o seu efeito

Pois tenho prazer na Lei de Deus segundo o homem interior; mas vejo outra lei em meus membros, que guerreia contra a lei da minha mente e me leva cativo à lei do pecado, que está em meus membros.

O “autodiagnóstico” já não se esgota no conhecimento do pecado que habita em nós, que não só está presente, mas também se impõe como uma lei. Pois, assim como existe uma fonte para o mal, deve também existir uma razão pela qual a pessoa em questão tem prazer naquilo que vem de Deus. A causa disso está na existência do “homem interior”. Ele se opõe ao pecado e, em harmonia com passagens comparáveis (Ef 3:16; 2Co 4:16), onde também se fala do “homem interior”, encarna a nova vida do crente. O homem interior não está

31. H. P. Medema, *Der Brief an die Römer*, página 111.

apenas em contraste com o homem exterior, ou seja, com o corpo. Por “homem interior” não se entende simplesmente alma ou espírito, pois isso todo ser humano que nasce tem. O homem interior não deve ser entendido em primeiro lugar a partir da concepção do ser humano (antropologicamente), que descreve o aspecto interior do ser humano.³² O homem interior deve, antes, ser entendido a partir da salvação (soteriologicamente). A salvação ainda não alcançou o nosso corpo; primeiro nos foi dada a vida espiritual, que ainda não é visível exteriormente. A consumação corporal só acontecerá na ressurreição ou na transformação. Aqui começou no ser humano algo novo, que busca a Deus. Ele é nascido de novo.

O homem interior tem uma “mente” (gr. *nous*, isto é, a faculdade de pensar). É o pensamento renovado pelo Espírito Santo. Para essa mente, é uma lei natural querer aquilo que Deus quer. Mas o pecado, aqui como inimigo vitorioso no ser humano, é mais forte. Ele também trouxe consigo uma “lei natural”. O pecado peca; essa é a sua lei (a sua regularidade). Isso é sentido por um ser humano frustrado, como diz o versículo seguinte:

6.9.5 Versículo 24: Desespero

Miserável homem que sou! Quem me livrará deste corpo de morte?

O autodiagnóstico do ser humano chega ao fim, e surge este grito atormentado. Ele não quer simplesmente deixar o seu corpo, como se a solução dos antigos gregos fosse a resposta ao problema do pecado. Ela consistia em considerar o corpo a causa de todo mal e encontrar a liberdade no espírito. O “corpo de morte” é o corpo humano sob o efeito do pecado, que se espalha tomando posse de toda a sua existência humana.

O corpo de morte é, assim como o corpo do pecado no capítulo 6, de fato o corpo físico do ser humano. Por causa do pecado, ele está destinado à morte (Rm 8:10-13). A diferença em relação à solução grega consiste em que o cristão aceita o corpo (embora ele esteja destinado à morte) e o coloca à disposição do Senhor. Ele pode fazer isso porque agora o próprio Cristo habita nesse corpo por meio do Espírito Santo. A solução definitiva está, então, na ressurreição do

32. Jürg Buchegger, *Der neue Mensch in Christus und seine tägliche Erneuerung*, página 199, em: *Ein Mensch – was ist das?*, Wuppertal, 2004.

corpo (não numa saída do corpo); mas, enquanto isso, o ser humano pode, pelo Espírito, fazer morrer os maus feitos do corpo (Rm 8:12-13).

Com o grito que se encontra aqui, a pessoa em questão anseia não apenas por redenção, mas sobretudo por um Redentor! A letra da Lei exigia sem emoção, sem conceder força. O Redentor, o nosso Senhor Jesus Cristo, é quem, em graça e amor, deu a sua vida por cada um pessoalmente e dá força (Ep 4:13; 2Co 12:9 e outros).

6.9.6 Versículo 25: A lição de Romanos 7

Graças a Deus por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor! Assim, pois, eu mesmo, com a mente, sirvo à Lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.

Pela primeira vez o Salvador é mencionado pelo nome. Esta é a chave da porta da poderosa masmorra na qual o crente trancou a si mesmo. Se há alguém que salva dessa situação, é Jesus Cristo, nosso Senhor. Isso aponta para um crente que fala do seu Senhor. Agora, finalmente, a direção e o objetivo estão certos. Mais do que em qualquer outro capítulo da Bíblia, lemos em Romanos 7 “eu” e “eu” e mais uma vez “eu”. É aí que está o problema. Paulo talvez tenha escolhido este exemplo assim de propósito, para advertir de maneira bem visível contra um caminho que leva ao “eu”, ao “ego” e à Lei. Enquanto estivermos focados na nossa própria luta interior, simplesmente não conseguiremos ver Cristo e seguir o caminho do Espírito. O cristão desesperado já não lança a âncora, como antes, no seu próprio barco, mas a afunda em Jesus Cristo.³³

A gratidão repentina é a virada na miséria. Gratidão significa: não sou eu que realizo algo, mas outro faz algo por mim. O capítulo 8 mostra pelo que é a gratidão, a saber, pela obra salvadora de Deus em Cristo, que não só resolveu o meu problema da culpa, mas também o meu “problema do pecado”. O que eu sou por natureza foi removido e encerrado. A penosa subida ao monte Sinai, o monte da Lei, terminou. O Gólgota e a graça ali concedida para a salvação e para a vida são agora o objetivo!

O fim do capítulo 7 contrapõe as duas naturezas que estão no crente (7:25). Mas não se trata, neste ponto, da constante luta diária entre a carne e o Espírito (como descrita em Gálatas 5), e sim do conhecimento revolucionário de que no

33. William MacDonald, *Kommentar zum NT*, volume 1, página 641.

crente existem duas regularidades, duas leis. São dois princípios em mim: de um lado – com a carne – sirvo ao pecado. A origem desse princípio está agora claramente identificada: é o pecado que habita na minha carne. Do outro lado – com a mente renovada – sirvo à Lei de Deus. Também essa origem é compreensível: é o homem interior – a nova vida dada por Deus.

A carne é a dinâmica do “velho eu”, do ímpio e do que é deste mundo, do curso atual deste tempo – sim, de tudo aquilo que o pecado trouxe consigo. A mente é o meio pelo qual o homem interior quer cumprir a Lei de Deus. Em 7:25 Paulo resume o dilema: por meio do pensamento renovado ele tem prazer na Lei de Deus; por meio da carne ele serve à lei do pecado. É a pessoa, o “eu”, que serve ou a um ou ao outro, e isso com plena responsabilidade pela sua decisão. Assim, pode-se falar de duas faculdades ou capacidades³⁴ que eu uso para tudo o que faço. Uma das duas capacidades está sempre ativa; não existe nada neutro. Toda ação (simplesmente tudo o que penso e faço) é determinada por uma dessas faculdades. Como, então, a faculdade do Espírito irrompe na minha vida?

Estamos curiosos para ver como Paulo responde e que caminho ele mostra. Mas podemos antecipar a resposta e formulá-la numa frase assim: o que a Lei não foi capaz de fazer, Cristo agora fez por nós (histórica e factualmente), e o Espírito o “cumpre” hoje em nós (como experiência real).³⁵

34. Charles C. Ryrie, *Ausgewogen statt abgehoben*, Dillenburger 1994, página 43. A palavra inglesa “capacity” tem também o sentido de “faculdade”.

35. Gordon Fee, *Der Geist Gottes und die Gemeinde*, Metzingen, 2005, página 188.

7. Romanos 8:1-11: Livres, enfim!

A cadeia de argumentos nos primeiros cinco capítulos sobre a justiça de Deus, de um lado, e a culpa e o pecado do ser humano (seja judeu, seja gentio), de outro, levou à salvação pelo sangue de Cristo (3:23-25). Deus deu o seu Filho como propiciação. O sangue de Jesus satisfaz a justa exigência de Deus. Mas Deus, depois que Jesus se ofereceu por nós, o ressuscitou dentre os mortos por causa da nossa justificação. Agora Deus, o santo e justo Juiz, declara justo aquele que crê em Jesus Cristo e no Deus que o ressuscitou dentre os mortos. Em 5:1 Paulo resume:

Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus!

Até aí poder-se-ia pensar que o ponto alto da carta já foi alcançado, de modo que outro dificilmente seria possível. Mas então Paulo aborda o problema mais profundo. A partir de 5:12 já não se trata de culpa e expiação, mas da natureza moral do ser humano. Trata-se do pecado como poder e como princípio, que está inseparavelmente entranhado em todo ser humano. O que uma pessoa *faz* pode ser perdoado. Aquilo que ela (do ponto de vista moral) *é* não pode ser perdoado, porque com isso se justificaria o pecado.

No capítulo 5 Paulo explica a origem e o efeito do pecado; no capítulo 6, a libertação do pecado. No capítulo 7 Paulo tratou da relação da Lei com o cristão. Na segunda metade, ele descreveu a experiência de uma pessoa da qual podemos supor que é um filho de Deus. Esse cristão tenta, por bons motivos, agradar a Deus, tendo feito da Lei a sua regra de vida. Mas ele deixou de ver algo decisivo: o cristão morreu para a Lei, assim como morreu para o pecado. Ele não entendeu que a Lei do Sinai representa todo um “sistema” em que vale o princípio do desempenho. Mas a Lei foi dada justamente para provar a fraqueza e a incapacidade da carne. Ela deixou claro que o ser humano é pecador e precisa da intervenção de Deus. Por meio da Lei o pecado reviveu (7:9); por meio da Lei o pecado se tornou excessivamente pecaminoso (7:13). Se um crente se envolve com essa velhice da letra, acabará em desespero, pois o pecado nele será mais forte do que a sua vontade renovada.

A afirmação “Miserável homem que sou!” vem da consciência de que o pecado é invencível. Em Romanos 7 o cristão vê apenas a si mesmo; ele não vê

que em Cristo está justificado, lavado e santificado. Ele não percebeu a sua nova identidade em Cristo. Quem se dá conta da sua nova identidade (como descrito no capítulo 8) não precisa mais dizer: “Miserável homem que sou!” E, contudo: sempre que ele dá um passo em falso, ou seja, peca, e portanto há nele uma “obra da carne” (Gl 5:19), deve condenar e confessar isso sinceramente diante de Deus. Toda verdadeira confissão de pecado vem acompanhada de tristeza e arrependimento. Isso é parte e condição do crescimento espiritual.

Romanos 8 nos abre de par em par a porta para a vida: absolvição em Cristo e liberdade no Espírito como filhos de Deus a caminho da glória. Ainda não chegamos; ainda estamos no corpo de morte e numa criação que está sujeita à corrupção.

7.1 Já agora – ainda não

Fomos salvos na esperança (Rm 8:24-25; ER, tradução alemã da Bíblia). A nossa justificação, que de pecadores nos tornou justos, é certa, mas só é obtida pela fé. O que possuímos pela fé é o “já agora”. Mas é evidente que ainda não alcançamos a perfeição. O melhor ainda está por vir, e a isso chamamos o “ainda não”.

A nova era de Cristo: vida eterna, atuação do Espírito, graça, liberdade, ressurreição, renovação, paz, justiça, consumação

A primeira vinda de Cristo e a sua obra cumprem o “já agora”: justificação, dom do Espírito

Vida terrena na fé e na esperança – Já agora – ainda não

Era presente

A segunda vinda de Cristo cumpre o “ainda não”:

- A glória futura 8:18
- A adoção, a redenção do nosso corpo 8:23
- Liberdade da glória dos filhos de Deus 8:21
- A criação libertada 8:21

A era de Adão: pecado, morte, carne, Lei, escravidão, transitoriedade, corrupção, vaidade

O gráfico quer tornar claros esse aparente contraste e a tensão que existe entre esses dois pontos. O círculo é a sobreposição, em que a era de Adão ainda não terminou, mas a de Cristo já começou. Neste tempo, a vida do futuro já foi

concedida ao povo de Deus, enquanto, ao mesmo tempo, a consumação ainda está por vir.

Este tempo da fé, da esperança e da perseverança na fé é acompanhado pelos imperativos da salvação. Os seus encorajamentos, exortações e advertências enfáticas são dirigidos a nós e devem nos motivar a perseverar até o fim, para que possamos completar toda a maratona da fé. A graça de Deus, por meio do seu Espírito, fará com que alcancemos o objetivo. Este é o tema do capítulo 8. A nossa esperança revive quando observamos de maneira equilibrada o *já agora* – *ainda não* em Paulo e em todo o NT. Os capítulos 6 – 8 são um exemplo marcante dessa ideia central.

O *indicativo da salvação* corresponde ao *já agora*, ou seja, àquilo que já recebemos. O *imperativo da salvação* dirige o olhar para aquilo que *ainda não* é, mas que alcançaremos: a glória da vida eterna e uma criação libertada. A salvação de Deus não exclui a ação, a decisão e a perseverança humanas. Devemos nos tornar o que somos. Advertência e promessa, exortação e garantia estão lado a lado e jamais se excluem.

7.2 A grande virada

O capítulo 8 é talvez o “mais alto” cume desta carta e um dos mais altos de toda a Bíblia. Depois que a libertação do pecado foi plenamente esclarecida, Paulo mostra para onde e através de que circunstâncias da vida o caminho dos libertos conduzirá, a fim de alcançar o objetivo de Deus (a consumação).

“Este capítulo nos conduz ao círculo mais íntimo e ao coração do cristianismo; ele trata do estado especial da bem-aventurança, da alegria mais pura e mais esclarecida, para a qual o mundo não é de modo algum capaz de oferecer, nem de longe, algo comparável.”³⁶

36. C. J. Ellicott e W. Sanday (orgs.), *A Bible Commentary for Bible Students*, página 233.

7.3 Versículo 1: Absolvição – nenhuma sentença de condenação mais

*Portanto, agora já não há condenação (nenhuma sentença de condenação) para os que estão em Cristo Jesus.*³⁷

Esta é uma das maiores e mais ricas frases da Bíblia. Esta palavra afugenta todo medo. É um grito de júbilo num mundo perdido que caminha para o juízo. Para pessoas atormentadas pelo desespero por causa do conhecimento do seu pecado, essa boa notícia tem efeito existencial: libertação, paz, certeza e segurança. Esse lugar, ou seja, essa posição em Cristo, é mais seguro do que qualquer abrigo antiatômico. Nada pode nos atingir em Cristo, porque primeiro teria de atingi-lo. E ele é capaz de enfrentar tudo. Aqui se trata da sentença de condenação de Deus, que com razão nos teria atingido, se ele não a tivesse tomado sobre si. E, porque estamos nele e permanecemos nele para sempre, atravessamos o dia a dia com essa segurança. Todas as questões jurídicas estão resolvidas. Não fomos apenas declarados justos; estamos até inseparavelmente unidos a Cristo: estar em Cristo não significa outra coisa senão que Deus, quando olha para nós, não vê a nós, mas a Cristo.

Esta afirmação fundamental nos assegura que a futura condenação no dia do juízo, bem como a condenação na eternidade, foram, para nós que estamos em Cristo, deslocadas do futuro para o passado: a nossa condenação já aconteceu.

Essa condenação não foi retirada ou anulada simplesmente porque Deus é misericordioso conosco. O ser de Deus não muda. Ele jamais abandonará ou negará a sua glória, a sua santidade e a sua justiça. Por que, então, não há condenação para aqueles que estão em Cristo? – Porque em Cristo foi executada a sentença de condenação sobre nós, isto é, sobre o nosso velho homem (6:6; 8:3). Ela atingiu *a ele*, não a nós. A proteção contra a condenação não consiste em que Jesus tenha sido perfeito em sua vida e cumprido a Lei. Não, a sentença de condenação não precisava apenas ser pronunciada, mas também executada, o

37. Há manuscritos que atestam a seguinte tradução: *Portanto, agora não há absolutamente nenhuma condenação para os que (estão) em Cristo Jesus; (são) aqueles que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito*. Os que estão em Cristo não devem a sua posição ao seu andar segundo o Espírito: antes, a consequência lógica de estar em Cristo consiste em andar segundo o Espírito. Muitas vezes, posição e estado são indevidamente afastados um do outro – algo que Paulo não teria entendido. Essa tradução corresponde inteiramente à unidade entre o indicativo da salvação e o imperativo da salvação. Não se trata, portanto, de salvação pelas obras, mas da transformação da vida como consequência normal da salvação.

que aconteceu na cruz e na morte de Jesus. Não a sua vida santa, mas a sua morte é a nossa salvação.

Um dia todo ser humano terá de comparecer à presença do Eterno. Este é o dia da ira e o dia da revelação do justo juízo de Deus (Rm 2:5). Nesse dia serão julgadas as coisas ocultas dos homens (Rm 2:16). Todos compareceremos perante o tribunal de Deus, e cada um prestará contas de si mesmo (Rm 14:10). Quando quer que esse momento chegue, estamos em Cristo. Já agora fomos feitos justos, de modo que não precisamos temer esse instante. Não temos de esperar nenhum processo judicial. O juízo já aconteceu. A ira de Deus (Rm 1:18) não nos atinge; estamos justificados pelo sangue de Cristo e seremos salvos da ira (Rm 5:9).

Pela fé apreendemos agora a nossa posição de salvação em Cristo. Mas nesse dia ela se tornará manifesta; então será realidade vivida e visível: absolvição completa e aceitação como filhos ali, junto ao trono de Deus! Então teremos passado da fé à visão.

Deus nos colocou em Cristo (1Co 1:30). Esta é a proteção absoluta contra o juízo de Deus, mas ao mesmo tempo também o início de uma vida totalmente nova no Ressuscitado. Para esse tema, que é ele em especial quem trata, Paulo usa a expressão “estar em Cristo”³⁸. Este é o coração da fé cristã, a mais íntima união com Cristo, que agora está no trono de Deus. Nada menos do que isso abrange agora a posição legal (jurídica) do crente diante de Deus, e o mesmo vale para a sua nova atmosfera de vida, para a qual ele agora foi trazido. Isso descreve tanto a sua posição como também a justificação e a dinâmica da sua vida. “Estar em Cristo” significa “viver em Cristo”. A. T. Pierson comparou as palavras “em Cristo” a uma pequena chave capaz de abrir uma poderosa fechadura num grande portão de um palácio. Em Cristo fomos levados até o trono de Deus. Ali somos aceitos no Amado, o Filho de Deus.

Não se trata do sentimento, nem do próprio esforço, quando se quer chegar à nova posição (“em Cristo”). Um cristão não precisa se esforçar para alcançar essa posição. Seria como se alguém que já está num quarto tentasse repetidamente entrar nesse quarto, como comparou Watchman Nee.

38. Mais de 190 vezes ocorrem no NT esse termo e expressões semelhantes que caracterizam a nossa união com Cristo.

7.4 Versículo 2: Libertos pela lei do Espírito da vida

Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus me libertou da lei do pecado e da morte.

O que o crente encontra em Cristo Jesus, no seu “novo lar”? Do que ele agora participa quando está em Cristo? Ali ele se torna participante de toda a força vital que Cristo possui na ressurreição.

Duas leis – ou regularidades – são contrapostas. Uma força atua para a morte, a outra para a vida. Quem está unido a Cristo pode vencer o pecado e a morte. Uma lei quebrou a outra, porque é mais forte. Não se trata da coexistência de duas leis, mas da vitória em Cristo. Isso deve se tornar, de modo bem prático, a experiência do cristão, que Paulo também explica a seguir. Mas primeiro a vitória precisa ter sido conquistada, para que se possa sequer reivindicar uma lei assim, a lei do Espírito da vida. Não é o cristão que deve travar essa luta; outro conquistou essa vitória por ele: Cristo.

A lei do pecado e da morte foi comparada à lei da gravidade. Essa lei é vencida por um pássaro por meio da lei da aerodinâmica. O pássaro não cai ao chão, mas voa para onde quer. Voar é uma capacidade que lhe é própria por natureza, sem que ele se esforce obstinadamente para isso. Que, ao fazê-lo, ele rompe a lei da gravidade, ele não tem consciência. Ele faz aquilo para o que foi criado. Assim, essa lei do Espírito da vida libertou o cristão e continua atuando nele constantemente. É o Espírito Santo quem dá essa liberdade e a mantém viva. O cristão pode estar certo do efeito dessa lei, e ela deve ser – como para o pássaro – o normal para ele.

O capítulo 8 se ocupa principalmente do Espírito Santo, enquanto o capítulo 7 trata do próprio “eu” humano. O Espírito Santo, o Espírito de Cristo, é o Espírito da vida. Em Adão e em todos os seus descendentes atuava a lei do pecado e da morte. Em Cristo atuam agora, com força incomparavelmente maior, o Espírito e a vida do Ressuscitado.

7.5 Versículo 3: Deus resolve o problema do pecado no Gólgota

Porque aquilo que era impossível à Lei, por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando o seu próprio Filho em semelhança (igualdade) da carne do pecado e por causa do pecado, e condenou o pecado na carne ...

A Lei não podia resolver o problema do pecado nem dar vida e força para cumpri-la e viver segundo ela. Ela não podia melhorar o ser humano moralmente nem torná-lo novo. A carne (a dinâmica natural e, por isso, pecaminosa e deste mundo dos descendentes de Adão) estava sem força e era incapaz. Mas Deus pôs tudo em movimento, porque é misericordioso e compassivo. O que nós não podíamos fazer, *ele* fez. Que palavra libertadora, que neste contexto vale especialmente para aqueles que ainda querem fazer algo por si mesmos e se colocam sob a pressão do fazer e do ter de!

7.5.1 Deus se torna homem

Isso Deus fez. Este é o fim definitivo de tudo o que seres humanos podem ou querem fazer. Deus faz o grandioso, o inimaginável: ele enviou o seu Filho único. Não enviou anjos nem um ser humano. Ele deu o seu Filho, com quem está unido em amor infinito e comunhão eterna. Deus Filho se tornou homem. Ele não nasceu dentro da “carne do pecado”, mas foi enviado em “igualdade” da carne do pecado. Ele se tornou semelhante aos seres humanos, mas sem pecado. Sem pecado, mas *por causa do* pecado ele foi enviado. A sua missão divina era tornar-se sacrifício pelo pecado. A expressão “pelo pecado” é muitas vezes usada para a oferta pelo pecado no AT. Era exatamente esse sacrifício que ele devia se tornar, porque todos os sacrifícios até então só podiam ser uma lembrança do pecado! Que ele se tornaria esse sacrifício único pelo pecado, ele tinha consciência em cada instante da sua vida sem pecado.

O Verbo se fez carne, mas sem pecado. O pecado estava em todos os seres humanos; a sua natureza é chamada “pecado na carne”. Para Jesus valia apenas que ele estava na carne (na existência humana), sem pecado. Essa era a condição inegociável e necessária para poder se tornar, por outros, o sacrifício pelo pecado.

A expressão “semelhança da carne do pecado” inclui, por um lado, a ênfase de que Deus Filho realmente se tornou homem (“igualdade” significa aqui mais do que “semelhança”, porque do contrário seriam admissíveis dúvidas quanto à sua verdadeira humanidade). Por outro lado, a expressão inclui que a sua humanidade não estava tomada pelo pecado, como acontece com todos os seres humanos.

7.5.2 Gólgota

O inconcebível aconteceu: Deus condenou (sentenciou) o “pecado na carne” e, para isso, tomou o seu Filho como oferta pelo pecado. Assim Deus executou nele a sentença de condenação sobre o pecado. Cristo tomou sobre si o nosso ser pecaminoso (fez-se a si mesmo aquilo que nós éramos) e expôs-se ao santo juízo de Deus em nosso lugar. Deus não poupou o seu Filho (8:32)! Em 6:6 Paulo diz o mesmo: fomos crucificados com ele. Em 7:4 ele descreve isso com outras palavras (“mortos por meio do corpo de Cristo”). Na cruz foi conduzido o processo contra o pecado e executada a sentença de morte. O Salvador assumiu em nosso lugar tanto a condenação como a morte, o salário do pecado!

Deus o tratou na cruz, embora ele seja o eterno Filho do seu amor, como o maior pecador – como aquele sobre quem pesava todo o pecado da humanidade. A ira de Deus atingiu sem misericórdia aquele que era santo e justo e odiava o pecado. Ele foi feito pecado (e oferta pelo pecado) por nós (2Co 5:21). Esse acontecimento abrange as horas mais escuras da história da humanidade. As trevas extraordinárias e globais que reinaram naquele dia, do meio-dia às três horas da tarde, dão testemunho desse mistério. Ninguém pôde ser testemunha do que aconteceu. Deus fere o seu próprio Filho, que fisicamente está no limite das suas forças, mas, em plena consciência, se encontra com o Deus santo. Então ele entrega a sua vida à morte. O Salvador clama ao universo as palavras mais importantes que jamais foram pronunciadas: “Está consumado.”

Assim entendemos que, para aqueles que estão em Cristo Jesus, não pode mais haver condenação. Ele a tomou sobre si. Ele se entregou à absoluta santidade e justiça de Deus, carregando sobre si aquilo que nós éramos por natureza (todas as marcas da nossa posição “em Adão”), como se fosse responsável por isso. Tudo o que eu mereci, ele tirou de mim. Foi um sacrifício divino, e ele vale para todos os que agora estão em Cristo. Essa é a resposta de Deus ao nosso fracasso, ao nosso pecado e à nossa incapacidade de servir a Deus. Ele colocou a nossa justificação, dos nossos pecados e do pecado, sobre uma base absolutamente justa e, por isso, incontestável. A exigência de Deus estava satisfeita. Para criar o novo, era necessário julgar o velho: o pecado precisava ser condenado na carne de Jesus (no Verbo que se fez carne) segundo

os próprios critérios de Deus, em harmonia com a sua justiça, santidade e glória. Com isso, Deus foi glorificado em todos os aspectos, e as suas exigências foram plenamente satisfeitas. A prova disso é a ressurreição e a entronização de Jesus. Deus chegou ao pleno repouso na obra redentora do seu Filho.

Mas observemos qual é o objetivo dessa obra salvadora:

7.6 Versículo 4: Afinal, a Lei de Deus é cumprida

... a fim de que a justa exigência da Lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.

A salvação pela morte sacrificial consumada de Jesus desemboca agora na nossa vida prática, na nossa conduta. O objetivo da salvação é que agora, afinal (ao contrário do capítulo 7), a Lei seja cumprida pelo cristão. Este versículo é a resposta a Romanos 7! Depois do estudo do capítulo 7, ficou, afinal, a pergunta se a Lei de Deus jamais irá além da função de apenas revelar o pecado. Como a Lei de Deus é justa e absolutamente boa, equivaleria, afinal, a uma derrota de Deus se ninguém – exceto Jesus, naturalmente – pudesse cumpri-la. E é assim: agora aqueles que estão em Cristo cumprem a Lei. A exigência da Lei é agora cumprida neles, e isso por meio do Espírito de Deus.

Não se trata aqui de cada mandamento da Lei mosaica. O problema do ser humano de Romanos 7 não era a lei ritual, mas a parte moral da Lei mosaica. Ele fixa o dilema da sua situação no último dos Dez Mandamentos (um mandamento de natureza moral): “Não cobiçarás!” (7:7; Êx 20:17; cf. Dt 5:21). Nos mandamentos morais o pecado se torna manifesto (veja também Tg 2:8-11). O cobiçar, ou seja, o prazer do desejo ilegítimo (seja pelo que for), é algo que encontramos diariamente e que começa no nosso coração.

Esse mandamento é agora cumprido pelo crente no poder do Espírito Santo. Assim, ele pode resistir à cobiça e vencê-la. Mais ainda: ele constatará o seguinte: quando segue conscientemente o caminho do Espírito, a cobiça perde cada vez mais a força de atração para ele. Ele já não quer possuir aquilo que é ilegítimo e pertence a outros – aquilo que (segundo critérios terrenos) é maior, mais bonito e melhor.

A “nova” ética de Paulo, ou seja, a “novidade do Espírito” (7:6), não consiste em regras ou leis velhas ou novas. Antes, no poder do Espírito, levamos já hoje a vida do futuro – uma vida que expressa o próprio ser de Deus, tal como o

conhecemos em Cristo Jesus. O padrão dessa vida não é a Lei mosaica, mas a lei de Cristo (Gl 6:2), a verdade que está em Cristo (Ef 4:20-22) e que encontramos em todo o NT. Naturalmente, a lei de Cristo e a Lei mosaica jamais podem se contradizer, já que têm a mesma origem e o mesmo autor. O núcleo da Lei de Moisés é o amor, que é justamente também o centro da lei de Cristo. Mas, nesta última lei, o amor vai muito além: o próprio Cristo e o seu amor são o padrão.

7.6.1 A Lei mosaica e a sua validade

Precisamos distinguir entre a “lei moral eterna de Deus”³⁹ e a Lei mosaica, cuja validade é limitada no tempo. A lei moral eterna de Deus é a norma absoluta do que é certo e errado diante de Deus. Ela é expressão do ser santo e imutável de Deus em relação ao ser humano. A lei moral de Deus sempre existiu, porque são as exigências do seu ser eterno. Seres humanos podem viver em harmonia com a lei moral absoluta de Deus sem estar debaixo da Lei mosaica.

É exatamente essa nova situação que Paulo explica aqui. O cristão está liberto da Lei mosaica no que diz respeito ao caminho para a salvação e também ao padrão de vida. Mas nem por isso ele é jamais “sem lei”. Ele está agora submetido a Cristo segundo uma lei (1Co 9:21), e aí valem, no mínimo, as regras tal como estão contidas na parte moral da Lei mosaica.⁴⁰ A “lei de Cristo” (Gl 6:2), como a lei do Espírito da vida (8:2), e o (novo) mandamento do amor (Jo 13:34; 15:12 e outros) se ligam, sim, à Lei mosaica e em parte alguma a contradizem, mas vão muito além. Agora os crentes se tornaram imitadores de Deus e de Cristo. Vale: Andem em amor, no amor de Cristo, que se entregou até a morte (Ef 5:2)! Isso é mais do que uma lei. A Lei mosaica fica aqui, por assim dizer, para trás e já não consegue acompanhar o novo padrão à luz da revelação do Filho de Deus e da sua obra redentora. Isso é expressão de um

39. Ernst G. Maier, *Die biblische Lehre von den Heilszeiten*, Hünfeld, 2007, página 80ss. O termo “lei moral eterna de Deus” não aparece na Bíblia, assim como outros termos teológicos (Trindade, velha e nova natureza etc.), mas ele é útil para descrever de forma concisa uma verdade bíblica.

40. Os Dez Mandamentos no NT: com exceção do mandamento do sábado, todos os outros nove mandamentos (morais) não são apenas repetidos no NT, mas intensificados e/ou transformados de uma proibição num mandamento positivo! 1º mandamento: 1Co 8:4-6; 2º mandamento: 1Co 10:7, 14; 3º mandamento: Cl 3:8; 5º mandamento: Ef 6:2; 6º mandamento: Mt 5:22; 1Jo 3:16; 7º mandamento: Mt 5:28; Ef 5:25; 8º mandamento: Ef 4:28; 1Jo 3:17; 9º mandamento: Ef 4:25; 10º mandamento: Ef 5:5; 1Tm 6:10 e outros.

relacionamento, isso é adoção, isso é direção individual, isso é uma nova criação (Gl 6:15-16).

A revelação e a aplicação dos princípios morais eternos de Deus mudam nas diferentes épocas da história da salvação. Embora a Lei mosaica tenha perdido a sua validade, os princípios morais eternos de Deus, que se expressam na Lei de Moisés, permanecem. Pois nós os encontramos de novo na lei de Cristo. Paulo dá um exemplo em Romanos 13:8-10. O mandamento da nova vida consiste em amarmos uns aos outros. Com isso cumprimos também a Lei mosaica, porque o amor é a soma da Lei (Gl 5:14-15; 1Tm 1:5-11; Mt 22:34-40). Essa soma, a saber, o amor, corresponde também à lei de Cristo.

Cristo é, por um lado, o fim, mas também o objetivo e o cumprimento da Lei mosaica (Rm 10:4). Ele foi o único que guardou perfeitamente a Lei mosaica. Mas, além disso, no homem Jesus Cristo a lei moral eterna de Deus é perfeitamente revelada. Cristo, como o Verbo eterno (Jo 1:1-3), é em sua pessoa a expressão perfeita da vontade e da lei de Deus. A “lei de Cristo” abrange uma revelação perfeita da lei moral eterna de Deus e, como tal, supera a Lei do Antigo Testamento. Por isso o padrão do cristão agora já não é a letra da Lei mosaica, mas uma pessoa: o próprio Cristo está escrito em nosso coração pelo Espírito.

Em outras palavras: entram em vigor os fatos da nova aliança. A Lei é implantada no coração (isto é, no centro da vontade e das decisões do ser humano), para que as pessoas em questão possam viver de dentro para fora segundo essa lei, pelo poder do Espírito Santo. Essa lei é encarnada por ninguém menos do que o próprio Cristo (Hb 8:10; 10:16; 2Co 3:6, 18; Jr 31:31-34; 32:40; Ez 36:24-27).

7.7 Versículo 5: Ser segundo a carne ou segundo o Espírito

Porque os que são segundo a carne pensam nas coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, nas coisas do Espírito.

Paulo não deixa de prolongar, a seguir, as duas linhas que começou em Romanos 5:12. No presente contexto, ele não escreve sobre se um cristão vive de modo espiritual ou carnal. Ele continua tratando da distinção fundamental. “Ser segundo a carne” significa ainda pertencer à família de Adão. Mas aqueles “que são segundo o Espírito” estão “em Cristo”. Ambas as posições, porém,

não são uma questão abstrata. A vida, o pensamento e a ação são marcados – ou pelo Espírito, ou pela carne. A carne marca o descrente; o Espírito, o crente.

A carne é o ser pecaminoso do ser humano – aquilo que ele se tornou, em toda a sua existência e modo de vida, por meio do pecado que nele habita. O descrente é “carne” (Jo 3:6). Ele vive a partir da carne e segundo a carne; está voltado para si mesmo e para as coisas deste mundo. Ele não pode agir de outro modo, mesmo que quisesse. Ele é determinado pela sua carne. O seu querer, pensar e agir são marcados pela dinâmica do que é deste mundo, do visível e do mundano.

O cristão, ao contrário, é “segundo o Espírito”. Isso significa que o Espírito lhe concedeu a salvação e que dali ele deriva a sua nova origem: o que é nascido do Espírito é espírito (Jo 3:6). Com base nisso, surgem uma nova direção de vida, novos interesses e um olhar voltado para o eterno e o celestial.

7.8 Versículos 6-7: Morte e vida, inimizade e paz

Porque a inclinação da carne é morte, mas a inclinação do Espírito é vida e paz, pois a inclinação da carne é inimizade contra Deus, porque não está sujeita à Lei de Deus, nem mesmo pode estar.

A diferença não poderia ser mais clara. A aspiração (a inclinação) da carne traz em si a morte, ou seja, a transitoriedade e a corrupção. O ser humano que ainda está na carne não percebe isso. Ele pensa que pode viver de forma autodeterminada, mas está manipulado pelo pecado. Ele não percebe que essa vida leva à morte (tanto física como eterna). Ele considera a morte, embora a tema, algo normal e não reconhece essa ligação entre carne e morte.

O Espírito de Deus, porém, produz vida e paz. Essa vida não é vida biológica, mas vida espiritual, ou seja, eterna. A paz com Deus é a base dessa nova vida. A paz abrange o anseio de todos os seres humanos, mas só é alcançada no poder do Espírito Santo. A vida no Espírito é marcada por essa paz; é uma paz que deixa o crente descansar confiante na mão de Deus. Paulo explica nas suas cartas doutrinárias como essa vida espiritual e essa paz se mostram na nossa existência humana. Aqui ele ainda permanece na contraposição fundamental, que parece abstrata.

A natureza da carne pecaminosa não é algo passivo. Ela consiste, ainda que não seja percebida assim, em inimizade contra Deus. A carne rejeita a Lei. A

autoridade de Deus é, para a carne, um inimigo. É da natureza da carne banir Deus da vida. A carne é incapaz de guardar a Lei de Deus e não quer fazê-lo. Isso vale também para o cristão. A sua carne, ou seja, a sua velha natureza carnal, que ainda se encontra nele também na nova posição de salvação, comporta-se exatamente da mesma forma (quando recebe liberdade para isso) e também não consegue guardar a Lei. Também a carne *em nós* é inimizada contra Deus. Mas nós não estamos “na carne”, como mostra o versículo seguinte:

7.9 Versículos 8-9: Estar na carne e estar no Espírito

Mas os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vocês, porém, não estão na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse não é dele.

A expressão “estar na carne” se refere àquilo que um ser humano é por natureza, como descendente de Adão. A sua vida é marcada e determinada por isso em tudo o que ele é e faz. É o seu elemento vital, assim como a água é o elemento do peixe. Precisa ficar claro, sem nenhuma dúvida, diz Paulo, que na carne nunca se pode agradar a Deus, nem mesmo com a ajuda da Lei.

O cristão não está mais “em Adão”, mas “em Cristo”, o que aqui é equiparado ao fato de ele estar “no Espírito”. Pelo fato de o Espírito de Deus habitar em cada crente, este também se encontra “no Espírito”, desde que esse Espírito tomou posse dele. Se estamos no Espírito, então estamos na pessoa do Espírito Santo, assim como estamos na pessoa de Cristo. Essa pessoa divina, o Espírito de Deus, habita em nós assim como Cristo. Daí resulta que o nosso estado agora é descrito como “no Espírito”. Estamos “em Cristo” e estamos “no Espírito Santo”. Em outras palavras, estamos em Deus (Cl 3:3; 1Ts 1:1; 2Ts 1:2; 1Jo 4:15-16; Jd 1). Esse é o nosso novo “lar”, a nossa nova atmosfera de vida, cheia de vida, graça, paz e justiça. “Estar no Espírito” significa que, daqui em diante, o Espírito de Deus produz em nós o seu fruto e dirige a mentalidade, ou seja, a inclinação. Esse Espírito, afinal, não age de modo diferente de Jesus Cristo, em quem fomos colocados, nem independentemente dele. Por isso, o mesmo Espírito é chamado também de “Espírito de Cristo”. Cristo é o centro e o objetivo dessa nova vida, e o Espírito de Deus dá todo o valor a engrandecer Cristo em nossa vida.

Se Cristo não ganha espaço na vida do crente e a pessoa em questão não o ama, a consequência só pode ser que ela não pertence a ele. Esse é um apelo ao autoexame, para que ninguém se embale numa falsa segurança.

O Espírito de Cristo se assemelha aqui ao selo que simboliza de quem se é propriedade. Embora o selo do Espírito Santo não seja mencionado aqui (cf. Ef 1:13), a indicação de posse (ou seja, o fato de o pronome “dele” ser usado no sentido de pertencer a Cristo) aponta para esse aspecto.

7.10 Versículos 10-11: O Espírito de Deus e a salvação do nosso corpo

Mas, se Cristo está em vocês, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o Espírito é vida por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos vivificará também o corpo mortal de vocês por causa do seu Espírito que habita em vocês (ou: por meio do seu Espírito que habita em vocês).

7.10.1 A nossa posição de salvação – o indicativo da salvação – o “já agora”

- Estamos em Cristo Jesus.
- Estamos no Espírito.
- Somos segundo o Espírito.
- O Espírito Santo está em nós.
- Temos o Espírito de Cristo.
- Cristo está em nós.

Há uma concordância notável entre Cristo e o Espírito. São duas pessoas distintas, mas que têm *um só* objetivo. Na divindade, na Trindade (tri-idade) de Pai, Filho e Espírito Santo, não pode ser de outra forma. O Deus triúno estava em ação na nossa salvação, e ele também está agora na nossa santificação!

7.10.2 Viver e morrer

A morte é mencionada repetidas vezes nos capítulos 5 a 8. Em primeiro plano está a morte física, que, no entanto, não pode ser separada da morte eterna (a consequência da sentença de condenação de Deus). O nosso corpo

ainda está debaixo dessa consequência do pecado. Evidentemente, Paulo distingue aqui o lado interior – Cristo em vocês – do lado exterior, a saber, o corpo. Este está morto (entregue à morte, morrendo) – por causa do pecado. Isso, porém, não vale para o lado interior, pois este está na mão do Espírito da vida. A salvação de Deus atua primeiro sobre o lado interior do ser humano. Esse lado interior não é descrito em detalhes (por exemplo, com o uso dos termos “alma” ou “espírito”), mas apenas designado com o pronome pessoal “vocês”. O Espírito aqui mencionado não é, no presente contexto, o espírito humano, mas o Espírito divino. Este produziu vida por meio da lei do Espírito da vida (8:2).

Assim como o pecado é responsável pela morte, assim, no crente, a justiça de Deus é responsável pela vida. A justiça é a base da nova vida. O único ato de justiça de Jesus Cristo levou à justificação de vida (5:18); fomos colocados na posição de justos (5:19).

Ainda estamos no corpo, que em sua substância não se distingue do corpo de um descrente. O fato de Cristo estar em nós não tem efeito sobre o corpo na vida terrena. O corpo não se torna imortal por causa disso. Mas isso é apenas provisório, pois o poder da ressurreição em Cristo alcançará também o corpo. O ser humano inteiro, como unidade completa, é o objetivo da salvação divina. Não se trata apenas da “salvação da alma”, mas muito mais da restauração da criação original.

E mesmo isso seria dizer pouco, pois a salvação não apenas restaura o estado original de Adão, criado à imagem de Deus, mas nos transformará à imagem do seu Filho (8:29). Pois virá o dia em que seremos semelhantes a ele, a Jesus (1Jo 3:2). Nesse dia, não traremos mais a imagem daquele que é “do pó” (a imagem de Adão), mas a do celestial, isto é, de Cristo (1Co 15:49). A ressurreição demonstrará que Deus, para a sua própria glória e para a nossa salvação, venceu *todas* as consequências do pecado.

7.10.3 O Espírito de Deus e o corpo

O Espírito de Deus que habita em nós é a razão pela qual um dia seremos ressuscitados. Esse Espírito habita em nosso corpo e assumiu o nosso corpo. O nosso corpo se tornou o templo do Espírito Santo; o corpo pertence ao Espírito (1Co 6:19)! O Espírito é a garantia da nossa futura ressurreição dentre

os mortos. A razão da futura ressurreição está em que agora, enquanto vivemos em nosso corpo terreno, o Espírito habita em nós. O Espírito quer habitar novamente nesse templo, pois, depois de ocorrida a morte física, ele precisou deixá-lo por um tempo. O Senhor Jesus diz que o Espírito estará conosco para sempre (Jo 14:16); ele habitará também em nosso corpo da ressurreição. É importante ver essa ligação do Espírito com o nosso *corpo*, porque muitas vezes relacionamos esse Espírito apenas com o nosso *espírito* humano.

O Espírito Santo é, por um lado, a *razão* da ressurreição dos nossos corpos, mas ele será também o *instrumento* de Deus para ressuscitar os nossos corpos.

7.10.4 Por que ainda não somos imortais já agora?

Deus não poderia ter dado imortalidade ao nosso corpo já agora, junto com a sua salvação? Por que ele precisa (se Cristo não voltar antes) às vezes ficar doente e passar pela morte? A resposta parece ser a seguinte: Deus tem um plano com o mundo. O seu objetivo é uma nova criação. Esta já começou em nós; nós (os crentes) já agora somos parte da nova criação, por assim dizer uma “antecipação”, primícias. A nova era já começou em nós: “já agora” e ao mesmo tempo “ainda não” – assim se pode caracterizar o nosso estado provisório a caminho da consumação.

Imaginemos que já agora fôssemos imortais. Então todo mundo gostaria de se tornar cristão só por isso, para ser igualmente imortal. Mas Deus envia a boa notícia para que os seres humanos se arrependam e creiam. A pergunta não é feita diretamente nesta carta; mesmo assim, Paulo trata ainda neste capítulo da questão dos sofrimentos e das tribulações e da redenção do nosso corpo. Vivemos na tensão do “já agora – ainda não”, que consiste em que o corpo ainda está sujeito a doenças e à morte, mas nós já recebemos a plena bênção da salvação, que é um antegozo da eternidade. À pergunta feita no título desta seção, Romanos 8:24 dá a resposta: fomos salvos na esperança (cf. a formulação na ER, tradução alemã da Bíblia). Mas uma esperança que se vê (por exemplo, na forma do corpo imortal) não é esperança.

8. Romanos 8:12-17: O imperativo da salvação – vida em vitória

A salvação de Deus não termina com a inscrição do nosso nome no livro da vida, mas atua diretamente na vida diária. É ali que a salvação se torna visível. A nova vida não inclui apenas uma nova “relação de serviço” (de uma escravidão para outra), mas sobretudo uma “relação de amor”: fomos adotados por Deus e, assim, nos tornamos filhos de Deus. Como tais, estamos agora a caminho, atravessando uma criação caída e um mundo hostil. Isso continuará assim até o dia em que os nossos corpos forem transformados. Isso acontecerá por meio da ressurreição (dos que dormem em Cristo) ou diretamente (pela transformação dos que então ainda estiverem vivos) – e isso na vinda de Jesus. Então, finalmente, a nossa adoção estará completa (8:23) e a glória futura será alcançada (8:18).

Paulo não põe em dúvida a salvação dos romanos. Ele se dirige a eles como irmãos, aos quais o Espírito de Deus assegura que são filhos de Deus. Nós o somos para todo o sempre, pois o futuro tornará e deve tornar manifesto aquilo que agora só apreendemos pela fé (e ainda não de forma visível). Quando ele agora (como em todas as suas cartas) fala de um “se” e de um “então” e, com relação à salvação, usa orações condicionais⁴¹, ele não diz isso para deixá-los inseguros. Com isso, ele não expressa nem dúvida nem certeza. Antes, ele os exorta a fazerem a si mesmos perguntas autocríticas: Como estou eu? Tenho o Espírito? Estou no caminho certo? Ele parte implicitamente do pressuposto de que eles responderão “sim” a essas perguntas. São advertências que, apesar da certeza da salvação, nos exortam a nos tornarmos aquilo que somos. Devemos levar a vida que recebemos de Deus. Essas advertências servem para que alcancemos o objetivo. Elas dirigem o nosso olhar para o “ainda não” – para frente, para a própria glória de Deus, onde estaremos em casa.

8.1 Versículo 12: Não mais devedores à carne

Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne, para vivermos segundo a carne.

41. Ou seja, orações que expressam condições.

Para todos os que estão em Cristo Jesus, há a obrigação de, daqui em diante, não viverem mais segundo a carne. A carne, a natureza pecaminosa, Paulo já descreveu com clareza suficiente em contraste com o Espírito. A reivindicação de posse da carne pertence ao passado: fomos libertos. A carne, como parte da nossa condição humana, não foi removida, mas tornada sem efeito. Ela não pode mais determinar a nossa vida. Por isso é impossível ainda estarmos de alguma forma obrigados para com essa carne. A carne, por sua vez, se comporta como se fôssemos seus devedores, ou seja, obrigados para com ela, como de fato era antes da conversão. A palavra aos irmãos é necessária porque continuamos vulneráveis: somos aqueles que, até o seu último dia no corpo, estão expostos ao ataque da tentação da carne.

Somos então devedores ao Espírito? Certamente teríamos esperado que Paulo terminasse a frase assim. Em vez disso, ele descreve como termina uma vida segundo a carne e como é uma vida no poder do Espírito:

8.2 Versículo 13: Vida ou morte

Pois, se vocês vivem segundo a carne, morrerão (terão de morrer); mas, se pelo Espírito fizerem morrer os feitos do corpo, vocês viverão.

As palavras de Paulo não têm floreios. A advertência é clara: se vocês, irmãos, viverem segundo a carne, morrerão. A natureza da carne, a saber, a inimizade contra Deus, permanece inalterada, também no crente. “Viver segundo a carne” é a descrição de seres humanos que estão na carne (8:5-8). Essa é uma advertência que deve preservar do autoengano. Se alguém *vive* segundo a carne, existe a possibilidade de que ele *esteja na carne* – ou seja, no caminho largo que leva à perdição eterna. Mas essa advertência é dirigida aqui a irmãos (verdadeiros)! Apesar de Paulo estar certo da salvação deles e de não a pôr em dúvida, ele faz a advertência: não vivam segundo a carne, pois isso traz consigo a morte! E, neste contexto, ele se refere à morte eterna.

8.2.1 Promessas e advertências, e a salvação eterna

Essa advertência aos irmãos leva a pensar numa possível perda da salvação. É essa a possibilidade que Paulo considera com essa advertência? Creio que não. As placas de trânsito advertem contra consequências possíveis, e não contra consequências prováveis. Quando dirigimos na estrada, tomamos decisões que

afetam a nossa segurança. As placas de trânsito advertem contra curvas, vento lateral e travessia de animais. Elas não existem para me deixar inseguro. Não devem me meter medo de que eu possa causar um acidente por não ser capaz de dirigir bem o suficiente. Antes, advertem contra perigos diversos e reais. Elas estimulam a minha imaginação a respeito do que poderia acontecer se eu desconsiderasse as advertências. Não é contradição ter, por um lado, a promessa de Deus e, ao mesmo tempo, ouvir também a advertência, porque não devemos afrouxar em nossos esforços para fazer valer essas promessas. Da vida de Paulo há uma comparação útil. Na sua viagem a Roma, o navio entra em grave perigo no mar, de modo que todos perdem a esperança de sobreviver. Nessa situação, Paulo transmite, em essência, a promessa que recebeu de um anjo: “Todos serão salvos!” Depois de alguns dias, aparece terra à vista, e alguns marinheiros querem fugir no bote para se salvarem.

Paulo adverte os soldados a não permitirem isso, porque sem os marinheiros todos pereceriam (At 27). Estaria Paulo advertindo que a promessa de Deus talvez não se cumprisse? Ou ele apela à razão, porque prevê o que acontece quando não se age de acordo com a promessa de Deus? A promessa firme e a advertência insistente nessa história se relacionam exatamente como as promessas bíblicas (que nos garantem que no final seremos salvos) se relacionam com as advertências e exortações bíblicas (que exigem de nós que perseveremos até o fim na fé em Jesus Cristo).

“Deus adverte contra consequências possíveis, não contra consequências prováveis. Assim é também conosco. A Escritura nos diz que Deus segura firmemente todos os que estão em Jesus Cristo (8:29-39). Ao mesmo tempo, ela também nos exorta a perseverar na obediência a Jesus Cristo, porque, do contrário, nos perderemos eternamente (8:12-13). Isso é uma contradição sem saída? É preciso duvidar das promessas de Deus para poder obedecer à sua advertência e crer? Não! Deus nos segura firmemente em Cristo usando advertências e exortações que, assim como o chamado inicial do evangelho, são formuladas em termos de possibilidades ou condições. Deus nunca contradiz as suas promessas ...⁴² Ele fala à nossa razão, para que, diante da desobediência, creiamos nele e lhe obedecemos. Por isso, Deus fortalece a nossa fé assegurando que nos guardará até o fim, mas também” nos lembrando com

42. O autor da citação quer deixar claro aqui que nunca se pode jogar as promessas e as advertências de Deus umas contra as outras.

insistência de “permanecer firmemente fiéis a Jesus Cristo.”⁴³

Bênçãos e promessas – ligadas a condições

Rm 8:13 Pois, se vocês vivem segundo a carne, morrerão; ...
... mas, se pelo Espírito fizerem morrer os feitos do corpo, vocês viverão.

Rm 8:14 Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, ...
... esses são filhos de Deus.

Rm 8:17 ... se de fato sofremos com ele, ... para que também com ele sejamos glorificados.

1Co 15:1-2 Irmãos, eu lhes faço saber o evangelho que lhes anunciei, o qual vocês também receberam, no qual também estão firmes, pelo qual também são salvos, ...
... se retiverem a palavra que lhes anunciei, a não ser que tenham crido em vão.

Gl 6:9 E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos, ...
... se não desfalecermos.

Ci 1:21-23 A vocês ... ele agora reconciliou ... se de fato permanecerem no corpo da sua carne, por meio da morte, fundamentados e firmes na fé, e para apresentá-los diante de si santos, não se deixarem afastar da inculpáveis e irrepreensíveis, ...
... esperança do evangelho.

2Tm 2:5 E, se alguém também luta, não é ... a não ser que tenha lutado coroadado, ...
... segundo as regras.

2Tm 2:12-13 Se perseverarmos, ...
Se o negarmos, ...
Se formos infiéis – ...
... também reinaremos com ele.
... ele também nos negará.
... ele permanece fiel, pois não pode negar a si mesmo.

Hb 3:6 ... Cristo, porém, como Filho sobre a sua casa, a qual casa somos nós, ...
... se de fato guardarmos firmes até o fim a ousadia e a glória da esperança.

2Pe 1:10 Por isso, irmãos, empenhem-se ainda mais para tornar firmes a sua vocação

43. Thomas Schreiner, *Mit Ausbarren laufen – Gibt es Heilsgewissheit ohne Heiligung?*, Oerlinghausen, 2009, página 219.

e eleição; pois, fazendo estas coisas, vocês nunca tropeçarão.

Ap 2:7 Ao ... darei de comer da árvore da vida que está no paraíso de vencedor, ... Deus.

Ap 2:11 O ... de modo nenhum sofrerá dano da segunda morte. vencedor ...

... será vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum

Ap 3:5 O apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, vencedor ... confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.

Advertências e promessas ligadas a condições de perseverar e vencer não têm o objetivo de nos lançar no medo e no pavor. Antes, assim como o indicativo da salvação e o imperativo da salvação, elas são os dois lados de uma mesma moeda.

Essas condições não podem ser anuladas. Tampouco se pretende com elas nos ameaçar de que poderíamos perder novamente a salvação. Bênçãos e condições produzem uma tensão na qual justamente não devemos afrouxar e nos tornar indolentes, mas fazer progressos na fé, despertos e com o olhar no objetivo.

8.2.2 Fazer morrer pelo Espírito os feitos do corpo

Devemos, sem concessões, negar à carne toda possibilidade de se desenvolver. A vida no Espírito, ou seja, a vitória sobre a carne, abrange a vida cristã normal, desejada por Deus. A carne, a natureza pecaminosa, ainda está presente no crente e procura constantemente ganhar influência. A área de influência e o campo de ação é o corpo, com todos os seus sentidos, funções e capacidades. Naturalmente, não é o corpo em si que é mau e precisa ser morto. O corpo é, antes, o campo de jogo da carne; ele é a ferramenta da carne, do pecado.

Essa carne continua merecendo apenas a morte, e ela já foi julgada no Gólgota (8:3). Aqui Paulo não dá a ordem de fazer morrer a carne em si, mas os feitos (impulsos, práticas, sinais de vida) da carne. Diante de cada impulso da minha carne, preciso tomar posição. Preciso decidir e me posicionar. Para isso existe uma licença para matar desejada por Deus. Se uma inclinação pecaminosa

quer se infiltrar nos meus pensamentos e se espalhar, se a carne quer me levar a uma emoção ou a uma ação pecaminosa, então preciso reagir bem desperto, deixando sempre transparecer o mesmo procedimento. Aqui não cabe passividade, mas vigilância, ou seja, reação imediata. “Fazer morrer” significa não tolerar nada que venha da carne. Isso pode significar também fuga imediata, por exemplo, diante de uma tentação carnal.

Mas a luta não é minha, e sim uma luta no poder de um ajudador forte, a saber, o Espírito. A rigor, aqui não se trata de uma luta, mas de uma “execução”. Não temos na mira a carne como um todo (como natureza pecaminosa e ser adâmico), mas os seus feitos. Estes são uma ameaça constante, mas só precisam ser “mortos” quando aparecem. A carne está sempre presente, mas não o feito da carne. Com o termo “execução” não se pretende embelezar nada, como se esse confronto fosse uma brincadeira de criança ou um automatismo triunfal – com garantia de vitória. O nosso dia a dia nunca corre conforme o planejado, é pouco previsível e enfrenta sempre novos desafios. Da mesma forma, as armadilhas e os artifícios da nossa carne sempre mostram que ela ataca com habilidade e de surpresa. A amiga da nossa carne é o mundo, o presente século mau. Essa aliança não nos facilita as coisas. A carne em nós não vai se aquietar e se retirar ao primeiro golpe. Ela estará de volta quando menos esperarmos e quando menos pudermos lidar com ela.

A carne é obstinada; ela não fica decrépita nem cansada. No que diz respeito à natureza da carne, não podemos nos entregar a nenhuma ilusão.

Portanto, não é uma luta em que estamos constantemente derrubando a carne. Essa luta já aconteceu no Gólgota. Nessa vitória e pelo poder do Espírito, podemos fazer morrer os feitos do corpo. Podemos contar com que (se também aplicarmos a coerência que acabamos de descrever), com o tempo, não experimentaremos mais essa sedução e essa tentação da carne como um conflito constante. Pela ação de Deus em nós, evitar o mal, não lhe dar espaço e escolher automaticamente o bem, ou seja, a vontade de Deus, como se fosse a nossa própria, se tornará uma maneira de pensar e um hábito.

8.2.3 “Considerar-se morto” ou “fazer morrer”?

Em Romanos 6:11, Paulo já tinha dito que devemos nos considerar mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Em 8:13, porém, ele fala

de fazer morrer. À primeira vista, as duas ordens se contradizem. A primeira ordem é de natureza mais passiva; a segunda, mais ativa.

Com Romanos 6:11 ainda não está dito tudo sobre a nossa vitória sobre o pecado em nossa vida. O confronto com o pecado e com a carne não é ganho simplesmente por nos considerarmos mortos para o pecado. Quando tentamos escapar da sedução “nos fingindo de mortos”, porque a tentação não pode atacar um morto, isso é de fato uma opinião muito difundida, mas não é a solução. A carne ainda vive em mim; posso declará-la morta, mas vou perceber que ela não *está* morta. Isso me leva a um conflito desgastante, que consiste em eu me concentrar muito em mim mesmo e na tentação de pecar, tentando constantemente me considerar morto. Essa *não* é a resposta da Epístola aos Romanos ao problema do pecado e da carne. O que significa considerar-se morto para o pecado? É aceitar a obra redentora de Cristo, na qual a minha velha vida, o meu velho homem, foi crucificado (morto) com Cristo. Considerar-se “morto para o pecado” não está relacionado com a maneira como devo me comportar na tentação do pecado; em Romanos 6, trata-se de aceitar pela fé aquilo que Deus fez por mim de uma vez por todas. Isso aconteceu fora de mim, há 2000 anos. Ali Deus condenou a velha vida e lhe pôs fim na morte de Cristo. Esse ato de salvação eu reivindico para mim pela fé, 100 %. Agora levo uma nova vida em Cristo. É assim que devemos nos considerar; é disso que nós, como crentes, devemos partir desde já. A segunda parte da frase (“mas vivos para Deus em Cristo Jesus”) descreve o que o cristão faz: ele vive no poder do Espírito, como é descrito no capítulo 8. Só agora, em Romanos 8, Paulo expõe o que devo fazer, de modo bem prático, com a carne pecaminosa, com os seus feitos e práticas. Ali não está na ordem do dia a passividade (considerar-se algo), mas é exigido um procedimento coerente. É, de fato, o mais radical que se pode imaginar: fazer morrer.

8.2.4 Fazer morrer – como se faz isso?

Como é esse “fazer morrer”? Trata-se de a carne não ter mais nenhuma chance em nossa nova vida. Deus declarou guerra a essa carne, e nós devemos seguir esse exemplo, e isso sem concessões. Fazer morrer significa, primeiro, que é preciso identificar claramente um ato como obra da carne. Preciso ter claro o que vem da carne. O Espírito Santo me ajuda, pois não é à toa que ele se

chama Espírito Santo. Lembremo-nos sempre de novo de que tudo o que fazemos – sem exceção – é determinado ou pelo Espírito ou pela carne. A carne é especialmente perigosa nas atividades para o Senhor. A carne também tem uma “veia” religiosa; ela pode ser muito piedosa. A carne conhece todo tipo de disfarce! Por isso é útil fazer a si mesmo, sempre de novo, a pergunta: Qual é a origem do meu ato?

A carne quer dominar e impor que o seu feito seja executado e repetido. A isso dizemos agora, com toda a clareza: “Não.” Conhecemos a carne; ela é inimizada contra Deus. Pela direção do Espírito, dizemos sem concessões: “Pare!” Não há alternativa para isso. Ou a carne determina o nosso agir, ou o Espírito. Não permitimos que a carne continue o seu feito. “Fazer morrer” significa, portanto, a condenação do feito carnal: antes que se chegue ao ato propriamente dito, digo um “não” claro a todas as intenções de realizá-lo. “Fazer morrer” pode ter formas diferentes:

- Cancelar
- desviar-se
- parar
- confessar
- remover
- decidir
- fugir
- deixar
- calar
- condenar
- ir embora
- desviar o olhar
- querer
- destruir
- testemunhar

– e muito mais –

O AT oferece um exemplo adequado de quão radicalmente é preciso agir contra o inimigo. Eglom, o rei dos moabitas, era um homem gordo e egoísta – a personificação da carne pecaminosa. Eúde, o libertador de Israel, abate esse rei

com a sua espada numa ação ousada, mas protegida por Deus (Jz 3:12-30).⁴⁴

Se não fizermos morrer os feitos do corpo, eles nos governarão. “Mate as serpentes antes que elas matem você.”⁴⁵

A estratégia radical e implacável contra tudo o que vem da carne é descrita por Paulo com a mesma clareza aos colossenses:

“Façam morrer, pois, os seus membros que estão sobre a terra: prostituição, impureza, paixão, desejo mau e avareza (cobiça), que é idolatria.”

Um pouco adiante, ele continua essa enumeração: “... ira, cólera, maldade, blasfêmia, linguagem obscena ...” (Cl 3:5-11).

O próprio Senhor Jesus recomenda a mesma estratégia e a formula de modo ainda mais drástico: “Todo aquele que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela” (Mt 5:28). *“Se, porém, o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado no inferno”* (Mt 5:29; cf. Mc 9:43-48).

No conflito com a carne, deveria estar claro para nós que só podemos fazer morrer e extirpar os feitos do corpo à luz do Gólgota e pelo poder do Espírito Santo. Isso não acontecerá por si só; para isso é necessária a nossa decisão diária. Só conservamos a atitude correta em relação à carne se nos lembrarmos sempre de novo da cruz (como fazemos também na ceia memorial semanal, o partir do pão).

8.3 Versículo 14: Filhos de Deus guiados pelo Espírito

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

A direção do Espírito se manifesta primeiro como acabou de ser descrito no versículo 13: é, por um lado, a vitória sobre a carne e, por outro, o fato de se produzir o “fruto do Espírito”, como Paulo o descreve em Gálatas 5.

Ser guiado pelo Espírito de Deus é a marca dos filhos de Deus. Os filhos se distinguem por entender e fazer a vontade e o objetivo do seu pai. Nisso Jesus, o Filho unigênito de Deus, foi o exemplo perfeito. Ele fazia as obras do Pai, e a vontade do Pai era como o seu alimento. O Espírito tinha grande participação nisso (Is 11:2; Mt 4:1; Mc 1:12; Lc 4:1, 14, 18; Hb 9:14; e outros). O mesmo

44. J. T. Mawson, *Überwinden ... aber nie?*, Schwelm, 1980, páginas 28-44.

45. Citação de Jean Gibson.

acontece também nos crentes, nos quais o Espírito não apenas habita, mas também assume a direção.

Aqui Paulo não descreve situações especiais da vida em que teríamos de dar conta de tarefas particulares ou de tomar decisões de grande alcance. O que lhe importa, como já foi constatado várias vezes nestes capítulos da sua carta, são questões fundamentais – princípios, duas linhas que se distinguem claramente uma da outra.

Um descrente é guiado pela carne; um crente, pelo Espírito. Isso, por sua vez, não é o automatismo de um robô que leva o crente com facilidade a não pecar mais. É o modo de vida normal do cristão ser guiado pelo Espírito a partir do seu coração e pensamento renovados. Mas ele está sempre em perigo de seguir a carne e de ser guiado por ela. Por isso, estes versículos são um convite claro a viver ativa e conscientemente no poder desse Espírito e a ter consciência da sua presença, do seu poder e da sua ajuda. É o Espírito de Jesus, o Espírito de adoção. Em outras palavras: aqueles que são guiados pelo Espírito vivem também como devem viver os filhos de Deus.

“O Espírito de Deus tem acesso a todos os aspectos da nossa vida e, por isso, não é um morador passivo, mas desdobra uma força ativa para guiar os santos de Deus.”⁴⁶ A direção e a orientação pelo Espírito de Deus não desligam a personalidade do crente, como se ele agisse ou se sentisse como se fosse controlado à distância ou manipulado. O Espírito dá força para fazer o que Deus quer. Como pessoa, eu carrego sempre a responsabilidade por aquilo que faço e, por isso, sou sempre aquele que toma a decisão. Graças a Deus, a vontade do cristão é constantemente renovada (Rm 12:2; Cl 3:10), para que ele possa reconhecer e fazer a vontade de Deus. Esse pensar e agir o Espírito apoia. Na maioria das vezes, isso acontece sem que se perceba ou note. Além disso, para desafios especiais da nossa vida, pode haver uma atuação especial do Espírito – por meio de circunstâncias especiais, pelo falar do Espírito a nós, por meio de irmãos na fé. Sobre isso o NT fala mais raramente.

A direção do Espírito não é misticismo (um escutar constante de vozes e impressões interiores) e também não inclui uma “ética situacional”, na qual dependeríamos, em cada situação, de nova revelação ou orientação. A direção do Espírito fortalece a nossa personalidade e o seu pensamento renovado no sentido de reconhecer a vontade de Deus e fazer o que é certo e melhor. A

46. Fred Stallan, *Was die Bibel lehrt*, Römerbrief, página 230.

direção do Espírito se move sobretudo no âmbito das orientações e dos mandamentos bíblicos. Neste contexto de Romanos 8, trata-se da vitória sobre a carne e o pecado.

Mesmo assim: o Espírito não dá apenas força; ele é também o nosso “batedor”, o nosso desbravador de caminhos rumo à glória. O nosso problema é que ele é invisível e, por isso, precisamos confiar na sua presença e na sua atuação (justamente na sua direção).

8.4 Versículo 15: O Espírito de adoção clama em nós: “Querido Pai!”

Pois vocês não receberam um espírito de escravidão, para viverem outra vez com medo, mas receberam um Espírito de adoção, no qual clamamos: Aba, Pai!

O novo relacionamento entre Pai e filho não é um relacionamento de escravidão. Isso lembra a experiência do capítulo 7. Debaixo da Lei, a pessoa se encontra em escravidão. O medo do senhor e o medo de falhar agora pertencem ao passado. O Espírito de adoção nos possibilita viver em comunhão com o Pai. Essa comunhão é marcada por oração e adoração, pois a expressão que aparece aqui (“Aba, Pai”) abrange uma oração ou uma adoração na forma provavelmente mais curta possível. A palavra “Aba” aparece apenas três vezes no NT. No jardim do Getsêmani (Mc 14:36), Jesus, o Filho de Deus, em sua maior angústia, se dirige assim ao seu Pai. É a forma de tratamento íntima usada com o pai, comparável a “Querido Pai” ou simplesmente a “Papai”. Uma expressão semelhante Paulo usa também na Epístola aos Gálatas (4:6). Talvez seja surpreendente dirigir-se ao Deus todo-poderoso com esse apelido carinhoso, mas ele deixa claro quanto afetuosos é esse relacionamento de filho.

O serviço a Deus agora não é mais uma questão de medo e coerção, nem da observância estrita de mandamentos e proibições. Antes, ele inclui a vida que é levada num relacionamento não determinado por medo e temor, e que brota desse relacionamento. Esse relacionamento é cheio do amor de Deus e da plena aceitação pelo Pai, e da presença do seu Espírito, que de fato está em nós, não como observador silencioso, mas como ajudador ativo. Somos filhos de Deus, somos aceitos, somos guiados e conduzidos pelo seu Espírito. Isso é um fato! Um passo em falso, um pecado, não rompe o relacionamento; continuamos filhos. “Depois do seu enérgico chamado a viver a nossa fé no dia a dia, Paulo quer agora trazer descanso ao nosso coração. Não sei como é com você, mas eu

preciso desse encorajamento. Pois o Deus transcendente do universo é aquele que, no silêncio da noite ou quando eu caí na lama, toma a minha mão e me convida a chamá-lo de ‘Papai’.”⁴⁷

8.5 Versículo 16: Somos filhos de Deus!

O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

O Espírito de Deus testifica com o nosso espírito que fomos de fato colocados num relacionamento de filhos com Deus. Não se trata aqui de uma voz que grita algo ao nosso espírito. Antes, trata-se daquilo que reforça e firma a convicção, a certeza da salvação, que já obtivemos pela Palavra de Deus.

É vontade de Deus que o relacionamento firme com o Pai esteja presente em nossos pensamentos todos os dias. É de importância decisiva para todas as áreas da minha vida que eu me saiba aceito incondicionalmente em Cristo por um Pai amoroso. O Pai me ama, e eu sou tão valioso para ele que ele deu o seu Filho em sacrifício por mim. Naturalmente, ele também me educa, o que é uma prova do seu amor (Hb 12:5). O direito de ser filho (Jo 1:12) traz consigo, naturalmente, também deveres. Nunca nos esqueçamos de quem somos agora! Nisso o Espírito Santo nos ajuda diariamente.

8.6 Versículo 17: Somos herdeiros da glória de Cristo

E, se filhos, também herdeiros – herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se de fato sofremos com ele, para que também com ele sejamos glorificados.

Não é apenas a alegria de um relacionamento com Deus que podemos sentir e experimentar. Somos também filhos no “sentido jurídico”, isto é, somos igualmente herdeiros. Deus leva absolutamente a sério a nossa condição de filhos e a sua posição de Pai. O que pertence a Deus e o que ele dará ao seu Filho é também a nossa herança.

Os sofrimentos não são a condição para receber a herança no dia da glória. Os sofrimentos por amor de Cristo são, para a maioria dos cristãos, um companheiro constante. Eles não devem ser algo estranho para nós, pois Jesus nos precedeu nesse caminho dos sofrimentos, que ele suportou por causa da justiça. Na Alemanha e em todos os países ocidentais, esses sofrimentos nos

47. Francis Schaeffer, *Allein durch Christus*, página 216.

foram poupados até agora, bem ao contrário dos nossos irmãos na fé em outros países. Se ainda tivermos de enfrentar um tempo de sofrimentos, vale isto: lembremo-nos desta palavra, escrita por alguém que queria se tornar igual a Cristo em tudo, até na sua morte. Pelo sofrimento à glória – esse foi, na maioria das vezes, o caminho dos crentes fiéis na história da igreja.

“Já agora” somos filhos de Deus e, por isso, herdeiros. A herança, nós “ainda não” a recebemos. O indicativo da salvação descreve a nossa condição de filhos; ao imperativo da salvação pertencem os sofrimentos, que não são pré-requisito para receber a herança, mas muitas vezes são parte inevitável do seguimento de Jesus. Também isso não é uma advertência que aponte para um fracasso definitivo. Antes, somos exortados a ser confessores que permanecem fiéis a Jesus.

9. Romanos 12: O pensamento é renovado!

A Epístola aos Romanos poderia ser chamada de a poderosa catedral do evangelho e da justiça de Deus. O evangelho traz a salvação de Deus: absolvição, justificação, libertação, união com Cristo e preservação até o fim, através de todas as dificuldades, sofrimentos e hostilidades!

Para servir a Deus, o ser humano precisava ser libertado da culpa e do poder do pecado, mas também receber a força para uma nova vida. Paulo descreveu isso de forma impressionante no capítulo 8. O mundo ao nosso redor e também o nosso corpo ainda não mudaram, mas isso é só uma questão de tempo. A promessa de Deus de transformar os nossos corpos é coisa decidida, que ele cumprirá num momento que só ele conhece. Até lá, Deus está do nosso lado: se ele é por nós, quem ousará ser contra nós?

Depois, nos capítulos 9 a 11, Paulo trata de outras questões que também têm a ver com a justiça de Deus. No capítulo 12, ele volta ao nosso serviço a Deus, para o qual fomos libertos. Ali se trata novamente da nossa vida pessoal, que podemos levar em novidade e pelo Espírito. Agora a justiça de Deus, que se revelou na salvação, deve se tornar visível também no dia a dia. Nos capítulos 5 a 8, Paulo tinha falado de modo relativamente abstrato e em termos de princípio. Ele lançou a base, explicou a doutrina. Agora ele mostra como é a novidade nos detalhes da vida. Ele faz isso por meio de exortações, imperativos, apelos – os mandamentos do NT. Estes não tomaram o lugar da Lei mosaica. Em primeiro lugar, essas palavras servem para nos mostrar, antes de tudo, como é a nova vida. São sinalizações do amor de Deus. Não vivemos segundo esses mandamentos para nos tornarmos justos, mas porque somos justos! Esses mandamentos são expressão de quem Deus é e de quem Jesus Cristo é. Os mais de 1000 mandamentos do NT descrevem, em resumo, a verdade que está em Jesus. A vida dele em nós apresenta exatamente as características que são descritas nos mandamentos do NT. Agora Cristo está em nós e o Espírito está em nós, para que possamos viver assim. Devemos andar assim como ele andou (1Jo 2:6, 8).

9.1 O objetivo de Deus para nós

O objetivo de Deus para cada um de nós é tornar-nos iguais ao seu Filho. Todos os outros objetivos estão subordinados a esse objetivo. Um dia isso será plenamente o caso. Quando tivermos chegado ao objetivo, não ficaremos petrificados nessa imagem, na semelhança de Cristo; não nos tornaremos monumentos. Não, seremos pessoas ativas – para sempre. Pensaremos, agiremos, falaremos e amaremos como o Filho de Deus. E sempre continuaremos sendo aqueles que já agora temos sido desde o nosso nascimento, como personalidades criadas por Deus. Mas então teremos alcançado o nosso destino e viveremos nele para sempre. Seremos aqueles que sempre deveríamos ser. Essa é a nossa maior felicidade. A alegria de Deus consiste em nos presentear com isso. Assim o seu Filho é honrado. Também já agora podemos ser aqueles que sempre quisemos ser. Se Cristo está em nós, então a autodeterminação inclui o fato de que *ele* vive por meio de nós!

A transformação à imagem de Jesus, ou seja, a correspondente assimilação a ele, começou no dia zero da vida como nascidos de novo. Ela é o programa de vida dos cristãos. Trata-se da preparação para a eternidade. Por isso, esta vida é tão importante, assim como aquilo que fazemos dela – ou melhor, aquilo que Cristo pode fazer dela.

9.2 Romanos 12:1-2: O culto – uma coisa lógica!

Rogo-lhes, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresentem o seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o seu serviço racional (culto).

E não se conformem com este mundo (este século), mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Esta é uma retomada direta do capítulo 6. Devemos apresentar o nosso corpo como instrumento de justiça (colocá-lo à disposição dele). Agora Paulo vai ainda mais longe e exorta os romanos (sim, todos os cristãos) a entregar o seu corpo inteiramente ao serviço de Deus, como um sacrifício. Ao contrário dos sacrifícios de animais do AT, esse sacrifício é vivo. Ele é, portanto, oferecido constantemente, e não apenas uma vez, porque andamos em novidade de *vida* eterna. O nosso sacrifício é santo, porque já somos santificados por Deus. Por

isso, é um sacrifício agradável. A atitude de vida de entrega total é a consequência lógica da salvação recebida. Por isso, Paulo também convoca a essa entrega pelas misericórdias de Deus. Não somos exortados por meio de uma lei a colocar a nossa existência à disposição de Deus, mas pelas misericórdias de Deus. Elas se manifestaram concretamente no seguinte: tudo aquilo de que éramos culpados e tudo o que somos (a saber, vendidos ao pecado) ele colocou sobre Cristo. Ele não poupou o seu Filho! A misericórdia de Deus não apenas criou a nossa salvação; ela também permanece constantemente presente, porque ele é o nosso Pai e nós somos os seus filhos.

Não se deve deixar passar despercebido que Paulo faz aqui uma *exortação* fraterna e amorosa. Para cada cristão (não importa se está no começo ou se já há muito tempo no caminho da fé), essa reivindicação de entrega total é sempre de novo desafiadora e atual. Devemos dizer “sim” a ela sempre de novo. Todo cristão honesto constatará que a entrega da sua vida, infelizmente, está sujeita a oscilações. A entrega é um processo que tem a ver com o nosso pensamento. É ali que se decide se estamos dispostos à entrega e até onde vamos com ela. Uma lembrança diária disso é uma coisa útil.

9.2.1 Os seus corpos!

Quem oferece o corpo como sacrifício vivo não se distingue por um “ato heroico extremo”, como os pagãos esperavam diante dos seus deuses pagãos⁴⁸, mas leva uma vida normal, sem espetáculo e constantemente orientada para Deus. Que uma vida assim com Deus conhece altos e baixos, vitórias e derrotas, tropeços e levantar-se, está fora de dúvida. Mas há experiências maravilhosamente encorajadoras e fruto. Quando entregamos a nossa vida a Deus e assim andamos pela mão do Deus eterno, mas invisível, a nossa vida se tornará emocionante.

Mas por que Paulo fala do “corpo” que deve ser oferecido em sacrifício? O nosso pensamento (como no versículo 2) não faz parte disso também? Claro, trata-se da entrega de toda a nossa existência, de toda a nossa vida. Mas isso encontra justamente a sua expressão por meio do nosso corpo. O corpo é a interface com o mundo em que vivemos. E esse corpo era, antes da nossa salvação, o “corpo do pecado” (Rm 6:6). Ele era a ferramenta pela qual o

48. Fred Stallan, *Was die Bibel lehrt, Römerbrief*, Dillenburg 2001, página 358.

pecado ganhou mãos e pés. O corpo desenvolveu hábitos pecaminosos, levou uma vida própria pecaminosa e exigiu obediência. Examinemos com que frequência ou quantas áreas da nossa vida são determinadas ou influenciadas pelo nosso corpo. Apenas alguns exemplos devem mostrar que podemos facilmente subestimar o papel do nosso corpo em nossa entrega. Trata-se de hábitos ou da questão de como, quanto, quando e o que comemos e bebemos, de hábitos de sono e do nosso comportamento diante da televisão e da internet. Todos esses aspectos têm influência sobre o nosso corpo e se consolidam como modos de agir interiorizados. Não se trata de um “catálogo de pecados”, mas de ver na luz certa o papel e a influência, muitas vezes subestimada, do nosso corpo. O corpo é aqui oferecido em sacrifício, isto é, as exigências do nosso corpo são abandonadas, de modo que se pode, em vez disso, colocá-lo à disposição de Deus.

Primeiro devemos “fazer morrer os feitos do corpo” (Rm 8:13). Também essa palavra enfatiza o papel do corpo, mas trata-se de fato de um papel “hostil”, porque o corpo quer fazer coisas que devemos fazer morrer. São, para usar outra palavra de Paulo, as obras da carne (Gl 5:19) ou também os membros que estão sobre a terra (Cl 3:5). Quando os hábitos pecaminosos estão sob controle pelo poder do Espírito Santo, abre-se o caminho para colocar esse corpo cada vez mais à disposição de Deus. O “corpo do pecado” não foi crucificado, pois então estaríamos mortos. Antes, ele foi tornado sem efeito no Gólgota. O que antes era o corpo do pecado é agora o “corpo da justiça”! Paulo reduz o seu corpo à escravidão (1Co 9:27). Ele inverte os papéis, de modo que agora o corpo precisa segui-lo. O corpo não deve conseguir impor os seus desejos pecaminosos e uma comodidade excessiva: o corpo precisa pertencer a Deus e se tornar instrumento de justiça.

9.2.2 O mundo: amigo ou inimigo?

Com o nosso corpo vivemos no mundo. A sociedade (isso é exatamente o que Paulo quer dizer com o *mundo*) declarou o corpo, em grande medida, como o mais importante. Setores inteiros da indústria oferecem tudo de que o corpo precisa ou deveria precisar: bem-estar, fitness, esporte, saúde, estética, vida longa, boa comida e bebida, medicina, cirurgia plástica. Em princípio, não há

nada a objetar contra essas coisas, desde que sejam submetidas ao senhorio de Deus. A questão é que papel damos ao corpo. Ele é servo ou senhor?

Um perigo concreto, que pode nos impedir da entrega total, está à espreita no mundo em que vivemos. É o mundo dos seres humanos que nos cerca e no qual nos movemos (embora, como Jesus diz, assim como ele, não sejamos dele). Sem Deus, os seres humanos organizaram a sua vida. A sociedade, a economia e o comércio, a indústria, a cultura, a religião, a música, a filosofia, o lazer, o entretenimento, a alimentação, a formação, a vida familiar, a ética – tudo o que constitui a vida está contagiado e marcado pelo esquecimento de Deus: o ser humano não quer Deus no barco (Rm 1:28).

Para a nossa carne, o mundo é atraente e sedutor. Afinal, viemos do mundo; a nossa carne estava em casa ali. Agora devemos tomar cuidado para não viver como o mundo (ou seja, como as pessoas do mundo). A forma de vida do mundo está em claro contraste com a entrega total de um sacrifício vivo! As pessoas do mundo vivem para si mesmas e não perguntam pela vontade de Deus para a sua vida!

Mundo (gr. *aion*) também é traduzido por “século” (curso do tempo). O tempo do mundo está se esgotando. Esta era do mundo está prestes a chegar ao fim: vivemos “nos últimos dias”. Além disso, o mundo se desenvolve na direção errada – e isso com velocidade crescente. O caminho leva para longe de Deus, não em direção a ele. Visto como um todo, o curso deste século é como o “caminho largo” (Mt 7:13-14), que leva para baixo, à perdição. O curso deste século se assemelha a um rio no qual os peixes mortos são levados pela correnteza. O peixe vivo nada na direção contrária; e é exatamente isso que significa não assumir a forma (o esquema⁴⁹) do mundo. *Mundo* também é traduzido por “espírito da época”. A orientação mental, ou seja, a atitude mental do ser humano, é aquilo que faz do mundo o que ele é. Além disso, a Bíblia fala várias vezes e claramente que o próprio Satanás é o deus do mundo, o príncipe deste século.

O mundo e o seu espírito (da época) são maus. A Palavra de Deus não deixa nenhuma dúvida sobre isso (Gl 1:4). E quem quer ser “amigo do mundo” (porque uma vida acomodada é mais confortável) se apresenta como inimigo de Deus (1g 4:4). Certamente há uma escala de até onde o mundanismo pode ir.

49. Gr. *schematizēin*, isto é, moldar-se segundo um esquema, ou seja, deixar-se formar segundo uma forma predeterminada.

Ele não precisa ter tomado a vida inteira. Talvez se trate apenas de uma ou outra área, de uma área grande ou apenas pequena da vida, que é marcada pelo mundo. Por isso, examine-se cada um para ver onde um modo de pensar e de viver do mundo se infiltrou. Como está o meu dinheiro? Como estão os meus bens, os meus objetivos profissionais, o meu comportamento no casamento, os meus hábitos preferidos, as minhas amizades?

Não se conformar com o mundo, não se ajustar a ele, não começa com coisas exteriores, mas, em primeiro lugar, com o pensamento. Antes do ato vem o pensamento, assim como a adaptação ao mundo é precedida por pensamentos.

9.2.3 Transformação por meio de um novo pensar

Deus quer nos transformar. Ele quer que nos tornemos aquilo que somos! Cristo deve tomar forma em nós cada vez mais. Cristo deve crescer, e nós mesmos, diminuir. Viver como o mundo (no seu modo de pensar e também na sua aparência exterior) é exatamente o contrário daquilo que Deus quer alcançar. Como isso pode acontecer? Com base naquilo que já foi explicado nos capítulos 5 a 8, acontece agora uma transformação gradual, um processo espiritual de crescimento e santificação. A pessoa que acabou de chegar à fé ainda tem os seus velhos e habituais padrões de pensamento. Eles não são apagados com o toque de uma tecla. Pelo processo de renovação, eles são trocados por um pensamento marcado por Deus.

Paulo menciona várias vezes o processo contínuo de renovação. Trata-se de mais do que o simples ato de pensar:

- 2Co 4:16: a renovação diária do homem interior no campo de tensão entre sofrimento e glória
- Ef 4:23: Sejam constantemente renovados no seu pensamento.
- Cl 3:10: O novo homem é renovado continuamente.

A transformação começa pelo nosso pensamento. A mente (gr. *nous*) abrange o mundo dos pensamentos, o entendimento, o pensar, a compreensão, o centro do pensamento. Por trás do termo “mente” há mais do que o puro pensar, a razão. O coração, que na Bíblia representa igualmente o pensamento e a vontade (às vezes também o sentimento), não pode ser separado do termo

mente. A mente é a central de comando do pensar, do querer e do agir. Nessa central de comando acontecem os processos do pensamento que ordena, avalia e descobre, bem como da decisão. O agir é consequência do pensar e do decidir. “A mente é ... o lugar onde se dá o processo do conhecimento e de onde vêm os pensamentos. Ela é, no sentido literal, o lugar ‘decisivo’ para o nosso agir e, com isso, para a ética prática como um todo.”⁵⁰

9.2.4 Metamorfose

Esta é a palavra que, no texto grego, está por trás de “transformação”. A renovação do pensamento produz a transformação. O termo metamorfose é útil no âmbito do nosso tema. Conhecemos essa palavra do mundo animal. Sabemos que uma borboleta passa por um dos processos de transformação mais surpreendentes. De uma lagarta rastejante (que nem sempre tem uma aparência bonita) desenvolve-se, passando pelo estágio de pupa, uma borboleta que voa. Esse é um processo programado, que precisa de tempo, mas não pode ser detido. É surpreendente que também nós devamos e possamos passar por uma transformação tão radical. Isso mostra que a transformação, assim como Deus a quer, é sempre possível. Nada está excluído dela. A desculpa de que isto ou aquilo é assim e vai continuar assim não vale, se considerarmos que uma lagarta feia pode se tornar uma borboleta lindíssima. O inseto continua sendo inseto, continua sendo o mesmo ser vivo. Mas ele é totalmente transformado. Isso não se parece com o poder do evangelho, que pode transformar o ser humano de verdade e profundamente (no coração e no seu pensamento)?

A mesma palavra “metamorfose” é usada quando Jesus, no monte da transfiguração, é transformado diante dos discípulos e assume o resplendor da glória de Deus. Em outro contexto, a mesma palavra é usada em relação a nós: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando a glória do Senhor, somos *transformados* na mesma imagem, de glória em glória, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3:18). A nossa “metamorfose” tem como objetivo o modelo de Cristo. Não se pode enfatizar e repetir o suficiente esse objetivo de Deus. Não é um sonho, nem um objetivo inalcançável, nem uma nova ilusão com que Deus queira nos frustrar. É o seu plano e a sua vontade, na qual ele tem grande alegria, que ele quer nos transmitir. Por isso, também vai dar certo. Se nós

50. Jürg Buchegger, *Ein Mensch, was ist das?*, Wuppertal, 2004, página 211.

quisermos e contemplarmos Jesus Cristo (nos ocuparmos com ele, com a sua Palavra e com o seu reino), se o tivermos como objetivo, se ele realmente preencher a nossa vida, então o processo de transformação está programado corretamente.

9.2.5 Por que renovação?

Desde o nascimento, por natureza, temos um pensamento e uma mente que não têm Deus como centro, mas a si mesmos. Quando uma pessoa se arrepende, Deus cria nela algo novo, a semente da Palavra brota em seu coração; Cristo agora é a sua vida. Essa vida precisa agora crescer, como acontece com um bebê. Esse crescimento diz respeito ao homem interior, e nisso está incluída também a mente. Esse processo de renovação dura a vida inteira. O crescimento acontece com base no novo ser em Cristo. Em Cristo, num instante, somos justos e santos diante de Deus. Isso não deve permanecer apenas expressão da nossa posição, mas deve penetrar a nossa vida diária. Para isso é necessária uma renovação constante, que acontece pelo próprio Deus e que leva plenamente em conta a situação em que estamos, o ambiente em que vivemos e a nossa própria constituição (caráter, temperamento, talentos, fraquezas, a nossa situação de vida etc.), sendo adaptada a essas circunstâncias.

9.2.6 Como acontece a renovação?

Ela acontece pelo próprio Deus. A transformação é uma ordem, que devemos deixar acontecer conosco. A renovação é obra de Deus. Não podemos produzi-la. A nossa tarefa consiste em entregar a Deus toda a nossa existência e não nos conformarmos com o mundo. Essa é a nossa contribuição para esse processo de renovação. Se nos ocupamos demais com o mundo, deixamos entrar modos de pensar mundanos na nossa central de comando do pensar, do querer e do agir e nos adaptamos, então também seremos transformados e deixaremos transparecer (devagar, mas com certeza) a conformidade com o mundo. Isso acontece interiormente e depois, como consequência inevitável, também exteriormente. Esse processo muitas vezes acontece de modo sorrateiro, quase sem ser notado. O veneno do mundo mata a vida espiritual lentamente, de modo que quase não se percebe o processo.

Em contraposição a isso está uma vida no “mundo de Deus”, no seu reino, em comunhão com Deus, onde deixo que ele mesmo preencha, ordene e oriente o meu pensamento. Também nesse caso, eu mesmo não percebo necessariamente o processo de renovação.

Por meio de que acontece a renovação? Disso não se fala aqui. É a ação soberana de Deus. Ele usa a Palavra de Deus, lida diretamente ou ouvida na pregação. Ele usa o silêncio, a oração e a adoração, a aceitação consciente de renovação e correção. Ele usa a comunhão dos crentes. Ele usa cada situação da vida, cada experiência. Tudo é educação, formação e instrução por parte do Pai. Posso, portanto, acelerar e apoiar essa renovação, mas da mesma forma também impedi-la. Posso decidir me conformar mais com o mundo, assim como posso me tornar mais parecido com Jesus. Diante dessa decisão não estamos apenas uma vez, mas, em última análise, diariamente.

9.2.7 Campo de batalha: o mundo dos pensamentos

“Penso, logo existo!” Os nossos pensamentos são as cifras, ou seja, o código da nossa vida. Influenciá-los ou até dirigi-los é o maior objetivo do inimigo de Deus. Quem domina a central de controle tem tudo nas mãos. Também isso não precisa necessariamente afetar todas as áreas da vida, mas pode ter uma influência ampla sobre o nosso comportamento. O diabo pode conseguir, com um grande passo ou, ao longo de um período maior, com muitos pequenos passos, erguer fortalezas no mundo dos nossos pensamentos (2Co 10:3-5):

“Porque, embora andando na carne, não lutamos segundo a carne; pois as armas da nossa luta não são carnis, mas poderosas em Deus para destruir fortalezas (baluartes), destruindo raciocínios e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.”

“Os primeiros alvos de combate que precisam ser destruídos são as ‘fortalezas’ em nossa cabeça. O significado próprio da palavra grega aqui usada é ‘baluarte’. Baluartes são padrões negativos de pensamento que foram gravados a fogo em nosso cérebro, seja pela repetição constante, seja por um acontecimento traumático.”⁵¹

51. Neil T. Anderson, *Neues Leben – neue Identität*, 1994, Lage, página 153.

Padrões de pensamento e comportamentos ou reações habituais surgem, entre outras coisas, por influências externas: “Essas influências do ambiente foram cada uma breves, mas duradouras. Entre elas estão, por exemplo, determinados acontecimentos, lugares e encontros, bem como experiências pessoais. Além disso, fomos marcados pelos livros que lemos, pelos filmes que vimos, pela música que gostamos de ouvir ... Desenvolvemos um método, que talvez (ou talvez não) corresponda à vontade de Deus, de como processamos essas coisas e de como resolvemos os conflitos que elas provocaram. Influências duradouras na sua vida vêm de relacionamentos de longo prazo com o seu ambiente, como, por exemplo, a influência da família, dos amigos e conhecidos, vizinhos, professores, colegas de trabalho.

No novo nascimento espiritual, todos os seus pecados foram de fato lavados, mas os seus padrões anteriores de pensamento e de comportamento, que resultaram da adaptação ao seu ambiente, continuaram enraizados na sua carne. É de fato possível nascer de novo e, mesmo assim, continuar cultivando o estilo de vida ‘ateu’ de antes (isso vale igualmente para aqueles que cresceram num ambiente cristão; observação do autor). Por isso, Paulo nos exorta insistentemente a mudarmos pela renovação da nossa mente (Rm 12:2).”⁵²

Tudo o que foi adquirido por hábito e aprendido pode ser transformado pela renovação que o próprio Deus quer realizar em nosso pensamento e em nossa vida, se nós o permitirmos. Há armas de Deus que nos ajudam a mudar a programação (em parte) carnal do nosso pensamento.

9.2.8 Como podemos vencer a batalha?

Em primeiro lugar, precisamos da atitude básica, mencionada acima, de entrega a Deus – e de rejeição ao mundo. A Bíblia dá outras indicações:

- deixar-se encher da Palavra de Deus pela leitura (regular) da Bíblia
- deixar a paz de Cristo reinar (Cl 3:15)
- deixar a palavra de Cristo habitar ricamente em nós (Cl 3:16).

Os baluartes e os raciocínios são, na maioria das vezes, mentiras de Satanás. Para desmascarar as mentiras, empregamos as armas da luz e da justiça. Quando surge um pensamento ou um padrão de pensamento, quando um baluarte abre

52. Neil T. Anderson, *op. cit.*, página 155.

os seus portões para um ataque, então o apelo insistente visa levar esse pensamento imediatamente cativo à obediência de Cristo. Cristo é mais forte. Ele é o vencedor.

Exemplos de baluartes de mentira:

- Medo e delírios
- Medo do futuro e medo de fracassar
- Complexos de inferioridade e problemas de autoestima
- Falta de paz e nervosismo
- Tentações no pensamento
- Ideias obsessivas
- Dependências de pessoas, coisas, objetos, bens, posses, seguranças humanas e prazeres.

Todas essas mentiras precisamos desmascarar e levar cativas sob a autoridade de Cristo. Em muitos casos, a resposta consiste em que estamos abrigados em Cristo e somos para sempre filhos amados de Deus, e conhecemos o cuidado de Deus. O pecado não tem mais nenhum direito de nos oprimir e atormentar. Cristo nos libertou.

9.2.9 Devaneios e fantasias

A capacidade do pensamento humano é impressionante. Em pensamento, é possível viajar sem pagar um centavo por isso. É possível construir um mundo paralelo, no qual se realizam os desejos que foram negados na vida real: pode-se ser uma estrela, ganhar na loteria e ter uma família perfeita, outra mulher ou outro homem; tudo isso e muito mais é possível em pensamento. Mas tomemos cuidado! Esses pensamentos não apenas roubam tempo, mas nos fazem crer num mundo que não existe. Esses sonhos e desejos, quando se consolidam em hábitos, influenciarão o nosso pensar e decidir. Nós mesmos somos o eixo em torno do qual giram esses sonhos! É perigoso imaginar ações que só acontecem num mundo de sonho. Perde-se o contato com a realidade.

“A mente humana é uma mente errante, e uma mente errante é uma mente infeliz.”⁵³ Pesquisadores americanos chegaram a um resultado surpreendente num estudo. Segundo ele, as pessoas estão mentalmente ausentes metade do

53. Autor desconhecido.

tempo. Elas se perdem em pensamentos, ruminam sobre isto e aquilo ou simplesmente sonham. O problema: as divagações do pensamento evidentemente tornam as pessoas infelizes. Mesmo que essa constatação nem sempre se aplique, ela nos dá o que pensar no sentido de que o inimigo das nossas almas pode causar dano dessa maneira.

O que fazemos contra isso? Algumas dicas que ajudam a enfrentar a gravidade e a dinâmica própria do mundo dos nossos pensamentos:

- De modo bem geral e sempre, vale: concentremo-nos naquilo que estamos fazendo agora, ou seja, no momento, para cumprir bem as nossas tarefas e obrigações!

Quando estivermos livres para fazer o que quisermos:

- Oremos por tudo o que nos vier à mente! Façamos de tudo uma oração!
- Leiamos a Bíblia ou um livro espiritualmente valioso!
- Decoremos versículos da Bíblia, para que possamos meditar nas palavras de Deus mesmo sem uma Bíblia na mão! Talvez ainda passemos por um tempo sem Bíblia!
- Pensemos em como podemos prestar hoje um serviço ao Senhor Jesus!
- Pensemos no Senhor Jesus, num episódio dos Evangelhos de que nos lembramos!
- Levantemo-nos e façamos algo ativo! Movimentemo-nos, empreendamos alguma coisa!
- Procuremos uma conversa! Liguemos para alguém e perguntemos como vai!

9.2.10 A vontade de Deus – experimentada e aprovada!

... para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

A vontade de Deus está em contraste com o curso deste mundo. Para esse curso deste século (para as pessoas do mundo), tanto faz o que Deus quer. Mas isso é brincar com fogo – no sentido mais literal da expressão. João o diz assim (1Jo 2:15-17):

“Não amem o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo, o desejo da carne, o desejo dos olhos

e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. E o mundo passa, e também o seu desejo; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.”

O mundo está sujeito a um prazo de validade. E quem olha com atenção vê que ele está praticamente vencido. O mundo que o ser humano construiu para si está condenado à ruína. Não há nada nele e dentro dele que justificasse uma prorrogação do prazo. O cheiro da morte está impregnado nele. E, ao que parece, há hoje cristãos que já não percebem o cheiro de decomposição correspondente.

Somente o próprio Deus é bom e perfeito, o que vale também para a sua vontade, que, além disso, é agradável. Isso lembra os sacrifícios do AT, que precisavam ser sem defeito e irrepreensíveis. Somente esses podiam ser oferecidos. Assim, com o conhecimento da vontade de Deus em todas as situações da vida, toda a nossa existência no corpo (à qual pertence também o homem interior) deve ser oferecida em sacrifício a Deus. A renovação constante da nossa mente possibilita o conhecimento da vontade de Deus. Listas de verificação e bons conselhos podem ser úteis, mas Deus quer criar também em nosso pensamento as condições para reconhecer a sua vontade.

9.3 Romanos 13:13-14: Revestir-se de Cristo – nada de prover para a carne

Andemos dignamente, como em pleno dia; não em orgias e bebedeiras, não em imoralidades e libertinagens, não em contendas e inveja (ciúme); mas revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não façam provisão para a carne, para satisfazer os seus desejos.

Antes de encerrarmos o estudo da Epístola aos Romanos, vejamos ainda esta passagem, porque ela é a única depois do capítulo 8 que menciona a “carne”.

O objetivo de Deus para nós permanece até o nosso último dia: ele quer nos transformar à imagem do seu Filho. Não se trata de uma cópia da vida de Jesus; não devemos nos tornar carpinteiros. Trata-se, antes, de assumir cada vez mais em nossa vida, de acordo com a nossa personalidade individual, o caráter de Jesus. Isso abrange o seu amor, a sua verdade, a sua justiça – em última análise, tudo o que podemos reconhecer nele de traços morais. Ele já nos concedeu a nova vida; agora precisamos dar a ela possibilidades de se desenvolver e deixar o Senhor se tornar grande em nossa vida, mas nós mesmos recuar.

Essa palavra nos exorta a nos revestirmos do Senhor Jesus Cristo como de uma roupa. Essa é, de fato, uma metáfora forte, que não é explicada em mais detalhes. Na noite do mundo ímpio, o pecado acontece em todas as suas variantes, e nem mesmo se teme o público. A isso se opõe a vontade de Deus, que decide tudo. Em nós não deve ser vista a carne, quando cedemos aos seus desejos, mas Jesus Cristo.

Também aqui se aponta que muita coisa pode acontecer e ser permitida no pensamento até que o desejo seja de fato satisfeito e se tenha sucumbido à tentação. A carne não pode ser cuidada nem cultivada. Schlachter (tradução alemã da Bíblia) traduz de modo inequívoco: “Não cultivem a carne até despertar desejos” (Schl 2000). Devemos fazer morrer os pensamentos e os feitos da carne! É necessária uma atitude sem concessões, que Paulo descreveu detalhadamente em Romanos 8. “O desejo de uma vida agradável e sem conflitos pode nos seduzir a evitar decisões e consequências importantes, para poupar a nossa carne. Com isso, porém, inevitavelmente a cultivaremos, e ela poderá dar frutos sem impedimento. Se a carne for cuidada e cultivada, ela estabelecerá a sua ditadura em nossa vida. Se ela for poupada pela incoerência e se o seu desejo for saciado, ela se tornará cada vez mais faminta e apaixonada. Cultivar a carne não serve (como hoje tantas vezes se afirma) à autoaceitação e ao desenvolvimento da personalidade, mas desperta desejos que se opõem aos pensamentos de Deus.”⁵⁴

9.4 Conclusão

Quem oferece corpo e vida no altar de Deus perde a sua vida, a sua vida do eu. Mas o que diz, em essência, o Senhor Jesus? “Quem perder a sua vida do eu a ganhará” (cf. Lc 9:24; 17:33). Jim Elliot escreveu: “Não é tolo quem dá o que não pode guardar para ganhar o que não pode perder.”⁵⁵

Se estivermos dispostos, Deus continuará transformando o nosso pensamento. Chegaremos então ao ponto em que, como praticantes da vontade *de Deus*, nos parecerá que estamos fazendo a *nossa* vontade. Essa é a lei da liberdade (Tg 1:25; 2:12): querer livremente e de coração aquilo que Deus quer. Essa é a única vida que vale a pena. Mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre!

54. Walter Nitsche, *Versagen und innere Zerrissenheit*, página 76.

55. O texto original é o seguinte: “He is no fool who gives what he cannot keep to gain what he cannot lose.”

10. O velho e o novo – um panorama

Velho	Novo	Referências
As coisas antigas já passaram	O novo chegou	2Co 5:17
Em	Adão Em	Rm 5:12 – 8:11 e outros
Pecadores	Justos	Rm 5:19
O velho homem	O novo homem	Rm 6:6; Ef 4:20-24; Cl 3:9-11
O corpo do pecado	Oferecer a Deus o nosso corpo e os nossos membros	Rm 6:6, 12-23; 8:13; 12:1-2
Na carne	No Espírito	Rm 8:8-9
Lei do pecado e da morte	Lei do Espírito da vida	Rm 8:2
Carne (em nós)	Espírito Santo (em nós)	Rm 8:1-11; Gl 5
Pecado – dominados por ele, vendidos a ele	Mortos para o pecado: novidade de vida; “vivos dentre os mortos”	Rm 6 (e Rm 8)
Morte	Nova vida espiritual, vivificados	1Co 15:45; 1Jo 3:14; Ef 2:5; e outros
Carne (para nada proveita; a pessoa em questão não pode cumprir a Lei de Deus)	Nascidos de novo	Jo 3; 6:63 Rm 8:7
No fim: morte	No alvo: vida eterna	Rm 6:21-23
Morrer	Renovação	Rm 6:21; Ef 4:22-24

Terreno – membros que estão sobre a terra: Celestial	–	Cl	3:1-11;
prostituição, impureza, paixão, desejo mau, vocação,		1Co	15:48-49
avareza, ira, cólera, maldade etc. objetivo			
		Cl	3:11; Gl
Cheios de nós mesmos: em nós não há nada de			2:19-20; e
bom, enquanto Cristo não estiver em nós.	Cristo em nós		outros
		Rm	7:18

11. O que é a carne?

Entre cristãos, a *carne* é muitas vezes chamada de “a velha natureza”, em contraste com a “nova natureza”, que recebemos no novo nascimento. Outras formas de descrevê-la são: *natureza adâmica*, *natureza pecaminosa*, *natureza carnal*, o modo de ser *humano*, ou seja, *autossuficiente*, *pecaminoso*, *velho* ou também *terreno*. Embora esses termos sejam úteis, o NT sempre a chama de “carne”.

“Carne” significa a marca deixada no ser humano pelo pecado, assim como ela está ancorada na sua existência física e psíquica.⁵⁶

A palavra *carne* aparece com diferentes significados. Na maioria dos casos, trata-se do ser humano. O sentido da palavra precisa ser esclarecido em cada contexto. Pode tratar-se do aspecto moral, ou do aspecto material de criatura, ou do aspecto transitório (Is 40:6-8), desamparado (Jr 17:5, 7) ou fraco da carne humana; da comunhão conjugal (Gn 2:24; 1Co 6:16), do parentesco familiar (Rm 1:3; 9:3) ou da humanidade como um todo (Rm 3:20). Paulo usa a palavra ao todo 78 vezes (das quais 63 nas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas) como designação do ser humano caído e pecaminoso.

Paulo usa o termo “carne”, portanto, em sentido moral. Nesse significado ele é usado igualmente por Pedro (1Pe 2:11; 2Pe 2:10, 18) e por João (1Jo 2:16). Tiago fala do desejo (Tg 4:1-3).

O termo “carne” – em contraste com “Espírito” – tem importância central para o tema “mudança de lado”. A afirmação central, quando se trata do conflito na vida cristã, é a constatação de Paulo:

“A carne deseja contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; porque estes são opostos entre si” (Gl 5:17).

Na vida do cristão não se defrontam dois partidos, como existem mais ou menos em todo ser humano. Não se trata simplesmente da luta entre o mal e o bem, que acontece mais ou menos em todo ser humano. Aqui se trata de outra dimensão: o Espírito é o Espírito Santo, o próprio Deus, que entrou na vida, dominada pela carne, de uma pessoa que chegou à fé. A carne é aquela parte da condição humana que, no cristão, depois do seu novo nascimento, ainda restou da velha vida em Adão.

56. Roland Antholzer, Gemeindeorientierte Initiative für biblische Beratung e.V. (GIBB).

Na vida cotidiana, a palavra *carne* é usada quando se trata do açougueiro e da comida, e também na anatomia, quando se trata do tecido humano. Ambos os usos correspondem ao uso da palavra na Bíblia. Muitas vezes, se refere simplesmente ao corpo humano (por exemplo, Rm 2:28). Mas o significado da palavra vai além da pura materialidade. A carne (o ser humano em sua existência terrena) não é apenas fraca, frágil e transitória. Antes, pelo pecado, ela assumiu traços que se opõem ao ser de Deus. O significado da carne, como Paulo a usa em Romanos 7 e 8 e em outros lugares, não descreve o aspecto material do ser humano, mas o seu aspecto moral e ético. Carne significa, portanto, a fragilidade da existência humana e a condição caída da natureza humana. “A carne é a natureza humana assim como ela se tornou pelo pecado.”⁵⁷

O aspecto moral e ético descreve *como* o ser humano é: qual é a sua motivação, quais são os seus objetivos, como ele se comporta em relação a Deus, como se comporta em relação ao próximo? Trata-se do seu ser, do seu modo, da sua natureza em sentido moral, medidos pelo ser e pela natureza de Deus. A carne (ou seja, o ser e a orientação de vida do ser humano) não está voltada para o Deus verdadeiro, embora possa ser religiosa. O Senhor Jesus deixou claro a Nicodemos que é necessário um novo nascimento, porque o que é nascido da carne é carne (Jo 3:5-8). Como a carne para nada aproveita em relação a Deus (Jo 6:63), é necessário um nascimento de Deus, do Espírito, para criar algo novo.

11.1 Pecado e carne

O pecado é um princípio que se volta contra Deus e rejeita o seu monopólio de autoridade. Esse princípio já existia quando ainda não havia “carne” no sentido de seres humanos criados, de criaturas de carne e sangue. O diabo, talvez o mais elevado ser espiritual criado, seguiu esse princípio ao abusar da sua liberdade. Adão, o primeiro ser humano, abriu a porta ao pecado ao transgredir um mandamento simples. Com isso, o pecado entrou no ser humano, e isso até o mais profundo do seu ser e da sua existência (até o seu coração). Desde então, o pecado habita em todo ser humano (Rm 7:17); ele é um *pecador*. Adão transmitiu a sua natureza a todos os seus descendentes. Assim nos tornamos pecadores por nascimento.

57. William Barclay, *Fleisch oder Geist*, Augsburg, 1968, página 19.

A carne é o ser humano, o seu ser, a sua personalidade individual, que é determinada pelo pecado que nele habita. Paulo resume isso quando diz: “Eu ... sou carnal, vendido ao pecado” (Rm 7:14). O pecado é aqui o senhor e o feitor de escravos; a carne (ou seja, o ser humano), o seu escravo. Pecado e carne estão estreitamente entrelaçados, quase intercambiáveis.

A carne não é apenas um princípio de rebelião contra Deus (assim como o pecado), mas designa também todo ser humano sem Cristo em sua individualidade. A carne é a combinação das particularidades da personalidade e do caráter. Em sentido moral, a carne é a ferramenta do pecado. A minha carne, isto é, o meu corpo, está escravizada pelo pecado. Os pecados são cometidos por meio do corpo (ou seja, com as mãos, os pés e a língua). Assim, o corpo não é apenas uma ferramenta neutra, mas também está marcado por hábitos, desejos e prazeres pecaminosos.

11.2 A carne e o ser humano descrente

Em nenhum lugar se pode atestar algo positivo à “carne”. Do ponto de vista de Deus, a carne é incorrigível. Uma primeira indicação desse significado da carne, que só é desenvolvido em detalhes no NT, é a declaração de Deus sobre o ser humano pouco antes do dilúvio: “E Deus viu a terra, e eis que estava corrompida; porque toda carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra” (Gn 6:12; veja também o versículo 3).

O ser humano descrente é “segundo a carne” e está “na carne” (Rm 8:5-8). Toda a sua existência, em vista da santidade e da justiça de Deus, não é nada além de “carne”, isto é, nada além de um ser pecaminoso, determinado pelo seu próprio pensamento, pelos seus desejos (anseios ilegítimos) e impulsos. O descrente não é chamado de carnal. Esse termo é usado apenas para cristãos que seguem a velha natureza, embora, pelo Espírito que neles habita, devessem na verdade viver espiritualmente (1Co 3:1).

O ser humano distante de Cristo olha para aquilo que está diante dos olhos (ou seja, para o visível). As nações buscam as coisas terrenas, ou seja, as coisas voltadas para o aquém (elas se enredam nos “cuidados ... da vida”⁵⁸), empenhando tudo nisso, sem perceber que Deus é o doador de todas as coisas (Mt 6:32). Nesse sentido, a carne é orientada para o aquém e voltada para o visível. Ela se apega ao visível – àquilo que aparentemente é seguro. Também

58. Cf. Lucas 8:14.

essa é uma característica da carne que, à primeira vista, não é reconhecida como tal, já que muitas vezes consideramos positivamente a *preocupação ansiosa* com a nossa existência como um senso de responsabilidade levado a sério.

11.3 A carne e o cristão

O cristão não está mais “na carne”; ele está “em Cristo” e “no Espírito”. Mas a carne ainda está presente em nós, porém não mais na posição em que lhe é permitido determinar o nosso pensar e agir. Ela continua sendo a inimiga mortal do Espírito Santo e, com isso, do cristão. Ela ainda tem até mesmo a possibilidade de determinar e caracterizar a vida de um cristão, se não aceitarmos o que Deus fez por nós e não aplicarmos nós mesmos a sentença de morte sobre os feitos da carne (Rm 8:13). Deus condenou e crucificou em Jesus o pecado e a carne. Isso aceitamos pela fé, e é assim que consideramos a carne em nós. Mesmo assim, ela ainda está em nós, inalterada em sua natureza. As muitas indicações enfáticas de lidar de forma coerente com o desejo da carne (a saber, de não dar espaço à carne) pressupõem que essa carne ainda está em nós.

Jesus atestou a Nicodemos a inutilidade e a incapacidade da carne. “Mais uma vez, Jesus toca no cerne do problema e mostra a total impossibilidade de tornar a carne espiritual. O que é nascido da carne é carne, e nunca será outra coisa. Pode ser carne bem instruída, carne culta, carne com grande experiência de vida, carne moralmente boa, sim, até carne religiosa – e, mesmo assim, continua sendo carne.”⁵⁹

“A carne continua pecaminosa! Já nos preparamos de forma bem consciente para o fato de que, em nosso estado terreno, possuímos uma ‘carne’ que ainda tem vontade de resistir à Lei de Deus e que de bom grado se oferece como instrumento para o pecado? Estamos preparados para isso?”⁶⁰

Mas não podemos já chamar de pecado a mera presença da carne e os seus sinais de vida. O pecado acontece quando cedemos à carne e deixamos correr os impulsos e as obras da carne, em vez de fazê-los morrer. Com o tempo, reconheceremos cada vez mais a total e imutável maldade da nossa carne, sem vivermos segundo a carne. A carne é como uma fera, um polvo com muitos tentáculos. Quanto mais entendimento espiritual entra em nossa vida, tanto mais claramente tomamos consciência da total corrupção da nossa própria

59. Ruth Paxson, *Life on the Highest Plane*, página 190.

60. Walter Nitsche, *Versagen und innere Zerrissenheit*, página 11.

carne. Esse autoconhecimento deveria aumentar, paralelamente ao conhecimento da graça e do amor com que Cristo morreu por nós. Quem está decepcionado com a maldade e a depravação da sua carne ainda não entendeu que não se pode esperar nada da carne e que ela é incorrigível.

Deus decidiu não tirar de nós a carne. A presença e a agressividade da carne no crente são evidentemente necessárias para o crescimento espiritual:

- Ela revela a nossa fraqueza interior.⁶¹
- Ela mata o nosso orgulho e a nossa arrogância.
- Ela nos humilha sempre de novo.
- Ela nos impele constantemente a clamar a Deus por ajuda.
- Ela nos mostra a inutilidade do esforço humano.
- Ela nos ensina a confiar somente no Senhor.
- Ela nos leva a amar o Salvador, que nos salvou do pecado.
- Ela nos conduz a uma vida de arrependimento constante.
- Ela nos torna vigilantes contra as investidas do pecado.
- Ela promove o anseio pelo céu.
- Ela nos impele a fazer uso de todas as possibilidades da graça divina.
- Ela nos encoraja a desenvolver hábitos santos (ou bons e espirituais).
- Ela nos impele a recorrer à ajuda dos nossos irmãos e irmãs.

A carne nos leva a buscar soluções diariamente, e isso à luz daquilo que Deus nos diz sobre isso em sua Palavra. Não devemos esperar por um milagre repentino. Deus não faz simplesmente “desaparecer por mágica” os problemas que têm a ver com a nossa carne, porque nós devemos e podemos agir, uma vez que ele nos deu aquilo de que precisamos para uma vida vitoriosa.

Isso aprofundaremos especialmente no próximo capítulo. Nisso haverá repetições mais de uma vez. Isso vale também para os capítulos seguintes. Todos os capítulos tratam, em última análise, de um só tema, mas sob diferentes perspectivas. Mas, como é *um só* tema – a mudança de lado de Adão para Cristo –, ao desenvolver uma perspectiva, voltaremos a nos ocupar de diferentes questões das quais já tratamos. Uma perspectiva recorre às outras perspectivas ou aspectos. Um aspecto não pode ser explicado isoladamente dos outros.

61. <http://www.keepbelieving.com/sermon/2001-08-26-Full-Speed-Ahead-One-Step-at-a-Time-How-You-Can-Walk-in-the-Spirit-Every-Day/>

12. A carne contra o Espírito

A carne deseja contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; porque estes são opostos entre si.

Gl 5:17

Os gálatas tinham experimentado de forma impressionante o que o evangelho produzia: foram justificados e receberam o Espírito, que confirmou com sinais e milagres que o próprio Deus era a origem da gloriosa mensagem do evangelho. Mas o que tinha acontecido? Judaizantes, que atuavam como mestres da Lei, seguiram os passos de Paulo e tentaram introduzir a Lei mosaica nas igrejas recém-fundadas. Eles apresentavam a Lei como necessária para a salvação e para a vida, e principalmente os cristãos judeus provavelmente reagiram a isso de forma positiva. Esse é o motivo da Epístola aos Gálatas, na qual Paulo se opõe a isso com toda a força: os alicerces do evangelho são atacados quando a Lei é misturada ao evangelho. Com a Lei e o evangelho, dois mundos incompatíveis se chocam.

12.1 Qual era o problema?

Com a reintrodução da Lei, os gálatas recaíram no tempo da Lei e, com isso, também da vida carnal. Eles se refugiaram na Lei, afirmando que ela era necessária para a salvação e como padrão para a vida. Essa opinião eles provavelmente defenderam também diante de Paulo. Mas o apóstolo lhes deixa claro que, por esse caminho, eles não serão salvos. Além disso (e isso diz respeito ao nosso tema principal), ficou evidente que eles não conseguiam guardar a Lei. Eles se comportavam uns com os outros como feras que, por assim dizer, arrancam os olhos umas das outras e se devoram. Paulo diz, um pouco irônico, que deviam tomar cuidado para não se consumirem uns aos outros. Assim ele expõe ao público o fato de que o seu amor pela Lei e a sua suposta fidelidade à Lei eram contraproducentes. Nada de bom resultava disso. Os gálatas tinham esquecido que o tempo da Lei e, com isso, da carne tinha passado. O velho sistema tinha sido abolido. Agora tinha começado a era do Espírito e da liberdade.

A carne (a velha natureza adâmica caída) precisa da Lei e dos seus mandamentos e proibições. Mas ela é e continua sendo sem força: não foi a Lei que falhou, mas o ser humano. O que Paulo coloca em contraposição? O Espírito de Deus. A carta é uma defesa impressionante do Espírito de Deus como substituto da Torá! O Espírito de Deus, que Cristo enviou, basta para tudo! Por meio dele vivemos e andamos, diz Paulo. Cristo é o centro, o fundamento da nossa justificação; o Espírito é aquele por meio de quem vivemos e nos revestimos do caráter de Cristo. Mas o objetivo não é a ausência de lei; a lei de Cristo se torna agora realidade em nosso dia a dia pelo Espírito de Deus.

12.2 A atuação da carne

A alusão aos animais selvagens nos mostra, em parte, como é a nossa carne. A carne se parece com um felino predador, sempre em busca de presa e de domínio. No circo, esses grandes felinos são domados pelo domador, o que, porém, só dá certo com uma postura segura e um contato visual constante e controlador. Essa atitude é também um exemplo para nós. Mais sobre isso adiante.

Porque os gálatas amavam a Lei em vez do Espírito, as obras da carne vieram à tona. A sua convivência era determinada por um comportamento carnal (ou seja, pecaminoso). No conflito entre o Espírito e a carne, a Paulo não importa o que acontece *em nós*, mas o que acontece *entre nós*. Nesse conflito não se trata de uma atenção voltada para dentro e de uma auto-observação – daquilo que se passa em mim –, mas de um comportamento que os outros sentem na pele: ou a vanglória e a inveja, ou a disposição de levar as cargas uns dos outros (5:26 – 6:2). A fonte do primeiro é a carne. O Espírito quer o bem para o outro, assim como isso foi realizado por meio de Jesus Cristo. Por isso, ele deve tomar forma em nós por meio do fruto do Espírito, que não é outra coisa senão a expressão do seu caráter. As obras mortas da carne, que dão testemunho de um Adão condenado à morte, devem ser banidas da comunhão dos crentes. Isso só funciona pela atuação do Espírito. O fruto divino não crescerá pelo próprio esforço, mas é produzido por Deus, que é o único que dá o crescimento.

O Espírito e a carne se encontram num conflito sem fim. Trata-se de dois grandes princípios, representados, de um lado, pela natureza pecaminosa e, de outro, pelo Espírito de Deus. Todos nós somos atingidos pessoalmente, porque

em nós ainda habita a carne. E o Deus santo a enfrenta empregando o seu Espírito Santo. Surpreendente! Tanta força deve ser necessária – o próprio Deus desce até nós para assumir essa luta.

O conflito entre o Espírito e a carne na Epístola aos Gálatas não visa, em primeiro lugar, ao fato de que dois corações batem em nosso peito. Ele não ensina um conflito ininterrupto em nosso interior (semelhante ao que é descrito em Romanos 7). Trata-se muito mais, em primeiro lugar, do comportamento dos membros da família de Deus uns com os outros. Não se trata daquilo que experimento quando estou sozinho, mas de como somos quando cultivamos a comunhão uns com os outros. Naturalmente, trata-se também de um conflito em nós, porque nós mesmos temos a carne em nós, enquanto ao mesmo tempo o Espírito de Deus habita em nós. Os impulsos da carne estão presentes também quando estamos sozinhos.

Depois desta entrada rápida na Epístola aos Gálatas, no âmbito do tema maior, reunimos primeiro da carta aquilo que nos tornamos como cristãos. O conflito entre o Espírito e a carne Paulo trata somente no fim da carta.

12.3 O cristão na Epístola aos Gálatas

- Jesus entregou a si mesmo pelos nossos pecados (1:4).
- arrancados do presente mundo mau (ou do presente século) (1:4)
- liberdade em Cristo Jesus (2:4; 5:1)
- justificados pela fé em Cristo (2:16-17)
- mortos para a Lei (2:19)
- viver para Deus (2:19)
- crucificados com Cristo (2:19)
- Cristo vive no crente (2:20)
- amados por Cristo (2:20)
- receberam o Espírito (3:2, 5)
- abençoados pela fé (3:9)
- resgatados da maldição da Lei (3:13)
- receberam a promessa do Espírito Santo (3:14)
- a vida não pela Lei, mas pela fé (3:21-22)
- filhos de Deus pela fé (3:26)
- Revestimo-nos de Cristo (3:27).
- Estamos em Cristo (3:28; 5:6).

- Somos de Cristo (propriedade dele) (3:29; 5:24).
- resgatados para a adoção (4:5-6)
- O Espírito do Filho está em nossos corações (4:6).
- Deus é o nosso querido Pai (4:6).
- herdeiros por Deus (4:7)
- Cristo toma forma em nós (4:19).
- nascidos segundo o Espírito (do Espírito) (4:29)
- chamados por Deus (5:8, 13)
- Andamos pelo Espírito (5:16, 25).
- O Espírito nos guia (5:18).
- Vivemos pelo Espírito (5:25).
- herdeiros do reino de Deus (5:21)
- vida eterna (na ressurreição) (6:8)
- membros da família da fé (6:10)
- crucificados para o mundo (6:14)
- uma nova criação (6:15).

Essa é uma soma enorme da obra salvadora de Deus. Esse é o indicativo da salvação – aquilo que “já agora”, na terra, é nossa posse pela fé. Depois de termos tomado consciência detalhadamente desse catálogo da salvação, ocupamo-nos, a partir dessa perspectiva, de como devemos lidar com a carne e com os seus desejos e de como o fruto do Espírito pode crescer.

12.4 Lei e carne – duas engrenagens de um mesmo mecanismo

Como é que Paulo, nesta Epístola aos Gálatas, trata de forma tão concreta o tema da concupiscência da carne e dos desejos? Ele mostra que a Lei justamente não os ajudou a ter uma vida santa. Ao contrário, a Lei trouxe de volta a velha vida dos gálatas. A Lei provoca o pecado e a concupiscência da carne por meio das suas proibições e mandamentos (veja também Romanos 7). Paulo apresenta a prova imediatamente: os gálatas não guardavam a Lei que exigia amar o próximo. Até esse mandamento (não apenas mosaico, mas também cristão) lhes causava dificuldades, pois eles se tratavam de tudo, menos de forma amigável (Gl 5:15). A pretensão de fidelidade à Lei e a realidade estavam muito distantes uma da outra. Carne e Lei andam juntas, porque a Lei se dirige ao ser humano natural, não nascido de novo. Essa ligação, que é desfeita em quem chega à fé,

os gálatas restabeleceram. Não estavam, dessa forma, trazendo de volta à vida o velho homem? Mas Paulo lhes mostra como é a novidade da vida no Espírito.

12.5 O antiquíssimo conflito cósmico e o atual conflito pessoal

No começo da história da humanidade aconteceu a Queda. Em consequência disso, foi posta inimizade entre a descendência da mulher e a descendência da serpente, o diabo (Gn 3:15). Cristo é a descendência da mulher e esmagará a cabeça da serpente, ainda que em meio a dores. Essa inimizade, em última análise o confronto entre a luz e as trevas, é de natureza cósmica e onipresente, mas ela chegou também *dentro* de cada cristão. Pela nova vida e pela entrada do Espírito no coração do cristão, existem agora ali dois polos opostos que nunca podem ser igualados nem ter a sua orientação unificada – uma guerra entre duas naturezas. Dois comandantes, a saber, o Espírito e a carne, estão frente a frente e combatem um contra o outro. “O cristão é ao mesmo tempo palco e objeto, campo de batalha e prêmio da batalha do confronto entre a carne e o Espírito.”⁶² Os adversários não conhecem cessar-fogo. Nunca. Em todo lugar onde estamos, a carne está presente; nós a carregamos conosco. Mas também o Espírito poderoso de Deus está em nós. Ele está sempre ao nosso lado para nos ajudar nesse conflito. Melhor dizendo: ele quer liderar essa luta. Mas Paulo não enfatiza a luta constante, e sim a vida diária pelo Espírito. O cristão pode ter a certeza de que o Espírito prevalecerá. As exceções, ou seja, os passos em falso, são uma confirmação dessa regra!

12.6 Vivam e andem pelo Espírito!

Andem no Espírito (pelo Espírito), e vocês não satisfarão o desejo da carne. Porque a carne deseja contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; porque estes são opostos entre si, para que vocês não façam o que querem.

Gl 5:16-17

Em vez de viver segundo a Lei, os gálatas deviam andar pelo Espírito de Deus, para não dar espaço à carne e aos seus efeitos. Só assim os destinatários da carta poderiam chegar a um trato amoroso uns com os outros.

A carne é algo bem vivo. *Desejo* e *concupiscência* são forças poderosas; elas são o sinal de vida da carne. O desejo da carne abrange todo anseio ilegítimo que

62. H. Schlier, *Galater*, página 181, citado por E. Mauerhofer, *Der Kampf zwischen Fleisch und Geist bei Paulus*.

busque realizar e perseguir objetivos egocêntricos. Podem ser muitas coisas – também aquelas das quais talvez nunca teríamos suspeitado. Como cristão, pode-se fazer uma e a mesma coisa tanto pelo Espírito como pela carne. A origem, a motivação e o objetivo decidem se a pessoa faz a coisa em questão no Espírito (ou seja, com uma mentalidade espiritual) ou na carne (ou seja, com uma mentalidade carnal). O velho dono, destituído do poder, da minha velha vida é personificado pela carne, ou seja, pelo pecado. O velho dono ainda está presente, mesmo que não tenha mais poderes nem direitos. Ele ainda está a caminho conosco enquanto não estivermos com o Senhor e vivermos em nosso corpo terreno. A *carne* não é idêntica ao corpo biológico; antes, ela o usa, assim como também a alma e o espírito o usam como ferramenta. As obras da carne não incluem apenas atos que se realizam com as mãos e os pés, mas também coisas interiores, que pertencem ao âmbito dos pensamentos, das sensações e dos sentimentos (soberba, teimosia, desprezo, ingratidão, ódio, pensamentos impuros, adultério em pensamento, ambição errada ou exagerada, ocultismo e muito mais).

A carne se opõe ao Espírito e quer fazer valer os seus antigos direitos. Antes ela tinha o monopólio de determinar tudo e programou hábitos pecaminosos em nosso pensar e agir. Mas agora o Espírito assumiu a posse e a liderança, para se posicionar contra a carne e os seus hábitos. Essa velha programação não é apagada no dia da minha salvação (da minha virada pessoal para a salvação e da minha conversão). Antes, ela é levada pelo Espírito ao lugar a que pertence: à morte.

Há um conflito no cristão, que acontece entre a minha carne e o Espírito Santo. Pedro fala disso quando diz que devemos nos abster das paixões carnis, *que fazem guerra contra a alma* (1Pe 2:11). Os desejos, diz Tiago, guerreiam em nossos membros (Tg 4:1; veja também 1:13-15), exigindo ser alimentados e satisfeitos.

12.7 A ação de Deus e a nossa ação – uma contradição?

No NT somos muitas vezes exortados a agir, embora ao mesmo tempo seja Deus quem produz aquilo que corresponde. Aqui acontece algo semelhante. A afirmação que encontramos aqui (“Andem no Espírito”) é, portanto, um imperativo da salvação. É uma “forma ativo-passiva”. Somos nós que andamos (ativo), mas devemos fazê-lo pelo poder do Espírito (passivo).

A carne e o Espírito são opostos entre si, *para que vocês não façam o que querem*. O que Paulo quer dizer com isso? Há três participantes nesse conflito? Evidentemente: há a carne, há o Espírito de Deus e há eu, a pessoa responsável, que se decide por um lado. A frase curta "... para que vocês não façam o que querem" tem pelo menos três aspectos:

1. Fomos chamados à liberdade (5:13), para que não façamos aquilo que a nossa carne quer.
2. A luta não é travada por nós, mas pelo Espírito.
3. Nós (o nosso eu) estamos, como atingidos, no meio desse conflito.

12.8 Chamados à liberdade – mas que liberdade é essa?

A palavra-chave do conflito entre o Espírito e a carne (5:1) – ou seja, a mensagem da carta – abrange a liberdade. Mas, no mesmo fôlego, Paulo adverte contra usar essa liberdade em relação à Lei mosaica como carta branca para a carne. Pois, fora da Lei mosaica, vale uma nova lei, a saber, a lei de Cristo (6:2)! A nova lei é a lei do Espírito, com a qual Cristo marca a nossa vida e cujos efeitos se tornam reconhecíveis nos frutos do Espírito. "A liberdade surge dentro da lei, não fora dela. Quando uma locomotiva tem a maior liberdade? Quando sai aos solavancos por paus e pedras? Claro que não! Quando ela se deixa 'forçar' aos trilhos, ela corre de modo suave e sem atrito, pois foi construída assim. Ela precisa da 'ordem' e da 'disciplina' dos trilhos para poder correr de modo suave e rápido."⁶³ A essa condução pelos trilhos Paulo chama de "direção" e "andar" pelo Espírito de Deus. Em consequência disso, cresce o fruto variado do Espírito, enquanto ao mesmo tempo as obras da carne desaparecem cada vez mais. Essa é a alternativa divina à Lei mosaica, ainda que, ao mesmo tempo, cumpramos a Lei mosaica quando, pelo Espírito de Deus, "amamos uns aos outros" (5:14; veja também Rm 8:3).

Aqui se trata de deixar o âmbito da Lei. Isso já aconteceu conosco no Gólgota: morremos para a Lei (Gl 2:19; Rm 7:6). Se isso aconteceu, então não estamos numa terra de ninguém, onde não vale lei alguma. Pertencemos a Deus – é a terra *dele*. Essa terra é disputada, porque o objetivo ainda não foi alcançado. O conflito entre o Espírito e a carne espera cada pessoa que entra na

63. Jay E. Adams, *Grundlagen biblischer Lebensberatung*, página 256.

nova vida. Se somos guiados pelo Espírito, não estamos debaixo da Lei; as duas formas de conduzir a vida (Lei e Espírito) se excluem.

12.9 O Espírito luta por nós

De fato, parece que, nesse conflito, temos uma espécie de papel de espectadores. Como o Espírito e a carne lutam em nós, não podemos mais fazer o que queremos, porque os dois fazem o que querem! A carne produz obras da carne; o Espírito, o fruto do Espírito. Albrecht (tradução alemã da Bíblia) traduz: “Pois a carne, com o seu desejo, se opõe

hostilmente ao Espírito, e da mesma forma o Espírito à carne. Ambos estão em luta um contra o outro e não toleram que vocês ajam segundo a sua vontade.” A lição consiste em que, nesse confronto, “não fazemos o que queremos”, por melhor que seja a intenção. A luta contra a carne é travada pelo Espírito. Mas ela não passa ao nosso lado, como se não nos dissesse respeito. Não podemos sair de férias e deixar o Espírito lutar. O que se quer dizer é que a luta contra a carne faz parte das nossas próprias experiências, mas, com o próprio esforço, ela está perdida. Não temos força enquanto não deixarmos a luta com Deus. Temos, sim, a vontade, mas não os meios. O conflito acontece na minha alma, ou seja, no meu coração, onde, porém, o novo comandante, o Espírito, assumiu o comando.

12.10 No meio da luta

Repitamos o texto com as palavras da Neue Genfer Übersetzung (NGÜ, tradução alemã da Bíblia):

“O que quero dizer com isso? Deixem o Espírito de Deus determinar o seu comportamento; então vocês não cederão mais aos desejos da sua própria natureza. Pois a natureza humana, com o seu desejo, se volta contra o Espírito de Deus, e o Espírito de Deus, com o seu desejo, se volta contra a natureza humana. Os dois estão em conflito um com o outro, e cada lado quer impedir que vocês façam aquilo a que o outro lado os impele.”

Não há um eu neutro que possa escapar desse conflito entre a carne e o Espírito. O nosso *eu* obtém a força motriz do seu agir ou da carne ou do Espírito. Nunca somos observadores passivos, mas estamos no foco do conflito. Somos responsáveis por tudo o que decidimos, pensamos e fazemos.

Se estou no confronto imediato, na tentação e na provação, então preciso decidir com clareza e tomar posição. “Embora ... o Espírito Santo tenha feito a sua entrada em você e, em sua pessoa, represente ali tanto Deus Pai como Deus Filho, ele jamais violará a soberania da sua própria vontade. Ele não o dispensará da sua decisão por responsabilidade própria. ... Se, mesmo assim, ele exerce o domínio em cada distrito do seu coração, se assim ele determina os seus comportamentos, isso só acontece por sua própria livre escolha e com o seu alegre consentimento. Mas é esse direito de veto que o eleva, como ser humano, acima do reino animal e faz de você o ser moral para o qual Deus o destinou. É também isso – e somente isso – que o capacita a amar a Deus em resposta e, assim, a corresponder ao seu amor. Esse alegre ‘sim’ a Deus em cada momento da sua vida enche o coração do Criador de uma alegria maior do que todas as maravilhas emocionantes (interessantes) de milhões de mundos que foram lançados na infinitude do universo pela sua palavra todo-poderosa. Nenhum deles possui a capacidade de amá-lo, porque não tem a capacidade da livre escolha. O privilégio de ser você mesmo e de ser humano está, portanto, no fato de que você pode conhecer, escolher e amar a Deus. Esse é o seu privilégio inteiramente pessoal.”⁶⁴

A presença do Espírito não é um automatismo com garantia de vitória embutida. O nosso lema de vida deve ser: viver com Jesus, permanecer perto dele e deixar a sua Palavra habitar ricamente em nós. Com isso, nos decidiremos pelo Espírito e contra a carne.

A ação de Deus e a nossa responsabilidade nunca se excluem. Se falamos apenas da ação de Deus, pode acontecer que nos deixemos levar à passividade. Se vemos constantemente o nosso dever e a nossa responsabilidade, então não olhamos para Cristo, mas para o pecado que queremos vencer. Com essa perspectiva, correremos o perigo de lutar com a própria força e de ficar tensos. O Espírito abrange a nova regra de vida e a força para viver segundo ela. A sua direção não é apenas indicação de caminho; o Espírito é o nosso companheiro de viagem; ele vai à nossa frente.

12.11 Os vírus e a vacina

Mais uma comparação sobre isso, que ilustra o papel da minha vontade, da carne e do Espírito. Comparemos os agentes patogênicos adormecidos em meu

64. W. Ian Thomas, *Tote können nicht sterben*, página 115.

corpo com a nossa carne. Com um estilo de vida saudável, raramente se chegará a uma doença. Se me alimento de forma pouco saudável, se não me agasalho o suficiente, isso pode levar a um resfriado. Se então tomo um remédio (essa decisão eu preciso tomar), ele assumirá em meu corpo a luta contra o resfriado. Essa luta acontece, sim, em meu corpo, mas não sou eu mesmo quem a trava. Posso, porém, iniciar essa luta pela decisão consciente de tomar um medicamento. Além disso, posso favorecer o sucesso do medicamento com muito repouso, boa alimentação e ar fresco.

12.12 O que são as obras da carne?

Paulo não deixa surgir nenhuma dúvida sobre o que ele quer dizer com a carne e as suas obras. O seu catálogo dessas obras não é exaustivo, como se, além das aqui mencionadas, não houvesse outros pecados. Com a palavra final do catálogo, “e coisas semelhantes a estas”, a Palavra de Deus dá a cada leitor não apenas a possibilidade de continuar a lista, mas indiretamente a ordem de identificar as obras da sua própria carne.

As obras da carne são diferentes, tanto em seu efeito como em sua avaliação. Não é à toa que a prostituição está em primeiro lugar. Mas não importa se são “pecados pequenos ou grandes”, todos vêm da mesma fonte má. A nossa carne é capaz de cada uma das coisas aqui mencionadas (tanto no que diz respeito aos atos como à mentalidade). Nesse sentido, a carne é como uma semente na qual estão escondidos todos os pecados possíveis, para um dia poderem vir à tona. O fato de Paulo não falar de *fruto* da carne, como no caso do Espírito, parece ter a ver com as obras da Lei, nas quais os gálatas queriam se apoiar. Em outras palavras: somos capazes de fazer as obras da carne com a própria força, enquanto somos incapazes de produzir nós mesmos os frutos do Espírito. Para isso precisamos do Espírito Santo. Ora, as obras da carne são manifestas (5:19-21):

- **Prostituição** (gr. *porneia*) – imoralidade sexual, *qualquer* atividade sexual fora do casamento
- **Impureza** – o perverso, o sujo; comportamento desenfreado ou sem pudor na área sexual, seja dentro, seja fora do casamento; a depravação da personalidade inteira, que envenena todas as áreas da vida
- **Libertinagem** – falta de medida, falta de freio, entorpecimento dos sentidos

- **Idolatria** – a veneração de tudo aquilo que tira Deus e a sua vontade do primeiro lugar na vida da pessoa (o culto aos ídolos tanto quanto a idolatria ideológica dos nossos dias); egoísmo
- **Feitiçaria** (gr. *pharmakeia*) – magia, bruxaria, ocultismo, espiritismo, drogas
- **Inimizades** – afastamento das pessoas, desavença, ódio, mau humor em relação a outras pessoas
- **Contenda** – discórdia, briga, espírito briguento
- **Ciúme** – inveja, comportamentos egoístas e outros voltados para a própria vantagem, suspeitas
- **Ira** – cólera, acessos de ira, ataque desenfreado ao ambiente ao redor, insistência veemente na própria opinião
- **Rixas** – brigas, intrigas
- **Dissensões** – dispersão, rupturas, desavenças
- **Facções**⁶⁵ – heresia, divisões, seitas; formação de grupos que causa perturbação
- **Inveja** – o hábito de não desejar nada de bom ao outro
- **Homicídios** – ódio, assassinato (de fato, e não apenas em pensamento)
- **Bebedeiras** – consumo excessivo de álcool, estados de embriaguez
- **Orgias** – farras de bebida e comilança, glotonaria, devassidão
- **e coisas semelhantes a estas.**

Não há futuro no reino de Deus para pessoas que praticam essas coisas, para as quais isso é normal, que permanecem nisso e que não confessam nem abandonam o pecado (5:21).

12.13 O fruto do Espírito de Deus

O fruto precioso, com o qual o Pai e o Filho se alegram e que é igualmente uma alegria para aqueles que são abençoados por meio dele, é produzido no crente pelo Espírito de Deus. Que um fruto cresça, não posso produzir, porque é Deus quem dá o crescimento⁶⁶ (1Co 3:6). Eu mesmo devo criar “condições” com base nas quais seja possível um bom crescimento. Posso tentar oferecer um bom solo, posso impedir e remover a erva daninha da carne e posso cuidar de

65. Assim diz o texto da nota de rodapé na Elb 2003 (tradução alemã da Bíblia). No texto principal dessa tradução da Bíblia está aqui “seitas”.

66. Veja também Mateus 6:28: “Observem os lírios do campo, como crescem: eles *não se cansam*, nem fiam” (destaque do autor).

uma “irrigação” suficiente por meio da Palavra de Deus. Em tudo isso, porém, não podemos deixar de ver o “milagroso”: mais do que qualquer sinal e milagre, é uma ação sobrenatural de Deus quando seres humanos, de pecadores cheios de ódio, se tornam criaturas em cujo coração o amor de Deus foi derramado e que então amam elas mesmas como Deus ama. Mas o fruto do Espírito é (5:22-23):

1. **Amor** – amor divino disposto ao sacrifício, aqui especialmente dentro da igreja de Deus, que não é um sentimento, mas uma decisão da vontade. Sem esse amor a Deus e às pessoas, também na vida cristã tudo é sem valor (1Co 13). Nós amamos porque ele nos amou primeiro.
2. **Alegria** – a alegria comum dos membros do povo de Deus que andam no Espírito, também nas suas reuniões; verdadeira alegria por aquilo que Deus fez em nós e nos outros, por aquilo que ele faz agora e por aquilo que fará segundo a sua promessa; a alegria da vida em Cristo
3. **Paz** – não apenas ausência de briga, mas reconciliação, convivência afetuosa, união, integridade
4. **Longanimidade** – paciência e magnanimidade no trato com os outros; disposição duradoura de suportar o próximo e as circunstâncias; o amor pelo seu lado passivo, mas perseverante
5. **Benignidade** – atitude benevolente, sempre prestativa e compreensiva, um caráter brando, generosidade; o lado ativo do amor
6. **Bondade** – a bondade cordial, semelhante à benignidade; dar ao outro o que é justo e bom
7. **Fidelidade (fé)** – confiança em Deus; a virtude da confiabilidade, da sinceridade, da lealdade; a imitação de Deus, que sempre mantém a sua palavra e é fiel às suas promessas
8. **Mansidão** – brandura, força e suavidade (em alemão não existe uma palavra que corresponda exatamente); o contrário do egoísmo e da exigência excessiva; humildade em relação a si mesmo
9. **Domínio próprio** – autodomínio, autodisciplina e autocontrole, equilíbrio.

O fruto, ou seja, os frutos, são variados e abrangentes. Também esta “lista”, como a anterior, não é exaustiva, mas representativa. William Barclay diz que é difícil encontrar nessa enumeração tanto uma definição exata como uma delimitação entre os itens.⁶⁷ Em todas essas qualidades éticas e virtudes, pode-se

reconhecer que é quase impossível para um ser humano experimentá-las de forma mais ou menos constante em sua vida. Trata-se, de fato, de um fruto de Deus.

Paulo encerra a sua lista retomando o fio condutor: “*Contra essas coisas não há lei*” (versículo 23). Em outras palavras: quando essas virtudes, graças à presença do Espírito, estão visíveis entre nós, a Lei é irrelevante. Às pessoas que se amam pelo Espírito, nenhuma Torá precisa mais ordenar: Não matarás.

12.14 A carne pertence à cruz

O cristão tomou a posição mais clara em relação à carne. Ele mesmo pregou a carne na cruz. cremos nisso e agimos de acordo. A nossa carne não mereceu outra coisa senão a morte na cruz. É exatamente isso que Paulo diz:

“E os que são de Cristo crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos.”

Gl 5:24

Quem pertence a Cristo fez isso *de uma vez por todas*: quando cremos em Cristo, condenamos a nossa velha vida e renunciamos a ela. Reconhecemos a sentença de morte de Deus sobre a nossa vida ímpia e sobre aquilo que era a força motriz dessa vida ímpia: a carne. Por que crucificada? Porque Cristo tomou sobre si, na cruz, em nosso lugar, a sentença de morte sobre o nosso velho homem.

A carne traz em si a paixão e o desejo como elixir de vida. Com o passo de fé em direção a Cristo, renunciamos a isso. Isso nos coloca diante de uma obrigação, pois aquilo que a própria pessoa crucificou e matou deveria então permanecer na morte e não ser mais visto em nossa vida. Mas, apesar da crucificação, apesar da morte, a carne com as suas obras ainda está presente. Ela ainda está em nós, incorrigível. Isso corresponde à palavra aos romanos de que devemos nos considerar mortos para o pecado (Rm 6:11). Deus fez algo por nós para que seja possível escapar da ditadura do pecado. Assim é também nesta palavra. A cruz de Jesus Cristo é o fim da carne, o fim do velho homem, o fim do velho eu. Sem a cruz e sem esse conhecimento, não é possível andar no Espírito.

Não está escrito que devemos crucificar a nossa carne diariamente. Isso é dito muitas vezes com boa intenção. Mas a verdade é que devemos partir do fato de que ela foi crucificada uma vez – com Cristo. Esse é o começo de uma

nova vida, com as melhores condições, dadas pelo próprio Deus. Agora, depois do acontecimento da cruz, na novidade de vida, temos a ver com as *obras* individuais da carne. A carne trava uma “guerra de guerrilha” a partir de emboscadas. Esses ataques devemos “fazer morrer” pelo poder do Espírito Santo (Rm 8:13; Cl 3:5). Fazer morrer significa não deixá-los reviver. Trago à memória a morte de Cristo pelo meu velho homem e aquilo que lhe custou morrer por isso. Assim chego sempre de novo à visão e ao juízo de Deus sobre a carne, o que então me ajuda a agir de forma coerente contra ela.

12.15 Quem somos depois de termos sido crucificados com Cristo?

Quando somos descritos como aqueles que crucificaram eles mesmos a carne, esse é apenas *um* lado da moeda. O outro lado Paulo descreve no começo da carta:

... estou crucificado com Cristo; mas vivo, não mais eu,⁶⁸ mas Cristo vive em mim; e o que agora vivo na carne, vivo pela fé, pela (fé) no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.

Gl 2:19-20

Esta é talvez a descrição mais acertada daquilo que é ser cristão. A nossa velha vida, ou seja, o estado da nossa autodeterminação, em que a agulha da bússola sempre apontava para nós mesmos, está crucificada com Cristo. Esse era o único caminho para sermos realmente libertos da velha vida – e, acima de tudo, de modo que isso acontecesse de forma juridicamente válida diante da justiça e da santidade de Deus. Nenhum ser humano quer perder a sua vida e abrir mão da sua autodeterminação, porque tem medo da perda diante daquilo que vem depois. Assim a carne nos “programou”, e esse “software” ainda trabalha em nós. Quantas vezes nos apegamos àquilo que somos e temos! Reconhecemos muito pouco o que Deus coloca no lugar do velho. Mas essa palavra é inequívoca. “De modo bem radical: estou morto, eu vivo! Morto na morte de Cristo, vivo na vida de Cristo. Isso está formulado de modo tão forte que não é fácil de compreender para a nossa capacidade de entendimento. Pensamos: isso não pode ser, pois um ser humano continua sendo ele mesmo; você continua sendo a pessoa que é, não? Alguns procuraram aqui uma solução dividindo o ser humano em três partes: espírito, alma e corpo, de modo que o corpo e a

68. “Mas vivo, não mais eu” reproduz o texto da nota de rodapé da Elb 2003 neste lugar.

alma precisam morrer para que o espírito possa viver. Mas não devemos ver as palavras de Paulo a partir da perspectiva ocidental, e sim tomá-las para aquilo a que se destinam e tentar entendê-las segundo o propósito que têm. A vida em Adão acabou, pois agora a justiça de Deus está revelada no evangelho. A vida de Cristo começa para todo aquele que aceita o evangelho.”⁶⁹

De fato, deveríamos entender este versículo bíblico, central para a nossa vida, da maneira mais simples possível. “Você sempre continuará sendo você mesmo e ninguém mais. A pessoa que se levanta de manhã é exatamente a mesma que foi para a cama na noite anterior. Por isso, você precisa se conformar com o fato: você mesmo é a pessoa com quem terá de conviver pelo resto dos seus dias. Em segundo lugar, porém, essa é a vontade de Deus! Ele nunca quis que você fosse outra pessoa além de você mesmo. Mas ele deseja que você agora seja realmente a pessoa para a qual ele o destinou ...

O meu eu (o mesmo que comete o pecado em mim) está crucificado com Cristo. ‘Vivo (o mesmo eu que Cristo fez de mim), mas não mais eu, e sim Cristo vive em mim’ (Gl 2:20) ... Você não perde nada da sua própria personalidade quando, pela fé, ocupa com Cristo o seu lugar na cruz. Ao contrário, a sua personalidade passa por uma transformação. Você simplesmente passa a estar sob outra direção, de modo que então se diz a seu respeito: ‘Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas’ (2Co 5:17).”⁷⁰

No lugar do velho homem e do velho eu entra agora outro, e isso com a plenitude da sua vida. Esta é uma vida vitoriosa, vida de ressurreição, vida divina. Afinal, é o próprio Senhor Jesus Cristo que agora entra na minha vida, na minha personalidade, ou seja, no meu coração, para permanecer ali para sempre. Isso é ser cristão! O sinal do cristianismo é uma cruz vazia, um túmulo vazio, Cristo no trono e Cristo em mim! Não a mudança de vida imposta a mim de fora, não: é Cristo que vive em mim e realiza aquilo que agrada a Deus. É uma nova vida que brota do coração renovado. É o próprio Cristo que age e que é a fonte inesgotável de força para a minha nova vida. Ele é a fonte não apenas para as “coisas espirituais” (ler a Bíblia, orar, evangelizar etc.), mas a fonte para toda a minha vida, também para o meu trabalho, simplesmente para cada segundo da minha vida. Não faço apenas de conta que é assim – é

69. H. P. Medema, *Romeinen 7 enzovoorts*, página 80.

70. W. Ian Thomas, *Tote können nicht sterben*, página 106ss.

realidade que Cristo vive em mim. Essa vida é marcada pela confiança no Filho de Deus, que foi quem tornou tudo possível, por meio do seu sacrifício, para mim e para cada um pessoalmente.

12.16 Tomar a cruz a cada dia

Antes de Jesus ser crucificado no Gólgota, ele já falava da cruz, não apenas da sua, mas da cruz de cada um que o seguiria. Em Lucas 9:23 (veja também Lc 14:27; Mt 10:38; 16:24; Mc 8:34) está escrito:

“(Jesus) dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me.”

O Senhor Jesus fala aqui da (muitas vezes dolorosa) negação de si mesmo. Quem o segue não segue a si mesmo, ao seu ego e aos seus objetivos, mas ao seu Mestre e instrutor. O meu *eu* foi entregue à morte; ele não tem mais importância. Tomar conscientemente essa cruz e arrastá-la até o lugar da execução é um dever diário do discípulo. Isso é, naturalmente, uma comparação. Trata-se de um princípio que o Senhor ilustra com esse exemplo drástico. Quem perder a sua vida (a saber, na cruz da negação de si mesmo e da renúncia a si mesmo) encontrará a verdadeira vida, a vida em plenitude (Mt 10:39). Ora, essas palavras de Jesus não correspondem exatamente ao que Paulo disse aos gálatas a respeito de terem crucificado a carne. Isso se deve, por exemplo, ao fato de que, em Paulo, se trata de coisas más da carne. Jesus, porém, tem em vista também coisas que não precisam necessariamente ser más, pelo contrário. Há coisas suficientes que em si são boas, mas que, quando examinadas de perto, nos impedem de seguir Jesus de forma coerente.

A *minha* cruz (pessoal) não é nada abstrato; ela visa a mim pessoalmente, as minhas particularidades e a minha situação. São aquelas áreas em que, em mim, a carne ainda é visível. A cruz da minha irmã e do meu irmão provavelmente tem outra aparência. Negar-se a si mesmo dessa maneira custa imensamente. Carregar a cruz é também um espetáculo da pior espécie. Quem carrega a cruz não pode esperar honra dos seres humanos.

12.17 Viver e andar pelo Espírito: ser e não ser

Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito.

Gl 5:25

A cruz pôs fim ao que era velho com a profundidade de Deus. Também fomos nascidos de novo pelo Espírito, porque a carne estava corrompida. Fomos vivificados, passamos da morte espiritual para a vida. Essa vida é a nova existência em Cristo, esse é o novo homem. O Espírito Santo é chamado aqui de fonte e força dessa nova vida. Como, então, as duas palavras viver e andar se relacionam entre si? O que as distingue? Viver é o batimento cardíaco do novo homem – o fato de que ele existe. Ele encarna a nova criação, que o próprio Cristo, como o Redentor e Ressuscitado, criou. Nós somos a sua obra-prima. As coisas antigas já passaram, o novo chegou.

Mas quem nasceu de novo não é uma estátua, e sim um novo *homem* vivo, criado segundo o modelo de Jesus Cristo. Um novo homem anda segundo o seu modelo, a saber, Cristo, o princípio e autor da nova criação. Andar não significa apenas *ser* (viver), mas também *agir*. A vida obriga ao movimento e à vivacidade. Andar significa dar um passo depois do outro. A vida que vem de Deus sempre produz fruto, a saber, o fruto do Espírito. Um automóvel precisa de combustível para poder andar. Quando o tanque está vazio, é preciso empurrá-lo. Um motor elétrico precisa de corrente; do contrário, não servirá para ninguém. O cristão precisa do Espírito Santo para produzir o fruto do Espírito. “A condução do Espírito significa que ele permanece em nós e conosco como um líder poderoso, um mestre sábio, um treinador paciente. Esse ‘conduzir’ não é um acontecimento único e sensacional, mas um processo que avança continuamente.”⁷¹ Mais uma vez: viver sozinho não basta, assim como não basta a mera presença do Espírito. Não podemos apenas chamar o Espírito de nosso; precisamos também nos expor à sua reivindicação de posse, de direção e de liderança. Esse fogo precisamos atizar sempre de novo, e também uns nos outros, em vez de apagar o Espírito.

12.18 Andar pelo Espírito – como isso funciona?

Talvez tenhamos notado que Paulo diz, sim, que devemos andar pelo Espírito, mas não descreve concretamente como devemos fazer isso. A carta inteira se parece com uma “defesa em favor do Espírito”. Por isso, a Lei está definitivamente fora de questão: “Para uma alma que ainda não compreendeu o que é a verdadeira libertação que Deus preparou para nós, o remédio mais natural (e mais à mão) é tentar com a Lei. Isso não é remédio, mas exatamente o

71. H. P. Medema, *Romeinen 7 enzovoorts*, página 138.

contrário.”⁷² Recorrer à Lei é exatamente o contrário daquilo que o andar pelo Espírito implica. Paulo parece simplesmente pressupor a vida pelo Espírito como uma experiência real e perceptível. O seu próprio texto fornece características da direção do Espírito:

- não fazer da Lei (ou de uma lei) a regra de vida
- A pessoa em questão *quer* andar pelo Espírito. Quem anda pelo Espírito enfrenta o respectivo chamado e a decisão consciente e sempre repetida de lhe dar o domínio sobre a nossa vida.
- aceitar pela fé que a nossa carne é má e não serve para nada e precisou ser crucificada com Cristo
- cuidar de produzir os frutos do Espírito em relação aos outros
- cuidar de não dar lugar às obras da carne
- Eu reconheço e creio: Cristo e o seu Espírito vivem em mim.
- não andar num esforço próprio, concentrado em si mesmo, mas, dependendo de Deus, pedir-lhe a condução do Espírito e esperá-la dele
- não se concentrar no conflito contra a carne em mim, mas em Cristo e em tudo o que tem a ver com ele.

12.19 Tropeçar e levantar-se

Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vocês, que são espirituais, restaurem essa pessoa com espírito de mansidão; e guarda-te a ti mesmo, para que também tu não sejas tentado.

Gl 6:1

“A vinda do Espírito significa que irrompeu uma ‘infecção divina’ ..., mas não que chegou a perfeição divina. A nossa vida está agora sob a direção daquele que originalmente produziu a inspiração da Lei, o que naturalmente não significa que pessoas do povo de Deus não possam ser ‘surpreendidas por uma falta’.”⁷³ Não é realista partir do princípio de que vivemos constante e exclusivamente em vitória. O conflito entre o Espírito e a carne usa a metáfora da luta, e a ela pertencem também as derrotas. Em Cristo somos vencedores “já agora”, mas “ainda não” chegamos ao alvo. A vitória final nos está garantida, mas na linha de frente uma ou outra posição às vezes é tomada de assalto pelo

72. F. W. Grant, *Numerical Bible*, vol. 6, página 313.

73. Gordon Fee, *Der Geist Gottes und die Gemeinde*, Metzingen, 2005, página 192.

inimigo. Foi o que aconteceu àquele a quem Paulo aqui chama de alguém e que cometeu uma falta.

Os que têm uma mentalidade espiritual devem restaurar tal pessoa com mansidão. A comunhão viva, confiante e ativa dos crentes, a convivência e as amizades no Senhor têm uma função importante no conflito entre o Espírito e a carne – tanto no encorajamento mútuo como no ser restaurado e no restaurar. Ao fazer isso, os que têm uma mentalidade espiritual devem estar alertas para não sucumbir também à mesma tentação, pois, embora tenham uma disposição espiritual, a carne, com todos os seus desejos, paixões e seduções, é também neles um perigo constante.

Paulo não está tratando aqui de uma falta específica. Para todas as inúmeras faltas diferentes, pequenas e grandes, vale o mesmo plano divino de emergência para a restauração. Uma falta é uma transgressão, um passo em falso, um tropeço na pista de corrida da fé. Uma falta abrange um pecado, uma obra da carne, um ceder à tentação.

Sem presunção, nós, que estamos e vivemos debaixo da graça, podemos dizer que tais derrotas não são a regra numa vida cristã normal. Temos, porém, de admitir com humildade que elas correspondem à nossa experiência diária. Se dissermos que não temos pecado, diz João, enganamos a nós mesmos. Precisamos levar muito a sério o pecado em nossa vida.

12.20 Ser restaurado

Depois de uma falta, é preciso voltar ao caminho certo. Uma falta sempre traz consigo dano espiritual, cuja extensão depende do tipo e do alcance da falta. Trata-se aqui de um princípio, a saber, de que depois de uma falta as coisas não podem continuar como se nada tivesse acontecido. A nossa atividade é necessária. Não podemos passar por cima do pecado com indiferença, como se nada tivesse acontecido.

Ser restaurado significa: Cristo e o Espírito me levam o mais rápido possível a não esconder o meu pecado, mas a confessá-lo e expô-lo. Devo reconhecer o pecado que cometi (como filho da luz), arrepender-me dele (isto é, sentir pesar por ele) e confessá-lo (isto é, admiti-lo), e estar consciente do perdão divino.

12.21 O nosso Ajudador no céu

Algo precisa acontecer quando pecamos. Cristo, o nosso Advogado no céu, age nesse caso como Ajudador em nosso favor:

Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem; e, se alguém pecar – temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.

1Jo 2:1

O nosso Ajudador e Advogado resolveu, como o Justo, a questão do pecado de uma vez por todas com o seu sacrifício. Mas agora, quando ocorre pecado em nossa vida, ele trabalha depois de uma falta em nosso coração e em nossa consciência. O Ajudador se ocupa *de nós*, não do Pai, em cujo trono ele está sentado. Ele não precisa apaziguar o Pai para que este não fique irado conosco. O pecado não é problema do Pai, mas problema nosso. Jesus Cristo quer nos levar a reconhecer o nosso pecado, a nos arrepender (isto é, a lamentá-lo) e a confessá-lo. Ao mesmo tempo, ele nos confirma o amor do Pai, para que reconheçamos que somos aceitos incondicionalmente. O pecado não rompe a ligação eterna de vida com o Pai.

O NT não exorta os filhos de Deus a pedir perdão quando pecaram. A eles *estão* perdoados para sempre todos os pecados, também os futuros (Ef 1:7; 4:32; Cl 1:14; 2:13; 3:13; Hb 10:18; 1Jo 2:12). Essa, aliás, é a grande diferença em relação ao AT, onde também crentes, como por exemplo Davi, pedem perdão. Depois da cruz, isso não é mais necessário. Mesmo assim: confessamos o pecado e nos arrependemos dele, porque devemos ser santos, assim como o nosso Pai celestial é santo. Nesse sentido, precisamos de purificação pela água da Palavra de Deus: a Palavra nos mostra o pecado, e então precisamos confessá-lo e, naturalmente, abandoná-lo: “*Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça*” (1Jo 1:9). O perdão completo nos foi concedido no dia da conversão pelo sangue de Jesus. Mas, como ainda podemos pecar, precisamos, como crentes, da purificação pela água da Palavra de Deus.

12.22 E se tivermos pecado?

Precisamos provar que, afinal, sabemos fazer melhor? Precisamos apagar a nossa culpa com exercícios de penitência? Ou uma falta não tem maior

importância, já que todos os pecados já nos foram perdoados?

Devemos reconhecer, confessar e abandonar os nossos pecados. Não há como contornar isso; é uma obrigação: sempre que nós – os crentes – pecamos, e todos tropeçamos muitas vezes e em muitas coisas (Tg 3:2), devemos confessar o pecado. Confessar tem o sentido de “expor”. Confessar significa chamar uma coisa por aquilo que ela realmente é. Literalmente traduzido, significa “dizer o mesmo”, a saber, o mesmo que Deus diz a respeito. Devemos também chamar o pecado de pecado. Nisso não podemos desculpar nem embelezar nada.

A confissão de pecados de um crente não apaga a culpa do pecado que nos leva ao inferno. A nossa culpa do pecado foi apagada para sempre pelo sangue de Jesus. O pecado num crente prejudica a relação de pai e filho vivida conscientemente, a comunhão com Deus. A comunhão prática e experimentável com o Pai e com o Filho é prejudicada, perturbada e ferida por uma vida carnal. Mas um filho do Pai continua sendo filho mesmo quando os dois não falam mais um com o outro e o filho foi desobediente. Para ter, porém, uma comunhão verdadeira, viva e ao mesmo tempo amorosa, todos os fatores de perturbação precisam ser removidos, e na nossa relação celestial de Pai e filho eles só se encontram do nosso lado. Precisamos voltar e nos lançar sempre de novo nos braços do nosso amoroso Pai celestial.

Mas não é simples confessar o pecado? Não, nem sempre. Isso tem diferentes razões. A razão mais frequente é que muitas vezes, no início, reagimos como se esse pecado não tivesse sido pecado. O nosso coração, no poder da carne, pode ser tão orgulhoso a ponto de encontrar todas as desculpas possíveis que pretendem provar que não se trata de pecado. É espantoso quanto tempo muitas vezes levamos para chegar ao reconhecimento do pecado.

Outra razão é que, com pecados que cometemos repetidamente, não temos mais coragem de confessá-los. Porque nos envergonhamos tanto, queremos primeiro provar que, afinal, sabemos fazer melhor. Mas isso levanta a questão da nossa imagem de Deus. Temos então uma ideia errada de Deus, segundo a qual fazemos a nossa aceitação por ele depender do nosso desempenho. Ao contrário, somos aceitos para sempre; o Pai nos ama em todo tempo, assim como ama o seu próprio Filho. Esse amor por nós não diminui por causa do nosso pecado, nem aumenta por causa da nossa fidelidade!

Como a restauração, a recuperação espiritual e a cura se desenrolam e são experimentadas em cada caso, ou quanto tempo duram, sempre tem a ver também com qual pecado foi cometido e qual história anterior ele teve, bem como com o fato de ter acontecido de surpresa ou de já ter se tornado um hábito. O importante é que a nossa relação com o Pai e com o Filho, depois da confissão do pecado, volte a ser límpida e sem perturbação, mesmo que tenhamos de arcar com as consequências de determinados pecados.

12.23 Confessar

É interessante que no NT se fale pouco sobre o tema de como nós, crentes, devemos lidar com os pecados que se encontram em nossa vida. Os pecados que cometemos uns contra os outros devemos confessar uns aos outros (Tg 5:16) e perdoar uns aos outros (Ef 4:32; Cl 3:13).

Em Corinto, a igreja tinha se tornado culpada porque não submeteu à disciplina da igreja um homem que vivia em imoralidade sexual. Nesse contexto, restauração significou tristeza, aflição e arrependimento, o reconhecimento e a confissão do pecado (2Co 2:5-11; 7:9-11).

- Confessar o pecado significa chamar o pecado pelo nome. Não fazemos uma confissão genérica no fim do dia para, com ela, “cobrir” todos os pecados. Imaginemos uma criança que vem ao pai e diz: “Eu te confesso todo o mal que fiz hoje.” O que o pai vai dizer? – O nosso Pai celestial quer saber concretamente o que confessamos.
- Nem sequer devemos esperar até o fim do dia. Assim que peço, confesso imediatamente o pecado. Afinal, não queremos deixar o pecado entre nós e o Pai celestial até o fim do dia, nem simplesmente esquecê-lo!
- Numa conferência bíblica, alguém perguntou se um pecado que cometemos inconscientemente prejudica a comunhão com o Pai. A resposta foi: “Sim.” Mas essa resposta está errada! Precisamos reconhecer que fazemos inconscientemente coisas pecaminosas muito mais do que julgamos possível. Elas não são o normal, ou não são intencionais, mas acontecem. Às vezes também nos falta o conhecimento sobre se algo é pecado. Por isso, nunca conseguiremos confessar todos os nossos pecados que cometemos como cristãos, embora esse seja o nosso desejo sincero. A comunhão com o Pai é prejudicada onde não confessamos o pecado de que temos consciência.

Paulo enfatiza aqui o “cuidado pastoral”, o ministério de pastor, cuja execução é confiada aos que têm uma mentalidade espiritual (e que deve ser aceito por aqueles que pecaram). Esse é um tema no qual não vamos entrar aqui mais a fundo. A restauração é necessária em toda falta. Numa falta grande, ela terá um aspecto diferente do que numa pequena. Um mau pensamento não é uma falta que nos tira da pista da fé. Ainda assim, precisamos confessá-lo.

12.24 O cristão espiritual e o cristão carnal – isso existe?

O cristão *espiritual* é chamado a ajudar a pôr de novo de pé (espiritualmente) aquele que foi surpreendido por uma falta e tropeçou, ou que caiu na tentação. Primeiro: quem é um “espiritual” (cf. Gl 6:1)? Não é todo aquele em quem o Espírito Santo habita, que tem vida pelo Espírito e que, por isso, é filho de Deus. Antes, é aquele que também anda pelo Espírito e é conduzido por ele. O espiritual não é um ocupante de cargo eclesiástico, mas alguém que é marcado pelo Espírito: Cristo é para ele a vida, e o fruto do Espírito é visível. O espiritual não é alguém sem falhas, mas alguém que, no conflito entre o Espírito e a carne, está do lado do Espírito.

O cristão que tropeçou e que deve receber ajuda dos seus companheiros espirituais da família da fé não é chamado de carnal, como alguém que se distinguiria dos seus irmãos espirituais. Uma falta não faz automaticamente de alguém um cristão carnal. Uma “falta” ou uma “transgressão” não é algo que caracteriza toda a minha vida. (Isso seria o caso se o meu mundo de pensamentos já tivesse sucumbido havia muito tempo à tentação e, em consequência disso, eu de fato tivesse tropeçado.)

Os gálatas tinham começado no Espírito quando chegaram à fé. Mas, como queriam submeter-se à Lei, Paulo os adverte contra a tentativa de, dessa maneira, tornar-se adultos e perfeitos com a força da sua carne pecaminosa e corrompida. No âmbito da Lei, é a carne que é ativada, não o Espírito de Deus (Gl 3:3). A consequência entre os gálatas foi, de fato, que se comportavam uns com os outros como animais de rapina. Do Espírito Santo, infelizmente, não se via muita coisa.

Os coríntios, Paulo os chama de carnis (1Co 3:1-3). Já anos antes eles tinham se tornado crentes, mas pouco se percebia de maturidade espiritual. As condições em Corinto nos são conhecidas. A soma desse comportamento, marcado por brigas e divisões, fez deles cristãos carnis.

Um cristão carnal se deixa conduzir, em maior ou menor grau, pela sua carne (pelo que é sensorial, pelo que é deste mundo, pelas próprias ideias, concepções e forças). Ele não tenta realmente combater os feitos ou as obras da carne. Isso só acontece por meio da confissão de pecados (1Jo 1:9) e de uma nova entrega (Rm 6:13; 12:1-2), bem como pela ação poderosa do Espírito Santo, que nos transforma.

Mas um cristão que já é crente há décadas e, ainda assim, é marcado por um egoísmo evidente mostra-se carnal. Ele é nascido de novo, assim como era o caso de muitos na igreja em Corinto. Mas, apesar do novo nascimento e da posse do Espírito Santo, é possível ter uma mentalidade carnal por longo(s) período(s) ou até pela vida inteira. No juízo isso se tornará manifesto, quando todas as obras carnis forem queimadas e a própria pessoa for salva “como que através do fogo”, por assim dizer por um triz (1Co 3:15).

O crescimento espiritual desempenha um grande papel nessa questão. Ser espiritual significa ser maduro e adulto na fé. “Um pré-requisito da espiritualidade⁷⁴ é o tempo. Pois leva tempo tornar-se aquilo que em 1Co 2:15 é chamado de *homem espiritual*. Assim como o desenvolvimento físico precisa do seu tempo, também o crescimento espiritual exige o seu tempo. Ninguém é espiritual de imediato quando nasce de novo. Leva tempo até que alguém se torne um homem espiritual.”⁷⁵

12.25 O essencial do conflito entre o Espírito e a carne

Levemos até o fim o fio condutor do conflito entre o Espírito e a carne: o Espírito e a carne se opõem como inimigos em nossa vida, no dia a dia e nos relacionamentos uns com os outros. Isso vale até chegarmos ao alvo. Não é uma teoria empoeirada, mas experiência de vida de todo cristão. O Espírito e a carne são inconfundivelmente reconhecíveis pelos seus frutos. Ambos lutam pela liderança em nossa vida. Nós mesmos estamos, a todo momento, no meio desse conflito: tudo o que fazemos e deixamos de fazer é alimentado por uma dessas duas fontes. Em outras palavras: cada movimento do nosso corpo ou dos nossos pensamentos obtém o seu impulso e a sua energia de uma das duas fontes. Em última análise, nós decidimos. Dizemos sim ou não! “O papel

74. “Espiritualidade” não deve ser entendida aqui no sentido da “religiosidade moderna”. Trata-se simplesmente de “maturidade espiritual”, “mentalidade espiritual” ou “caráter espiritual”. Como se trata de uma citação, a palavra correspondente no texto principal não foi alterada.

75. Arnold G. Fruchtenbaum, *Gesetz und Gesetzlichkeit*, Hünfeld, 2010, página 109.

especial assumido pelas próprias pessoas nessa luta não é nem passivo nem neutro. Elas têm de tomar decisões que determinam o curso dessa luta. Andar no Espírito traz consigo uma decisão séria, mas não uma decisão que implique um forte esforço da vontade para superar resistências enormes a fim de realizar algo. Antes, os cristãos são chamados a confiar-se ao Espírito e à atividade de Deus e simplesmente a seguir a sua condução.”⁷⁶

O novo conceito de vida consiste em que o Espírito de Deus realiza em nós aquilo que agrada a Deus. Já não é a Lei mosaica o padrão para isso, mas Cristo, ou seja, a sua lei. Agora somos livres para agradar não a nós mesmos, mas a Cristo. Andar pelo Espírito, no seu poder, significa semear para o futuro e um dia colher por isso a vida eterna (Gl 6:8).

“A aplicação e o pleno aproveitamento da vitória de Cristo exigem mais do que um único ato de fé. Exigem toda uma atitude de fé. É um contar constante com Deus. Dia após dia, hora após hora, momento após momento. E o seu contar com ele neste momento não será suficiente para o próximo. ‘Andem no Espírito, e não satisfarão os desejos da carne.’”⁷⁷

A carne puxa para baixo, para a busca de realização e satisfação no aqui e agora; ela tende constantemente para o pecado. O Espírito puxa para cima, para Cristo. Deixemo-nos puxar para cima! Um planador não consegue decolar sozinho; ele só pode manobrar e aproveitar o vento. Ele precisa ser puxado para cima. Assim, pensemos nas coisas lá do alto, onde Cristo está!

76. Charles B. Cousar, *Galatians*, página 138.

77. W. Ian Thomas, *Tote können nicht sterben*, página 111.

13. O novo e o velho homem: As coisas antigas já passaram, o novo chegou

Apenas três vezes Paulo fala do *novo homem*: uma vez na Epístola aos Colossenses, duas vezes na Epístola aos Efésios. O *novo homem* é a quintessência daquilo que Deus realizou por meio de Cristo. A obra salvadora de Deus cria *um só* novo homem segundo o modelo do Filho do Homem glorificado e, ao mesmo tempo, *muitos* novos homens!

Essas pessoas não querem simplesmente ser diferentes, adaptando-se a novas normas de comportamento – não, elas são de fato uma nova criação. Tão real quanto Deus criou o primeiro ser humano é a criação do novo homem! Essa transformação radical, essa troca do velho pelo novo, acontece de dentro para fora; é uma transformação do coração, da qual brota algo totalmente novo, a saber, a própria vida de Deus.

O *novo homem* encarna aquilo que o pecador redimido agora se tornou em Cristo. As duas cartas de Paulo que usam esse termo descrevem diferentes aspectos da nossa nova posição de salvação *em Cristo*. Poderíamos chamar a soma desses muitos aspectos imerecidos da salvação de *novo homem*. Os textos em que aparece o termo *novo homem* são os seguintes:

“... para que dos dois criasse em si mesmo um só novo homem, fazendo a paz.”

Ef 2:15

“... que, quanto à conduta anterior, vocês se despojaram do velho homem, que se corrompe segundo os desejos enganosos, mas são renovados no (ou pelo) espírito da sua mente (ou do seu modo de pensar) e se revestiram do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade.”

Ef 4:22-24

“Não mintam uns aos outros, uma vez que vocês se despojaram do velho homem com os seus feitos e se revestiram do novo (homem), que se renova para o pleno conhecimento segundo a imagem daquele que o criou; onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita⁷⁸, escravo, livre, mas Cristo é tudo e em todos.”

Cl 3:9-11

78. Isto é, membro de um povo nômade de cavaleiros junto ao Mar Negro.

Antes de examinarmos essas palavras com lupa, vamos reunir também nessas duas cartas, como já fizemos na Epístola aos Gálatas, os muitos aspectos da salvação:

13.1 O novo homem na Epístola aos Efésios

- santo (1:1, 4)
- abençoado (1:3)
- escolhido (1:4)
- irrepreensível (1:4)
- filiação divina (1:5)
- agraciado (1:6)
- selado (1:13)
- vivificado (2:5)
- transportado com ele para os lugares celestiais, ou seja, para o mundo celestial (2:6)
- salvo (2:8)
- Somos *obra sua* (a sua formação, as suas criaturas), criados em Cristo Jesus (2:10).
- Fomos aproximados, nós que estávamos longe (2:13).
- Fomos criados para ser um só *novo homem* (judeus e gentios unidos em Cristo) (2:15).
- reconciliado com Deus (2:16)
- tendo acesso ao Pai (2:18)
- concidadão (2:19)
- membro da família de Deus (2:19)
- coerdeiro (3:6)
- membro do mesmo corpo (3:6)
- coparticipante da promessa (3:6)
- fortalecido pelo Espírito de Deus no *homem interior* (3:16)
- Cristo habita no seu coração (3:17).
- tomado de toda a plenitude de Deus (3:19)
- filho da luz (5:8).

13.2 O novo homem na Epístola aos Colossenses

- santo (1:2, 22)

- feito apto para a herança na luz (1:12)
- libertado do poder das trevas (1:13)
- transportado para o reino do Filho do seu amor (1:13)
- tem nele a redenção (1:14)
- perdão dos pecados (1:14)
- reconciliado (1:22)
- irrepreensível (1:22)
- inculpável (1:22)
- *Cristo em nós*, a esperança da glória (1:27)
- *perfeito em Cristo* (1:28)
- *completo – levado à plenitude – nele* (2:10)
- circuncidado (espiritualmente) em Cristo (2:11)
- ressuscitado juntamente nele (2:13; 3:1)
- morto com Cristo (2:20; 3:3)
- *Cristo é a nossa vida* (3:4).
- eleito de Deus (3:12).

Esse impressionante “catálogo da salvação” lança uma luz clara sobre aquilo que o novo homem é em Cristo.

13.3 O velho homem nas Epístolas aos Efésios e aos Colossenses

Quem quiser explicar quem e o que é o *velho homem* encontrará nessas cartas também esclarecimento a esse respeito:

Efésios

- morto em delitos e pecados (Ef 2:1; cf. 5:6)
- dirigido e manipulado pelo príncipe da potestade do ar (2:2)
- filhos da desobediência (2:2)
- determinado pelos desejos da carne (2:3)
- filhos da ira por natureza (2:3)
- sem Cristo (2:12)
- separado da comunidade de Israel (2:12)
- estranho às alianças da promessa (2:12)
- sem esperança (2:12)
- sem Deus no mundo (2:12)
- vivendo na futilidade da mente (4:17)

- obscurecido no entendimento (4:18)
- alheio à vida de Deus (4:18)
- endurecido no coração (4:18)
- sem sentimentos sadios (4:19)
- sem herança no reino de Cristo e de Deus (5:5)
- (moralmente) trevas por completo (5:8).

Colossenses

- encontrando-se no poder das trevas (1:13)
- alienado (de Deus e da humanidade segundo a vontade de Deus) (1:21)
- inimigo de Deus quanto à mentalidade (1:21)
- não reconciliado (1:22)
- filhos da desobediência (3:6).

Com isso, as diferenças entre o velho e o novo homem estão claramente definidas. O velho homem é a conduta antiga, antes que viesse a virada total da salvação e Deus, por meio do seu ato criador na obra da redenção, criasse um novo homem. Ora, o novo homem não encarna simplesmente a nova conduta ou um comportamento novo ou melhor em contraste com a vida antiga. Há pessoas que nada têm a ver com Jesus e que, com forte disciplina, conseguem também mudar a sua vida para melhor. Elas levam até uma conduta moralmente melhor do que muitos cristãos que são “novo homem”. Mas o ser humano na carne pode, sim, comportar-se bem moralmente; porém, enquanto estiver na carne, talvez possa agradar a pessoas, mas não a Deus. Aqui estamos lidando com outra dimensão de transformação, e não apenas com um comportamento. Também não se trata de uma reforma do ser humano, mas de uma verdadeira nova criação, a saber, da criação de vida nova no ser humano. Esse novo, a saber, a nova vida, é concretamente uma pessoa: Cristo (1Jo 5:11-12; Cl 3:4, 11). Do velho homem, infelizmente, do ponto de vista de Deus, nada mais podia ser aproveitado.

13.4 A história da criação do novo homem

O novo homem é criado segundo os padrões da natureza de Deus, isto é, em justiça, santidade e verdade. Surgiu de fato um novo homem, e não apenas um novo padrão de comportamento. As duas coisas estão inseparavelmente ligadas: um novo homem tem também um novo comportamento moral e ético. Isso só

é possível se o ser humano foi renovado também no aspecto moral e ético. Isso diz respeito, então, ao seu coração, à sua consciência, aos seus sentimentos, ao seu espírito, à sua mente e à sua alma, que têm todos a ver com a moral e a ética e as determinam.

Diante dessas palavras da Escritura, pensamos na história da criação do primeiro ser humano, porque aqui existe pelo menos um paralelo. Adão foi criado à imagem de Deus e conforme a sua semelhança (Gn 1:26-28). “Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7). Esse ato criador faz do ser humano, em distinção do animal, uma criatura de espírito, alma e corpo. A menção desses três aspectos não pretende levantar uma questão antropológica, mas apenas indicar que o ser humano, como portador da imagem de Deus, tem também um espírito. Como tal, ele é capaz de se comunicar com Deus, de crer nele e de orar a ele.

Também o novo homem em Cristo encontra a sua correspondência, ou o seu modelo, naquele que o criou. Quem criou o novo homem? Deus o criou. Somente Deus pode criar algo novo. Mas também há diferenças em relação à história das origens. A nova criação do ser humano tornou-se necessária pela total pecaminosidade e corrupção moral do ser humano. Por isso o novo homem é agora marcado pelo total oposto: pela justiça, pela santidade e pela verdade, assim como se encontravam também na vida de Jesus como homem na terra. Isso é de especial importância para a nossa vida diária, em que se trata do fato de que, neste planeta, os velhos e os novos homens ainda vivem juntos.

Deus, portanto, soprou o fôlego de vida nas narinas de Adão. Com isso, o corpo criado da terra tornou-se um ser vivente, uma pessoa. Nesse acontecimento também o Espírito de Deus teve participação. Foi, portanto, o fôlego de Deus que fez de Adão uma pessoa, um ser que possui um espírito. Ora, na nova criação do ser humano acontece que a vida de Cristo, em comparação com a criação de Adão, é como que soprada para dentro de nós (cf. também Jo 20:22). Em nós, essa vida se une à nossa pessoa, ao nosso eu. Por isso se pode dizer de nós que somos novos homens.

O novo *homem* está como uma espécie de marcador de lugar para cada ser humano individual. Em outras palavras: o novo homem é o novo Hans-Jörg, a nova Christine – em Cristo. O decisivo nesse novo homem é o Cristo que vive em nós e no qual nós vivemos. Ele é o verdadeiramente novo. A vida de Cristo

pulsa em nós! O modelo de Cristo só é formado pelo Cristo que habita em nós! Nada mais (nenhuma lei, regra, resolução, nenhum esforço ou nenhuma educação) pode substituir esse Cristo que vive em nós.

Em Jesus estavam perfeitamente presentes esses três traços essenciais mencionados (justiça, santidade e verdade). Na cruz, ele tornou possível, antes de tudo, a criação de um novo homem, porque assumiu na cruz todas as consequências, a conta inteira do velho homem (Rm 6:6). Somente isso abriu o caminho para algo totalmente novo. Agora o próprio Cristo é a imagem segundo a qual o novo homem foi criado. Cristo é o modelo original *e* também a cópia; a cópia na medida em que ele mesmo agora habita em mim e é essa nova vida. “E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial” (1Co 15:49). Essa é apenas *uma* palavra da Bíblia entre muitas outras que testemunham que o plano de Deus é transformar-nos na imagem de Jesus (por exemplo, Rm 8:29; 2Co 3:18; 1Jo 3:2). A imagem do celestial inclui, em última análise, o corpo, mas o processo de transformação na imagem de Jesus apenas começou no dia da criação (ou do nascimento) do novo homem. E o caminho até lá passa pelo próprio Cristo. Cristo em nós é a nova vida e, nesse sentido, o “novo homem”.

13.5 Muitos são um só novo homem

O termo *novo homem* aparece pela primeira vez na Epístola aos Efésios em 2:15: “... para que dos dois criasse em si mesmo um só novo homem, fazendo a paz.” Trata-se aqui da união de judeus e gentios em *um só novo homem*. O próprio Cristo é aqui o criador do novo homem. Aqui a igreja mundial, como templo de Deus e habitação de Deus no Espírito, está no centro, e assim vem para o primeiro plano aquele aspecto que enfatiza a unidade e a comunhão como traço fundamental do novo ser humano. Trata-se aqui daquilo que agora é comum a todos os cristãos. E também nesse sentido esse novo corpo é, em última análise, o próprio Cristo: 1 Coríntios 12:12: “... assim também com respeito a Cristo”: Cristo é o corpo e, ao mesmo tempo, a cabeça.

O novo homem é sempre mencionado no singular. Nesse sentido, trata-se também de uma nova *comunidade humana*, da qual Cristo é a cabeça e o princípio (Cl 1:17-18). Ela está em contraste com a comunidade humana cuja cabeça é o Adão caído (Rm 5:12-21). São necessários todos os crentes para refletir na sua conduta a natureza perfeita de Cristo, ou seja, a do novo homem.

“O foco individual na obra criadora de Deus na salvação se expressa em Efésios 2:10, onde Paulo se refere a cada pessoa como ‘criada em Cristo Jesus’. A mudança para uma perspectiva mais corporativa vem em 2:11-22. A tipologia Adão-Cristo está também por trás dessa passagem. Mas o foco em Efésios 2:15 não está tanto na posição individual diante de Deus e no seu ‘ser em Cristo’ em contraste com o ‘ser em Adão’, mas mais nas novas relações que existem, no plano interpessoal, para aqueles que estão ‘em Cristo’. Judeus e gentios foram reconciliados e, juntos em Cristo, formam o ‘novo homem’. O ‘novo homem’ é uma nova sociedade, na qual todos têm acesso livre e igual a Deus e foram transportados para o celestial (isto é, para as regiões celestiais) (2:5-6). Segundo o projeto de Deus para o ‘novo homem’, não há separações nem inimizade entre os seus membros, mas somente paz (2:16).”⁷⁹

O novo homem já não tem nada a ver com a nossa origem étnica, com o nosso contexto social e religioso, nem com todas as vantagens e desvantagens e consequências que antes estavam ligadas a isso. Todas essas relações e ligações chegaram ao fim. Surgiram novas – dentro da casa de Deus, dentro da igreja, dentro do corpo de Cristo. Encontramos, por assim dizer, um novo lar nesse novo homem.

Agora nos interessa também o aspecto pessoal do novo homem, aquilo que nós – cada um pessoalmente, individualmente – nos tornamos.

13.6 A personalidade individual torna-se um novo homem

O “protótipo”, o modelo do novo homem, é o homem Cristo Jesus. Ele é a medida de todas as coisas. Ainda assim, ele não é um ser humano padronizado que nivela, uniformiza ou anula todas as características individuais que formam a personalidade de cada ser humano. Mesmo que o aspecto que acabamos de descrever, que enfatiza a comunhão e a unidade, talvez dê essa impressão, o novo homem consiste, no entanto, em muitas novas criaturas (cf. 2Co 5:17). É uma prova da onipotência, mas também da sabedoria e da arte de Deus, que a sua criação transborde de diversidade e individualidade. Assim se diz que nenhuma folha é idêntica a outra folha, e que mesmo um floco de neve, na sua estrutura cristalina, não é igual a outro. Assim também é com o ser humano. Exteriormente e também quanto à sua personalidade, nenhum ser humano é 100 % igual a qualquer outro.

79. Greg Herrick, *Old Man and New Man in Paul*, 1999, página 5.

Da mesma forma, a personalidade individual de cada ser humano permanece no seu novo nascimento. Quando uma pessoa chega à fé, exteriormente (no seu comportamento) quase nada muda no início. Dentro dela, porém, começa algo grandioso: a semente da Palavra de Deus é plantada, o DNA de Deus, por assim dizer, pelo qual ela nasce de novo (1Pe 1:3, 23).

A mesma pessoa tem agora uma vida trocada: *“Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé ... no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”* (Gl 2:20). Aqui o *velho* eu, que já não vive, deve ser equiparado ao velho homem. Mas agora ainda existe um eu; do contrário, a pessoa já não existiria. Esse eu é agora o novo homem, o novo eu, eu em Cristo, que agora vive em mim (no meu interior). *“Eu vivo, e Cristo vive em mim”* representa, portanto, o novo homem, que ao mesmo tempo é a mesma pessoa que era antes, mas agora é determinado pelo próprio Cristo e cheio do próprio Cristo.

“Uma nova vida era absolutamente necessária. Em relação ao que *eu* sou, todo esforço, toda necessidade de esforçar-se, chegou ao fim. Não posso conferir piedade ao meu eu. No ‘homem em Cristo’ (2Co 12:2), a carne e o pecado já não existem (na nova criação que eu sou em Cristo). Mais ainda – no sentido mais verdadeiro: ‘eu’ (entendido no sentido do velho homem) já não existo – ‘estou crucificado com Cristo, estou morto; não obstante, vivo, mas não eu, e sim Cristo vive em mim.’ Ou, mais exatamente: ‘Eu vivo, mas não mais eu.’ Esse ‘eu, não mais eu’ é o segredo e a força da prática da fé cristã. *Eu vivo*, porque naturalmente a pessoa (o indivíduo, isto é, cada ser humano individual) continua a mesma. Não se trata de misticismo platônico, nem de uma dissolução panteísta no oceano do ser. A alegria que enche o meu coração e a luz que ilumina a *minha* vida pertencem a *mim*. São inteiramente *minhas*. Não, de agora em diante levo uma verdadeira vida eterna, que pode realmente ser chamada assim. Pela primeira vez tenho, como diz o apóstolo, a ‘verdadeira vida’ (1Tm 6:19).

A *sua* paz, a *sua* alegria, a *sua* vida e o *seu* Espírito agora pertencem a *mim*; as *suas* aspirações, os *seus* alvos, os *seus* interesses agora são meus; o amor do Pai agora é meu; a *sua* rejeição presente e a *sua* glória futura também; e tudo isso no poder de um amor com o qual ele, por sua conta pessoal e mediante o seu pagamento, me tornou perfeitamente livre.”⁸⁰

80. F. W. Grant, *Deliverance: What is it?*

O novo homem (isto é, Cristo em mim) é o resultado e o fruto do sofrimento do sacrifício pessoal do nosso Salvador. Essa nova criação está para sempre marcada pelo amor de Jesus!

13.7 O que é o novo homem?

Em Colossenses 3:11 está a explicação concreta daquilo que o novo homem é:

Cristo (é) tudo e em todos.

Em primeiro lugar, Cristo é o modelo do novo homem – tanto na sua criação como para a conduta; ele é o seu espaço vital e a sua esperança. Mas Cristo está também *em* nós. Esse é o novo homem. E essa é também a mensagem da Epístola aos Colossenses: *Cristo em vocês*, a esperança da glória (1:27). *Cristo é a nossa vida* (3:4).

Ora, quando se chama o próprio Cristo de novo homem, não se pode falar de uma criação. Cristo não foi criado; ele é eterno, porque é Deus. Outra coisa precisava ser criada, porque antes ainda não existia: um ser humano se torna uma nova criação ao receber a vida de Cristo e participação na natureza dele. A sua vida é plantada no meu íntimo. Na minha personalidade individual, a vida de Cristo é como que mergulhada, assim como Deus soprou o fôlego de vida nas narinas de Adão. Dessa maneira fomos “levados à plenitude” (Cl 2:10; ER, tradução alemã da Bíblia), isto é, completados. A vida de Cristo agora preencheu ou encheu toda a nossa existência, assim como um dia nascemos. “All of HIM in all of me” – “tudo DELE em tudo de mim”⁸¹. Dessa maneira, naturalmente, não me torno um novo Cristo, mas antes um novo homem, um novo Hans-Jörg. Pode-se falar de “novo” porque a vida dessa pessoa agora é preenchida por Cristo, uma vez que essa nova vida abrange toda a sua existência interior (o homem interior, o coração, a mente, a consciência, a alma). Isso não implica, antes de tudo, um sentimento, mas um fato da salvação realizado e consumado por Deus!

“O velho homem, esse era Adão, ou melhor, nós em união com Adão. O novo homem, esse é Cristo, ou, mais exatamente: nós mesmos unidos a Cristo.”⁸²

81. W. Ian Thomas, *The Indwelling Life of Christ*.

82. C. K. Barrett, citado em H. P. Medema, *Romeinen 7 engervoorts*, página 79.

Arthur C. Custance⁸³ descreve esse processo da nova criação como a encarnação de Cristo no crente. Assim como o Filho eterno, na encarnação, assumiu carne e sangue, agora Cristo Jesus, como o verdadeiro homem, nasce em nós em sentido espiritual (sobrenatural), para daí em diante crescer e tomar forma em nossa vida (veja também Gl 4:19). Dessa maneira, cada ser humano vive no seu novo nascimento “o seu Natal pessoal”. E somente nesse aspecto a encarnação de Jesus tem, em última análise, significado para ele.

“O crente em Cristo Jesus se torna possuidor de um bem que nunca possuiu antes – ele se torna participante da natureza divina. A vida eterna do Deus incriado é plantada na parte mais íntima da sua personalidade humana, e todo o seu ser e existir é percorrido pela energia divina de uma nova vida. O novo nascimento é a concessão de uma nova natureza, que abrange o intelecto, as emoções e a vontade, que produz no ser humano uma vida totalmente nova e o capacita a viver numa esfera totalmente nova.”⁸⁴

13.8 A nova criação

Neste ponto, tomemos mais uma vez consciência de que, de fato e substancialmente (espiritualmente), surgiu algo novo que agora está presente no crente. Paralelamente ao termo “novo homem”, existem ainda outras designações aparentadas:

“Somos *obra sua* (obra-prima, formação), criados em Cristo Jesus” (Ef 2:10). Esse é mais o aspecto individual. Ele mostra que, exatamente como Deus pôs o seu amor, a sua sabedoria e o seu poder divino na primeira criação, o mesmo vale para a nova criação. Ali o seu amor se manifesta ainda mais claramente, pois não foi o seu poder, mas o seu amor infinito que foi necessário. A morte do seu Filho (simbolizada pelo grão de trigo semeado, a semente para a nova vida) produz, de fato, o novo fruto.

“Portanto, se alguém está em Cristo, há uma *nova criação*; as coisas antigas já passaram; eis que o *novo* chegou” (ou “tudo se fez novo” [Elb, tradução alemã da Bíblia]; 2Co 5:17). De fato, o que era velho passou, mesmo que hoje ainda tenhamos a velha natureza em nós. A cruz é o fim do velho homem. Para Deus, já agora somos perfeitos “em Cristo”; o que é velho ele já não vê.

83. Arthur C. Custance, *Man in Adam and in Christ*, página 273.

84. Ruth Paxson, *Life on the Highest Plane*, página 192.

“Pois em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão valem coisa alguma, mas sim uma *nova criação*. Sobre todos os que andarem conforme esta regra ...” (Gl 6:15-16; Schl 2000, tradução alemã da Bíblia). A nova criação traz consigo outra vida, que não se orienta pela velha criação nem pela Lei mosaica. Antes, essa criação nos equipa a partir de dentro e nos indica como devemos viver: assim como recebemos a Cristo, o Senhor, assim devemos andar nele (cf. Cl 2:6).

Cristo é o primogênito de toda a criação (também da nova; Cl 1:15); ele é o seu princípio e autor (Cl 1:18; Ap 3:14), como o primogênito dentre os mortos. Por conseguinte, a nova criação remonta claramente a Cristo, pois ela é o resultado de a morte ter sido vencida. Ela começa além da morte, no poder da sua vida indissolúvel (Hb 7:16). Por isso, o novo homem em Cristo também é, além da morte, indestrutível, impossível de perder, incorruptível e eterno.

13.9 O que foi criado de novo?

Nesses versículos não se diz o que exatamente foi criado de novo. Não é criado um “homem paralelo” dentro do ser humano, de modo que agora houvesse duas personalidades numa só pessoa. Na virada da salvação de cada ser humano, a história, ou seja, toda a existência do velho homem, foi encerrada na cruz do Gólgota. O velho e o novo homem não continuam a existir lado a lado. **O novo homem substituiu o velho homem.** O novo homem é a quintessência daquilo que agora nos tornamos em Cristo – pessoalmente e também juntos.

A nova criação se limita, por enquanto, ao interior do ser humano (o que, porém, se manifesta na conduta). Por isso se fala de um “homem interior” (Ef 3:16; Rm 7:22; 2Co 4:16; cf. 1Pe 3:4), que corresponde à nova vida e ao novo homem. O corpo só terá participação na nova criação na transformação ou ressurreição futura. No fim, nada fica excluído dessa nova criação, pois na ressurreição seremos completos e perfeitos em todos os aspectos de um ser humano conforme a vontade de Deus. Então seremos iguais ao Senhor Jesus em sentido corporal, anímico e espiritual, porém já não como terrenos, mas, como ele, como celestiais.

Em resumo, pode-se dizer que nós – no que diz respeito à nossa personalidade – por um lado permanecemos os mesmos e, ao mesmo tempo, nos tornamos completamente novos. Deus quer nos ter como personalidades assim como somos (isto é, assim como nascemos como suas criaturas e como

aqueles que possuem a sua própria identidade). Mas ele só nos aceita “em Cristo”, isto é, somente como aqueles que foram transportados para dentro de Cristo. E disso ele cuidou, ao nos colocar ele mesmo em Cristo (1Co 1:30). Com isso, ele também nos “transplantou” para dentro de toda a obra de salvação de Jesus. Para nós valem a morte, o sepultamento, a ressurreição, a ascensão e a glorificação de Cristo, pois fomos transportados juntamente com ele para os lugares celestiais (Ef 2:6).

13.10 O novo homem precisa de renovação?

As duas cartas (Efésios e Colossenses) enfatizam que o novo homem é constantemente renovado. Existe, então, o perigo de que ele envelheça e perca a força, ou até de que possa morrer?

Sobre isso, uma observação fundamental: nada, nenhuma criatura, existe em si mesma e por si mesma. Tudo o que é criado e vive (também a nova criação) é sustentado e conservado pelo Criador (Cl 1:17; Hb 1:3; Ne 9:6). Que o meu coração bata (até 80 000 vezes por dia) se deve ao poder de Deus que sustenta a criação. O que foi criado depende dele! Assim também o novo homem. Ele é vivificado pelo seu Criador, Cristo.

O homem interior precisa ser constantemente renovado e vivificado. A vida espiritual do cristão precisa ser alimentada continuamente. O cristão deve crescer sempre em força pelo Espírito de Deus. Essa força atua “para dentro do homem interior” (assim Ef 3:16 literalmente). Essa renovação e vivificação contínuas são necessárias porque o cristão ainda se encontra num corpo mortal e fraco e também ainda traz em si o resto da vida antiga (a velha natureza), e o seu pensamento muitas vezes ainda é influenciado por ela. Vivemos no “já agora” e no “ainda não”. A renovação é necessária porque o cristão está exposto às dificuldades e aflições de uma criação caída e se encontra num mundo hostil e sedutor. Por último, mas não menos importante, a renovação e a vivificação são necessárias porque o inimigo das almas, o sedutor e homicida desde o princípio, se opõe ao crente.

O cristão se encontra num campo de tensão. A nossa vida cristã é atacada diariamente em várias frentes. Esses ataques têm um objetivo: querem nos induzir a conformar a nossa vida ao mundo e a viver como vive o velho homem, a saber, para si mesmo, sem se importar com fé e obediência. Os inimigos podem ser identificados com precisão com a ajuda da Bíblia: em mim

está a carne, a velha natureza. Fora de mim existe o mundo (as pessoas e o seu mundo), que não se importa com Deus. E então há o grande inimigo, chamado diabo e Satanás. No céu a renovação já não será necessária, porque esses inimigos então não estarão mais presentes: a carne terá fim com o nosso corpo mortal, o mundo passa com a sua cobiça, e o diabo será esmagado debaixo dos nossos pés.

“A palavra ‘novo’ na expressão *‘e se revestiram do novo (homem)’* é, em grego, *neos*; isso não aponta apenas para uma outra vida, mas para uma vida de tipo totalmente novo, isto é, essa ‘espécie de homem’ é apresentada em juventude e frescor, pressupondo-se um processo vivo de crescimento. Trata-se de uma vida jovem e vigorosa, que toma forma na vida habitual por meio de crescimento e aumento. O processo de crescimento é descrito como uma renovação constante, na qual o Espírito Santo dá a esse novo homem (1ª Tm 3:5) um modo de pensar totalmente novo e (novas) características, e não aplica ao velho homem um tratamento de rejuvenescimento. Essas características estão em conformidade com a imagem daquele que o criou, isto é, com o próprio Deus e com Cristo: tanto Deus (Ef 2:10) como Cristo (2:15) são, de fato, responsáveis pelo novo homem. Eles querem que as pessoas que juntas formam essa nova ‘espécie de homem’ estejam mais conscientes dessa obra da criação – é uma renovação ‘para o conhecimento’. Aquilo de que se trata é o fato de que Cristo, que habita nos crentes, é tudo para eles: o ‘novo homem’ é Cristo, tal como ele, na plena riqueza da sua pessoa, toma forma nos crentes, ou, dito em poucas palavras: Cristo nos crentes.”⁸⁵

O conhecimento e o pensamento são renovados. Quando uma pessoa chega à fé, ela ainda tem em si os velhos padrões pecaminosos de pensamento e de comportamento. Na sua carne, eles também continuam existindo. Mas contra isso está a atuação do Espírito de Deus, e esta começa na nossa central de comando – naquele lugar onde as decisões são tomadas. O homem exterior se desgasta no atrito da vida diária. A Palavra de Deus, porém, nos assegura que o nosso homem interior (isto é, o novo homem) se renova dia após dia (2Co 4:16). A pessoa experimenta a renovação ao olhar para a eternidade, ou seja, para o próprio Cristo, cuja glória se reflete sobre nós (2Co 3:18) e nos fortalece (Cl 1:11).

85. G. H. Kramer, *Christus ons leven*, página 117.

13.11 O novo homem: vestido como uma roupa

O novo homem se assemelha a uma roupa que se veste. O processo inverso vale para o velho homem, do qual nos despojamos como de uma roupa. “A imagem de ‘vestir’ e ‘despir’ tem a ver com a troca de roupa e se refere à mudança de caráter à luz da mudança de identidade, em que a pessoa trocou a antiga esfera de vida (sem Deus) por uma nova esfera de vida (com Deus).”⁸⁶ O despir e o vestir aconteceram na nossa virada da salvação, quando Cristo entrou em nossa vida.

O velho homem é passado em todos os aspectos – ou não? Todas as três passagens bíblicas em que o velho homem é mencionado descrevem o seu fim: ou como “crucificado”, ou como “despido”. Tudo representa uma ação única e concluída. Despir uma roupa acontece num momento pontual; a renovação, ao contrário, acontece constantemente. Ela torna possível que essa roupa nova permaneça nova e não se desgaste ou se suje.

O hábito faz o monge. Uma roupa é aquilo que se vê de uma pessoa. E é isso que Paulo quer dizer aqui: deve ficar claro que o novo homem não foi apenas uma ideia ou teoria inteligente, mas que o poder de Deus, que cria e renova a vida, produziu uma verdadeira obra-prima. A prova disso é que o novo homem se torna visível no dia a dia. Ele agora orienta a sua vida para o seu Redentor e Criador. Ele se reveste do Senhor Jesus Cristo (Rm 13:14). Trata-se, portanto, de que o novo homem se torne cada vez mais visível; Cristo (o seu caráter, o seu amor) deve desalojar o caráter egoísta de até então do velho homem.

O caminho do novo homem está cercado de sinalizações de Deus, que nos mostram quais formas de expressão a nova vida tem e quais não tem. A ênfase está fortemente na transformação da conduta de vida. A pessoa que chega à fé não muda a sua vida repentinamente do velho para o novo. Se fosse esse o caso, não seriam necessárias a renovação nem sequer os mandamentos do NT, que mostram como é a vida do novo homem.

Não precisamos nos *tornar* novos homens, por exemplo por meio de esforços crispados e obstinados que tenham como alvo uma vida semelhante à de Cristo. Não! Trata-se de pormos em prática na vida aquilo que já *somos* em Cristo: justos, santos e verdadeiros.

86. Greg Herrick, *Old Man and New Man in Paul*, 1999, página 7.

O privilégio de ser um novo homem obriga também a viver assim. Devemos nos tornar aquilo que somos! *Ser* novos homens e, ao mesmo tempo, *tornar-se* novos homens soa como um paradoxo, mas não é. Um é o *indicativo* da salvação – aquilo que somos de modo incontestável diante de Deus. O outro é o *imperativo* da salvação, que nos exorta a viver de acordo, a partir desse ser. Nenhum desses dois lados pode ser colocado contra o outro ou tirado do equilíbrio. Quem enfatiza mais a posição, ou seja, o indicativo da salvação, do que a realização prática, tira as coisas do equilíbrio. A Escritura muitas vezes fala dos dois lados num só fôlego, para nos deixar claro que não devemos dissecá-los (muitas vezes como pretexto ou desculpa) com contorcionismos teológicos. Para o NT, a posição de salvação é definitivamente tão importante quanto o seu efeito na vida diária. Com este último fato se tem em vista o imperativo da salvação, que nos chama a nos esforçar com todo empenho para viver como Deus quer e como ele também tornou possível.

13.12 Resumo – uma imagem

Imagens e comparações com verdades bíblicas podem ser muito úteis. A própria Bíblia (sobretudo o Senhor Jesus) usa imagens e parábolas para tornar compreensíveis verdades espirituais. As imagens, porém, também têm os seus limites. Elas querem ilustrar determinados aspectos, o que significa também que nem todo aspecto presente numa imagem desse tipo se ajusta à verdade que ela deve ilustrar. O que é mencionado na imagem ou na comparação é importante. O que não é mencionado nem abordado, por outro lado, é irrelevante.

13.12.1 A árvore velha

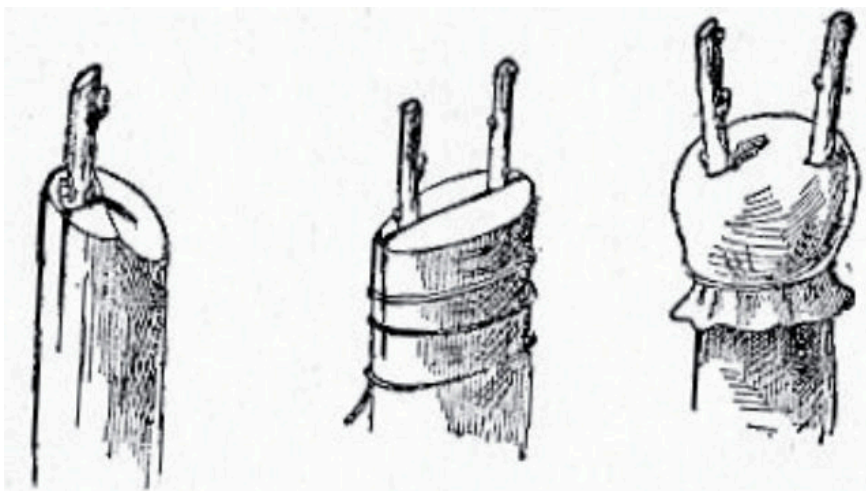
A Bíblia compara o ser humano algumas vezes com uma árvore. Um exemplo clássico é o grande rei Nabucodonosor. Ele é comparado com uma árvore grande e poderosa. Porque se tornou soberbo por causa da sua grandeza e do seu poder, Deus tomou a decisão de derrubá-la. Somente o toco com as raízes devia ficar: de fato, o rei não morreu, mas recebeu por um tempo o coração de um animal, para depois voltar a ser rei (Dn 4; veja também Jz 9:7-15). Assim, falando em imagem, essa árvore foi derrubada com o machado pelo próprio Deus. Essa é a imagem de um ser humano que vive sem Deus, um descendente de Adão. Jesus diz que não há árvore má que produza bons frutos

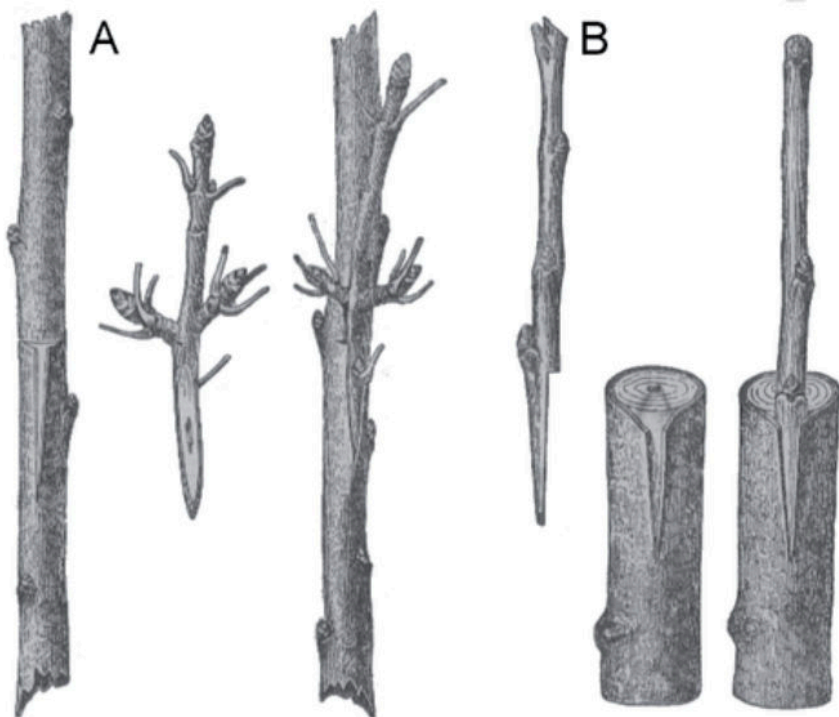
(Lc 6:43). Em outras palavras: as pessoas que estão na carne não podem agradar a Deus. O velho homem é uma árvore que não dá bons frutos. Isso vale para a humanidade como um todo, assim como para cada ser humano individualmente (Sl 37:35). Uma árvore tão má, no que diz respeito ao seu fruto, não merece outra coisa senão ser cortada e lançada ao fogo (Lc 3:9). Foi o que aconteceu com o nosso velho homem: ele foi condenado na cruz, e a sentença de morte foi executada. Ele como que queimou no juízo da santidade de Deus. Com isso, a nossa vida antiga foi encerrada. Não fomos nós mesmos que a encerramos; ele o fez. Foi Cristo quem morreu por nós *em nosso lugar*. Se nós tivéssemos morrido literalmente, a raiz teria sido extirpada junto. A raiz representa – na nossa imagem – a pessoa. Ela encarna aquilo que eu sou como ser humano, como criatura de Deus.

13.12.2 Uma árvore nova

Qual é, então, o alvo de Deus? Deus quer que eu me torne uma árvore plantada junto a correntes de águas. Assim se diz do justo no Salmo 1 (cf. Sl 92:12; Jr 17:8). Devo me tornar uma árvore boa, que produz bom fruto (Mt 7:17), fruto do Espírito (Gl 5:22-23). Para isso é preciso uma árvore nova. Ela precisa ser plantada e crescer. E, para um dia se tornar uma árvore forte, com raízes fortes e bons frutos, são necessários cuidado e, sobretudo, água. A nossa imagem admite mais um aspecto: fomos nascidos de novo pela semente incorruptível da Palavra de Deus (1Pe 1:23). Essa semente é a semente de Deus (1Jo 3:9), que, numa pessoa, depois da sua conversão (falando em imagem), germina e cresce até se tornar uma árvore forte. Essa semente é o próprio Cristo (Gl 3:16). Com isso temos o paralelo com o fato de que o próprio Cristo é o *novo homem*, a sua vida em nós (Cl 3:4, 11). Todo o potencial de desenvolvimento do novo homem está contido por completo nessa semente, por menor que ela seja. Esse homem deve agora desdobrar-se, crescer, aumentar, expandir-se. Isso não acontece num instante, mas somente com crescimento contínuo e renovação constante. Somente Deus dá o crescimento, a renovação e a força. O NT fala, em outro contexto, de uma oliveira (Rm 11:16-24), na qual é enxertado outro rebento, para continuar crescendo na árvore velha. Imaginemos o toco da árvore, que comparamos com a nossa pessoa. Agora, nesse toco é enxertado o novo rebento, ou seja, a semente da Palavra (o

próprio Cristo), para que ele possa crescer e tornar-se uma árvore nova. Esse processo o especialista chama de “enxertia”.





13.12.3 A raiz velha que ainda vive

A raiz velha (o toco com as raízes da árvore velha, mas derrubada) ainda está ali. Ela até ainda está viva. Na nossa imagem, isso não é o velho homem, mas antes a nossa carne – a velha natureza adâmica, corrompida e pecaminosa. Ela marcou a nossa vida antiga, a do velho homem. Mesmo correndo o risco de que a repetição dessas verdades canse, digamos mais uma vez: o velho homem não é a carne. O velho homem encarna, antes, a minha existência sem Deus, antes de eu chegar à fé. A carne, por outro lado, representa a natureza e o caráter do velho homem. Essa ainda está presente. Enquanto vivermos, essa raiz velha será encontrada em nós. Ora, essa raiz tem a propriedade de voltar a ficar ativa (Jó 14:7-9). Desse toco brotam pequenos rebentos – frutos maus, obras e hábitos do corpo e da carne. Enquanto Deus cuida do crescimento da árvore nova, a nós é dada a ordem de fazer morrer os membros sobre a terra, ou seja, os

membros da carne pecaminosa (Cl 3:5; Rm 8:13). Isso deve acontecer pela fé e pelo Espírito. Devemos remover esses rebentos como erva daninha, cortar os galhos ou (se deles já se formaram até mesmo pequenos troncos de novo) derrubá-los com o machado do poder de Deus. A tarefa de um “jardineiro” que cuida coerentemente da erva daninha está na nossa área de responsabilidade. Nesse trabalho não ficamos entregues a nós mesmos: pelo Espírito Santo de Deus vivemos e andamos (Rm 8:13; Gl 5:18)!

13.13 Somente pela fé

Isso só acontece na fé e por meio da fé no Filho de Deus, que (como diz Paulo) “me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2:20). A fé é a dependência de Deus. Ela abrange a atitude que espera tudo de Cristo e nada de si mesmo. O fazer morrer descrito, por exemplo, em Romanos 8:13 e em Colossenses 3:5 acontece, em última análise, *pela fé*. Isso inclui dizer não ao pecado e, ao mesmo tempo, dizer sim a Cristo (Rm 6:13, 19). O justo vive (diariamente) pela sua *fé* (Rm 1:17). Aproximamo-nos de Deus pela fé (Rm 5:2), permanecemos firmes pela fé (Rm 11:20; 2Co 1:24). Deixo Cristo habitar pela fé no meu coração (Ef 3:17). Sou e me torno firme pela fé (1Pe 5:9). Essa fé eu preciso exercer hoje. Essa é a chave. A fé não é um sentimento. Para a fé, aquilo que Deus diz é absolutamente verdadeiro e válido: isso diz respeito não só à minha salvação eterna, mas também à minha vida diária. Afinal, sem fé é impossível agradar a Deus!

13.13.1 O jardineiro preguiçoso

Provérbios 24:30-32 diz: “Passei pelo campo de um preguiçoso e pela vinha de um homem sem entendimento. E eis que tudo estava tomado de cardos, a sua superfície coberta de urtigas, e o seu muro de pedras derrubado. Então eu o contemplei e apliquei a ele o meu coração; vi e recebi instrução.”

Muitas vezes, justamente abaixo do garfo enxertado (assim se chama esse rebento novo e nobre), voltam a crescer brotos velhos. Eles precisam ser cortados sem falta, pois tiram do rebento novo a água e, no decorrer do crescimento, também a luz.

Se o jardineiro não cumpre as suas obrigações, surge um problema. A dinâmica própria da carne não deve ser subestimada. Se alimentamos e

poupamos a carne, em vez de entregá-la à morte de modo constante, ou seja, sempre de novo, os rebentos velhos crescerão em muitos lugares. Isso tem efeitos negativos sobre o crescimento da árvore nova. O seu crescimento é freado, as raízes não continuam a crescer para dentro de Cristo, de modo que a árvore já não recebe alimento. É quase como se também Paulo tivesse diante dos olhos a mesma imagem (Cl 2:7).

Uma vida carnal e egoísta se assemelha a uma árvore seca, cercada por muitos rebentos da raiz velha, que podem crescer tão alto que a árvore outrora nova já não pode ser vista. A água destinada a essa árvore nova flui para os muitos rebentos da velha raiz. A árvore pode adoecer, galhos inteiros podem secar, e o seu fruto pode sair escasso ou pequeno.

Há algum tempo fiquei surpreso quando estávamos recolhendo e colhendo maçãs das quais mandamos fazer suco: numa só árvore encontrei duas variedades diferentes de maçã. Era o resultado de uma enxertia. O antigo proprietário queria ter duas variedades de maçã numa só árvore. Pensei imediatamente na vida cristã: também nela se encontram dois tipos diferentes de frutos – frutos que o Espírito faz crescer, mas também frutos produzidos pela carne.

13.14 O futuro do novo homem

Até aqui vimos o novo homem no campo de tensão do mundo, que passa. Um breve olhar para o seu futuro não deve faltar. Sobre o novo homem já sopra o hálito da futura nova criação, tal como é descrita em Apocalipse 21. Em nós essa nova criação já raiou. Somos uma espécie de primícias da nova criação de Deus (Tg 1:18). Em Cristo já fomos transportados para os lugares celestiais (para a esfera celestial) (Ef 2:6). Assim a nossa posição é descrita pela Palavra de Deus. Como *novos* homens viveremos na *nova* criação, um dia também com um corpo novo, que então corresponderá à mesma qualidade de uma nova criação, como agora já é o caso no que diz respeito ao nosso *homem interior* (1Co 15:35-57). O futuro do novo homem é de tirar o fôlego e tão sobremaneira glorioso quanto o seu próprio Criador: quando ele, a nossa vida, for manifestado, então também nós seremos manifestados com ele em glória diante de todo o universo (Cl 3:1-4)!

Mas não nos esqueçamos do aspecto coletivo ou comunitário, que talvez seja até o mais importante. Uma nova humanidade, cujo princípio e cabeça é Cristo,

será a população do novo céu e da nova terra. Cristo é tudo e em *todos*!

A realidade salvífica do novo homem é encarnada pela igreja do NT, que só surgiu no Pentecostes. Ela (formada por todos os crentes) será esse novo homem que Cristo criou e do qual ele é a cabeça. Esse *um só homem*, composto de todos os membros do corpo, será por todo o tempo – por toda a eternidade – para o louvor da glória, da graça e do amor de Deus, ou seja, de Cristo.

O velho homem é arruinado pelos desejos; por causa da morte espiritual, ele caminha para a morte física, que por fim conduz à morte eterna. Ele não melhora; está sujeito à decadência e se arruína. O novo homem é renovado pela ligação de vida com o seu Criador, até que a vida eterna, ou seja, a perfeição, comece na ressurreição.

13.14.1 Viver já agora a vida do futuro

O futuro do novo homem não é um tema abstrato ou isolado da realidade da nossa vida. Esse futuro abrange, por um lado, a nossa esperança, mas inclui também, já agora, aquilo que determina a nossa vida. Poderíamos formulá-lo assim: vivemos a partir do alvo, olhando para Jesus e para aquilo que ele criou e fará. Se em nós já pulsa a vida da nova criação, isso não significa outra coisa senão que já agora levamos a vida do futuro.

O fruto do Espírito Santo, a vida única e exemplar do próprio Jesus, os seus mandamentos de amor e, de modo geral, todos os mandamentos do NT nos mostram como será a vida na nova criação no aspecto moral. Na nova criação de Deus, tudo estará cheio do amor de Deus – do mesmo amor que já agora devemos pôr em prática em nossa vida.

As nossas igrejas são cabeças de ponte e postos avançados do novo mundo de Deus. Aqui, aqueles que não conhecem a Deus nem a redenção em Cristo precisam entrar em contato com “o novo homem”, ou seja, com a nova criação. Em nós precisa tornar-se visível aquilo que Deus em breve terá em toda parte no seu novo mundo como o normal e, ao mesmo tempo, o maravilhosamente glorioso.

Quando contemplamos assim o novo mundo de Deus e consideramos o fato de que ele já começou em nós, não levamos a vida do futuro nem por coação ou sob coação, nem por motivos legalistas. A nova conduta de vida deve se tornar para nós o normal, como em breve será o caso na glória eterna de Deus.

Então, ao contrário de hoje, não haverá mais inimigos nem bloqueios que possam se colocar no caminho da nova vida. Por isso, hoje, tornar-se como Jesus foi está ligado a decisões da vontade, a esforço e empenho. Mas não dependemos de nós mesmos (como, por exemplo, uma pessoa descrente que quer melhorar moralmente o seu caráter); temos do nosso lado a graça de Deus e o seu bom Espírito.

13.15 Apelo

A graça nos instrui, sim, nos educa (1ª Tm 2:11-12), de modo que o novo homem de fato ganhe espaço também no nosso dia a dia. Não é a Lei, mas a graça que nos educa, lembrando-nos primeiro, sempre de novo, daquilo que já somos em Cristo e que não precisamos ainda nos tornar. A graça nos coloca na riqueza transbordante de Cristo e nos enche dela, pois só a partir dela é possível uma vida transformada.

Nós nos despojamos do velho homem com a sua antiga conduta. Mas o modo de pensar, o caráter, ou seja, a natureza desse velho homem, permanecem em nós enquanto estivermos no nosso corpo. Contra um ressurgimento da antiga direção de vida está a renovação constante do nosso pensamento.

Cristo em nós: essa é a realidade de vida do novo homem. Ian Thomas a comparou com uma luva, que sem uma mão viva é uma coisa morta. Assim somos nós – completamente incapazes sem Cristo e fora de Cristo. Mas, quando a mão viva entra na luva, ela pode fazer tudo! Assim podemos partir do princípio e crer que tudo podemos naquele que nos fortalece!

14. Nascidos de novo para uma nova vida

No nosso último cume de montanha chegamos ao assunto talvez mais conhecido a esse respeito. Trata-se do novo nascimento, da recepção de uma vida nova e eterna. Com isso chegamos àquilo que podemos aprender do apóstolo João sobre o poder transformador do evangelho, que cria o novo. Fomos libertos do poder do pecado, o Espírito Santo nos foi dado, fomos feitos novos homens. Esse foi especialmente o tema de Paulo. Mas também precisávamos nascer de novo, porque a nossa vida antiga, por causa do pecado, se mostrou inútil e, com ela, não tínhamos vida verdadeira, ou seja, estávamos espiritualmente mortos.

Primeiro, porém, vamos examinar um termo que já usamos algumas vezes: a “*nova e velha natureza*”. Mesmo que esses termos não existam assim na Bíblia, nela se encontra, ainda assim, a realidade que eles representam. Aquilo que, em contraste com a “*velha natureza*” (que é a *carne*), chamamos de “*nova natureza*” não é outra coisa senão a “*natureza divina*”. Pedro escreve na sua segunda carta, capítulo 1:4:

“... para que por elas (as promessas) vocês se tornem participantes da natureza divina.”

Sempre ajuda ter em vista o contexto em que os termos estão inseridos. Nesta passagem, ele é o seguinte:

O cristão recebeu tudo de Deus para poder viver para ele. Primeiro, a própria vida. Pode-se chamá-la de vida do novo homem. Pôr em prática essa vida divina no dia a dia significa “*piedade*” (a reverência correta; vida segundo Deus), isto é, uma vida para a glória de Deus. Deus nos mostrou pela sua Palavra a sua própria glória, que nos tomou e produziu toda a determinação de ter diante dos olhos a ele mesmo como o alvo da nossa vida e da nossa jornada de vida. Essa jornada passa pelo mundo – não só pela criação de Deus, mas também pelo mundo alterado e corrompido pelos seres humanos, ou seja, pela sociedade em que vivemos. Como recebedores e participantes da natureza divina, escapamos da corrupção do mundo. Com a natureza divina, somos agora capazes de viver de modo diferente do mundo, que é marcado pela cobiça. Aqui fica claro

também o que é essa natureza divina e o que ela não é. Ela não diz respeito à glória exterior de Deus, mas ao caráter moral de Deus. Trata-se de vida espiritual sobrenatural, que traz em si características morais e éticas de Deus, que Pedro aqui contrapõe às práticas do mundo perdido.

Essa natureza se manifesta concretamente num processo dinâmico, no decorrer do qual quem nasceu de novo aplica todo o empenho e produz fruto espiritual. Dessa maneira ele confirma a sua vocação e eleição divinas. Assim ele atesta em sua vida a obra salvadora de Deus nele. “(Se) tornar participantes da natureza divina” não significa apenas *possuir* algo, mas igualmente também *tornar-se* algo: trata-se de tornar-se semelhante a Deus e, com isso, seu imitador.

A prova de que a natureza, ou seja, o caráter de Deus, pode de fato entrar num ser humano e marcar a vida de um ser humano é o próprio Jesus. Nele está a vida divina; ele mesmo é a vida eterna. Ele se tornou homem para que essa vida se tornasse alcançável e experimentável para nós, seres humanos. Por isso João pode dizer: “aquilo que é verdadeiro nele e em vocês” (1Jo 2:8).

14.1 Afinal, o que é a natureza?

Por *natureza* entende-se o caráter ou a constituição natural que caracteriza uma coisa desde o princípio, ou um ser vivo desde o nascimento. A natureza animal é diferente da natureza humana (Tg 3:6-7). A natureza abrange, no nosso contexto, algo que se recebeu – em distinção daquilo que se produziu por si mesmo. A palavra *natureza* (gr. *physis*) significa o “ter-se-tornado”⁸⁷; o verbo significa *produzir, desenvolver, germinar e crescer* (especialmente em plantas); o substantivo significa também *origem e nascimento*.

Nós, seres humanos, somos *por natureza*, isto é, desde o nascimento, bem como segundo o nosso caráter e a nossa natureza, filhos da ira (Ef 2:3; Gl 2:15). Na natureza vale a lei segundo a qual cada espécie produz os seus próprios descendentes. O mesmo vale para o ser humano: isso se aplica tanto ao corpo, o homem exterior, como ao seu coração, o homem interior. O ser humano encarna ainda hoje, no século 21, a essência de Adão (o primeiro ser humano criado), mas também aquilo que ele se tornou pela sua Queda. Distinguimos entre a natureza do ser humano mencionada por Tiago (aquilo que, por conseguinte, nos tornamos como criaturas de Deus à sua imagem) e o caráter pecaminoso que herdamos de Adão (depois da Queda). Em outras palavras:

87. Kittel, *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (gr. *phyein*).

“Precisamos distinguir entre a natureza do ser humano e a nossa natureza como seres humanos caídos.”⁸⁸ Somos seres humanos e sempre o seremos, qualquer que seja a transformação que experimentemos pelo novo nascimento em relação ao espírito e à alma, e qualquer que seja a transformação que aguarda o nosso corpo no momento em que o Senhor vier para nos chamar para junto de si. Nunca perderemos a identidade essencial com a qual Deus nos criou primeiramente (pelo nascimento). Somos e continuamos sendo as mesmas pessoas – os mesmos indivíduos. Por isso precisamos distinguir entre termos como ‘a nossa natureza humana’, ‘a nossa natureza caída’, ‘a nossa nova natureza’. A Queda não anulou (a natureza do) nosso ser humano; o nosso novo nascimento, por outro lado, não anula o nosso ser humano. Aquilo que é essencial ao ser humano nunca perderemos, e a nossa individualidade nunca será alterada.”⁸⁹

A natureza adâmica caída esboça a realidade humana que já não é determinada pelo espírito humano e pela sua ligação com Deus (em distinção do animal, que não tem espírito), mas pela alma e pelo corpo. O espírito do ser humano abriga a sua consciência de Deus e a sua capacidade fundamental de reconhecer a existência de um Criador, bem como a sua capacidade de crer nele, de orar a ele, de buscá-lo e de honrá-lo. Mas essa função sofreu danos maciços por causa do pecado. O espírito não foi extinto, mas a sua função já não está voltada para o Deus vivo. A consequência, Paulo a descreve assim: “O homem *natural* (gr. *psychikos*, propriamente *anímico*) ... não aceita as coisas do Espírito de Deus” (1Co 2:14). A Queda atingiu todos os aspectos da realidade humana. “A ligação (com o Criador em) afeição, reverência e dependência, que o mantinha perto de Deus, está quebrada; ele se parece com uma casa cujo telhado desabou e caiu no chão. Denominado segundo o aspecto mais baixo ao qual o espírito e a alma afundaram, ele é ‘carne’. Assim, ‘carne’ é a designação bíblica da sua natureza velha, ou seja, caída.”⁹⁰

14.2 Participantes da natureza de Deus

Com a *velha natureza*, pertencíamos ao mundo, onde não reina Cristo, mas Satanás. Mas, com a recepção da nova vida, escapamos da corrupção do mundo

88. Essa diferença pode ser ilustrada muito bem na pessoa de Jesus: ele assumiu a natureza humana na sua encarnação, mas não a natureza velha e, portanto, pecaminosa.

89. F. W. Grant, *The two Natures*, página 5.

90. *Ibid.*, página 7.

e das suas contaminações (2Pe 1:4; 2:18, 20). Com o corpo, ainda estamos no mundo. Vivemos, portanto, em dois mundos ao mesmo tempo (Ef 2:6; Cl 2:20; 3:1-5). Com a vida divina, pertencemos ao novo mundo de Deus, à sua nova criação, que foi criada em Cristo e por meio de Cristo.

A nossa vida autodeterminada chegou ao fim; a nossa “Eu S.A.” quebrou; a empresa da nossa vida, ou seja, do nosso mundo do eu, está falida. O processo de falência foi liquidado no Gólgota. Cristo assumiu as dívidas. Mas agora somos participantes da vida de Deus; temos agora “ações seguras”, somos “acionistas”, porque temos parte na vida de Deus. Com essas “ações” há um verdadeiro recomeço, porque o próprio Deus é o seu autor.

14.3 A vida eterna é a vida de Cristo

Recebemos literalmente parte na vida de Deus, parte na sua vida eterna. Em última análise, isso não é outra coisa senão o fato de que o próprio Cristo, como pessoa, é a nossa nova vida (com isso se expressa apenas outro aspecto da mesma coisa). Assim como ele mesmo é o novo homem para o qual fomos criados, ele encarna a nossa nova vida.

O fato de possuímos a vida divina não nos eleva à posição de deuses. Tampouco nos tornamos Cristo quando Cristo se torna a nossa vida. Continuamos sendo criaturas, seres humanos à imagem de Deus, que, por causa dessa vida, agora podem estar de novo em comunhão com Deus. Temos a vida “*em Cristo*”, que é o seu autor e de quem dependemos. Não possuímos essa vida separada dele.

14.4 Como nos tornamos participantes da vida divina?

A palavra *natureza* tem a ver com nascimento e crescimento e dirige a nossa atenção para aquilo que Jesus explicou ao escriba Nicodemos: o *novo nascimento*.

Trata-se, no essencial, do novo nascimento, pelo qual nos tornamos participantes da natureza divina. *Novo nascimento* é um termo bíblico que não tem nada a ver com religião do Extremo Oriente, com o “ciclo eterno do vir a ser e do perecer” (como, por exemplo, no budismo), nem com qualquer cosmovisão, seja ela qual for. O novo nascimento é abordado por alguns autores do NT, mas é descrito de modo mais detalhado pelo apóstolo João. Enquanto a nossa passagem de Adão para Cristo tem diversos aspectos, o aspecto do novo nascimento é descrito justamente por João. O novo nascimento cria uma vida

nova, diferente. Ela se distingue daquela vida que herdamos por natureza (de Adão).

Todos os escritores do NT deram as suas contribuições tendo em vista como se recebe vida nova e como ela se manifesta no dia a dia. Comum a todos é que ser cristão significa uma transformação do ser humano que o próprio ser humano não produz, mas que vem do alto, do próprio Deus. Com isso, já estamos no meio do nosso tema. “Do alto” é exatamente a palavra que Jesus usa em conexão com o novo nascimento.

14.5 O novo nascimento – nascidos de Deus

Nicodemos queria conversar com Jesus sobre questões teológicas. Mas para isso o Senhor Jesus não tinha tempo. Para ele, a necessidade de um novo nascimento era mais importante. Com isso, o Senhor Jesus diz numa só frase que aquilo que o ser humano é por causa do seu nascimento (por natureza) não pode ver o reino de Deus, muito menos ter acesso a ele (Jo 3:1-36). A necessidade de um novo nascimento não deixa nada de bom naquilo que somos por natureza. Isso vale também para Nicodemos, o mestre de Israel. Jesus lhe diz que esse nascimento não acontece por geração humana, mas “da água e do Espírito”. Não se trata de reprodução natural, mas de uma ação do alto, da parte de Deus. Não da vontade do homem, mas de Deus nascem os filhos de Deus (Jo 1:13). Só se torna filho de Deus por meio do novo nascimento! O ser humano poderia ser gerado centenas de vezes por um pai físico e dado à luz pela sua mãe, e o resultado seria sempre o mesmo: o que é nascido da carne é carne. Se o ser humano deve nascer de novo, é preciso, portanto, buscar a origem em outro lugar, completamente diferente. Mas como esse nascimento maravilhoso é produzido? Isso acontece concretamente da água e do Espírito, como diz o Senhor Jesus (Jo 3:5).

14.5.1 Nascidos da água

Não se trata nem de um nascimento literal, nem dos instrumentos usados no parto. Portanto, a água deve representar um sentido figurado. O que a água simboliza? A água simboliza a Palavra de Deus, como Paulo escreve aos efésios: “... por meio da lavagem de água pela palavra” (5:26). A Palavra de Deus é um instrumento concreto no novo nascimento:

“Segundo a sua própria vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade.”

Tg 1:18

“... vocês, que foram regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e permanece.” (veja também 1:3)

1Pe 1:23

“Vocês já estão limpos pela palavra que lhes tenho falado.”

Jo 15:3

A água é a Palavra de Deus e o seu poder purificador. Ela se torna viva pelo Espírito de Deus e atua sobre o pecador. A Palavra de Deus pregada, testemunhada ou lida expõe o pecado e conduz ao arrependimento e à fé. O receber e acolher Jesus Cristo com fé produz o novo nascimento (Jo 1:12). A fé é consequência da pregação da Palavra de Deus (Rm 10:17). Ela produz, como semente de Deus, a nova vida.

A Palavra, a semente incorruptível, produz pelo menos duas coisas: ela produz uma vida que, como a própria Palavra, é incorruptível (portanto, eterna). E ela gera uma vida que apresenta exatamente aquelas características que a Palavra de Deus tem. A Palavra de Deus é o DNA da nova vida. A semente tem todas as informações sobre como será a planta ou o ser vivo gerado. Assim, a Palavra de Deus é a planta, o “código genético completo” da nova vida. Essa Palavra, que podemos ler, mostra como essa vida se realiza e se manifesta. Nesse sentido, Tiago diz que fomos gerados pela palavra da verdade e que essa palavra é, ao mesmo tempo, a semente que foi implantada em nós para que possa crescer (Tg 1:18, 21). A natureza da semente determina a forma da vida. A natureza divina é em si perfeita, ou seja, completa (o que vale também para a respectiva semente), mas em nós ela pode e deve tomar forma e crescer.

Antes de chegarmos ao segundo instrumento, depois das considerações anteriores, basta a indicação de que aqui não se fala do batismo nas águas. A água do batismo nas águas não produz um novo homem nem nos torna filhos de Deus. O batismo nas águas nos une, antes, *exteriormente* (na nossa confissão) a Cristo.

14.5.2 Nascidos do Espírito

Não é o espírito humano que nasce de novo. Tampouco é ele que produz o novo nascimento. É, antes, o Espírito Santo de Deus, por meio do qual o novo nascimento é desencadeado e realizado.

O que é nascido do Espírito é espírito. É verdade que, no dom do novo nascimento, não se trata de vida nova em sentido físico ou biológico. É uma vida espiritual, em contraste com a existência natural do ser humano não redimido. Mas ela corresponde também ao Espírito Santo, o Espírito de Deus, porque é vida divina. A nova vida corresponde à natureza do Espírito Santo; afinal, nos tornamos participantes da natureza divina (da vida divina).

Nicodemos, apesar de toda a sua erudição, fica desorientado. Ele poderia ter sabido pelo AT o que “água e Espírito” produzem quando ambos atuam sobre o ser humano pela ação de Deus!

14.5.3 A profecia de Ezequiel: Corações novos e espírito novo

Foi Ezequiel quem não falou do *novo nascimento* no sentido literal, mas certamente se referia ao mesmo processo, no qual água e Espírito seriam empregados. Deus fará o seguinte (Ez 11:19; 36:25-27):

- aspergir água pura sobre os israelitas para purificá-los
- dar-lhes um coração novo e um espírito novo
- dar-lhes um coração de carne em lugar de um coração de pedra
- O Espírito de Deus será posto dentro deles, para que vivam nos estatutos de Deus.

Aqui são mencionados componentes importantes da salvação divina no novo nascimento. Primeiro é a purificação, que encerra o passado. No lugar da vida antiga, para a qual era necessária purificação, entram agora um coração novo e um espírito novo.

Tanto a expressão “coração” em particular como o termo “espírito” (no sentido de “espírito humano”) designam o mais íntimo da pessoa (Pv 4:23). Trata-se do centro da personalidade humana, que precisa ser completamente transformado. Por essa transformação o ser humano não se torna sem vontade, mas, antes, é capacitado a fazer a vontade de Deus. O coração de pedra é um

coração endurecido – um coração morto, que não pode nem quer viver voltado para Deus. Quando a vontade do ser humano é renovada, ele precisa de força para poder também fazer a vontade de Deus. Ele recebe o Espírito de Deus, pelo qual é capacitado a viver de fato segundo os mandamentos de Deus.

Também aqui fica claro que o ser humano é transformado de dentro para fora, e não por mandamentos que lhe são impostos de fora e que só levam a uma mudança exterior de comportamento. As pessoas podem mudar o seu comportamento com disciplina rígida, mas o cristão se comporta de modo diferente porque recebeu um coração novo e o Espírito de Deus. A nova obediência é para ele uma questão do coração. Nisso, a disciplina também é importante, mas não decisiva.

O que é nascido do Espírito é espírito! Assim, já Ezequiel distingue entre o “espírito novo”, que corresponde à nova vida, e o Espírito Santo como pessoa, que habita naquele que nasceu de novo. Ainda que Jesus não fale diretamente com Nicodemos sobre o dom do Espírito Santo, isso está, no entanto, incluído aqui. João menciona algumas vezes o Espírito como posse nossa (Jo 7:39; 14:17, 26; 15:26; 16:13).

Paulo retoma as palavras de Ezequiel e explica que elas valem também para nós: o Espírito de Deus escreve em nossos corações, que, diferentemente das tábuas da Lei, não são de pedra, mas de carne. Isso pressupõe que também os nossos corações foram completamente transformados. Esse “trabalhar” de Deus em nosso coração mostra mais uma vez o que Deus faz para nos transformar cada vez mais na imagem do seu Filho. O seu escrever em nossos corações tem um alvo: devemos ser transformados, no aspecto moral, na mesma imagem do Cristo glorificado no trono de Deus – e isso pelo Espírito (2Co 3:3, 18).

14.6 Salvos da morte para a vida: Vivificados

O novo nascimento não é necessário porque não temos vida, mas porque nos falta a vida *certa*. O que é nascido da carne é carne e, portanto, inútil. Precisamos nascer do Espírito. Só assim entramos no reino de Deus e na posse das coisas celestiais.

Mas, logicamente, a consequência de um nascimento é também vida que antes não existia. Assim, o Senhor Jesus diz que já agora levará pessoas da morte para a vida. Aqui e hoje (não apenas no futuro) ele fará isso: “Vem a hora

e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão” (Jo 5:25). Assim como a Palavra de Deus é a semente do novo nascimento, aqui é a Palavra (a voz do Filho) que vivifica. O ser humano não é, por natureza, apenas um pecador (ou seja, um ser dominado pela carne, que não serve para nada). Ele é também um morto que precisa de vida. Ele está, por natureza, morto nos seus pecados (Ef 2:1; Cl 2:13 e outros). Morte significa sempre separação de realidades que por natureza pertencem uma à outra. Assim, o ser humano, em sentido biológico e mental, está bem vivo, mas, *em sentido espiritual*, no que diz respeito à sua ligação com Deus, está morto. Essa relação, com tudo o que pertence a ela, não existe. Pela ressurreição *espiritual* (ou vivificação, que em última análise abrange outro aspecto do novo nascimento), o pecador espiritualmente morto recebe a vida eterna. A sua alienação da vida de Deus (Cl 1:21; cf. Ef 4:18) é com isso anulada. Por essa vida, a relação com Deus não é apenas restaurada e levada ao nível da relação de Adão com Deus antes da sua queda. Antes, por meio dela se estabelece uma relação que nos torna filhos de Deus – “crianças” de Deus e “filhos” (gr. *huioi*) de Deus. Passamos da morte para a vida! “O Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita. As palavras que eu lhes tenho falado são espírito e são vida” (Jo 6:63), diz o Senhor Jesus.

14.7 O mistério do vir a ser e do crescer

É útil constatar algo, de modo geral, sobre o processo do novo nascimento. A Bíblia não diz em que parte do ser humano a vida eterna se encontra quando Deus a dá ao ser humano. Alguns falam de que ela está em nosso espírito; outros enfatizam a alma. É tentador atribuir os processos da salvação que ocorrem no ser humano aos diferentes aspectos do ser humano. A Bíblia, porém, não é um livro de antropologia, nem do velho nem do novo homem.⁹¹ No novo nascimento, estamos lidando com um mistério que em parte é revelado, mas em certa medida também é oculto, o que tem a sua razão na complexidade da natureza humana. Isso mostra mais uma vez os limites do nosso conhecimento, mas não tira nada do fato de que possuímos realmente a vida eterna (espiritual) de Deus como a nossa própria vida. O próprio Senhor Jesus compara o processo do novo nascimento, produzido pelo Espírito, com o

91. Hans-Jörg Ronsdorf, *E, no entanto, os mortos vivem (Und die Toten leben doch)*, capítulo 3 (A imagem bíblica do ser humano), página 147ss.

vento: o seu sopro, é verdade, pode ser ouvido (isto é, na pessoa em que o Espírito atua, podem-se perceber os seus efeitos). Não se pode, porém, ver de onde ele vem nem para onde vai (Jo 3:8). O novo nascimento é para nós um processo oculto, que não pode ser tornado visível nem pelo nosso conhecimento nem pela técnica.

Também o processo de crescimento da nova vida não é descrito em detalhe, mas pressuposto como dado. Quase todos os escritores do NT asseguram que existem crescimento e renovação (contínua), movimento, bem como progresso e maturidade crescente na fé (Jo 3:30; Ef 4:13; 1Pe 2:2; 2Pe 3:18; Cl 1:10; 3:10; 1Jo 2:12-17; Gl 4:19; Rm 12:2; 2Co 3:18; 4:16; Ef 4:23). Isso é descrito de modo mais ou menos fundamental. Trata-se sempre de um acontecimento que, por um lado, é posto em andamento e continuado pelo próprio Deus, mas que, por outro lado, só pode ser realizado com a nossa participação, o nosso consentimento e a nossa decisão, bem como pela nossa disciplina e coerência em seguir os mandamentos de Cristo (Lc 8:15; 2Pe 1:8; Tg 3:18; Tt 3:14). O processo de transformação acontece sempre segundo os princípios mencionados. Nos muitos milhões de cristãos, porém, ele se desenrola (condicionado pelas diferenças desses cristãos na sua constituição essencial, na sua situação de vida e também na sua determinação) com velocidade e intensidade diferentes. O divino Jardineiro cuida com amor de cada planta individual (Hb 12:11; Jo 15:2) – em todas com o único grande alvo de que se tornem conformes à imagem do seu Filho (Rm 8:29). Se esse é o maior alvo *de Deus*, então também precisa ser a nossa maior preocupação. Essa comunhão com Deus, ou seja, esse acordo de ter o mesmo alvo, simplificará muita coisa em nossa vida e nos dará maior orientação para o alvo. Com isso, ganharemos um olhar totalmente diferente – a saber, divino – sobre a nossa situação de vida diária.

Somente a sabedoria de Deus produz tanto o *surgimento* da nova vida como o seu *crescimento*. Decisivo é o resultado, no qual se reconhece a ação de Deus, a saber, o bom fruto do Espírito numa vida transformada dos cristãos.

14.8 Crescimento – a vida cresce

O *crescimento* é uma coisa extremamente importante. A vida de Deus é em si perfeita, mas, quando é colocada num ser humano, deve crescer. Ela precisa também penetrar na prática o ser humano inteiro. A nova vida transforma o

comportamento do ser humano, o seu conhecimento, ou seja, o seu caráter, cada vez mais da vida antiga para a vida nova (isto é, o caráter de Jesus Cristo toma forma nele cada vez mais; Gl 4:19; 2Co 3:18).

Olhemos para a natureza livre. Ali não há campos de trigo. Eles só existem onde pessoas os cultivaram e semearam a semente correspondente. Assim, na nossa vida antiga, só produzimos espinhos e cardos (Ef 5:11). Mas agora a semente da Palavra é espalhada, e cresce bom cereal, fruto para Deus (Mt 13:23; Rm 6:22; 7:4). A semente germina no fértil “solo do coração”. Assim a nova vida que vem de Deus transforma o ser humano. O resultado daquilo que aconteceu interiormente e que, a partir daí, continua acontecendo pode ser visto no comportamento da pessoa nascida de novo: ela agora está orientada para aquele que a gerou.

Na pessoa em quem a semente é semeada, ainda existe o mal, assim como num campo de trigo também ainda se podem descobrir, em maior ou menor quantidade, cardos e espinhos. Mas a nova vida, o novo fruto, é também uma vida de vencedor (1Jo 5:4). Nela podem se desdobrar as transformações de quem nasceu de novo: ele agora se tornou imitador de Deus, que lhe deu a vida. Enquanto o bom solo produz o bom fruto, removemos do campo da nossa vida aquilo que não é bom fruto: espinhos dos nossos velhos comportamentos pecaminosos, bem como cardos, que têm raízes longas e profundas e representam hábitos antigos e obstinados. Algumas ervas daninhas exigem disciplina rígida e perseverança até serem neutralizadas, mas esses esforços valem a pena quando nos submetemos ao alvo que Deus tem para nós. Pedras espalhadas pelo campo da nossa vida são fardos e pesos supérfluos; às vezes são pecados que facilmente nos envolvem, que tornam lentos e impedem o nosso crescimento e o nosso avanço (Is 5:1-7; Hb 12:1).

É espantoso o espaço importante que o crescimento ocupa na Bíblia e quantas vezes ele é aplicado ao ser humano. Israel era a vinha do SENHOR e devia produzir bom fruto. O próprio Deus é o viticultor.

É importante guardar bem a vinha da nossa vida, ou seja, a nossa “própria vinha” (Ct 1:6). Cristo é a videira, da qual somos os ramos, para produzir fruto para o Pai (Jo 15:1-8).

O crescimento espiritual é um processo normal, como acontece na natureza e também na nossa natureza humana. Esse crescimento precisa de tempo e de todas as condições necessárias. O crescimento não acontece aos saltos; também

não há atalhos – quaisquer que sejam as coisas e as experiências. “Em parte alguma da Escritura se ensina que haja um salto repentino da carnalidade para a espiritualidade, ou de uma vida comparativamente despreocupada para uma vida de entrega a Cristo. Ao contrário, o crescimento em piedade é apresentado como um crescimento que deveria ser tão normal e natural quanto o desenvolvimento normal de um ser humano, de criança a pessoa madura e adulta.”⁹²

Por meio de estufas, pode-se escapar das leis das estações do ano e colher muitas plantas e hortaliças em qualquer época. Mas todos sabemos que na estufa nunca se conseguem cultivar plantas da qualidade que as plantas ao ar livre alcançam. Isso vale também para o sabor dos frutos das plantas cultivadas em estufa. Do mesmo modo, o fruto espiritual cresce melhor no dia a dia. O fruto tem as condições ideais de crescimento na natureza livre, onde está exposto ao vento e ao tempo, ao calor e ao frio, à seca e à chuva. Não queremos nos tornar “cristãos de estufa”.

14.9 Cultivar

“Cultivar” significa, por exemplo, implantar um campo de trigo onde antes havia floresta ou estepe. No contexto do “produzir fruto”, Paulo diz (Fp 2:12-13):

*“Desenvolvam a sua própria salvação
com temor e tremor;
porque Deus é quem efetua em vocês
tanto o querer
como o realizar,
segundo a sua boa vontade.”*

Provavelmente nenhuma outra palavra da Bíblia mostra de forma tão breve e concisa a nossa responsabilidade de agir e, ao mesmo tempo, a ação de Deus no nosso agir. Enquanto nós “desenvolvemos”, Deus está ao mesmo tempo em ação. A salvação obriga a agir: devemos, de fato, apresentar a prova da salvação recebida – sim, levá-la à plenitude. Essa palavra da Bíblia contém uma grande tensão entre a nossa responsabilidade e a ação de Deus. Mas não podemos simplesmente dissolver essa tensão, pensando que a salvação deve ser vista

92. Henry Allen Ironside, *Heiligung – Zerrbild und Wirklichkeit*, página 153.

separada da nossa ação e que não tem nada a ver com os nossos próprios esforços. Tomemos a Palavra de Deus como ela é! Até mesmo com temor e tremor (ou seja, com a consciência de que podemos cometer erros) devemos viver a salvação e levar a sério o tantas vezes mencionado “imperativo da salvação”. Quando um dia estivermos no alvo, reconheceremos que, em todo o nosso empenho, foi Deus, na sua graça, quem realizou tudo.

Mas qual é a relação desse versículo com o crescimento espiritual? O termo “desenvolvam” era usado na língua grega também para a agricultura, ou seja, para o trabalho da terra arável. Isso nos confirma: Deus plantou a sua Palavra em nosso coração; vida nova nos foi concedida. Agora precisamos cuidar desse campo da nova vida e cultivá-lo: nisso devemos remover tudo o que atrapalha e providenciar tudo o que promove o crescimento. Além disso, devemos assegurar que se possa recolher uma boa colheita. A nossa vida se assemelha ao campo, o que, naturalmente, se entende em sentido figurado. Esse trabalho do agricultor é, por sua vez, obra do próprio Deus. Confiando em Deus, que opera tudo e quer operar, cultivamos aquilo que Deus criou em nós.

As coisas do mundo tornam duro o solo do coração e insensível ao falar de Deus. Um solo até então duro precisa ser afogado com esforço, para que possa absorver a água e voltar a produzir fruto. Também a erva daninha dos pensamentos maus e impuros precisa ser removida constantemente. As plantas jovens se eliminam mais facilmente do que as velhas, de raízes profundas. Ajamos, portanto, imediata e constantemente contra elas!⁹³

14.10 Passatempo ou dever?

O jardineiro amador cuida da erva daninha porque ter um jardim bonito é simplesmente o seu passatempo. Ele não precisa fazê-lo; ninguém o obriga a isso. Quando aplicamos a imagem do jardineiro ou do agricultor à nossa santificação, não se trata de uma opção que podemos aproveitar ou também negligenciar. Decidir-se por uma vida de santificação e por crescimento espiritual não é algo só para uma classe especial de cristãos que querem ir para a missão ou tornar-se pregadores. A salvação nos obriga, antes, a buscar a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor. Por mais estranho que isso possa soar para um ou outro: sem santidade em nossa vida, não veremos o Senhor no fim (Hb 12:14)!

93. C. G. Willis, *Betrachtungen über den Brief an die Philipper*, página 184.

“Pois a terra que absorve a chuva que muitas vezes cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por causa de quem é também cultivada recebe bênção de Deus; mas, se produz espinhos e cardos, é rejeitada e está perto da maldição, e o seu fim é ser queimada” (Hb 6:7-8).

14.11 O indicativo da salvação em João

A vida de Deus (a vida eterna) é o tema de João. Ele trata também do novo nascimento, pelo qual recebemos essa vida. Nas suas três cartas, queremos reunir aquilo que nos tornamos como filhos de Deus e aquilo que nos foi dado. Nele, o *indicativo* da salvação significa o seguinte (observe-se os muitos paralelos com Paulo):

- comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo (1Jo 1:3)
- alegria completa (1:4)
- Andamos na luz (1:7; 2:9-11).
- Ele, o Filho de Deus, deu a sua vida por nós (3:16).
- O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo pecado (1:7).
- Ele é a propiciação pelos nossos pecados (2:2; 4:10).
- Os nossos pecados estão perdoados (2:12).
- Os nossos pecados foram tirados (3:5).
- perdão constante (depois da confissão) e purificação de injustiça (1:9)
- Temos um Advogado junto ao Pai quando pecamos (2:1).
- Em nós o amor de Deus está verdadeiramente aperfeiçoado (2:5; 4:12, 17).
- O amor do Pai nos foi dado (3:1).
- Deus nos ama (4:16).
- Estamos *nele* (2:5).
- Estamos no Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo (5:20).
- Aquilo que é verdadeiro nele é igualmente verdadeiro em nós, a saber, a vida divina (2:8).
- Permanecemos eternamente (2:17).
- Temos o Espírito Santo, a unção da parte do Santo (2:20, 27).
- Ele nos deu o seu Espírito (3:24; 4:13).
- Estamos no Pai e no Filho (2:24).
- a sua promessa a nós: a vida eterna (2:25)
- Deus nos deu a vida eterna; esta está no seu Filho (5:11, 13).
- Temos o Filho e, com ele, a vida (5:12).

- A vida eterna permanece (isto é, habita) em nós (3:15).
- Somos nascidos de Deus (2:29; 3:9; 4:4, 6-7; 5:1, 3, 18-19; 3Jo 11).
- Somos filhos de Deus (3:1).
- A semente de Deus está em nós (3:9).
- Seremos semelhantes ao Filho de Deus (3:2).
- Veremos o Filho de Deus como ele é (3:2).
- Passamos da morte para a vida (3:14).
- Estamos nele, e ele está em nós (3:24; 4:4).
- Temos vida por meio do Filho (4:9).
- Temos confiança no dia do juízo (4:17).
- O medo nos foi tirado pelo perfeito amor de Deus (4:18).
- Oramos com confiança e segundo a sua vontade (5:14-15).
- Somos eleitos (2Jo 13).
- A verdade divina permanece (como também o Espírito de Deus) em nós e conosco para sempre (2Jo 2).

14.12 O imperativo da salvação em João

Onde se encontram bênçãos e privilégios, há também deveres e responsabilidade. Ora, esse reconhecimento não é novo, mas esta compilação nos fala:

- guardar os seus mandamentos (2:3-4; 3:22; 5:2-3; 2Jo 5)
- guardar a sua palavra (2:5)
- obrigados a andar assim como ele andou (2:6; cf. 4:17)
- amar o irmão (2:10; 3:10, 14; 2Jo 5)
- não amar o mundo (2:15)
- vencer o mundo pela fé (5:4)
- confessar o Filho (2:23)
- permanecer nele (2:28)
- praticar a justiça (2:29)
- purificar-se a si mesmo, assim como ele, o Filho de Deus, é puro (3:3)
- não praticar o pecado (3:6, 9; 5:18)
- dar a nossa vida pelos irmãos e abrir o nosso coração para eles (3:16-17)
- amar uns aos outros de fato e de verdade (3:18; 4:7; 4:11)
- permanecer no amor (4:16)
- fazer o que é agradável diante de Deus (3:22)

- Amamos porque ele nos amou primeiro (4:19).
- andar na verdade (2Jo 4; 3Jo 4)
- ter cuidado conosco mesmos, para não perder aquilo que realizamos (2Jo 8)
- permanecer na doutrina de Cristo (2Jo 9)
- apegar-se à verdade (3Jo 3)
- dar hospedagem aos servos de Deus (3Jo 5-8)
- fazer o bem e imitar o bem (3Jo 11).

14.13 Vida eterna – qualidade e quantidade

A nova vida tem uma dimensão que ofusca tudo o que havia até então e tudo o que os seres humanos consideravam possível. A vida eterna não é simplesmente existência sem fim. Essa todo ser humano tem, também quem não nasceu de novo. Pelo novo nascimento recebemos, antes, uma existência que nos capacita a estar um dia no céu e, com isso, ali onde a vida eterna “está em casa”. Mas, na mensagem de João, trata-se da plenitude dessa vida marcada pelo céu, que trazemos em nós não somente então, mas já agora, enquanto ainda estamos na terra. A plenitude, a riqueza e o conteúdo dessa vida se encontram agora em nós. Com isso não surgiu apenas uma existência, mas um novo homem com tudo o que constitui um ser humano: vontade, amor, conhecimento e muito mais. Com essa vida recebemos o conhecimento do Pai (Jo 17:3). Entramos numa relação viva, marcada pelo amor e íntima, e numa comunhão com o Pai e com o Filho. Isso nunca seria possível se não tivéssemos a mesma vida que o Pai e o Filho têm.

14.14 Sinais de vida

Quem pôde estar presente no nascimento dos seus filhos sabe o que quero dizer. Todos esperam ansiosos pelos primeiros sons da criança. Quando ela então chora, o milagre do nascimento está consumado. Na vida espiritual também há sinais de vida assim. Pouco depois de falar do novo nascimento (1Pe 1:23), Pedro diz que, como crianças recém-nascidas, devemos desejar ardentemente o leite genuíno da Palavra de Deus (1Pe 2:2). Em outras palavras: uma pessoa nascida de novo tem fome da Palavra de Deus, ou seja, interesse por ela. Ela não pode mais existir sem a Palavra de Deus, porque esta é como alimento para ela. Outros sinais de vida, que já enumeramos entre os imperativos da salvação, são:

- Aquele que é nascido de Deus pratica a justiça (1Jo 2:29).
- Aquele que é nascido de Deus ama e conhece a Deus (1Jo 4:7).
- Aquele que é nascido de Deus crê que Jesus é o Cristo (1Jo 5:1).
- Aquele que é nascido de Deus ama os irmãos na fé (1Jo 5:1).
- Aquele que é nascido de Deus vence o mundo (1Jo 5:4).

Uma característica da nova vida vamos examinar mais detalhadamente (1Jo 3:6, 9; 5:18):

*“Todo aquele que permanece nele
não peca;
todo aquele que peca
não o viu
nem o conheceram.”*

*“Todo aquele que é nascido de Deus
não pratica o pecado,
porque a semente dele permanece nele;
e ele não pode pecar,
porque é nascido de Deus.”*

*“Sabemos
que todo aquele
que é nascido de Deus
não peca.”*

14.15 Aquele que é nascido de Deus não peca

Este é um sinal de vida que, à primeira vista, nos deixa perplexos e talvez também tristes. João quer dizer que o cristão nunca mais pode pecar? Se ele quisesse dizer isso, teria contradito a si mesmo; pois no capítulo 2:1 ele escreve:

*“Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas
para que vocês não pequem;
e, se alguém pecar –
temos um Advogado junto ao Pai,
Jesus Cristo, o Justo.”*

Antes disso ainda, ele diz:

“Se dissermos que não temos pecado,

enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós.

Se confessarmos os nossos pecados,

ele é fiel e justo

para nos perdoar os pecados

e nos purificar de toda injustiça.”

1Jo 1:8-9

Se João exorta a não pecar, então existe evidentemente a possibilidade de que a pessoa ainda possa pecar e não tenha se tornado sem pecado. A nossa experiência diária, infelizmente, também é uma prova irrefutável de que esse é o caso. Mas o padrão ou critério de João consiste claramente em que *não* devemos pecar (de modo algum); ele não diz, como provavelmente nós o expressaríamos: “Tente pecar o mínimo possível!” João deriva o padrão da nossa vida, antes, daquilo que o próprio Jesus disse sobre Deus, segundo o qual “Deus é luz (absolutamente santo e justo) e não há nele treva (pecado) nenhuma” (1Jo 1:5). Quando ele diz no início: “Se alguém pecar ...”, fica claro que aqui ele não fala da regra, mas da exceção. Não precisamos fazer contorcionismos para harmonizar essas palavras com aquelas em que se diz que aquele que é nascido de Deus não peca ou (formulado ainda mais claramente) não *pode* pecar. Essas palavras, que parecem tão contraditórias, precisam ser compatíveis entre si.

João nos vê aqui como aqueles a quem foram concedidos o poder e o caráter da nova vida. A seus olhos, somos aqui aqueles que possuem essa vida, que surgiu pela semente divina da Palavra. E isso tem necessariamente a seguinte consequência: o cristão não peca de forma contínua (essa seria a forma gramatical do durativo) nem por hábito. Ele está, para falar com Paulo, liberto do poder do pecado. “Embora o crente às vezes peque, o princípio dominante da sua vida não é o pecado, mas o oposto do pecado. Somos filhos de Deus, e o pecado é anormal e antinatural para nós.”⁹⁴ O cristão ama a Deus e os seus mandamentos. Faz parte da sua essência odiar o pecado. Ele vive e anda pelo Espírito, para não satisfazer o desejo da carne (Gl 5:16, 25).

Alguns explicam isso assim: João estaria se referindo exclusivamente à nova vida (a vida de Cristo nele), que não pode pecar. Essa explicação só é correta em parte. Naturalmente, essa vida não pode pecar. Mas aqui não se trata das atividades da nova vida, e sim do comportamento da *pessoa* que é nascida de

94. Alfred Plummer, em John R. W. Stott, *The Letters of John*, página 138.

Deus. A nova vida em si não *faz* nada. Antes, a respectiva pessoa *faz* algo em conformidade com a sua vida, com a sua natureza. A pessoa *faz* algo com plena responsabilidade e por decisão própria, sendo que a sua vida, ou seja, a sua natureza, decide sobre a origem do ato – isto é, sobre a fonte da qual a pessoa tira. A semente é aquilo pelo qual a respectiva pessoa nasceu de novo, e essa semente é, ao mesmo tempo, a nova vida. João vê agora o ser humano nascido de novo como aquele que leva essa vida, ou seja, que é determinado e marcado por essa vida. Nessa vida o pecado não cabe; ele é um corpo estranho. “A carta de João contém contrastes nítidos. Além disso, contém muitas afirmações abstratas. O mesmo acontece com o pecado e a justiça. Sempre se destaca aquilo que é característico de uma coisa. Assim, o crente é justo pela sua natureza: ele pratica a justiça e não peca. Isso significa, no entanto, que o caráter da sua vida é bom: ele vive de modo justo e, por conseguinte, não vive de modo pecaminoso. Para o descrente, vale o contrário.”⁹⁵

João não fala de um ideal, de como *poderia* ser, mas de como *é*. Às vezes se pode ter a impressão de que ele simplesmente passa por cima da separação entre *posição* e *estado* prático (uma ajuda de compreensão que usamos especialmente na doutrina da salvação de Paulo). Por isso essa afirmação não é verdadeira apenas “em teoria”, quanto à posição ou objetivamente, mas descreve de fato aquilo que também somos na prática no nosso dia a dia (imperativo da salvação). Ela vai além daquilo que nos tornamos pela graça na nossa posição (indicativo da salvação).

14.15.1 Quatro etapas da história da salvação: o ser humano e o pecado

Agostinho de Hipona (354 – 430), na controvérsia com Pelágio⁹⁶, fez a seguinte divisão com base em três termos latinos: *posse* (para “poder, ser capaz, estar em condições”), *peccare* (para “pecar, falhar, transgredir”) e *non* (para “não”).

95. Ibid., página 137.

96. Monge britânico que, contemporâneo de Agostinho, rejeitou a doutrina da graça, ou seja, da salvação, deste e, em vez disso, destacou a liberdade da vontade humana.

14.15.2 Não pecar mais: possível ou impossível?

É evidente: João conhece o fato de que um crente “pode pecar”. Ele não o exclui. Pecar não é a regra numa vida cristã. O normal é que o cristão não peque, porque o poder de Deus lhe deu, pelo conhecimento de Deus, tudo o que serve a uma vida no temor de Deus (2Pe 1:3). “O verdadeiro cristão não é alguém que perdeu a capacidade de pecar, mas a vontade e a disposição para isso.”⁹⁷

João não falou de que possa haver ausência de pecado e perfeição (do contrário, ele estaria se contradizendo de forma evidente). A ausência de pecado em si já não é possível porque o pecado habita em nós e está inseparavelmente entrelaçado com o nosso corpo e a nossa existência terrena. Que não pequemos mais é hoje algo a ser almejado (cf. as palavras de João: “... para que vocês não pequem”), mas só será possível na glória, quando formos completamente iguais a ele, o nosso Senhor.

1. O ser humano antes da Queda	2. O ser humano caído	3. O ser humano nascido de novo	4. O ser humano na consumação
Posse peccare	Non posse Non peccare	Posse peccare	Non posse peccare
Ele podia pecar (mas também evitá-lo).	Ele não pode não pecar; é incapaz de não pecar.	Ele pode não pecar (mas também pecar).	Ele não pode mais pecar.

Por causa do livre-arbítrio, o ser humano vendido ao pecado, podia decidir respeitar o mandamento de Deus ou quebrá-lo.

Ele está na carne, Nem todo ato do ser humano caído é um pecado, mas ele não

97. William MacDonald, *Der vergessene Befehl – Seid heilig*, página 45.

No aspecto espiritual, a O pecado e a carne, a velha nova e a velha vida estão natureza, estavam ligados no cristão consegue nele. A compulsão ao à sua existência terreno-corporal da viver sem pecado está quebrada. Ele velha criação, que termina na pecado. foi colocado em condições consumação e é substituída pelo de não pecar, mas ainda corpo de glória e pela proximidade pode pecar. permanente de Cristo.

Devemos, então, ficar decepcionados por causa da nossa experiência – sabendo que nunca poderemos alcançar esse alvo? Ou há uma razão na Escritura que nos confirme que *não* conseguiremos ficar sem pecado? Uma afirmação assim nos surpreenderia muito. Como se pode, por um lado, encorajar o cristão a não pecar e, ao mesmo tempo, deixar claro para ele que isso nunca vai funcionar? Isso não combina, e seria pedagogicamente muito insensato. O padrão para a nossa vida é sempre a perfeição de Deus, nunca menos.

Mas, se alguém pensa com toda a seriedade que alcançou o estado de perfeição (uma vida sem pecado), provavelmente perdeu a visão e a sensibilidade para a natureza do pecado e para a realidade. A sua consciência já não é sensível a isso. Mesmo em muitas coisas boas que fazemos, muitas vezes ainda se pode ver uma sombra de pecado. Quem afirma não pecar mais precisa apresentar a prova e trazer “testemunhas” da sua ausência de pecado: o seu cônjuge, os seus filhos e outras pessoas do seu convívio imediato. Conheço apenas um para quem isso vale: Jesus. Neste ponto acrescento a frase muitas vezes usada e verdadeira em todos os aspectos: “Cristãos podem decepcionar; Cristo, nunca.” Ela não deve servir de desculpa, mas de encorajamento.

14.16 Perfeição – o que é isso?

O NT fala muitas vezes de perfeição, também quando se trata da nossa vida de fé. Com isso não se quer dizer perfeccionismo nem ausência de pecado. Para a nossa compreensão da santificação, é importante entender corretamente essa perfeição. Podemos distinguir pelo menos três significados desse termo nas passagens da Escritura em que ele aparece:

14.16.1 A perfeição da nossa posição de salvação

“Porque com *uma única* oferta aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (Hb 10:14). Pelo sacrifício perfeito e plenamente suficiente de Jesus, fomos libertos para sempre dos nossos pecados. Essa é uma salvação imutável, impecável e, do ponto de vista de Deus, perfeita. Fomos lavados, santificados, justificados (1Co 6:11). Na nova criação de Deus (2Co 5:17) somos perfeitos (1Co 2:6; Fp 3:15). Em Cristo fomos levados à plenitude, ou seja, completados (Cl 2:10).

Essa perfeição abrange um dom da graça e a obra de salvação de Deus. “Essa perfeição dada de presente não deve ser confundida com ausência absoluta de pecado ou com perfeição ética; mas não há crescimento para a perfeição e a maturidade morais quando falta a perfeição fundamental.”⁹⁸

14.16.2 A perfeição (maturidade) em nossa vida: tornar-se adulto

Enquanto o primeiro significado de fato se refere à perfeição sem mácula e imutável, o NT usa esse termo também para uma realidade que surgiu e está em crescimento, ou seja, em progresso. Ela tem como alvo a perfeição (gr.: maturidade), a saber, a maturidade de ser adulto espiritualmente. Esse significado da palavra *perfeito* se encontra em 1 Coríntios 14:20. Ali se diz que os coríntios, nas suas reuniões, não deviam ser crianças no que diz respeito ao entendimento, mas perfeitos, isto é, adultos, maduros. A igreja como um todo deve chegar à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto (perfeito, ou seja, maduro), à medida da estatura da plenitude de Cristo (cf. Ef 4:13). Assim, o alimento *sólido* da doutrina bíblica é destinado aos adultos (perfeitos, maduros), que, por causa do hábito, têm os sentidos exercitados – tanto para discernir o bem como o mal (cf. Hb 5:14).

Quando Jesus nos incumbe de ser perfeitos, assim como o Pai celestial é perfeito (Mt 5:48), isso deixa perceber duas coisas: por um lado, mostra a perfeição de Deus e, por outro, o processo em nossa vida de nos tornarmos como o nosso Pai, porque somos seus imitadores.

98. Erich Mauerhofer, *Der Kampf zwischen Fleisch und Geist bei Paulus*, página 124.

14.16.3 A perfeição integral na consumação futura

A nossa fé tem um alvo: estar junto de Cristo e com Cristo e ser completamente igual a ele. O que mais, senão isso, se pode chamar de perfeito ou consumado, quando formos iguais a ele? Essa unidade completa com Cristo, até mesmo na sua ressurreição, Paulo perseguia, mas ainda não a tinha alcançado: “Não que eu já a tenha alcançado (a ressurreição dentre os mortos e, com ela, a redenção também do corpo) ou que já seja perfeito (tenha chegado à perfeição, isto é, tenha sido levado ao alvo)” (Fp 3:12). O dia da nossa transformação ou ressurreição nos tornará perfeitos (nos levará ao alvo, nos consumará) em espírito, alma e corpo (cf. Cl 1:28).

14.17 Responsabilidade por aquilo que fazemos, não por aquilo que somos

Às vezes dizemos de alguém: “ele agiu segundo a sua natureza”. Queremos dizer com isso que ele mesmo não decidiu se e o que faz, porque foi impelido pela sua natureza. As pessoas, no dia do juízo, não serão julgadas segundo aquilo que eram por natureza, mas segundo aquilo que fizeram sob a própria responsabilidade e de modo totalmente consciente (Rm 2). Isso vale também para o crente. Quando ele peca, não pode desculpar-se dizendo que foi a sua velha natureza, o seu velho eu ou a carne. Sempre teremos de decidir se queremos andar pelo Espírito ou pela carne. Pode e deve ser para nós uma rotina habitual viver a partir do Espírito de Deus. Essa é a intenção de Deus e o seu alvo conosco. Não precisa ser um conflito constante, obstinado e exaustivo, um constante decidir-se pelo bem. Devemos aceitar pela fé o fato de que somos novos homens – com um coração novo, com uma vida nova e com um espírito renovado. Na consciência dessa nova existência, podemos também viver. Uma borboleta foi um dia uma lagarta, até que, pelo milagre da metamorfose, passou por uma transformação total. Embora seja o mesmo inseto, não há semelhança entre essas duas formas de existência. A borboleta voa de flor em flor. Se ela agora não “fosse aquilo que se tornou” e ainda se sentisse como uma lagarta, isso seria muito estranho. Uma borboleta que pensa que é uma lagarta! Uma comparação engraçada, mas ao mesmo tempo séria, porque muitos cristãos passam essa mesma impressão em sua vida. Não nos comportemos como uma

lagarta que se empanturra de coisas “terrenas”, mas como borboletas que voam e vivem da “bênção celestial”! Podemos e devemos viver a nossa nova identidade: eu vivo, mas não mais eu! Cristo vive em mim (cf. Gl 2:20).

14.18 A nova e a velha natureza estão em nós ao mesmo tempo

É e continua sendo um mistério para nós que a velha e a nova natureza estejam em nós ao mesmo tempo e que (em formulação bíblica) Cristo e o pecado habitem em nós simultaneamente. Mas a Escritura ensina essa realidade, que também a nossa experiência confirma. Qual poderia ser a intenção de Deus ao deixar o mal em nós até o dia da redenção? O mal não deve ser vivido, mas, sim, percebido, para que nós, durante esse breve tempo, compreendamos cada vez mais como o mal realmente é e o que significou para Cristo ser feito pecado.

O ensino segundo o qual o cristão tem apenas uma natureza (a saber, só a nova) deve ser expressamente rejeitado depois do estudo das passagens bíblicas relevantes. Tão perfeitos quanto somos em Cristo, tão corrompida é a carne que ainda temos em nós. Ela está indissolivelmente ligada à nossa existência corporal (daí também a designação “*carne*”, sendo que um e o mesmo termo é usado tanto para a existência terrena no corpo como para o velho ser pecaminoso, ou seja, a velha natureza, que vive no corpo, na carne). Só com a morte física ou com a transformação de todos os crentes no arrebatamento chega, para cada cristão, o fim absoluto da sua carne pecaminosa.

14.19 Conclusão

Nascer *de novo* e *do alto* é um acontecimento tão tremendo porque toda a sabedoria, técnica e força do ser humano não conseguem produzi-lo, assim como também não conseguem produzir a transformação que em seguida acontece de modo visível.

O céu se agita de alegria quando um pecador se arrepende – assim como acontece com uma mãe e um pai quando o filho nasce e se “ouvem” os primeiros sinais de vida. O bebê precisa de muito cuidado e atenção até se tornar independente. Isso vale de modo semelhante também para a vida espiritual. A criação é muitas vezes um retrato de realidades espirituais, que por sua vez nos ajudam a entender melhor as verdades espirituais. Crianças se tornam jovens, que um dia crescem até se tornarem pais em Cristo (1Jo 2:13-14).

Quando hoje falamos da “nova natureza”, o que se quer dizer, na verdade, é a “vida eterna nova, ou seja, dada por Deus”, que ao mesmo tempo o próprio Senhor Jesus encarna na sua pessoa. Essa vida tem necessariamente um certo modo de ser, uma certa essência, ou seja, uma natureza específica. Isso significa que essa vida não descreve apenas uma existência (isto é, o ser), mas também testemunha de quem é a assinatura que a caracteriza e de que maneira ela se expressa no aspecto moral. Mais uma vez a observação: o termo “natureza divina” é mencionado apenas uma vez no Novo Testamento, e ele é uma indicação de como o ser e as qualidades de Deus se desdobram em nós e se expressam na nossa vida.

Tanto com João e Pedro como com Tiago, depois de termos começado com Paulo, subimos agora todos os montes. Houve muitas vistas e percepções fascinantes, que nos tornaram grande a grandeza de Deus no seu ser e na sua salvação. O conhecimento de Deus, do seu ser e do seu agir, deseja encher o nosso coração.

A vida dos nascidos de novo não é apenas existência, não é apenas ser e esperar pelo céu, mas sobretudo vida a partir da plenitude. Deus dá com prazer e com abundância, e isso não deveríamos reconhecer só quando estivermos no céu.

15. Temperamento e caráter

O início do verdadeiro ser cristão começa com uma renovação radical, sobre cuja base se segue uma transformação contínua rumo à semelhança com Cristo. Que influência o temperamento tem sobre a minha vida de fé e de vencedor?

A Wikipédia, a enciclopédia livre na internet, dá de forma curta e concisa a seguinte explicação: “O temperamento descreve o modo como um ser vivo age e reage, ou seja, o seu estilo de comportamento. Este está profundamente enraizado e se compõe de reações emocionais, motoras e relacionadas à atenção, bem como da autorregulação. O termo descreve características relativamente constantes e, por isso, típicas do comportamento, como perseverança, limiar de estímulo, humor, ritmo.”⁹⁹

“A teoria dos temperamentos, com quase 2.500 anos, classifica as pessoas segundo o seu modo de ser básico e, do ponto de vista científico, é hoje uma teoria ultrapassada ... Ela remonta à patologia humoral (teoria dos quatro humores), atribuída a Hipócrates de Cós (médico grego, 460 – 375 a.C.) ... A ligação da teoria dos quatro humores com a teoria dos quatro temperamentos foi feita por Galeno de Pérgamo, que atribuiu a cada um dos quatro fluidos do corpo (‘humores’) um temperamento. Conforme o predomínio de um desses quatro fluidos, o temperamento a ele ligado se formaria de modo especialmente marcante ... :

- Sangue (‘Sanguis’): sanguíneo (alegre, ativo)
- Fleuma (‘Phlegma’): fleumático (passivo, lento)
- Bile negra (‘Melas Cholé’): melancólico (triste, reflexivo)
- Bile amarela (‘Cholé’): colérico (irritável e excitável).”¹⁰⁰

15.1 A Bíblia e a teoria dos temperamentos

Por um lado, é preciso constatar que a teoria dos temperamentos é de origem pagã. Por outro, é um fato que ela está cientificamente ultrapassada. Essas duas constatações têm a ver com o fato de que essa teoria nem aparece na Bíblia nem

99. Disponível on-line em <http://de.wikipedia.org/wiki/Temperament>.

100. Disponível on-line em <http://de.wikipedia.org/wiki/Temperamentenlehre>.

pode ser derivada dela. A Bíblia simplesmente ignora essa teoria, que já existia na época em que surgiu a sua segunda parte (o Novo Testamento).

Mesmo assim, não queremos jogar fora o bebê junto com a água do banho. Os temperamentos são realidade e, por isso, olhar para o (próprio) temperamento pode ser útil. Ainda que essa teoria esteja ultrapassada, todo ser humano tem um temperamento que muitas vezes corresponde, mais ou menos, a um dos quatro mencionados ou também a uma mistura deles.

Mesmo depois do meu novo nascimento, continuo sendo a pessoa que eu era antes, mas me foi dada uma nova vida espiritual, que tem a natureza e o ser de Cristo. Essa vida deve marcar a minha personalidade. Também os chamados lados fortes do meu temperamento não têm valor sem Cristo. Só personalidades cheias dele correspondem ao padrão de Deus para a nova vida: Cristo é a régua e o padrão da nova criação que nos tornamos. O ser de Cristo, por sua vez, se expressa no fruto do Espírito. Essa é a nossa norma para a formação da nossa personalidade. Um exame dos temperamentos tem a sua legitimidade, desde que esteja subordinado ao verdadeiro objetivo da nossa vida cristã.

É vantajoso observar os pontos fortes e fracos dos temperamentos. Lidamos com eles diariamente; eles fazem parte da nossa vida e, portanto, também da nossa vida de fé. Sabemos que não podemos simplesmente mudar a estrutura (aquilo que herdamos dos nossos pais). Reconhecer como somos estruturados é sem dúvida útil, pois assim também são revelados aspectos negativos e comportamentos que podem atrapalhar e bloquear o nosso crescimento rumo à semelhança com Cristo. O comportamento indolente do fleumático é, na maioria das vezes, um obstáculo para uma vida de fé ativa. O mesmo vale para o agir e o julgar precipitados do colérico. Deveríamos tomar consciência desses aspectos negativos para poder agir na direção contrária. Para isso, um teste pode perfeitamente ser útil.

Uma ocupação exagerada com os temperamentos, em vista da nossa vida espiritual e dos nossos dons, dirige fortemente a atenção para nós mesmos. Há algumas exortações a examinarmos a nós mesmos e a nossa obra, mas a palavra de ordem é quase sempre que devemos olhar para Cristo. Isso produz transformação, da qual naturalmente participamos.

W. J. Ouwenel: “Eles (Ole Hallesby, Tim LaHaye e Henry Brandt) mostraram como é a vida nos quatro temperamentos quando o coração está afastado de Deus e se entrega ao pecado; então prevalecem os lados ruins dos

temperamentos. Mas, quando o coração está voltado para Deus e se confia à direção do Espírito Santo, os lados fortes podem ser desenvolvidos na personalidade, e Cristo ganha forma na cordialidade, na sinceridade, na vivacidade, na amabilidade, no otimismo do sanguíneo; na liderança, na firmeza, no espírito de equipe, na determinação, no espírito empreendedor do colérico; na amizade fiel, na criatividade, na disposição ao sacrifício do melancólico; e na calma, no bom humor, na disposição para ouvir, no senso de ordem, na ponderação do fleumático ...

Apesar de todos os estudos das estruturas bióticas e psíquicas e ... dos temperamentos e tipos de personalidade, o ser humano não é um robô pré-programado, totalmente entregue aos lados maus do seu caráter. Também aqui a Bíblia, assim como a prática do aconselhamento pastoral, nos ensina que tudo depende da orientação do coração. De fato, o temperamento de uma pessoa é determinado pela sua constituição hereditária; ele é, portanto, quase imutável (embora possam surgir nele pequenas alterações ao longo da vida, mas sobre isso o ser humano não tem influência). É preciso, porém, distinguir bem o **temperamento** do **caráter**. O caráter é o resultado das características de comportamento de uma pessoa, que, no entanto, não são determinadas apenas pelo temperamento, mas ... sobretudo pelo coração.

Quando uma pessoa chega à fé em Cristo e, portanto, nasce de novo, ela não recebe um novo temperamento (assim como também não recebe outro corpo), mas recebe, sim, um ‘novo coração’: uma disposição radicalmente nova do coração, uma postura totalmente nova, uma nova atitude, um novo projeto de vida. Fatores operantes e motivacionais completamente diferentes começam agora a desempenhar um papel na sua vida, bem como um novo conhecimento e um novo pensar (portanto: uma nova ‘cognição’) e uma vontade orientada de modo novo (o fator conativo¹⁰¹). Assim, o ser humano renovado pode, dentro dos limites constitucionais (amplos!) do seu temperamento, desenvolver um caráter totalmente novo, no qual, como foi dito, Cristo ganha forma de maneira inteiramente singular.”¹⁰²

O temperamento, a disposição e a inclinação herdadas, é santificado no crente e, assim, se torna útil para Deus. A amabilidade do sanguíneo, por exemplo, é útil para Deus. Pela habitação e pela direção do Espírito, ela se torna

101. “Conativo” tem o sentido de “impulsivo”, “que tende para algo”.

102. W. J. Ouwencel, *Psychologie, Ein bibelorientiert-wissenschaftlicher Entwurf*, página 168 (grifo acrescentado).

até um fruto para Deus. Isso vale para todos os lados “bons” de cada temperamento, sendo que o lado do ser humano ligado à disposição natural, ou seja, ao temperamento, pertence à primeira criação de Deus e, portanto, já caracterizava Adão antes da Queda. O pecado, infelizmente, também sujeitou o temperamento a prejuízos, e é preciso eliminá-los de forma consequente.

15.2 O caráter e a sua transformação

O caráter é a característica reconhecível de uma pessoa. Conhecemos esse termo mais ou menos bem. Na maioria das vezes ele é associado a qualidades humanas boas e desejáveis, a saber, àquilo que falta à sociedade e, mais recentemente, em especial ao mundo financeiro. Ganância desenfreada, amor-próprio e egoísmo nos dão um antegozo daquilo que ainda está por vir. A sociedade sente que um caráter bom e firme, que também resiste à tentação, poderia frear, se não deter, a decadência moral.

Mas olhemos para a nossa própria vida. A palavra *caráter* deriva do cunho que dava a forma a uma moeda ou a um selo. O que nos marca, e o que é percebido de nós? Mais importante ainda é a pergunta: quem e como somos no nosso caráter quando ninguém nos vê? “O rosto de uma pessoa você reconhece à luz; o seu caráter, no escuro”, diz um provérbio.

Aquilo de que o mundo precisa tornou-se realidade em Jesus. O seu ser pode tornar-se verdade em nós. Um bom caráter é marcado pelo fruto do Espírito Santo e, portanto, por Jesus. Mas ele não cai simplesmente do céu. Deus também não o coloca magicamente no nosso coração passando por cima da nossa vontade. Ele nos dá tudo para que o desenvolvamos sob a sua direção, bem como com a sua força e graça. Precisamos treinar o caráter e, assim, torná-lo forte. Nisso consiste a nossa responsabilidade. O fruto espiritual de amor, alegria, paz, longanimidade, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, temos de aprendê-lo, por assim dizer, como uma língua nova ou uma segunda língua, até que, graças ao aprendizado e ao exercício, a falemos por hábito. O caráter espiritual deve tornar-se o normal na nossa vida.

O caráter se mostra quando é para valer e quando estamos sob pressão ou em tentação. Por isso Paulo também diz que não devemos fazer provisão para a carne, mas nos revestir do Senhor Jesus Cristo (Rm 13:14). Um caráter firmado (isto é, treinado e buscado com perseverança) pode resistir à tentação de

abandonar, em situações extremas, os princípios espirituais que aprendeu desde o seu novo nascimento e que valoriza como o caminho de Deus.

Como treinamos o caráter? Aprendendo e aplicando. É preciso aprender para entender como é esse “caráter espiritual”. Ele me é, por assim dizer, prescrito, para que eu o interiorize. Em pequenos passos, colocamos essas qualidades cada vez mais em prática, porque queremos.

Enquanto o temperamento permanece quase inalterado a vida inteira, o caráter passa por transformação, tanto para o bem como para o mal. A base do caráter é a vontade e a sua força de se impor. Temos um novo coração e uma vontade renovada. Esse é o início de uma nova vida, que até a chegada ao alvo deve ser acompanhada pela vontade de se transformar.

De modo semelhante ao que ocorre com a teoria dos temperamentos, a palavra *caráter* não se encontra na Bíblia. O que mais se aproxima dela é o conceito bíblico de virtude (Fp 4:8; 1Pe 2:9 [a qualidade de Deus]; 2Pe 1:3, 5). A Bíblia não segue a doutrina das virtudes dos filósofos do seu tempo. As concordâncias estão em parte naquilo em que a virtude se distingue e em parte no fato de que ela é exercitada e treinada. Do ponto de vista bíblico, a virtude ou o caráter e a sua transformação rumo à semelhança com Cristo têm como objetivo o próprio Deus e o seu reino. Não é o esforço próprio como fim em si mesmo, mas uma força de vontade renovada pelo Espírito Santo, e a prática que dela brota para a glória de Deus e para o proveito dos outros, que corresponde à imagem bíblica e ao objetivo da nossa transformação, a qual desembocará no alvo final do novo mundo de Deus.

“Cuidado com os seus pensamentos, pois eles se tornam palavras.

Cuidado com as suas palavras, pois elas se tornam ações.

Cuidado com as suas ações, pois elas se tornam hábitos.

Cuidado com os seus hábitos, pois eles se tornam o seu caráter.

Cuidado com o seu caráter, pois ele se torna o seu destino.”

16. Palavras finais

Há tempos em que as coisas nos ultrapassam e já não sabemos o que fazer e o que deixar de fazer. Às vezes a carne irrompe, de modo que ficamos admirados e assustados com nós mesmos. Às vezes ficamos igualmente assustados com a nossa indiferença. Tudo isso vai nos encontrar e nos acompanhar enquanto estivermos, na nossa existência terrena, a caminho da consumação. Essa constatação não pretende desculpar nada. Mas queremos também continuar honestos quando se trata de quanta verdade espiritual se desdobra na nossa vida.

Tenhamos ânimo, sem desistir! Mesmo quando, por dentro, temos vontade de desistir, essa é a pior solução. Resignação e capitulação são de origem carnal e diabólica!

O Pai nos ajuda em cada passo – não importa quão pequeno ou quão grande ele seja. Devemos avançar no caminho rumo ao alvo. Mesmo quando passamos por tempos em que nos afastamos dele, ele está perto de nós, e basta sempre um passo para voltar aos seus braços.

Talvez as caminhadas pelas montanhas tenham sido tão demoradas e cansativas que agora você já não consegue ver a floresta por causa das árvores. É claro: quando se juntam todos os textos bíblicos sobre este tema, trata-se de uma matéria bem extensa. Mas experimentamos um crescimento na compreensão espiritual que é produzido por Deus. E isso simplesmente também precisa de tempo. Não podemos forçá-lo nem abreviá-lo. Deus segue o seu caminho conosco. Ele é por nós, e estamos sob o seu cuidado. Ele não está atrás de nós como um feitor de escravos, interessado apenas nos nossos erros e nas nossas falhas. Ao contrário: ele nos adotou como seus filhos e nos coloca tudo nas mãos, para que possamos viver para a sua glória.

Até Paulo nos diz, para nosso consolo, que, a caminho da glória, ainda não alcançou esse mesmo alvo e também ainda não se tornou perfeito. Mas a sua direção está certa; ele prossegue para o alvo, porque foi alcançado e tomado por ele – por Cristo. Esse é o seu segredo.

A mudança de lado e todo empenho, bem como toda entrega, todo esforço, toda renúncia, toda firmeza valerão a pena. Na glória não teremos mais essa

oportunidade única. Por isso o nosso tempo “no corpo” (2Co 5:10), na nossa existência terrena, é tão extraordinariamente valioso. Ele não se repete, e as oportunidades que nele surgem não nos serão oferecidas de novo.

“Porque não foi um espírito de covardia

(desânimo, medo) que Deus nos deu,

mas (o espírito)

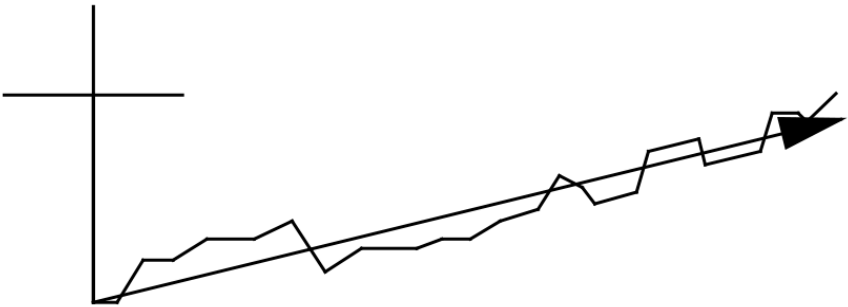
de poder,

de amor

e de moderação

(disciplina, autocontrole, equilíbrio).”

2Tm 1:7



O nosso caminho rumo ao alvo não é apenas uma subida constante no crescimento espiritual e na santificação. Há descida, há paralisação e estagnação, mas também há subida. A direção precisa estar certa, e somos atraídos pelo próprio alvo – olhando firmemente para Jesus, o Autor e Consumador da fé!

17. Bibliografia¹⁰³

- Adams, Jay E., *Grundlagen biblischer Seelsorge*, Gießen, 1983.
- Anderson, Neil T., *Neues Leben – neue Identität*, Lage, 1994.
- Anderson, Neil T., *Restored, Experience Life with Jesus*, Franklin, USA, 2007.
- Anderson, Neil T., *Spiritual Warfare*, Ventura, California, USA, 2000.
- Anderson, Neil T., *Steps to Freedom in Christ*, Oxford, 2000.
- Anderson, Neil T., *Winning the Battle within*, Eugene, Oregon, USA, 2004.
- Barclay, William, *Geist oder Fleisch*, Augsburg, 1967.
- Binde, Fritz, *Vom Geheimnis des Glaubens*, Wuppertal, 1979.
- Bullinger, Dr. E. W., *Die zwei Naturen in dem Kind Gottes*, Düsseldorf, 1907.
- Burkhardt, Helmut, *Christ werden, Bekehrung und Wiedergeburt*, Gießen, 1999.
- Custance, Arthur C., *Man in Adam and in Christ*, Grand Rapids, 1975.
- Edman, V. Raymond, *Das ausgetauschte Leben*, Kassel, 1963.
- Eldredge, John, *Der ungezähmte Christ*, Gießen, 2005.
- Gahan, M. C., *The Soul's Transfer from Adam to Christ*, Michigan, 1957.
- Gibson, Jean, *Training im Christentum 3*, Bielefeld, 1990.
- Heijkoop, H. L., *Der Heilige Geist*, Zürich, 1955.
- Hession, Roy, *Nicht ich – sondern Christus*, Bad Liebenzell, 1980.
- Hille, Rolf (org.), *Ein Mensch, was ist das?*, Wuppertal, 2004.
- Hole, F. B., *Das große Heil Gottes*, Zürich, 1979.
- Ironside, Henry Allen, *Heiligung – Zerrbild und Wirklichkeit*, Bielefeld, 1989.
- Käser, Ernst, *Rechtfertigung des Lebens*, Herblingen, 1989, 2ª edição.
- Kelly, William, *Die Lehre des NT über den Heiligen Geist*, Neustadt, 1975 (1880).
- Kettling, Siegfried, *Wer bist du, Adam?*, Wuppertal, 1978.
- Lutze, Erwin W., *Das widerspenstige Ich*, Bielefeld, 2011.
- MacDonald, William, *Der vergessene Befehl: Seid heilig!*, Bielefeld, 1988.
- Markmann, Otto, *Weiter zu etwas Höherem*, uma tomada de posição crítica sobre o livro “Das normale Christenleben”, de Watchman Nee.
- Mauerhofer, Erich, *Der Kampf zwischen Fleisch und Geist bei Paulus*, Frutigen, 1980.

103. Recorri à literatura mencionada e em parte também a citei. A lista, porém, de modo algum significa que eu esteja de acordo com todas as afirmações dos livros relacionados.

Medema, H. P., *Romeinen 7; Het normale en het abnormale christelijke leven*, Vaassen, 1998.

Modersohn, Ernst, *Die herrliche Freiheit der Kinder Gottes*, Bielefeld, 2008.

Nee, Watchman, *Befreiung*, Stuttgart, 1978.

Nee, Watchman, *Das normale Christenleben*, Wuppertal, 1972.

Nee, Watchman, *Der geistliche Christ*, vol. 1 – 3, Heerbrugg, 1975.

Nee, Watchman, *Freiheit für den Geist*, Winterthur, 1969.

Nee, Watchman, *Geistliche Erkenntnis*, Berneck, 1978.

Nitsche, Walter / Peters, Benedikt, *Dämonische Verstrickungen – Biblische Befreiung*, Berneck, 1989.

Nitsche, Walter, *Versagen und innere Zerrissenheit*, Berneck, 1989.

Ouweneel, Willem J., *Geestelijke Strijd*, Vaassen, 1998.

Ouweneel, Willem J., *Geloofs-Zekerheid*, Vaassen, 1996.

Ouweneel, Willem J., *Hoe lief heb ik uw Wet!*, Vaassen, 2001.

Paxson, Ruth, *Life on the Highest Plane, God's Plan for spiritual Maturity*, Grand Rapids, 1983.

Pink, Arthur, *Practical Christianity*, Michigan, 1974.

Ryrie, Charles C., *Ausgewogen statt abgehoben*, Dillenburg, 1994.

Ryrie, Charles C., *Hauptsache gerettet?*, Dillenburg, 1998.

Ryrie, Charles C., *Ihr werdet Kraft empfangen*, Dillenburg, 2003 (1965).

Schirmacher, Thomas, *Ethik*, vol. 1, *Das Gesetz der Liebe*, Nürnberg, 2001.

Steidl, Grant, *Konflikt!, Der Christ im Widerstreit*, Hückeswagen, 1992.

Steinberger, Georg, *Das Geheimnis eines siegreichen Lebens*, Stuttgart, 1983.

Stott, J. R. W., *Men Made New*, London, 1966.

Thomas, Major W. Ian, *Christus in euch – Dynamik des Lebens*, Holzgerlingen, 2008.

Thomas, Major W. Ian, *The Indwelling Life of Christ*, Colorado Springs, 2006.

Thomas, Major W. Ian, *The Saving Life of Christ*, Grand Rapids, 1961.

Thomas, Major W. Ian, *Tote können nicht sterben*, Neuhausen-Stuttgart, 1973.

Trumbull, Charles G., *Befreiung von der Macht der Sünde*, Basel, 1986.

Willard, Dallas, *Aus dem Herzen leben* (título original: *Renovation of the Heart*), Gießen, 2004.

Willard, Dallas, *The Divine Conspiracy, Rediscovering our hidden Life in God*, New York, 1997.

Escritos breves, artigos e ensaios sobre o tema

- Blackburn, John S., *Die Befreiung im Römerbrief*.
 Böhm, Heinz, *Die geleugnete Wirklichkeit*, Berneck, 1993.
 Cutting, George, *Die beiden Naturen*, Zürich.
 Cutting, George, *Freedom from Sin: What is it?*
 Ebertshäuser, Rudolf, *Mit Christus gekreuzigt und auferweckt*, Leonberg, 2009.
 Glassford, Greg, *Hey, Fleisch! Hier spricht dein Geist!*, Hamburg, 2004.
 Grant, F. W., *Deliverance: What is it?*
 Grant, F. W., *Life in Christ and sealing with the Spirit*, Bedford.
 Grant, F. W., *Some Themes on the second Part of Romans*, Bedford.
 Grant, F. W., *The two Natures and what they imply*, Bedford.
 H. E. C., *The Believer's two Natures*.
 Herrick, Greg, *Old Man and New Man in Paul*, 1999.
 John MacArthur's One Nature Teaching,
<http://www.middletownbiblechurch.org/doctrine/1natjm01.htm>
 Lüscher, Albert, *Der alte und neue Mensch*, Langenthal, 1971.
 Lüscher, Albert, *Euer Leben ist verborgen*, Langenthal.
 Pink, Arthur W., *The Christian in Romans 7*.
 Scofield, C. I., *The two Natures*.
 Trachsel, Walter, *Ein reines Herz?*, Frutigen.
 Trachsel, Walter, *Gibt es ein Leben im Sieg*, Frutigen, 2003.
 Trachsel, Walter, *Heilig sein oder heilig werden?*, Frutigen, 2009.
 Trachsel-Pauli, Ernst, *Heiligung nach Geist, Seele und Leib*, Frutigen, 2000.
 Wallis, Reginald, *The new Life, Talks with Christians about Practical Victory*, New Jersey, 1932.

Sites

- <http://www.bibelkommentare.de>;
<http://www.biblecentre.org/>;
<http://www.bodedesheils.nl/>
<http://www.soundwords.de/>
<http://www.streitenberger.com/>: lista de discussão Mailingliste-Bibelgriechisch (acesso livre, intercâmbio entre conhecedores do grego;

possibilidade de fazer perguntas sobre o texto bíblico do ponto de vista linguístico e receber respostas).

Comentários

Brockhaus-Kommentar zur Bibel, Wuppertal, 1985.

Calvin, Johannes, *Auslegung der kleinen paulinischen Briefe*, Neukirchen, 1963.

Cecil, A. P., *A Summary of the Epistle to the Romans*.

Coates, C. A., *Ein Überblick über den Brief an die Römer*, Leipzig.

Cousar, Charles B., *Galatians, A Commentary for Teaching and Preaching*, Atlanta, 1982.

Darby, J. N., *The Collected Writings*, Winschoten, 1972 (reimpressão).

Ellicott, Charles John, *Bible Commentary*, London, 2004 (reimpressão).

Grant, F. W., *The Numerical Bible*, New Jersey, 1901.

Greijdanus, Dr. S., *Korte Verklaringen*, Kampen, 1932.

Hoehner, Harold W., *Ephesians, An exegetical Commentary*, Michigan, 2002.

Jantzen, Herbert, *Vorträge zu Röm 6 – 8*, 1997.

Kelly, William, *Lectures Introductory*, 1869.

Kelly, William, *Lectures on the Epistle to the Ephesians*, Oak Park.

Kelly, William, *Notes on the Epistle to the Romans*, Sunbury, 1981 (1873).

Kelly, William, *The Bible Treasury*, Winschoten.

Kelly, William, *The Epistles of Peter*, London, 1904.

Kramer, G. H., *Christus ons leven*, Vaassen, 1994.

Lee, Witness, *Der Brief des Paulus an die Epheser*, Stuttgart, 1980.

Lincoln, William, *Assembly Writer Library*, Glasgow, 1980.

MacDonald, William, *Kommentar zum NT*, vol. 1, Bielefeld, 1992.

Medema, H. P., *De nieuwe Mens*, Vaassen, 1991.

Medema, H. P., *Der Brief an die Römer*, Bielefeld, 1992.

Medema, H. P., *Het leven is geopenbaard, De Eerste Brief van Johannes*, Vaassen, 1993.

Nicholson, J. B., e Waugh, G. P., *Was die Bibel lehrt, 1. und 2. Petrusbrief*, Dillenburg, 1991.

Ouweneel, W. J., *De vrijheid van de Geest*, Vaassen, 1997.

Ouweneel, W. J., *Christus unser Leben*, Schwelm, 1984.

Remmers, Arend, *In Christus gesegnet*, Hückeswagen, 2004.

Schaeffer, F., *Allein durch Christus, Die zentralen acht Kapitel des Römerbriefs*, Holzgerlingen, 1999.

Smith, Hamilton, *The Epistle to the Ephesians*, Edinburgh.

Smith, Hamilton, *The Epistles of Peter, An Expository Outline*, Edinburgh.

Stadelmann, Helge, *Der Epheserbrief*, Neuhausen-Stuttgart, 1993.

Stallan, Fred, *Was die Bibel lehrt, Römerbrief*, Dillenburg, 2001.

Stanley, Charles, *On the Epistle to the Romans*, London, 1885.

Stott, John R. W., *Die Botschaft des Epheserbriefes*, Nürnberg, 2001.

Stott, John R. W., *The Letters of John, Tyndale New Testament Commentaries*, Nottingham, 1964, 1988.

Wasserzug, Gertrud, *Der Römerbrief*, Böblingen, 1984.

Witmer, John A., *Romans, The Bible Knowledge Commentary*, 1983.

Wolston, W. T. P., *Simon Peter, His Life and Letters*, Edinburgh, 1892.

Wuest, Kenneth S., *Romans in the Greek New Testament*, Michigan, 1955.

Abreviaturas usadas para outras versões da Bíblia (traduções alemãs da Bíblia)

Elb *Elberfelder Übersetzung, nicht revidiert*, Berlin, 1961.

ER *Elberfelder Übersetzung, revidierte Fassung*, R. Brockhaus Verlag Wuppertal, 8ª ed. 2001.

Luther 1912 *Die Heilige Schrift nach der deutschen Übersetzung Martin Luthers*, Stuttgart, 1912.

Menge *Die Heilige Schrift Alten und Neuen Testaments*, traduzida por Dr. H. Menge, Berlin, 1960.

NeÜ *Neue evangelistische Übersetzung*, de Karl-Heinz Vanheiden, Dillenburg, 2010.

Schl 2000 *Die Bibel, übersetzt von F. E. Schlachter (Version 2000)*, Genf, 1ª ed. 2003.

Schlachter *Die Heilige Schrift des Alten und Neuen Testaments*, traduzida por F. E. Schlachter, Genf, 1990.

Sobre o autor

Hans-Jörg Ronsdorf, nascido em 1964, é casado com Christine. Eles têm 5 filhos e vivem no Allgäu, na Baviera. Depois de sua formação como ferramenteiro, trabalhou em diversos ramos e há mais de 10 anos atua como autônomo, como consultor e fornecedor no setor de pintura industrial.

Ele é um dos presbíteros da Christliche Gemeinde (igreja cristã) em Kempten e trabalha na pregação e no ministério de ensino bíblico.

Hans-Jörg Ronsdorf

E, no entanto, os mortos vivem (Und die Toten leben doch)



A imortalidade da alma

240 páginas, brochura

ISBN 978-3-89397-227-2

Os mortos vivem – ou a morte é o fim de toda existência? O ser humano cai num sono da alma – ou tem consciência além da morte? São perguntas que ocupam todo ser humano. Responder a essas perguntas, mas também transmitir esperança, é o objetivo deste livro, no qual a questão da imortalidade da alma constitui o tema central. Mortos que vivem – a Bíblia resolve o paradoxo: a morte não é o fim, mas o começo de uma vida que nunca mais termina. A verdade dessa afirmação é garantida por uma pessoa que morreu e ressuscitou – Jesus Cristo, que voltou do reino da morte e abriu o caminho que leva à vida.